



UFRJ

**ABORDAGEM EXPERIENCIAL E REVITALIZAÇÃO
DE CENTROS HISTÓRICOS:
OS CASOS DO CORREDOR CULTURAL NO RIO DE JANEIRO
E DO GASLAMP QUARTER EM SAN DIEGO**

DENISE DE ALCANTARA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

Orientador: **Paulo Afonso Rheingantz**

Tutor estrangeiro PDEE: Lawrence Herzog

Rio de Janeiro

Fevereiro 2008

**ABORDAGEM EXPERIENCIAL E REVITALIZAÇÃO
DE CENTROS HISTÓRICOS:
OS CASOS DO CORREDOR CULTURAL NO RIO DE JANEIRO
E DO GASLAMP QUARTER EM SAN DIEGO**

Denise de Alcantara

Orientador: **Paulo Afonso Rheingantz**

Tutor estrangeiro PDEE: Lawrence Herzog

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Paulo Afonso Rheingantz

Prof. Dr. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Prof. Dr. Cristiane Rose Duarte

Prof. Dr. Vera Tângari

Prof. Dr. Jonathas Pereira da Silva

Prof. Dr. Lawrence Herzog

Rio de Janeiro

Fevereiro 2008

Alcantara, Denise de.

Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego/ Denise de Alcantara - Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2008.

xxiii, 288f.: il.; 31 cm.

Orientador: Paulo Afonso Rheingantz

Tese (doutorado) – UFRJ/ PROARQ/ Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 250-259.

1. Abordagem Experiencial. 2. Qualidade do Lugar. 3. Revitalização histórica. 4. Corredor Cultural. 5. San Diego. I. Rheingantz, Paulo Afonso. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título.

À minha querida Manuela

Cuja presença foi e sempre será fundamental.

Que com coragem enfrentou comigo o desafio da experiência no exterior.

Quem mais sofreu com minha insuportável ausência presente.

Que espero, um dia, possa entender a razão de algumas de minhas escolhas

À ela todo o meu carinho, respeito e amor.

AGRADECIMENTOS

À Vicente del Rio, professor, guru e amigo que compartilhou idéias, apresentou novos lugares, abriu portas, alterou rotas e, seja em que parte do mundo estiver, espero continuar sempre compartilhando sua sabedoria e amizade.

Ao Prof. Paulo Afonso Rheingantz, orientador incansável, com suas sábias e sempre pertinentes sugestões, seu apoio nos momentos de dúvida, suas críticas construtivas e maior incentivador neste caminho.

À CAPES, pela Bolsa de Estudos que tornou possível a dedicação à pesquisa no Rio de Janeiro e também o estágio doutoral em San Diego.

Aos queridos estagiários da pesquisa, Lina Correa, Alexandre Melcíades Barbosa, Aline Rita Laureano e Aline Fayer, que com seus olhares incorporados e compartilhados, em muito contribuíram e enriqueceram a pesquisa no Rio de Janeiro.

À Prof. Rosa Pedro cujo estímulo e doce sabedoria nos inspirou a seguir trilhando o caminho do meio das Ciências Cognitivas com a Arquitetura e pelas críticas construtivas e sugestões na qualificação.

Às Profs. Vera Tângari e Cristiane Duarte pelos valiosos comentários e sugestões na banca de qualificação que somente contribuíram positivamente para a tese.

À equipe do 1º. Escritório Técnico do Corredor Cultural - Centro, especialmente à Maria Helena McLaren, pela colaboração e carinho com que sempre nos receberam e pela inestimável contribuição nas entrevistas e informações fornecidas.

À Augusto Ivan Freitas Pinheiro e André Zambelli, pela colaboração com as entrevistas que trouxeram à luz valiosas informações sobre a história do Corredor Cultural.

À Jean Pierre Janot, cuja ajuda, estímulo, colaboração e presença, enquanto compartilhamos o mesmo caminho, nunca será esquecida.

Aos colaboradores anônimos da Praça Quinze, do SAARA e do Gaslamp Quarter que nos forneceram valiosas informações e *insights* com suas histórias e relatos durante as entrevistas.

À coordenação e equipe do PROARQ – Prof. Mauro Santos e secretárias Maria da Guia, Dionísio e Rita – que sempre estiveram prontos a colaborar e a resolver questões de ordem prática ao longo do processo doutoral.

Aos Profs. Larry Ford e Nico Calavita (SDSU) pela atenção, simpatia e pelas valiosas dicas e sugestões sobre a cidade de San Diego.

Aos Profs. Michael Stepner e Howard Blackson da New School of Architecture, à Diane Coombs e Von Marie May, entre outros membros da Broadway Complex Coalition que me integraram em seu trabalho a-partidário e voluntário, e com quem tanto aprendi sobre a cidade de San Diego e sua população.

À minha querida mãe, Wilma de Alcantara Pereira, maior exemplo de vida, sempre atuante e pronta para dar seu suporte e carinho em qualquer situação.

Finalmente, mas não menos importante, ao Prof. Larry Herzog da San Diego State University, pela acolhida em San Diego, pelo estímulo e apoio durante o estágio doutoral, pela inspiração por seu significativo trabalho de pesquisa sobre a revalorização do lugar público e pela parceria e entusiasmo com que, hoje, compartilhamos o mesmo caminho e a mesma visão de mundo.

ABORDAGEM EXPERIENCIAL E REVITALIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: OS CASOS DO CORREDOR CULTURAL NO RIO DE JANEIRO E DO GASLAMP QUARTER EM SAN DIEGO

Denise de Alcantara

Orientador: Paulo Afonso Rheingantz

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

Esta Tese de doutoramento tem como tema a observação, a análise e a compreensão das interações entre lugares centrais históricos revitalizados e sua população na construção do lugar. Tem como objetivo ampliar o estudo da qualidade dos lugares enfatizando os aspectos cognitivos do processo de interação homem-ambiente e de que modo contribuíram na construção do lugar. Fundamenta-se na *Abordagem Experiencial* (ProLUGAR) e seu desdobramento prático – a *Observação Incorporada* – por sua vez inspirados nas ciências cognitivas da *atuação*, na *empatia cognitiva*, a indissociabilidade mente-corpo-ambiente e no pensamento de que o observador não é independente da realidade. Reconhece esta dependência e indissociabilidade formulando a hipótese de que a Abordagem Experiencial contribui para fazer emergir descobertas e significados subjetivos da interação dos usuários nos centros históricos revitalizados e se configura como uma transformação qualitativa e um refinamento do conjunto de técnicas e instrumentos para a Avaliação do Ambiente Construído, sem prejuízo da objetividade científica. Como estratégia metodológica propõe uma releitura do instrumental tradicional e consolidado nas pesquisas do lugar, agregando aos mesmos o enfoque experiencial e qualitativo da atitude incorporada. Propõe o entrelaçamento das descobertas apreendidas pelos olhares compartilhados de observadores e usuários, por meio dos procedimentos analíticos re-significados – observação incorporada e deriva, análise dos aspectos morfológicos e entrevistas semi-estruturadas. Os estudos de caso em áreas centrais históricas que sofreram processos de revitalização – em recortes do Projeto Corredor Cultural, no Rio de Janeiro, e no centro histórico de San Diego – apresentam diferenças contextuais – históricas, sociais, econômicas e culturais – que favorecem uma confrontação mais ampla dos resultados da aplicação da abordagem experiencial no estudo da qualidade do lugar. Ao final valida a contribuição da abordagem experiencial e consolida a estratégia metodológica proposta na avaliação da qualidade do lugar por meio do entrelaçamento e qualificação dos olhares técnico e cognitivo-experiencial no enriquecimento da compreensão do fenômeno urbano: sobre como os atributos de desenho são percebidos pelos usuários e como este conhecimento pode contribuir na construção do lugar.

Palavras-chave: *abordagem experiencial, qualidade do lugar, revitalização histórica, Corredor Cultural, San Diego*

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2008

ABSTRACT

EXPERIENTIAL APPROACH AND REVITALIZATION OF HISTORIC CENTERS: THE CASES OF CULTURAL CORRIDOR IN RIO DE JANEIRO AND GASLAMP QUARTER IN SAN DIEGO

Denise de Alcantara

Orientador: Paulo Afonso Rheingantz

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

The theme of this dissertation is the observation, analysis and understanding of the interactions between revitalized historic central places and their inhabitants in place-making. Its objective is broadening the study of quality of place emphasizing the cognitive aspects of the human-environment interaction process and how it contributed to place-making. Its conceptual framework is based on the “*Experiential Approach*” (ProLUGAR) and its practical application – *Embodied Observation* – both inspired in the *cognitive science of enaction*, in *cognitive empathy* and in the beliefs of inseparable and reciprocal mind-body-environment interaction and the idea that the observer is not independent of reality. Recognizing this dependence and inseparability, it formulates the hypothesis that the *Experiential Approach* enables one to uncover subjective findings and meanings in user interaction within revitalized historic places; it is built around qualitative analysis, and a refinement of the set of techniques and instruments needed to evaluate the built environment, without loss of scientific objectivity. Its methodological strategy proposes rethinking traditional instruments for built environment research, restructuring them to fit the experiential and qualitative approach of the embodied perspective. The study seeks to interweave findings collected through the shared lenses of observers and users, using the redesigned analytical procedures – embodied observation and “drifts,” morphological analysis and semi-structured interviews. The case studies in central historic zones in various stages of revitalization – parts of Cultural Corridor in Rio de Janeiro and historic downtown San Diego – present contextual differences – historic, social, economic and cultural – that favor a broader juxtaposition of the results from the experiential approach applied in the study of quality of place. In the end, the study validates the contribution of the experiential approach and vindicates using the methodological strategy proposed for quality of place evaluation through interconnecting and analyzing the technical and experiential elements underlying urban phenomena: or put another way, how attributes of design are perceived by users and how this knowledge may contribute to urban place-making.

Key-words: *experiential approach, quality of place, historic revitalization, Corredor Cultural, Rio de Janeiro, San Diego, Gaslamp Quarter*

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2008

SUMÁRIO

Agradecimentos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Sumário	ix
Glossário de Termos e Conceitos Chave	xi
Lista de Tabelas e Gráficos	xvi
Lista de Figuras	xvii
Apresentação	xx
INTRODUÇÃO	1
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	13
1.1 Contribuição das Ciências Cognitivas	15
1.2 Espaço Público Urbano	23
1.3 Fatores Culturais e Revitalização de Centros Históricos	29
1.4 Construção do Sentido de Lugar	37
2 ABORDAGEM EXPERIENCIAL	43
2.1 Sentido Fenomenológico da Percepção	45
2.2 Entrelaçamento Estrutural e Empatia	47
2.3 Representação versus Atuação	51
2.4 Deriva	54
2.5 Cognição e Experiência	57
2.6 Explicando a Experiência	61
3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	67
3.1 Observação Incorporada	69
3.2 Aspectos Físicos e Morfológicos	72
3.3 Entrevistas semi-estruturadas	74
4 CASO DO CORREDOR CULTURAL	83
4.1 Contextualização	84
4.2 Interpretação dos Relatos - Praça Quinze e da SAARA	99
4.3 Aspectos físicos e morfológicos – Praça Quinze e SAARA	120
4.4 Análise das Entrevistas Semi-estruturadas - Praça Quinze e SAARA	139

5	CASO DO GASLAMP QUARTER	161
5.1	Contextualização	162
5.2	Interpretação dos Relatos - Gaslamp Quarter	172
5.3	Aspectos físicos e morfológicos – Gaslamp Quarter	179
5.4	Análise das Entrevistas Semi-estruturadas	189
6	ENTRELAÇANDO AS DESCOBERTAS	206
6.1	Recorte Praça Quinze	208
6.2	Recorte SAARA	218
6.3	Recorte Gaslamp Quarter	226
6.4	Instrumentos Revisitados – Análise Crítica	235
6.5	Desdobramentos	240
	CONCLUSÕES	242
	REFERÊNCIAS	250
ANEXO I	Mapa com as novas áreas incorporadas ao 1º. Escritório Técnico do Corredor Cultural	260
ANEXO II	Modelo Entrevista semi-estruturada aplicada nos casos do Rio de Janeiro	261
ANEXO III	Modelo do Roteiro da entrevista semi-estruturada aplicada no caso de San Diego	262
ANEXO IV	Tabelas com as principais descobertas das entrevistas aplicadas na Praça Quinze	263
ANEXO V	Tabelas com as principais descobertas das entrevistas aplicadas no SAARA	270
ANEXO VI	Mapa de localização dos Distritos do Centro de San Diego	276
ANEXO VII	Tabelas com as principais descobertas das entrevistas aplicadas em San Diego	277
ANEXO VIII	Cópia do Guia Arquitetônico e Mapa de Caminhada Turística do Gaslamp	288

GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS CHAVE

Abordagem Atuacionista – abordagem proposta por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003), que entende a cognição como ação incorporada e que conjuga a percepção e suas capacidades sensório-motoras embutidas num amplo contexto biológico, psicológico e cultural, com a ação perceptivamente orientada. Esta proposta recupera a consciência como um problema da ciência cognitiva, questionando a idéia de representação objetiva e puramente mental supondo-se que tem a ver com algo externo e independente da experiência. Enfatiza ainda que a cognição emerge das interações indissociáveis e intersubjetivas do cérebro, do corpo e do ambiente, ou seja, a mente e o mundo atuam um sobre o outro, interferindo e influenciando-se mútua e reciprocamente.

Abordagem Experiencial – designação adotada pelo ProLUGAR por sugestão de Rosa Pedro para caracterizar as observações que incorporam as interações homem-ambiente – alinhada com a abordagem atuacionista – em sua experiência de viver (habitar, trabalhar, consumir, lazer, etc.), enriquecendo e conferindo novo significado ao entendimento do lugar.

Acoplamento estrutural – v. *Entrelaçamento Estrutural*

Ambiente – Cf. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001-2002), palavra derivada do Latim *ambiens, éntis* participio presente de *ambíre* 'andar ao redor, cercar, rodear'; ver *i-* e *ambi(e)*, meio em que se vive, que rodeia ou envolve os seres vivos e as coisas; meio ambiente; recinto, espaço, âmbito em que se está ou vive. Palavra mais abrangente e adequada do que espaço, "atualmente mais utilizada, para fazer referência ao espaço sideral interplanetário" (Santos 1997), pois traduz com maior propriedade o meio no qual todos os coletivos compostos por seres humanos e não-humanos estão imersos. O ProLUGAR utiliza. Seu significado inclui o conjunto de condições materiais, históricas, sociais e culturais. . Palavra mais adequada do que espaço – cuja conotação abstrata ajusta-se perfeitamente para a afirmação dos propósitos e ideais modernistas cuja concepção de futuro separa humanos e não-humanos (Latour 2001) – para traduzir com maior propriedade o espaço significante ou meio no qual todos os coletivos compostos por seres humanos e não-humanos estão imersos..

Ambiente construído – Cf. ORNSTEIN et al (1995: 7), "todo o ambiente erigido, moldado ou adaptado pelo homem. São artefatos humanos ou estruturas físicas realizadas ou modificadas pelo homem."

APAC – Área de Proteção do Ambiente Cultural.

Atuação – termo proposto por Varela, Thompson e Rosch (2003) para caracterizar uma nova abordagem para as ciências cognitivas que questiona "explicitamente a pressuposição, prevalente nas ciências cognitivas como um todo, de que a cognição consiste na representação de um mundo que é independente de nossas capacidades perceptivas por um sistema cognitivo que existe independente desse mundo. Ao invés disto delineamos uma visão de cognição como ação incorporada ... "(Varela, Thompson e Rosch 2003: 17)

Autopoiético – Aquilo que nós produzimos, de criação contínua, sendo feito o tempo todo na relação com o mundo (Marutana e Varela 1997).

BCC – Broadway Complex Coalision

CCBB – Centro Cultural do Banco do Brasil

CCDC – Centre City Development Corporation. Instituição sem fins lucrativos ligada à prefeitura de San Diego, Califórnia, que atua no planejamento e implementação dos projetos de revitalização e desenvolvimento do Centro da Cidade.

Cognição – “Campo que trata do sujeito cognoscente e da possibilidade de conhecer o/no mundo” (Pedro, 1996: 5); o termo é usado num sentido amplo como a ação de conhecer ou conhecimento, porém seu sentido varia conforme diferentes perspectivas e contextos (neurologia, filosofia, psicologia, inteligência artificial) sendo também tradicionalmente aceito como processamento de informações sob a forma de computação simbólica ou manipulação de símbolos baseada em regras. A evolução dos estudos da mente, ou das ciências cognitivas, a partir dos anos 1950, apresentam três principais abordagens que, apesar de terem se desenvolvido em diferentes momentos e de forma seqüencial, permanecem coexistindo na pesquisa contemporânea:

- **Cognitivismo** – O modelo da mente computacional considera o cérebro como um computador, um sistema físico de símbolos, no qual processos mentais ocorrem pela manipulação de representações simbólicas no cérebro. O cognitivismo funcionalista, em seu lado mais extremo, sustenta que a incorporação é essencialmente irrelevante na natureza da mente
- **Conexionismo** – Surge nos anos 1970 como um desafio à abordagem cognitivista, e tem como ferramenta principal a auto-organização da rede neural – não mais símbolos no sentido tradicional da computação, mas sistemas dinâmicos não lineares, nos quais ocorrem os processos mentais através da emergência de padrões globais de atividades. Como herança do cognitivismo, a mente ainda é a região das rotinas inconscientes e sub-pessoais, e a experiência humana continua não tendo lugar nesta abordagem.
- **Emergência** – o mesmo que conexionismo
- **Cognição atuacionista** – ver abordagem enativa ou atuacionista da cognição.

Deriva Natural – proposição de Maturana e Varela (1995: 147) que se contrapõem à “visão popularizada da evolução como um processo em que seres vivos se adaptam progressivamente a um mundo amboental, otimizando sua exploração.” Os autores propõem “que a evolução ocorre como um fenômeno de deriva estrutural sob contínua seleção filogênica, em que não há progresso nem otimização do uso do meio. Há apenas conservação da adaptação e da autopoiese, num processo em que o organismo e meio permanecem em contínuo acoplamento estrutural” (Maturana e Varela 1995: 147).

DGPC – Departamento Geral do Patrimônio Cultural

Empatia cognitiva – relação dinâmica indissociável do ser no mundo integrado ao ambiente natural e ao mundo humano social. Tipo singular de experiência direta, no qual os indivíduos se relacionam e entendem suas experiências e sua compreensão por meio da linguagem (verbal ou não verbal). Na empatia entendemos as experiências do outro intersubjetivamente – não uma representação delas – sem, entretanto, passarmos pela experiência diretamente.

Entrelaçamento estrutural – Reconhecendo a crítica de Vicente de Rio sobre inadequação da designação acoplamento estrutural utilizada na edição brasileira de A Mente Incorporada (Varela, Thompson e Rosch 2003) para traduzir a palavra inglesa coupling – que também significa acoplamento, acasalamento, tem um forte caráter funcionalista – o ProLUGAR passou a utilizar a palavra entrelaçamento estrutural. Enquanto sistemas estruturais complexos, o cérebro se entrelaça estruturalmente ao corpo que, por sua vez, se entrelaça estruturalmente ao ambiente, produzindo interações que desencadeiam mudanças determinadas em cada sistema estrutural em si. Maturana (2001:75) propõe a seguinte analogia para seu melhor entendimento: “a cada um de nós acontece algo nas interações que diz respeito a nós mesmos, e não com o outro. E o que vocês escutam do que digo tem a ver com vocês e não comigo. Eu sou maravilhosamente irresponsável sobre o que vocês escutam, mas sou totalmente responsável sobre o que eu digo”.

ETCC – Escritório Técnico do Corredor Cultural

Explicação – Cf. Maturana (2001: 29), “nem toda reformulação da experiência é uma explicação. Uma explicação é uma reformulação da experiência aceita por um observador.”

Gentrificação - gentry na Inglaterra corresponde ao segmento situado logo abaixo da nobreza – foi o termo cunhado por Ruth Glass, socióloga inglesa que o usou pela primeira vez em 1964 a partir de seu estudo sobre os gentries rurais que ocupavam áreas urbanas com palacetes. “O termo é exclusivo de áreas previamente ocupadas por segmentos de trabalhadores, cujas unidades de vizinhança foram sendo compradas e elitizadas por membros ricos, para fins de moradia e outros usos sofisticados.” (YÁZIGI, 2006: 24)

INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural

Intersubjetividade – relação indissociável e subjetiva que ocorre nas interações homem-ambiente (THOMPSON:1999).

Interação – Cf. MORIN (1996), conjunto de relações, ações e retroações que se efetuam e se realizam em um sistema; Cf. DAMÁSIO (1996: 255), “o organismo inteiro, e não apenas o corpo ou o cérebro, interage com o meio ambiente ... quando vemos, ouvimos, tocamos, saboreamos ou cheiramos, o corpo e o cérebro participam na interação com o meio ambiente.”

Interpretação – em lugar de representação, a abordagem experiencial trabalha com a idéia de *interpretação*, atividade de configuração em que alguns aspectos se tornam relevantes porque nós os fazemos emergir de nossa experiência que, para ter validade, deve ser confrontada com o *senso comum*. (Pedro 1996),

Linguagem – Cf. Maturana e Varela (1995: 235), “operamos na linguagem quando um observador vê que os objetos de nossas distinções são elementos de nosso domínio lingüístico.”

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Lugar – o espaço, não apenas geométrico ou físico, ocupado pelo homem e seus objetos que adquire significado a partir da experiência, da memória, da história, das interrelações sociais e humanas; base existencial humana, também considerado lugar fenomenológico.

Meio – Cf. Milton Santos. Vocábulo relativamente abandonado pela geografia que, com “os progressos no conhecimento das galáxias, a palavra ‘espaço’ passou a ser utilizada com maior ênfase para o espaço sideral interplanetário. Também nesta fase da pós-modernidade, a mesma palavra ‘espaço’ ganhou um uso crescentemente metafórico em diversas disciplinas.” (Santos 1997:1) “O meio resulta de uma adaptação sucessiva da face da Terra às necessidades dos homens. Nos primórdios da história registravam-se alterações isoladas, ao sabor das civilizações emergentes, até que o processo de internacionalização cria em diversos lugares feições semelhantes. Agora, conhecemos uma tendência à generalização à escala do mundo dos mesmos objetos geográficos e das mesmas paisagens.” (Santos 1997:1).

Narrativa imagética – narrativa da experiência através de imagens, desenhos ou modelos tridimensionais.

Objetividade entre parênteses – No caminho da objetividade entre parênteses, o observador não pode fazer referência a entidades independentes de si na construção do seu explicar, pois “a explicação é uma reformulação da experiência com elementos da experiência” (MATURANA, 2001: 36).

Objetividade sem parênteses – No caminho da objetividade sem parênteses as coisas e os fenômenos ocorrem independentemente do observador – ou seja, a existência

precede à distinção. Nele só há uma realidade que é objetiva, independente e requer obediência e aceitação. (MATURANA, 2001: 36).

Observação incorporada – modo de operacionalização e aplicação da Abordagem Experiencial; pode ser definida como um encadeamento de associações dependentes do contexto que, em conjunto, configuram um ponto-de-vista aproximado e particular da experiência vivenciada por um observador ou grupo de observadores em um determinado ambiente ou conjunto de ambientes. O observador no ambiente "torna-se" um mundo que não pode ser "representado" a priori. O sucesso de uma experiência vivencial e local não deve ser entendido como uma verdade que possa vir a ser estendida a contextos diferentes e mais amplos. Como o observador está sempre imerso no ambiente, sua compreensão será sempre local ou situada. A atividade dos homens no mundo possibilita que eles criem padrões que são comparados aos já existentes (senso comum). Esta operação modifica tanto os padrões iniciais, quanto as próprias operações de comparação que acontecem durante a observação e, assim, indefinidamente. Nesse sentido, a observação, por ser um ato cognitivo, é sempre criadora (Pedro, 1996).

Olhar Compartilhado - conjunto de concepções, valores, percepções e práticas compartilhadas por um determinado grupo que dá forma à uma visão particular da realidade; configuração multidimensional do paradigma pós-moderno de Boaventura Santos (1995), de modo a assegurar maior coerência e racionalidade na definição dos atributos e do seu grau de importância.

Percepção – Diferentemente do que sugerem autores alinhados com o pensamento de Gibson (1979) – que o ambiente é independente e que a percepção é detecção direta, as abordagens atuacionista da cognição e experiencial consideram que o ambiente é atuado por histórias de entrelaçamento, e que "a percepção é atuação sensório-motora" (Varela, Thompson e Rosch 2003), ou seja, é uma ação orientada perceptivamente. Modo como o observador orienta suas ações em situações locais, por meio de sua estrutura sensório motora; princípios comuns ou conexões lícitas entre os sistemas sensorial e motor que explicam como a ação pode ser orientada perceptivamente em um mundo dependente de um sujeito percipiente. (Cadernos de Subjetividade: O reencantamento do concreto)

Percepção ambiental – processo recursivo de interação homem-ambiente que permite ao homem influenciar ou atuar sobre o ambiente como ser por ele influenciado ou atuado. Os homens, artefatos e os ambientes são sujeitos que se co-produzem cotidianamente.

PPS – Project for Public Spaces - a organização não-governamental americana sem fins lucrativos, presidida por Fred Kent, dedica-se à criação de lugares com sentido comunitário.

PROARQ-FAU-UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro

ProLUGAR – Sigla do grupo de pesquisas certificado pelo CNPq *Projeto e Qualidade do Lugar*, vinculado à linha de pesquisa *Cultura, Paisagem e Ambiente Construído* do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – (PROARQ-FAU-UFRJ), que desenvolve pesquisas relacionadas com a percepção e a cognição ambiental, a qualidade do lugar e com seus reflexos na arquitetura e no urbanismo.

Psicogeografia do lugar – Na Teoria da Deriva, a psicogeografia do lugar é constituída pelo relevo das cidades com correntes, pontos fixos e turbilhões e que relata as emoções do observador de um percurso qualquer.

Reflexão atenta, aberta – Técnica inspirada na filosofia budista na qual a mente deve se esvaziar sem esforço, deixar fluir e coordenar e incorporar corpo e mente de forma

natural, ficando clara a atividade natural da mente de estar alerta e ser observadora. Técnicas de atenção são projetadas para levar a mente de volta de suas teorias e preocupações, da atitude abstrata, para a situação consciente da própria experiência da pessoa.

Renovação – conjunto de operações realizadas na cidade, com o fim de adequá-la às novas funções econômicas e sociais. Processo destrutivo que precede ao construtivo, cujo caráter é o princípio de ordem e totalidade racional (del RIO, 1990).

Representação - a idéia de representação presente nos estudos das relações homem-ambiente implica no entendimento de um mundo pré-determinado e incompleto, uma vez que deixa de fora justamente a possibilidade de formular questões relacionadas com a experiência que é produzida nestas relações. A noção de representação, entendida como constructo pelos cognitivistas – que subentende a possibilidade de construir ou representar o mundo de determinada forma, como um padrão ou sistema que age com base em imagens mentais internas independentes do mundo vivido – é questionada pela proposta atuacionista da cognição (Varela et al 2003). Em lugar da *representação*, a abordagem experiencial trabalha com a *interpretação*.

Representação mental – Cf. DAMÁSIO (1996: 259), resposta construída pelo cérebro humano para descrever uma determinada situação e os movimentos formulados como resposta a esta situação, que dependem de interações mútuas cérebro-corpo. Segundo as abordagens atuacionista da cognição e experiencial, esta resposta ou idéia é imperfeita e incompleta para caracterizar as relações homem-ambiente, uma vez que o corpo e o ambiente passam a ser tratados como simples coadjuvantes. Ambos são, na verdade, sujeitos que se co-produzem cotidianamente.

Requalificação – atribuição de uma nova qualidade ao ambiente ou “rosário de intervenções de diferentes naturezas que conferem uma nova qualidade urbana.” (Yázigi, 2006: 19)

Retrofit - palavra inglesa, que significa readaptação ou reajustamento, utilizada para designar um tipo especial de intervenção nos edifícios que implica uma modificação conceitual do sistema para melhorar seu desempenho, do ponto de vista econômico e da produtividade.

Revitalização urbana – atribuição de nova vida; “A revitalização, por conservar estruturas pré-existentes, tem muito de preservação física, mas poderá também significar a etapa de um amplo processo de requalificação do todo urbano, inclusive desalojando populações”, podendo também acontecer em áreas abandonadas causando menos traumas. (YÁZIGI, 2006: 22). Seu objetivo é a resignificação do passado em relação ao presente, e a recuperação da tradição através da memória coletiva, implicando em um desenvolvimento respeitoso e integrado às estruturas físicas pré-existentes, e aberto às características intrínsecas à contemporaneidade (DEL RIO, OLIVEIRA, 1996).

SAARA – Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega

SARCA – Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca

SDSU – San Diego State University

SEDREHPAC – Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico Cultural da Cidade do Rio de Janeiro

SMU-IPP – Secretaria Municipal de Urbanismo – Instituto Pereira Passos

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro nº.	Título	Página
Quadro 01	Centros culturais, museus, teatros e outros edifícios com fins culturais na área do Corredor Cultural	95
Quadro 02	Principais dualidades e distinções entre a Praça Quinze e a Travessa do Comércio	123
Quadro 03	Principais dualidades e distinções entre o trecho SAARA e a trecho Mascates	131
Quadro 04	Principais dualidades e distinções entre os trechos Gaslamp e Praça Horton Plaza	180

LISTA DE FIGURAS

Figura nº	Título	Página
Fig. 01 -	Mapa Conceitual da estrutura da tese	11
Fig. 02 -	Moeda representando o mito Janus com suas faces antagônicas	22
Fig. 03 -	Imagem que evoca a circularidade da abordagem atuacionista	46
Fig. 04 -	Obra de Cândido Portinari "Chorinho"	49
Fig. 05 -	Desenho do menino de O Pequeno Príncipe	52
Fig. 06 -	Transformações urbanas no Rio de Janeiro	86
Fig. 07 -	Avenida Central à época de sua abertura	86
Fig. 08 -	Estrutura urbana e hierarquia viária a partir de 1950	86
Fig. 09 -	Centro do Rio hoje	86
Fig. 10 -	Área de abrangência do Projeto Corredor Cultural	89
Fig. 11 -	Diretrizes de desenho de fachada para novas edificações	91
Fig. 12 -	Definições de dimensões de letreiros	91
Fig. 13 -	Sobrado antes e depois da atuação do Corredor Cultural	94
Fig. 14 -	Edifício em reconstrução e reconstruído após sinistro	94
Fig. 15 -	Praça Quinze parcialmente remodelada	97
Fig. 16 -	Largo da Lapa após redefinição do traçado viário	97
Fig. 17 -	Largo de São Francisco devolvido à população como praça pública	97
Fig. 18 -	Largo Alexandre Herculano	97
Fig. 19 -	Sub-área Praça Quinze	104
Fig. 20 -	Praça Quinze num domingo pela manhã	108
Fig. 21 -	Domingo de carnaval na Praça Quinze	108
Fig. 22 -	Praça Quinze: dois marcos históricos, o Chafariz e o Paço	108
Fig. 23 -	Praça entre a Perimetral e a Estação das Barcas	108
Fig. 24 -	Chafariz do Mestre Valentim	108
Fig. 25 -	Feira de artesanato da Praça Quinze	108
Fig. 26 -	Arco do Teles numa manhã sem movimento	112
Fig. 27 -	Travessa do Comércio	112
Fig. 28 -	Evento musical na Rua do Ouvidor	112
Fig. 29 -	Caminhando para o "Beco das emboscadas"	112
Fig. 30 -	Largo no conjunto cultural próximo à Candelária	112
Fig. 31 -	O Espaço Cultural dos Correios (ao fundo), CCBB e Casa França-Brasil	112
Fig. 32 -	Rua dos Mercadores: eixo de ligação dos centros culturais	112
Fig. 33 -	Sub-área do SAARA com indicação de quatro derivas realizadas	113
Fig. 34 -	Beco do Rosário: oásis de tranquilidade	116
Fig. 35 -	Final da Rua dos Andradas	116
Fig. 36 -	Casarão para alugar	116
Fig. 37 -	Vida cor e movimento ao nível da rua	116
Fig. 38 -	Esquina do SAARA com artista de rua performático	116
Fig. 39 -	Ambiente repleto de significados da Rua da Alfândega	119
Fig. 40 -	Apropriação da calçada pelos comerciantes	119

Fig. 41 - Praça dos Mascates	119
Fig. 42 - Grandes distinções físicas, sociais e econômicas	119
Fig. 43 - Praça Quinze – Fluxos e Acessos	123
Fig. 44 - Praça Quinze – Gabarito	123
Fig. 45 - Praça Quinze – Usos e Funções	123
Fig. 46 - Praça Quinze – Figura e Fundo	123
Fig. 47 - Praça Quinze – Áreas livres e conexões	123
Fig. 48 - Perfil da Praça Quinze transversalmente ao mar	125
Fig. 49 - Projeto Frente Marítima por Oriol Bohigas e Nuno Portas	126
Fig. 50 - Croquis da fachada do Arco do Teles	128
Fig. 51 - Croquis da Torre Cândido Mendes sobre o Convento do Carmo	128
Fig. 52 - Croquis com perfil da Praça Quinze e Travessa do Comércio	129
Fig. 53 - Largo das Barcas	130
Fig. 54 - Visão serial do percurso realizado na Travessa do Comércio	130
Fig. 55 - SAARA – Fluxos e Acessos	131
Fig. 56 - SAARA – Gabarito	131
Fig. 57 - SAARA – Usos e Funções	131
Fig. 58 - SAARA – Figura e Fundo	131
Fig. 59 - SAARA – Áreas livres e conexões	131
Fig. 60 - Vista aérea de parte do SAARA	136
Fig. 61 - Rua Buenos Aires	136
Fig. 62 - Rua fora da abrangência do SAARA	136
Fig. 63 - Praça dos Mascates com rua Regente Feijó	136
Fig. 64 - Rua típica do SAARA	136
Fig. 65 - Corte esquemático de uma das típicas ruas do SAARA	138
Fig. 66 - Gráfico de pizza – Praça Quinze – Local de Habitação	140
Fig. 67 - Gráfico de pizza – Praça Quinze – Faixa Etária	140
Fig. 68 - Gráfico de pizza – Praça Quinze – Relação respondentes	140
Fig. 69 - Gráfico de pizza – Praça Quinze – Nível de Escolaridade	140
Fig. 70 - Gráfico de pizza – SAARA – Local de Habitação	140
Fig. 71 - Gráfico de pizza – SAARA – Faixa Etária	140
Fig. 72 - Gráfico de pizza – SAARA – Relação respondentes	140
Fig. 73 - Gráfico de pizza – SAARA – Nível de Escolaridade	140
Fig. 74 - Vista aérea de Downtown San Diego e seus principais limites	163
Fig. 75 - Aspecto do Centro de San Diego na primeira metade do século XX	165
Fig. 76 - Rua do Gaslamp District no início do século XX	165
Fig. 77 - Área alvo do Complexo comercial-hoteleiro	172
Fig. 78 - Mesa redonda sobre espaço público coordenada pela autora	172
Fig. 79 - Derivas realizadas em San Diego durante o estágio doutoral	173
Fig. 80 - Broadway às 10:00h da manhã de um dia de semana	175
Fig. 81 - Island Street nas proximidades do Gaslamp	175
Fig. 82 - Torre em Marina	175
Fig. 83 - Broadway, entre a 5th e a 4th Avenue	175
Fig. 84 - Praça Horton Plaza	175

Fig. 85 -	5th Avenue em dia útil	178
Fig. 86 -	Bares ao longo da 5th Avenue	178
Fig. 87 -	Horton Grand Hotel no Gaslamp	178
Fig. 88 -	Última loja de materiais de construção do Centro	178
Fig. 89 -	Edifício pós-moderno no Gaslamp	178
Fig. 90 -	Vida noturna no Gaslamp	178
Fig. 91 -	GASLAMP – Fluxos e Acessos	180
Fig. 92 -	GASLAMP – Gabarito	180
Fig. 93 -	GASLAMP – Usos e Funções	180
Fig. 94 -	GASLAMP – Figura e Fundo	180
Fig. 95 -	GASLAMP – Áreas livres e conexões	180
Fig. 96 -	Luminária símbolo do Gaslamp e o Louis Bank of Commerce	184
Fig. 97 -	Keating Building na esquina da 5th Avenue com F Street	184
Fig. 98 -	Acesso principal do Horton Plaza Mall	184
Fig. 99 -	Centro de Convenções de San Diego	184
Fig. 100 -	Calçada da Market Street	184
Fig. 101 -	Calçada da 5th Avenue	184
Fig. 102 -	5th Avenue, principal via do Gaslamp	187
Fig. 103 -	Gaslamp Plaza ao pé da 5th Avenue	187
Fig. 104 -	Cruzamento da 5th Ave. com Harbor Dr. em dia de jogo de beisebol	187
Fig. 105 -	Praça Horton Plaza no início do Gaslamp – 4th Avenue	187
Fig. 106 -	Relação formal da rua com os edifícios do Gaslamp	188
Fig. 107 -	Gráfico de pizza – Gaslamp Quarter – Local de Habitação	190
Fig. 108 -	Gráfico de pizza – Gaslamp Quarter – Faixa Etária	190
Fig. 109 -	Gráfico de pizza – Gaslamp Quarter – Relação usuários	190
Fig. 110 -	Gráfico de pizza – Gaslamp Quarter – Nível de Escolaridade	190
Fig. 111 -	Exemplos de arquitetura prosaica (moderna)	209
Fig. 112 -	Exemplos de arquitetura poética (não-moderna)	209
Fig. 113 -	Elevado da Perimetral na Praça Quinze	211
Fig. 114 -	Saída do Mergulhão na Av. Alfred Agache	211
Fig. 115 -	A quase sempre vazia Praça Quinze, em frente ao Paço Imperial	213
Fig. 116 -	Travessa do Comércio num sábado à tarde	213
Fig. 117 -	Loja do SAARA com produtos diversos sobre a calçada	222
Fig. 118 -	Rua Buenos Aires em um dia de dezembro	222
Fig. 119 -	Praça Children's Park no Centro de San Diego	229
Fig. 120 -	Portal de acesso ao Gaslamp, na 5th Avenue, junto à Harbor Drive	229
Fig. 121 -	Rua transversal do Gaslamp	232
Fig. 122 -	Edifício institucional do Centro de San Diego, próximo ao Gaslamp	232
Fig. 123 -	Cruzamento da 5th Avenue com Market Street	232

APRESENTAÇÃO

São muitos os olhares possíveis sobre a cidade e inúmeras as possibilidades de compreensão deste fenômeno que é a vida urbana – plural, complexa, diversificada, polifônica. Ao experienciarmos um lugar urbano, buscamos defini-lo, categorizá-lo, qualificá-lo – consciente ou inconscientemente – a partir de seus atributos, como estes são percebidos por nossos sentidos e como mexem com nossos sentimentos mais profundos.

Desde o ponto de vista de profissionais ligados aos estudos do ambiente urbano – arquitetos, urbanistas, geógrafos – podemos citar o olhar estético-formal de Edmund Bacon em *Desenho das Cidades* (1968) e sua análise sobre os atributos físico-espaciais do ambiente urbano. O olhar antropológico com foco na percepção sob o viés cultural de Amos Rapoport em *Human Aspects of Urban Form* (1977) que pondera que o ambiente pode ser visto como uma forma de *comunicação não-verbal* ou como um sistema de símbolos e que a experiência e comportamento humanos moldam estes ambientes sob critérios sócio-culturais e psicológicos. A leitura de William Whyte (1980, 1988), por meio da observação direta, analisa de forma prática o desenho e o gerenciamento de espaços urbanos específicos e as atividades cotidianas e vida social que neles acontecem. Lançamos mão ainda de uma das múltiplas visões filosóficas pós-modernas – a de Deleuze e Guattari (1995) – que vê a cidade como um rizoma que induz a uma imagem quase abstrata, onde os princípios de conectividade, heterogeneidade e multiplicidade delineiam a cidade como um sistema de redes em constante transformação. Outro modo possível é o olhar poético adquirido na contínua viagem pelas ruas do mundo, sobre a cidade polifônica, complexa, diversificada, multisensorial, ambígua e vertiginosa, como o olhar do poeta Henriques Neto (2005). Neste sentido, Ignasi de Solá-Morales afirma que "a arquitetura segue estando na cidade, forma parte dela e materializa uma parte dos espaços nos quais se desenvolve a vida urbana... hoje mais que nunca, comprovamos que a cidade é muito mais coisas que seus edifícios e suas arquiteturas" (SOLÁ-MORALES, 1996).

Sob um olhar pragmático e objetivo, poderíamos simples e numericamente contar espaços, medir ruas e quantificar pedestres e veículos que por elas transitam, estabelecer relações funcionais e físicas entre os elementos e objetos e mesmo quantificar e classificar seus habitantes por faixas de idade, rendas, nível escolar. Porém um estudo quantitativo e estatístico – apesar de sua importância – não é suficiente para entendermos a cidade em sua totalidade e complexidade. Afinal, ela não é configurada apenas por objetos físicos e bens materiais. Imaginemos Paris, Barcelona, New York, ou ainda a pequena Tiradentes, desprovidas de seu principal e mais importante componente: seus habitantes.

A psicologia, a antropologia e a sociologia cumprem um importante papel nesse sentido. São disciplinas que estudam os efeitos e influências do ambiente no comportamento humano. As pessoas habitam as cidades e são elas que lhes dão significado, são elas que, a partir de sua percepção, de suas histórias e memórias e de sua experiência, moldam e constroem seus lugares (Tuan, 1980). O homem confere a dimensão humana fundamental à *urbis* em seu habitar, em sua vida cotidiana, em seu caminhar, ao se apropriar do espaço inanimado, ao construir sua base existencial e seu lugar no mundo (NORBERG-SCHULZ, 1975). O homem dá vida à cidade transformando-a em um organismo vivo, animado e interativo. Para compreender a cidade é necessário prestar atenção – contemplar – aos principais protagonistas do cenário urbano – o ser humano em suas ações cotidianas.

Com base nos argumentos dos autores e obras acima mencionados, esta reflexão também resulta da minha experiência pessoal e profissional, bem como do olhar

empírico e acadêmico sobre a cidade. Ambas integram tanto minha atuação técnica como arquiteta e urbanista quanto a condição de habitante da cidade.

Após doze anos de experiência direta com projeto de arquitetura – e, também, com a sua construção – em atelier próprio, senti necessidade de buscar um maior entendimento de como as pessoas se relacionam e interagem com os ambientes que projetamos e construímos. Ansiava compreender sua visão e uso dos ambientes criados com esmero técnico integrado à criatividade.

Para melhor entender e atender a estes anseios, em 2000, ao retornar à academia para cursar o mestrado em arquitetura no PROARQ, tomei contato com autores interessados em trabalhar conceitos e questões relacionados com o espaço e o lugar (TUAN, 1980, 1983; AUGÉ, 2001; CANTER, 1977); com a percepção e imagem da cidade e o dimensionamento do ambiente construído (APPLEYARD, 1980; LYNCH, 1982; 1985; DEL RIO, DUARTE, RHEINGANTZ, 2002) e com os estudos da fenomenologia (NORBERG-SHULZ, 1975; MERLEAU-PONTY, 1994).

Neste processo, foi de fundamental importância o contato com os estudos sobre percepção e cognição ambiental e sobre sua relação com a arquitetura e o desenho urbano; sobre as formas de apropriação e interação do homem no ambiente. Sob a lúcida e instigante orientação do Prof. Vicente de Rio e o engajamento na pesquisa *Desenho e Qualidade do Lugar*, muito aprendi sobre a avaliação da qualidade do ambiente construído, mais especificamente o ambiente urbano com ênfase na importância do usuário, sua percepção e comportamento. As questões que me instigavam começavam a ser respondidas. Meu interesse e envolvimento com o tema se ampliava à medida que as respostas levantavam novos questionamentos.

A experiência com o desenvolvimento da pesquisa de mestrado gerou a dissertação *Projeto, Desempenho Urbano e Construção do Lugar: Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro*¹ (ALCANTARA, 2002). Iniciou-se um processo de envolvimento cada vez maior com os temas de qualidade do lugar e avaliação de desempenho a partir da interação do homem no ambiente construído.

Findo o mestrado, fui convidada por Vicente del Rio a escrever um artigo em co-autoria com o mesmo sobre o Projeto Corredor Cultural no Rio de Janeiro para constituir um dos capítulos de *Beyond Brasilia – Contemporary Urban Design in Brazil*² (DEL RIO, SIEMBIEDA, 2008). A pesquisa levada a cabo para a elaboração do artigo foi particularmente reveladora da importância do planejamento e do projeto arquitetônico na revitalização urbana do centro histórico do Rio de Janeiro.

O envolvimento com o tema me fascinou pelo caráter abrangente do processo que integrou forças políticas, econômicas e sociais – a comunidade cumprindo um importante papel para a sua efetivação – para a melhoria da qualidade ambiental de áreas centrais históricas no Rio de Janeiro. A falta de publicações referentes ao fenômeno de “redescoberta” do centro que se seguiu à este pioneiro processo – à exceção dos manuais referentes ao projeto e artigos apresentados em eventos acadêmicos (RIOARTE/IPLANRIO 1985; PINHEIRO, DEL RIO 1993; PINHEIRO, 2002) – me motivou a aprofundar os estudos relacionados com o tema e aliá-lo às questões sobre a cognição ambiental.

O *Projeto Corredor Cultural* passou a ser, assim, meu objeto de estudo na pesquisa de doutoramento intitulada “Cognição Ambiental e Avaliação de Centros Históricos: O caso

¹ Disponível em www.fau.ufrj.br/prolugar

² Veja artigo referente à publicação no portal Claiming Public Space – www.claimingpublicspace.net; a pesquisa para o livro foi apoiada financeiramente pelo Graham Foundation.

do Corredor Cultural do Rio de Janeiro"³, que iniciei em 2004, sob a orientação do Prof. Paulo Afonso Rheingantz e com bolsa da Capes.

Imediatamente passei a fazer parte, como pesquisadora, do grupo de pesquisa *Projeto e Qualidade do Lugar* - ProLUGAR⁴ que, então, iniciava a discussão sobre as ciências cognitivas da atuação (VARELA et al, 2003) e as possibilidades de sua aplicação nas avaliações de desempenho realizadas pelo grupo.

Inicialmente, a pesquisa de doutorado se restringia à avaliação de desempenho de trechos da área de abrangência do *Projeto Corredor Cultural* – por si só assunto rico e instigante, em se tratando do primeiro projeto integrado de revitalização, preservação e renovação urbana realizado da cidade (PINHEIRO, DEL RIO, 1993).

Em Junho de 2005, em conjunto com o Prof. Vicente del Rio e com o Prof. Lawrence Herzog⁵, da San Diego State University, que visitava o Rio de Janeiro com interesse acadêmico de conhecer o centro histórico, realizamos um percurso exploratório na área do Corredor Cultural. Após este frutífero contato, o Prof. Herzog – entusiasmado com o que viu e ouviu sobre o processo de revitalização do centro – sugeriu e ofereceu o Departamento de Planejamento Urbano da San Diego State University como base para que eu pudesse levantar os processos de revitalização ocorridos nas cidades da costa oeste americana e aprofundar as questões de planejamento e desenho urbano relativas ao meu estudo de caso. Esta oferta veio ao encontro de meu desejo de realizar um estágio de doutorado no exterior e, seis meses depois, a CAPES me agraciou com a bolsa de estudos para realizar estágio doutoral em San Diego.

Em fevereiro de 2006, segui para cumprir um período de dez meses de estudos sobre os processos de revitalização urbana levados à cabo na própria cidade de San Diego, em Los Angeles e em San Francisco. Esta intenção foi logo deixada de lado pois percebi, nos primeiros meses da experiência, um campo fecundo de estudos na cidade-base. Por outro lado, a realização da pesquisa de forma itinerante se mostrou inviável financeiramente, em função dos custos de vida – transporte, acomodações, alimentação – na costa oeste americana excediam em muito o valor da bolsa disponibilizada pela CAPES.

Com o aval do Prof. Herzog, decidi restringir os estudos ao processo de revitalização do Centro de San Diego, que se encontra em pleno desenvolvimento e passa por um momento de intenso - quase frenético – ritmo de expansão imobiliária. Os movimentos sócio-políticos de revitalização de seu centro histórico passaram então a ser meu segundo estudo de caso. Iniciei assim a aplicação da abordagem da *Cognição Experiencial* e os instrumentos de análise desenvolvidos pelo grupo ProLUGAR no ambiente urbano do Corredor Cultural do Rio de Janeiro e no Distrito do Gaslamp Quarter de San Diego. Importante enfatizar que as distinções entre as duas cidades e suas diferentes realidades, contextos – culturais, sociais e econômicos – reduzem as possibilidades de uma análise comparativa entre elas. A intenção foi analisar os resultados da aplicação prática da abordagem experiencial.

³ A pesquisa de doutoramento é financiada pela Capes e o sítio da pesquisa em desenvolvimento pode ser acessada na página www.fau.ufrj.br/corredor.

⁴ Veja o sítio www.fau.ufrj.br/prolugar.

⁵ Professor do Departamento de Planejamento Urbano da San Diego State University e Coordenador do Departamento de Administração Pública, o Prof. Herzog teve seu mais recente livro publicado em 2006 – *Return to the Center* - que trata dos processos de recuperação e revitalização dos centros de cidades na Espanha (Madrid e Barcelona) e no México (Cidade do México, Queretaro e Tijuana) num contexto de integração e valorização cultural e globalização.

A *Abordagem Experiencial e Empatia* foram os conceitos fundamentais de minha tese que redundaram na estratégia metodológica que agrega a atitude da *Observação Incorporada* desenvolvida pelo ProLUGAR.

Em San Diego, pude fazer avançar a pesquisa cognitivo-experiencial iniciada no Rio efetivando o processo de interação com os usuários com aplicações de entrevistas e do mapeamento cognitivo. Foi um trabalho interessante e rico em informações sobre a história, a evolução urbana da cidade e, especialmente, bem como para o conhecimento da imagem que os residentes e usuários têm da cidade.

Apesar das dificuldades iniciais com a língua inglesa, com as diferenças culturais e comportamentais, aos poucos fui me familiarizando com hábitos e com as pessoas e foi possível coletar dados, relatos e histórias de vida que serão de grande valia nas análises que se seguiram. A experiência levada a cabo em um ambiente estranho contribuiu enormemente para a conclusão da pesquisa no Rio, com maior confiança na minha própria atuação e segurança na estratégia pré-testada.

Após o retorno de San Diego, pude finalizar nos recortes do Corredor Cultural a última etapa da pesquisa, a aplicação das entrevistas semi-estruturadas sobre a população usuária complementadas pelos mapas mentais elaborados pelos respondentes.

A larga abrangência da pesquisa, a grande quantidade de informações e dados qualitativos - e subjetivos - coletados, e a dificuldade encontrada no tratamento e análise dos mesmos - levando em conta um processo ainda não sistematizado - demandaram uma redefinição de propósitos. Assim concentrei-me na finalização do estudo em apenas dois recortes no Rio - eram previstos três: Praça Quinze, SAARA e Lavradio -, além do estudo de caso do Gaslamp Quarter.

Durante estes últimos quatro anos, os caminhos se abriram na medida do meu caminhar. A observação dos lugares enriqueceu meu olhar e minha avaliação sobre os mesmos e minha explicação integrou não apenas meu olhar técnico e objetivo, mas minha bagagem sócio-cultural, e principalmente minha própria experiência vivenciada nos ambientes. Este é o modo como o ProLUGAR sugere que se avalie um ambiente, seja numa escala urbana, seja na escala menor de um ambiente anterior. Importa aqui a mudança de atitude na observação das interações entre homem e ambiente. Acatamos assim a sugestão de Capra sobre o modo de nossa aproximação, observação e interação com o ambiente e com seu usuário:

"...a natureza como um todo se revela ... mais parecida com a natureza humana - imprevisível, sensível ao mundo circunvizinho, influenciada por pequenas flutuações. Conseqüentemente, a maneira apropriada de nos aproximarmos da natureza para aprender acerca da sua complexidade e da sua beleza não é por meio da dominação e do controle, mas sim, por meio do respeito, da cooperação e do diálogo." Fritjof Capra

INTRODUÇÃO¹

Em uma conversa matutina casual com minha mãe, que me auxiliava na revisão ortográfica e pedia explicações sobre esta pesquisa doutoral, logo expressei o que acredito ser a idéia que permeia todo o trabalho: homem e ambiente só podem ser considerados de forma indissociável e interdependente, do mesmo modo que corpo e mente são uma existência única, ao contrário do que se acreditava, desde a separação mente e corpo de Descartes. Imediatamente ela reagiu com veemência: “mas mente e corpo são duas coisas separadas!”

Sob o choque desta simples revelação, contrária ao que para mim parecia uma idéia óbvia e amplamente aceita tanto nos meios laicos quanto nos eruditos, logo me dei conta da minha imprecisão e, ao mesmo tempo, da importância do caminho que resolvi trilhar na reaproximação do homem e sua **experiência** com o ambiente para a avaliação do lugar.

Neste sentido, a observação, a análise e a compreensão das interações entre a população usuária e o ambiente urbano – aqueles modificados após a implementação de planos e projetos de revitalização histórica – e de que modo contribuíram na construção do lugar, configuram o tema desta pesquisa de doutoramento. Interessa-me avaliar a qualidade do lugar, considerando tanto os aspectos objetivos oriundos da análise morfológico-espacial, quanto aqueles associados inextricavelmente à experiência humana no ambiente.

Buscando enriquecer e conferir novo significado ao entendimento do lugar, será utilizada em três estudos de caso – Praça Quinze e SAARA, no Rio de Janeiro, e Gaslamp Quarter, em San Diego – a estratégia metodológica fundamentada na **Abordagem Experiencial**. Esta designação foi adotada pelo grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR)² – vinculado ao diretório de grupos do CNPq, do qual participo desde 2004. **A abordagem experiencial caracteriza a experiência do homem no lugar, ou seja, o modo como a um só tempo cada lugar influencia a ação humana, e como a presença humana dá sentido e significado a cada lugar.**

¹ Neste trabalho, que integra conceitos e metodologias desenvolvidos pelo ProLUGAR, seguindo recomendação de Vera Feitosa (1991) para evitar ambigüidades, utilizo a primeira pessoa do singular para caracterizar minha contribuição pessoal. Já a primeira pessoa do plural se refere ao trabalho conjunto desenvolvido com meu orientador e/ou outros colegas do grupo de pesquisa.

² Disponível em < www.fau.ufrj.br/prolugar > consulta em 01/12/2007

Seu desdobramento prático, a **Observação Incorporada**, pressupõe uma mudança de atitude do pesquisador no sentido de integrar, não apenas sua razão, mas também as sensações e emoções³ originadas na interação homem-ambiente-outro.

Minha intenção foi estudar o ambiente urbano a partir dos olhares diferenciados e complementares: (1) do observador/pesquisador, que não se limita à captação de imagens, mas objetiva a apreensão de significados; (2) do usuário, por meio de sua experiência no ambiente, sua memória, sua história de vida, seus anseios e desejos; e (3) do entrelaçamento dos resultados e descobertas advindos destes distintos olhares sobre o ambiente.

A abordagem qualitativa da pesquisa é calcada no sistema de múltiplos métodos que integram a observação incorporada, a análise morfológico-espacial e entrevistas semi-estruturadas com os usuários.

As bases teóricas e conceituais da *abordagem experiencial* – sobre a indissociabilidade mente-corpo-ambiente e homem-ambiente-outro – são provenientes de campos do conhecimento interdisciplinares e de autores consagrados: da geografia humana (YI-FU TUAN, 1980), das ciências cognitivas, (MATURANA, VARELA, 1995), da neurobiologia (DAMÁSIO, 1996), e da fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1994). Sua fundamentação principal está ancorada na proposta da *ciência cognitiva da atuação* de Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003), que abrange a incorporação da experiência humana à ação cotidiana e entende a cognição como ação incorporada entre homem-meio-outro. O conceito de *empatia cognitiva* preconizado por Evan Thompson (2001) integra-se ao quadro teórico-conceitual por ser uma pré-condição para a experiência de habitar um mundo espacial comum e intersubjetivo. Ao buscarmos a compreensão do fenômeno urbano nossa ação passa necessariamente pela experiência do homem no ambiente. Por meio da *empatia* nos tornamos capazes de compreender a experiência dos usuários do lugar sem termos passado diretamente pela experiência.

Para o estudo do ambiente urbano cujo significado não se limita à sua forma ou espaço físico, utilizo o conceito de lugar proposto na *topofilia* de Yi-Fu-Tuan (1980) – elo afetivo gerado entre a pessoa e o ambiente físico – e nas distinções entre *espaço* e *lugar* propostas pelo autor (TUAN, 1983). Christian Norberg-Schulz (1979) complementa o entendimento do *lugar fenomenológico* como base existencial e Marc Augé (2001), o

³ Cf. Damásio (1996) as emoções são as perturbações biológicas que ocorrem no corpo a partir de sensações e estímulos e são indissociadas de nossa racionalidade. Este conceito fundamentado na neurobiologia que se alinha ao de Maturana (2001: 46): "as emoções surgem no momento em que eu atento para a operação de distinção sob a qual eu falo de emoções. Então as emoções surgem como disposições corporais que especificam domínios de ações".

sentido antropológico de *lugar*, bem como suas distinções com os *não-lugares* da supermodernidade. Nosso entendimento de *lugar* refere-se assim à identidade, à relação do indivíduo com o outro, à história e à memória e sua pregnância na imagem que se tem do ambiente vivido. Refere-se ainda à noção do fato social percebido e experienciado, da vida, do cotidiano e do sentido [ou significado] do lugar.

A aplicação dos conceitos de sentido e construção do lugar estão diretamente relacionados com a cognição e com a percepção do ambiente. Ressalto a importância dos estudos de psicologia ambiental e psicologia cognitiva de Canter (1977), del Rio (1996 e 2000) e Bechtel (1997) e da antropologia de Rapoport (1977). Destaco ainda os seminais trabalhos de Kevin Lynch (1981 e 1982) sobre percepção ambiental e a boa forma urbana, que fundamentaram a pesquisa *Desenho e Qualidade do Lugar* – que originou a pesquisa de mestrado (ALCANTARA, 2002) – e me instigaram a ir mais fundo no estudo da cognição e da experiência no ambiente urbano.

Os conceitos de *espaço público* e de *revitalização urbana* – serão aprofundados com base em Herzog (2006), Yázigí (2006), Carr et al (1992), Sorkin (1992), Boyer (1992) por relacionarem-se estreitamente aos dois estudos de caso distintos: a avaliação da qualidade ambiental de recortes dos centros históricos do Rio de Janeiro (Corredor Cultural) e de San Diego (Gaslamp Quarter).

Para falar do espaço público, ou de suas ruas e calçadas, nos inspiramos ainda no manifesto antimodernista *Morte e Vida nas Grandes Cidades* (JACOBS, 2001), que analisa o cotidiano da cidade sob um olhar jornalístico etnográfico e sugere uma analogia das janelas como 'os olhos da rua', reconhecendo a riqueza de significados, a segurança e a qualidade de vida proporcionados pela diversidade combinada de usos e pela densificação não ordenada da cidade tradicional.

Em complementação aos aspectos cognitivos do entrelaçamento homem-ambiente, são incluídos no estudo os aspectos morfológicos e os atributos de desenho urbano, re-significados em função da mudança de atitude do observador. Para dar conta disto, recorreremos a um conjunto de referências fundamentadas em Lynch (1982), Alexander et al (1980), Ashihara (1982), del Rio (1990) e Lamas (2000).

A escolha dos casos do Corredor Cultural e do Gaslamp Quarter para aplicação da estratégia metodológica da pesquisa de avaliação da qualidade do lugar deve-se a razões objetivas e subjetivas. Estas configuram-se nas similaridades físicas, geográficas, e morfológicas encontradas entre as duas cidades, mas também, e principalmente, nas consideráveis distinções que puderam ser observadas em termos contextuais e em relação a seus aspectos econômicos, políticos, sociais e, especialmente, culturais. Apesar

de ambas as cidades terem passado por processos de intervenção em seus centros históricos – com ênfase na preservação, na revitalização cultural e econômica –, interessou-me conhecer mais a fundo o processo de planejamento, projeto e implementação direcionado à recuperação dos espaços públicos, os movimentos político-sociais que possibilitaram sua efetivação e, especialmente, os resultados, efeitos e influências do centro histórico revitalizado sobre a população usuária.

Rio e San Diego se assemelham em diversos aspectos: pelo clima ameno sem grandes variações ao longo do ano; pela topografia acidentada; pela forte presença do elemento água, representado pela baía que limita parcialmente ambos os centros; pelas transformações topográficas ocasionadas por aterros e desmontes⁴ – muito comuns ao longo do século XX quando as preocupações ambientais não estavam na ordem do dia –; e pela presença de aeroportos, de instalações da Marinha de Guerra e de zonas portuárias nas proximidades da área central. Auto-estradas, viadutos e pontes rodoviárias, como a Coronado Bridge que se assemelha fisicamente à Ponte-Rio Niterói⁵ – conectam partes da cidade e interligam-nas a municípios vizinhos, configurando importantes artérias viárias de ambos os Centros. O Centro do Rio possui uma área de 572,21 ha e sua população atinge 39.135 habitantes (Censo de 2000)⁶. O Centro de San Diego por sua vez abrange 586,81 ha e sua população estimada na área central é de 26.150 habitantes⁷.

Apesar das várias semelhanças físicas, devem ser ressaltadas as diferenças contextuais e as dicotomias culturais, sociais e econômicas entre as duas cidades. Enquanto o Rio – segundo maior município do Brasil com quase 6.000.000 de habitantes⁸ – localiza-se num contexto de terceiro mundo, com enormes problemas sociais e econômicos, San Diego – oitava maior cidade de um dos países mais ricos do mundo com 1.250.000 habitantes – está localizada na rica costa oeste americana, região que detém um dos maiores índices de custo de vida dos Estados Unidos.

Os processos de revitalização urbana das áreas centrais de ambas as cidades iniciaram-se em fins dos anos 1970, início dos 1980, quando as críticas ao ideário modernista se

⁴ Os desmontes ocorreram apenas no Rio de Janeiro para abrir espaço de ocupação nas áreas centrais.

⁵ No Rio a Ponte Rio-Niterói interliga as cidades que a designam e a Coronado Bridge interliga San Diego à municipalidade vizinha de Coronado.

⁶ Fonte portal Geo-Rio da Prefeitura do Rio de Janeiro - www.portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas

⁷ Fonte: 2006 Downtown Community Plan – Disponível em <http://www.ccdc.com/index.cfm/fuseaction/planning.community_plan >

⁸ Segundo o Armazém de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro, precisamente 5857904 habitantes contados no Censo de 2000, acessado em setembro de 2007 - www.armazemdedados.rio.rj.gov.br

tornaram contundentes⁹. Buscava-se, na época, o resgate da cidade tradicional e seus elementos básicos: a rua, a praça, o quarteirão, o espaço público, e mais do que tudo, a recuperação do sentido de comunidade e de identidade dos lugares, perdidos com o advento do modernismo.

Nos últimos anos houve grande avanço no desenvolvimento tecnológico mundial e nos processos de globalização. Hoje, percebemos que sob a forte influência da grande rede virtual tecnológica e dos objetos técnicos representados pela televisão, pelo telefone e pelo computador, as cidades, seus lugares e nosso modo de atuação no mundo vêm se transformando e se adequando a esta nova realidade global. Irá o espaço virtual substituir o lugar real das interações e das trocas sociais e comunitárias?

Esta é uma questão um tanto abrangente e que não será aprofundada neste estudo, mas que não pode deixar de ser mencionada no sentido de que iremos trabalhar com a construção do lugar da experiência e da interação, e de que forma eles se tornam imprescindíveis para a qualidade da vida urbana no século XXI.

Na interação homem-ambiente-objetos – numa analogia à interação recíproca, mútua e indissociável mente-corpo-meio preconizada pela abordagem atuacionista da cognição – o homem ainda cumpre, juntamente com a arquitetura e a paisagem urbana, um papel interativo e coadjuvante do esplendor de um mundo vivo e dinâmico, que é produzido na experiência de viver este ambiente.

OBJETIVOS

Para atender à estas questões, o **objetivo geral** da pesquisa busca ampliar o estudo da qualidade dos lugares enfatizando os aspectos cognitivos do processo de interação homem-ambiente, utilizando como estudos de caso recortes do *Projeto Corredor Cultural*, no Rio de Janeiro, e do Gaslamp Quarter, em San Diego – áreas centrais históricas revitalizadas – e aprofundar a compreensão do lugar aplicando os fundamentos da *Abordagem Experiencial* e os procedimentos da *Observação Incorporada*.

São **objetivos específicos** diretamente relacionados aos estudos de caso:

- Analisar os processos de revitalização em recortes de áreas centrais históricas em três estudos de caso específicos: os recortes da Praça Quinze e do SAARA, do

⁹ Tanto na Europa com Ernest Nathan Rogers, Aldo Rossi, Gregotti, entre outros, como nos Estados Unidos, com Jane Jacobs, Robert Venturi, Kevin Lynch, entre outros.

Projeto Corredor Cultural no Rio de Janeiro e o recorte do Gaslamp Quarter, em San Diego, considerando a experiência e a interação humana nestes processos.

- Analisar os mecanismos e instrumentos de concepção, de planejamento e de implementação utilizados nos estudos de caso do Corredor Cultural e do Gaslamp Quarter.
- Avaliar as interações produzidas no ambiente revitalizado quanto à fruição e apropriação dos usuários e na construção do sentido de lugar.
- Entrelaçar as descobertas e achados após aplicação das técnicas e instrumentos resignificados pela *Abordagem Experiencial* verificando sua validade, aplicabilidade e a contribuição qualitativa da *Observação Incorporada* na análise do ambiente urbano.

HIPÓTESE

Inspirada no trabalho desenvolvido pelo ProLUGAR, formulei a hipótese de que

ao reconhecer a independência do observador e da realidade, a Abordagem Experiencial – que contribui para fazer emergir descobertas e significados da interação dos sujeitos– se configura como uma transformação qualitativa e um refinamento do conjunto de técnicas e instrumentos para a Avaliação do Ambiente Construído.

Com base em Maturana e Varela (1995), Boaventura Santos (1995), Damásio (1996) e Varela et al (2003), consideramos que os seres humanos e o ambiente são sistemas complexos determinados estruturalmente e interagem de maneira recursiva. Não devem ser considerados independentes entre si e um influencia ou outro de maneira recíproca e indissociável.

Conforme Boaventura Santos (1995: 46), “a excessiva parcelização e disciplinização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado” e a crítica aos efeitos negativos dessa conduta para o entendimento do mundo, torna necessário que a ciência assuma seu *caráter auto-biográfico e auto-referenciável*.

A concordância de nosso pensamento com o pressuposto acima, nos leva a buscar uma forma mais compreensiva e incerta de conhecimento – cuja chave seja o entendimento de “um mundo que precisa ser contemplado, em lugar de controlado” (BOAVENTURA SANTOS, 1995) – por meio da incorporação da experiência de observação do lugar em

suas variadas configurações e das interações com aqueles que ali habitam e constroem suas vidas.

O ProLUGAR vem buscando atender para os propósitos das avaliações de desempenho do ambiente construído (RHEINGANTZ, et al, 1998, 2002; ALCANTARA, 2002; ALCANTARA & RHEINGANTZ, 2004, RHEINGANTZ; ALCANTARA, 2006) e para a conduta dos pesquisadores, reconhecendo que “nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional ... [e que] ... só a configuração de todas elas é racional” (BOAVENTURA SANTOS, 1995); e que a ciência moderna é *uma* das formas de explicar a realidade, a exemplo da arte ou da poesia, e que não existe qualquer razão científica para considerá-la melhor que as explicações alternativas (BOAVENTURA SANTOS, 1995).

Maturana (2001:148) afirma que “as alegações de objetividade e universalidade na ciência são afirmações morais, e não ontológicas”.

“Se a Ciência possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade, a Pesquisa parece apresentar todas as características opostas: ela é incerta, aberta, às voltas com problemas insignificantes como dinheiro, instrumentos e *know-how*, incapaz de distinguir até agora o quente do frio, o subjetivo do objetivo, o humano do não-humano” (LATOURE, 2001: 33).

A *Abordagem Experiencial* surgiu da inquietação e das limitações com relação aos procedimentos e atitudes nas relações homem-ambiente - cuja tradição é de uma atuação racionalista, neutra, isenta e distanciada (LATOURE, 2001) em relação aos seus objetos de estudo. As ciências da cognição em sua tradição *behaviorista* assumem o mundo como uma representação externa e independente do homem e, em geral, não atentam para a experiência humana, o cotidiano, o senso comum, na busca por regras objetivas de funcionamento, acreditando que assim poderá ser determinada a universalidade e a cientificidade do sujeito e do objeto.

Varela et al (2003) questionam esta visão limitada das ciências cognitivas e propõem uma nova abordagem: a *ciência cognitiva da atuação*, considerando a **cognição como ação incorporada e indissociável entre homem e meio**, negando que o mundo é independente das capacidades perceptivas e cognitivas do homem e que o sistema cognitivo independe desse mundo.

O ProLUGAR – em sua busca por sistematizar e consolidar o *programa atuacionista* – adotou a designação **Abordagem Experiencial**, para caracterizar as interações homem-ambiente nos trabalhos de avaliação de desempenho do ambiente construído – passou a utilizar seu desdobramento prático, a **Observação Incorporada**, e a agregar a experiência humana aos instrumentos e métodos tradicionais utilizados nos estudos do ambiente. Ao assumir esta postura menos distanciada e neutra na pesquisa, passamos a

lidar conscientemente com a subjetividade das emoções e reações vivenciadas por observadores e usuários. A inclusão consciente e atenta das emoções e sensações já requalificam (porque podem alterar) a leitura do ambiente, de modo a produzir avaliações mais significantes e abrangentes.

Assim, este trabalho relata a aplicação da *Observação Incorporada* na avaliação do lugar em áreas centrais históricas detentoras das complexidades, ambigüidades, dicotomias, diversidades e subjetividades inerentes à cidade. Este caminho não pretende negar a importância e a utilidade dos instrumentos tradicionais de avaliação do lugar, buscando conferir novo significado, mais rico e abrangente, além de integrar a bagagem sócio-histórica do observador. Seu ineditismo pode ser reconhecido por sua condição de primeira aplicação prática ao ambiente urbano.

Outra contribuição inédita deste trabalho que deve ser enfatizada é o refinamento e a densificação dos conceitos e teorias que vêm sendo desenvolvidos pelo Grupo ProLUGAR, bem como a resignificação dos atributos de análise do ambiente urbano – ou seja, a releitura e o enriquecimento dos instrumentos tradicionais na avaliação da qualidade do lugar – por meio da *Abordagem Experiencial*.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para dar conta dos objetivos propostos e na busca da confirmação da hipótese inicial, a Tese foi dividida em seis capítulos. Sua organização não tem como fim estabelecer uma estrutura rígida, considerando-se a idéia de entrelaçamento dos conceitos e fundamentos com os materiais e métodos estabelecidos na proposta metodológica. Mesmo nos capítulos que tratam dos estudos de caso, sua leitura não delimita um recorte temporal seqüencial ou cronológico, em função de que o processo de aprendizagem na prática – ou a reflexão-na-ação (SCHÖN, 2000) – não sistematizado, gerou avanços e retrocessos durante sua evolução. A própria experiência levada a cabo em San Diego, demandou uma interrupção do trabalho já iniciado no Rio de Janeiro e sua retomada posterior. Finalmente, o entrelaçamento das descobertas configuram um capítulo à parte, na tentativa de dar conta da explicitação e validação da metodologia proposta.

O **Capítulo 1 – Fundamentação Teórica** – apresenta a revisão bibliográfica, bem como o estado da arte e a leitura crítica dos conceitos de: *cognição*, a partir da proposta atuacionista e do processo evolutivo das ciências cognitivas que fundamentam a abordagem experiencial; de *espaço público*, no sentido de lugar de interação e identificação do habitante com a cidade, cujo entendimento está intrinsecamente relacionado com a *cognição*; de *revitalização histórica* e *fatores culturais*, dado que

nossos recortes passaram por processos de requalificação urbana com a premissa da preservação histórica e cultural; de *construção do sentido de lugar*, cujo viés é o lugar fenomenológico ou antropológico, do significado e da experiência humana.

O **Capítulo 2 – Abordagem Experiencial** – apresenta os fundamentos que caracterizam as interações do homem no ambiente em sua experiência de viver – adotada e sistematizada pelo Grupo ProLUGAR com base na *proposta atuacionista da cognição*. Propõe a transformação da postura ou atitude do observador, de abstrata e desincorporada, para uma atitude de observação aberta e atenta do ambiente urbano – a Observação Incorporada. O capítulo aprofunda ainda o entendimento dos conceitos de *entrelaçamento estrutural* e de *empatia*, relacionados intrinsecamente com a abordagem experiencial. A ênfase é definida na incorporação da experiência ao conhecimento¹⁰, ou seja, pressupõe que a experiência humana em todos os seus aspectos sensoriais, perceptivos, cognitivos e emocionais são parte indissociável da atuação no mundo. Observar a ação do homem no ambiente, incorporar empaticamente sua experiência e relatar esta experiência será parte do processo de compreender, analisar e avaliar o ambiente, de forma a abarcar o máximo possível de sua totalidade. Este configura um capítulo cuja leitura é relevante e fundamental, pois inclui a nova abordagem para a avaliação da qualidade do lugar. Representa a maior contribuição desta tese, cuja hipótese está fundamentada na abordagem experiencial.

O **Capítulo 3 – Estratégia Metodológica** – relaciona os materiais e métodos utilizados dos estudos de caso – o centro histórico do Rio de Janeiro – em recortes da área abrangida pelo Projeto Corredor Cultural – e o centro histórico de San Diego – no distrito do Gaslamp Quarter. Apresenta e sistematiza o instrumental e os procedimentos revistos e re-significados com base na abordagem experiencial e permeados pela *Observação Incorporada* – a atitude de pesquisa proposta na estratégia metodológica que permeia todas as fases da pesquisa.

Os **Capítulos 4 – Caso do Corredor Cultural** e **5 – Caso do Gaslamp Quarter em San Diego** – apresentam os estudos de caso dos recortes selecionados nas duas cidades: Praça Quinze e SAARA, no Rio, e Gaslamp Quarter, em San Diego. A leitura dos lugares urbanos se efetiva, inicialmente, de forma abrangente visando a definição regional e a perspectiva contextual, histórica e fisiográfica de ambas. Posteriormente, o olhar pontual se volta para os recortes representativos e significantes de cada centro urbano, definidos por meio da observação incorporada e da deriva; enfatiza os aspectos cognitivos e a

¹⁰ A palavra 'conhecimento' substitui intencionalmente o termo 'ciência' com base no entendimento de que a arquitetura não é uma ciência, mas sim é uma forma de conhecimento – muito mais abrangente – conforme evidencia a citação anterior de Boaventura Santos.

experiência do pesquisador – cujo olhar integra sua bagagem sócio-histórica, suas sensações e suas emoções. A segunda etapa, de análise dos aspectos espaciais e morfológicos dos recortes, também sofreu a influência da *observação incorporada*, considerando que os elementos arquitetônicos e o tecido da cidade são parte indissociável da experiência no lugar. Finalmente são apresentados os resultados das entrevistas semi-estruturadas aplicadas com base na empatia cognitiva, que visaram apreender, por sua vez, a visão e a experiência do outro em relação ao lugar.

O **Capítulo 6 – Entrelaçando as Descobertas** – entrelaça os resultados e descobertas alcançados ao longo da aplicação e análise dos instrumentos. Como enfatizado anteriormente, a pesquisa não pretende analisar comparativamente as duas cidades, mas os resultados relativos à metodologia de análise empregada. Esta configura a etapa final da pesquisa que objetiva entrelaçar os resultados das análises de modo a validar a estratégia metodológica proposta fundamentada na *Abordagem Experiencial*. Apresenta ainda a avaliação crítica da metodologia proposta e aplicada nos estudos de caso e formula, com base nas análises levadas a cabo, alguns desdobramentos futuros.

Nas **Considerações Finais** são retomados os objetivos geral e específicos e retomados os resultados das aplicações da estratégia metodológica. Neste sentido, os estudos de caso do Corredor Cultural e de San Diego, analisados sob o viés qualitativo da abordagem experiencial por meio da aplicação dos instrumentos re-significados e permeados pela Observação Incorporada, foram os suportes físico-sociais que tornaram possível a confirmação da hipótese formulada na Introdução.

Considero que a *Abordagem Experiencial* – que pressupõe a reciprocidade e a indissociabilidade homem-ambiente – contribuiu qualitativa e significativamente para fazer emergir as descobertas e significados da interação entre observadores, usuários e os lugares históricos e para ampliar o olhar e a compreensão sobre os lugares pesquisados, a partir da re-significação e refinamento do instrumental analítico da pesquisa. A disseminação nos meios acadêmico e profissional desta abordagem proposta pelo ProLUGAR, torna-se assim essencial para para uma avaliação mais rica e mais significativa do ambiente construído, ao agregar valores sociais e culturais da experiência humana, aspectos que não devem ser subestimados no discurso acadêmico.

A seguir, apresentamos o Mapa Conceitual¹¹ que melhor ilustra a estruturação e entrelaçamento dos conceitos, fundamentos e instrumental metodológico utilizado.

¹¹ Os mapas conceituais são ferramentas das Ciências Cognitivas cuja utilização envolve a técnica de representar o conhecimento na forma de uma rede de conceitos, constituída de nós e conexões, onde os nós representam os conceitos e as ligações, as relações entre eles (AMORETTI, 2002).

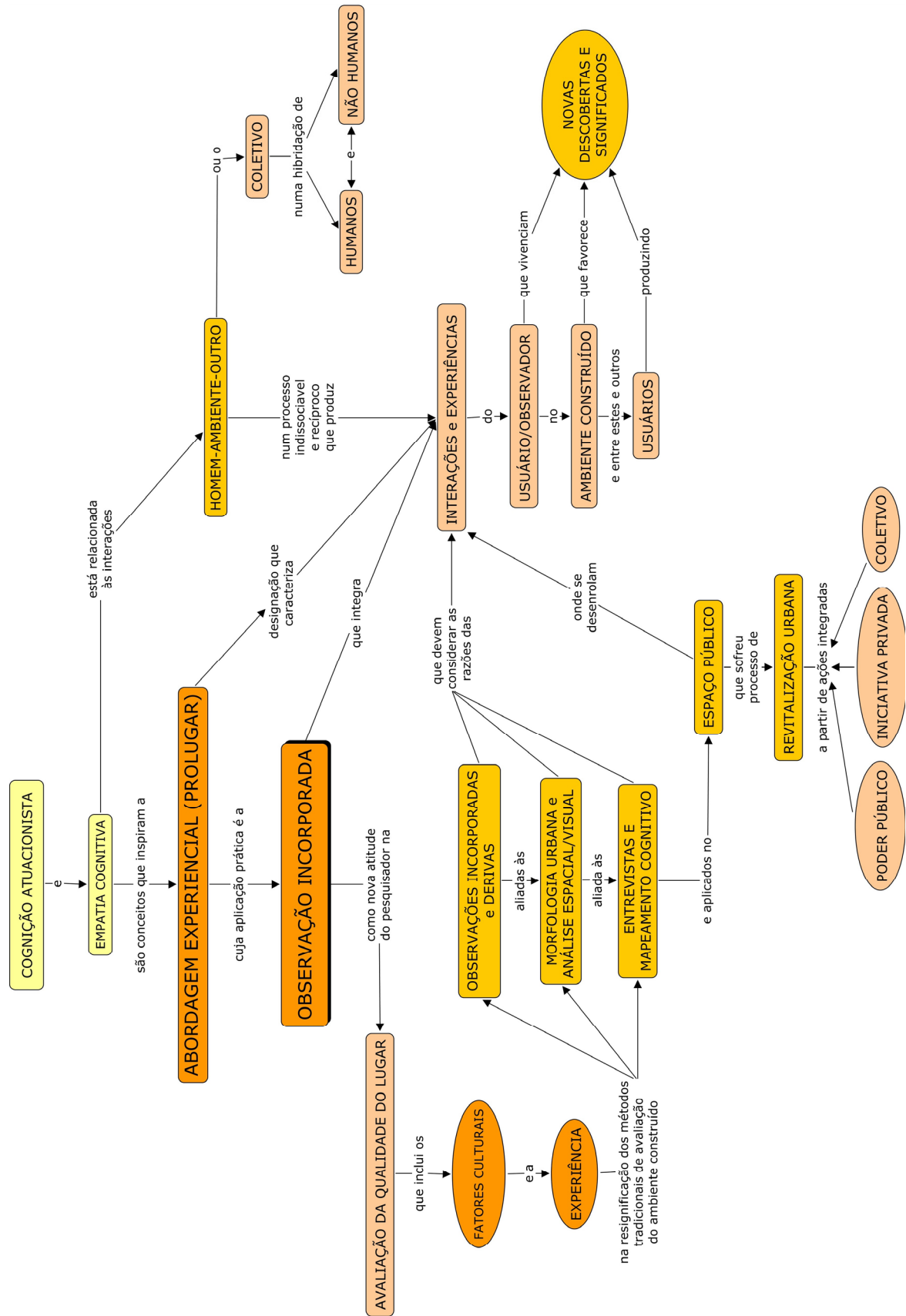


Figura 1

Mapa Conceitual da estrutura da tese demonstrando o entrelaçamento dos conceitos e fundamentos aplicados na pesquisa (construído pela autora com o aplicativo Cmaps Tools IHMC Concept Map)

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

"É exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época." Félix Guattari (2004: 55)

Entrelaçar conceitos advindos de disciplinas distintas, formando uma rede de produção de conhecimento atual e atuante, é a premissa deste capítulo que trata da revisão bibliográfica dos fundamentos desta pesquisa sobre qualidade do ambiente urbano.

De modo a lançarmos um novo olhar sobre o ambiente urbano, nos apropriamos de conceitos interdisciplinares provenientes das ciências cognitivas, da antropologia social, da psicologia ambiental e da filosofia. Este novo olhar, incorporado e subordinado à experiência vivenciada, evidencia a necessidade de incluirmos em nossas avaliações, as emoções e impressões que o lugar provoca nas pessoas, inclusive nos observadores.

Consideramos que a cidade, em seu constante processo de crescimento, desenvolvimento e evolução – como um organismo vivo, com seu incessante fluxo de matéria, sintetizando e dissolvendo estruturas e eliminando produtos residuais (CAPRA, 2000: 134) – configura um sistema híbrido¹, ou um sistema coletivo² que integra – ou **entrelaça** – os objetos arquitetônicos, os espaços residuais que configuram o tecido urbano e a cognição humana.

Considerando o conceito de *cognição* o fio condutor da *Abordagem Experiencial*, a primeira seção do capítulo recupera a contribuição das ciências cognitivas e seu papel, como parte ativa e receptiva deste sistema híbrido, complexo, diversificado que configura a cidade. A cognição não se dá apenas por meio da linguagem e do pensamento abstrato, pois "as decisões humanas nunca são completamente racionais, estando sempre coloridas por emoções, e o pensamento humano está sempre encaixado nas sensações e nos processos corporais que contribuem para o pleno espectro da cognição" (CAPRA, 2000: 216).

Tomamos como base os pensamentos de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), sobre a impossibilidade de separação do mundo daquele que o percebe; de Bruno Latour (2001) e Rosa Pedro (2003), relativo à indissociabilidade entre a ação e a

¹ Cf. Pedro (1996: 120), "definição do pensamento a partir de processos que se passam não mais entre *natureza* e *cultura*, mas entre natureza, cultura e artifício".

² Cf. Latour (2001: 346), "ao contrário de sociedade, que é um artefato imposto pelo acordo modernista, esse termo se refere às associações de humanos e não-humanos. Se a divisão entre natureza e sociedade torna invisível o processo político pelo qual o cosmo é coletado num todo habitável, a palavra 'coletivo' torna esse processo crucial"

produção do conhecimento, de Boaventura SANTOS (1995), de que a ciência moderna, racional e objetiva, é apenas uma das muitas formas de explicação da realidade, não devendo ser considerada melhor que qualquer outra; e de Antonio Damásio (1996) que reconhece a consciência como produto da capacidade do organismo de perceber suas emoções e do ambiente reagir a elas.

A construção do sentido de *lugar* – o lugar fenomenológico – torna-se necessária para o entendimento do processo de transformação do *espaço urbano* – físico, objetivo, material – em *lugar* da experiência humana cotidiana e com o qual seus usuários se identificam e constroem sua base existencial e cultural.

Neste sentido, os termos *espaço* e *lugar* são aqui utilizados com diferentes propósitos e uma reflexão preliminar é necessária para fazermos a distinção de dois termos que muitas vezes se confundem e são usados como sinônimos. A palavra *espaço* se refere às qualidades físicas do ambiente desvinculadas de suas relações com os homens e seus símbolos, afetos e valores. Já a palavra *lugar*, em seu sentido fenomenológico ligado ao contexto histórico, cultural e social, refere-se ao ambiente experienciado, com os quais os grupos sociais se identificam e definem seus significados.

Apesar de considerarmos a inadequação do termo *espaço*, por se limitar aos aspectos físicos e materiais, o mesmo será utilizado nesta tese quando em traduções e referências a autores da língua inglesa que trabalham o tema *espaço público* (*public space*) de forma corrente.

A definição do conceito de *espaço público*, por sua vez, está diretamente relacionada com a cultura, o contexto social, a vida urbana e as transformações da sociedade no mundo globalizado e tecnológico do século XXI. Michael Sorkin (1992) anuncia o fim do *espaço público* – como um lugar fenomenológico que lhe dá sentido – que vem sendo preterido e substituído pelos pós-modernos e disneyficados *espaços virtuais* de simulação e celebração.

Neste sentido, nos alinhamos ao pensamento de Lawrence Herzog (2006), que acredita que o *espaço público* é uma experiência a ser vivenciada para que se possa apreender o sentido do lugar. Sua forma, não apenas a material, física ou arquitetônica, mas a determinada e criada sob um contexto histórico e cultural deve ser defendida contra os interesses privados e contra sua transformação em simulacros.

Na mesma linha de pensamento, Carr et al (1992) consideram que o *espaços públicos* devem ser responsivos – que proporcionem conforto, relaxamento e descoberta -, democráticos – que possibilitem liberdade de ação, apropriação e o engajamento ativo

e passivo – e significantes – que permitam às pessoas criarem laços entre o lugar, sua vida pessoal e o mundo.

Da Antropologia Social, tentamos extrair uma das muitas definições do “fundamentalmente contestado... empregado de formas múltiplas e irremediavelmente impreciso” (GEERTZ, 2001: 22) conceito de cultura, de modo a torná-lo prático para utilização em nosso recorte conceitual. Consideramos assim a interpretação etnográfica de cultura proposta por Rheingantz, del Rio e Duarte (2002), na qual a arquitetura é um fechamento cultural que não se restringe, apenas, a ser um fechamento físico e se refere ao ambiente experienciado, que inclui seus símbolos, afetos e valores. Nos interessam ainda as transformações do conceito de cultura na pós-modernidade, especialmente relativas à *indústria cultural* como instrumento de revitalização urbana (VAZ, JACQUES, 2003; JEUDY, JACQUES, 2006).

Na pesquisa sobre a experiência humana em lugares urbanos revitalizados, a dimensão cultural torna-se parte integrante e indissociável do conceito de *revitalização urbana*, revisto com base em Boyer (1992), Vaz (2004), Yázigi (2006) e Herzog (2006). Sua definição é dada a partir das distinções com outras designações relativas às intervenções ambientais nos tecidos urbanos existentes – tais como *regeneração*, *renovação*, *requalificação*, *reabilitação* – considerando os processos levados a cabo nas duas cidades foco da pesquisa.

Reconhecendo a complexidade e a extensão de cada um dos conceitos apresentados neste capítulo, passamos ao aprofundamento dos mesmos, ainda assim relativizando-os, assumindo sua interpretação direcionada aos objetivos desta tese, e, de forma alguma, intencionando esgotar aqui todas as possibilidades de definições de cada um deles.

1.1 CONTRIBUIÇÃO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS

“O organismo e o ambiente não são na realidade determinados separadamente. O ambiente não é uma estrutura imposta aos seres vivos de fora, mas é na verdade uma criação desses seres. O ambiente não é um processo autônomo, mas um reflexo da biologia da espécie. Assim como não há organismo sem ambiente, não há ambiente sem organismo” (LEWONTIN apud VARELA et al, 2003: 203).

Os símbolos, as regras e a razão, bem como a investigação das formas de como estes elementos são combinados, transformados ou contrastados entre si, podem configurar um nível necessário para explicar a variedade do comportamento da ação e do pensamento humano. Entretanto, como veremos mais adiante, tal investigação não é suficiente para a compreensão das razões do comportamento e pensamento humanos em suas interações entre o meio e entre os outros.

A subjetividade do mundo não é dada de antemão; ela é um efeito desta produção, considerando que o mundo é produzido cotidianamente por meio de nossas ações e de nossas experiências. Não nos caberia pensar em um sujeito que é *pré-concebido*, mas em um sujeito que é *produzido*. Podemos pensar ainda em alguma coisa que se produz na relação com os objetos e com o mundo (DELEUZE, GUATTARI, 1995). Neste sentido, as novas tecnologias cognitivas e comunicacionais pressupõe sujeito e mundo a partir de processos de *hibridação*³, abrindo o debate que parece traduzir, em termos contemporâneos, a questão moderna: a definição do pensamento a partir de processos que se passam não mais apenas entre natureza e cultura, mas entre natureza, cultura e artifício (PEDRO, 1996).

"Decorre daí,... , a retomada diferencial do procedimento de purificação devida à proliferação de híbridos, onde a entrada em cena do artifício – que se pode opor tanto à natureza quanto à cultura – gera a necessidade de um novo lugar para o humano". (PEDRO, 1996:120-121).

Na separação cartesiana e tradicional das ciências cognitivas, a razão é colocada em oposição às emoções e também os sentimentos têm estado ausentes de qualquer concepção geral da mente, sendo mesmo prejudicial a ela (PEDRO, 1996). Este dualismo cartesiano e o mecanicismo formulados por Descartes, que separa a mente, do cérebro e do corpo, é contestado por Damásio (1996) que, a partir de estudos sistemáticos de casos clínicos e da neuropsicologia experimental, propõe que as emoções são parte indispensável de nossa racionalidade.

Emoção, conforme Damasio, se refere a perturbações no corpo. Já *sensação* se refere à experiência destas perturbações em conexão com o que as incitou, ou à experiências de um estado corporal entre mudanças episódicas de emoção. As sensações são corporais, freqüentemente viscerais, e servem para marcar situações afetivamente em relação a si próprio.

Uma sensação depende da justaposição de uma imagem do corpo em relação a algo mais, com a imagem visual de um rosto ou a imagem audível de uma melodia (DAMÁSIO, 1996: 145). O afeto, por sua vez, opera antes mesmo de se tornar consciente e emerge nas sensações corpóreas, nas emoções e nos humores. Torna o corpo vivido integral enquanto se liga ao de outro pela empatia. O *afeto* configura a ponte primordial entre o ser e o outro e torna-se assim essencial na deliberação interpessoal e na tomada de decisão.

³ Cf. Rheingantz e Alcantara (2007) por "hibridação" entendemos o conjunto de práticas responsáveis pela criação de misturas entre gêneros, híbridos de natureza e sociedade; o termo se contrapõe à "purificação", que condiciona a evolução da ciência à eliminação de todas as influências 'externas', especialmente a subjetividade humana.

Para um entendimento aprofundado do *programa atuacionista*, que irá inspirar a *abordagem experiencial* a ser apresentado no próximo capítulo, torna-se recomendável o conhecimento da evolução dos estudos da mente. Assim, apresentamos um resumo de seus principais estágios evolutivos até a proposição do programa atuacionista da cognição por Varela et al (2003).

1.1.1 Evolução das ciências da mente

Apesar dos vários estágios das ciências da cognição terem se desenvolvido em diferentes momentos e de forma seqüencial, permanecem co-existindo na pesquisa contemporânea. Com base na classificação derivada de Pedro (1996), de Varela et al. (2003) e de Thompson (1999), são revistas as fases *cibernética*, do *cognitivismo*, do *conexionismo* – ou *emergência* – e finalmente, introduzida a *abordagem atuacionista da cognição*.

O surgimento do computador gera uma transição do moderno ao contemporâneo nos estudos de cognição. Seu pressuposto central é a representação – ou seja, a separação entre mente e razão e entre corpo e emoção, numa fase em que a herança moderna é dominante.

O campo das Ciências da Cognição surge em fins dos anos 1950 a partir da chamada revolução cognitiva, movimento interdisciplinar que envolve a psicologia cognitiva, a lingüística, as neurociências, a epistemologia, a inteligência artificial e a antropologia. Daniel Andler considera que as ciências cognitivas “visam descrever, explicar e simular as principais disposições e capacidades do espírito humano – linguagem, pensamento, percepção etc. ... [e, também, que] ... a expressão *ciências da cognição* remete ao estudo interdisciplinar da aquisição e utilização do conhecimento” (apud PEDRO, 1996:46).

O *Modelo Cibernético* – fase inicial das Ciências da Cognição – surge ao final dos anos 1940, com o pós-guerra. Esta é a primeira tentativa de criação de uma ciência da mente, relacionada ao *behaviorismo*, na qual “o cérebro e a mente são uma e a mesma máquina... a Cibernética torna-se o lugar da concepção de modelos artificiais do cérebro e do raciocínio humano” (PEDRO, 1996: 53). É marcada pelo interesse em discutir se as máquinas seriam capazes de pensar, de aprender, de ter consciência, bem como se seriam capazes de modificar sua capacidade cognitiva.

O *Cognitivismo* surge na década de 1950 como uma forma de revolução contra a psicologia behaviorista e dominou o campo da cognição durante 20 anos. Este é o

modelo da mente computacional, e tem, como hipótese central, o cérebro como um computador, um sistema físico de símbolos, no qual processos mentais ocorrem pela manipulação de representações simbólicas. Sua principal doutrina é a simulação do comportamento simbólico humano por comportamentos inteligentes computacionais – a Inteligência Artificial. Sua vertente mais extrema, o *cognitívismo funcionalista*, sustenta que a *incorporação* mente-consciência é essencialmente irrelevante na natureza da mente. Assim, ambas são consideradas desconectadas entre si e os processos mentais – computações numa linguagem interna simbólica no cérebro – ocorrem de modo inteiramente inconsciente. Esta é a fase do *materialismo minimalista*: todo processo mental é uma *função* que se realiza através de um dispositivo material" (PEDRO, 1996: 69).

O *Modelo Conexionista* ou *Emergência* surge nos anos 1970, como um desafio ao cognitívismo e tem como ferramenta principal a auto-organização da rede neural – não mais símbolos no sentido tradicional da computação, mas sistemas dinâmicos não lineares, nos quais ocorrem os processos mentais através da emergência de padrões globais de atividades. É marcado pela *intencionalidade* – "traço característico do mundo mental... O símbolo, isoladamente, não é mais suficiente para explicar o fenômeno cognitivo, já que não possui, em si e desde sempre, o conteúdo que dá sentido às coisas" (PEDRO, 1996:76). O modelo enfatizou o reconhecimento do padrão perceptivo como o paradigma da inteligência em contraste com a lógica dedutiva enfatizada pelo cognitívismo (THOMPSON, 1999). Entretanto, a mente ainda continua sendo a região das rotinas inconscientes e sub-pessoais e a experiência humana continua sem lugar neste modelo.

A *Abordagem Atuacionista*, proposta por Varela et al (2003) recupera a consciência como um problema da ciência cognitiva e questiona a relação entre processos cognitivos e o mundo no qual a mente está incorporada e inserida, pondo em questão, também, a idéia de representação mental. Enfatiza que a cognição emerge das interações recíprocas do cérebro, do corpo e do ambiente. Assim, **a mente e o mundo, ao contrário de serem dois domínios independentes ligados pela representação, pertencem a um duo inseparável atuando (*enacting*) mutuamente um sobre o outro.** O inconsciente cognitivo se estende por todas as partes do corpo e percorre o ambiente físico e social no qual o corpo está inserido (THOMPSON, 2006).

Retomando classificações anteriores, na proposição de Gardner (1995) sobre a fase *behaviorista*, a reflexão subjetiva e a introspecção particular – oriunda de cognitivistas pioneiros como Jerome Bruner, Noam Chomsky, Claude Lévi Strauss, John McCarthy, George Miller, Jean Piaget e Herbert Simon que, segundo o autor, não mostravam muito interesse pelo cérebro humano ou pelo sistema nervoso – eram negadas. Para os

behavioristas, uma disciplina somente poderia ser ciência se seus elementos fossem tão observáveis quanto a câmara de névoa do físico ou o frasco do químico. Os interessados em uma ciência do comportamento deveriam concentrar-se, exclusivamente, no comportamento: deveriam ser evitados a todo custo tópicos como 'mente', 'pensamento' ou 'imaginação', e conceitos como planos, desejos ou intenções. De acordo com os *behavioristas*, toda atividade psicológica pode ser adequadamente explicada sem que se recorra às misteriosas entidades mentalistas.

A psicologia comportamental ou behaviorista e sua teoria principal do estímulo-resposta considera a pessoa uma espécie de máquina que pode ser condicionada ou programada. Marinoff (2004: 39) considera que o problema é que grande parte da psicologia moderna – psicologia como ciência – descende do behaviorismo ou é influenciada por ele gerando, conseqüentemente, o empobrecimento da experiência humana.

A tradição behaviorista aliada à visão *purificadora* das influências 'externas' – a subjetividade humana – que condiciona a evolução da ciência à distinção forjada entre a beleza tranqüila e a verdade da ciência e o 'turbilhão mesquinho das experiências mundanas' (PEDRO, 1996) ainda é prevalente nos trabalhos de avaliação de desempenho do ambiente construído. Ela induz a observar os comportamentos dos usuários sem atentar para as razões que os justificam, assim, as descobertas e recomendações se limitam a atender índices, prescrições e recomendações das normas e regulamentos – em que pese, algumas vezes, se confrontarem com a avaliação sensível dos usuários (RHEINGANTZ et al, 1998; RHEINGANTZ, 2004).

A próxima seção será dedicada a um maior aprofundamento da *ciências cognitivas da atuação*, cuja proposta é a incorporação da mente, do corpo e do ambiente na produção do mundo vivido, assim como a integração da experiência e da ação humana à ciência. Esta abordagem favorece a análise do ambiente urbano a partir da experiência humana integrada às sensações, às emoções e aos aspectos subjetivos e introspectivos da interação do homem no ambiente.

1.1.2 Abordagem Atuacionista da Cognição

Proposta por Varela, Thompson e Rosch (VARELA et al, 2003), a *abordagem atuacionista* questiona o pressuposto prevalente nas ciências cognitivas de que a "cognição consiste na representação de um mundo que é independente de nossas capacidades perceptivas e cognitivas por um sistema cognitivo que existe independentemente do mundo" (VARELA et al, 2003: 17). Ao contrário, estes autores propõem que o mundo se

efetiva na conexão e na articulação dos acontecimentos e ocorrências temporal e espacialmente simultâneas, bem como nas possibilidades ativadas em cada situação vivenciada.

A proposta *atuacionista* pressupõe o entrelaçamento das capacidades perceptivas e motoras de nosso corpo e mente e destas com o ambiente, revelando a consciência como um modo de *estar-no-mundo*. Em outras palavras, a consciência não pode ser entendida separadamente do corpo, por meio do qual nós nos engajamos e habitamos o mundo.

A *consciência* – até então ausente da discussão da cognição – emerge como um dos principais desafios das ciências cognitivas. Passa a ser considerada intrinsecamente conectada à mente que não representa internamente um mundo independente externo, mas ao contrário, se entrelaça e **atua** (*enacts*)⁴ em um mundo significativo por meio da ação incorporada (THOMPSON, 2001).

As demais vertentes das ciências cognitivas entendem a representação como um *constructo*: que consiste em construir ou representar o mundo de determinada forma (VARELA et al, 2003), como um padrão ou sistema que age com base em representações internas. Considerado fraco, pois "não necessita de qualquer compromisso epistemológico ou ontológico forte" (VARELA et al, 2003: 145), este sentido da representação não deve ser generalizado na construção de uma teoria consolidada sobre a percepção, a linguagem, a cognição e seu funcionamento.

Na **proposta atuacionista** cai por terra a idéia de que as informações existem já prontas e que são obtidas por um sistema cognitivo que é independente de seu contexto. Esta mudança de postura que ocorre nas ciências cognitivas "reflete a necessidade de compreendermos os sistemas cognitivos não com base nas relações entre informações (*input*) e comportamento (*output*), mas a partir de seu fechamento operacional" (VARELA et al, 2003: 149). Tais sistemas não operam por representação de um mundo independente, mas sim, pela interação intrínseca, recíproca e indissociável entre o sistema cognitivo e o mundo.

De orientação não-objetivista – pois integra aspectos subjetivos do inconsciente cognitivo e da experiência humana ao mundo vivido – a *abordagem atuacionista* considera o conhecimento como resultado de uma interpretação contínua que emerge de nossas capacidades de compreensão. Essas capacidades estão enraizadas nas estruturas de

⁴ Com base nesta assertiva, optamos pelo uso do termo *atuação* e seus derivados, em vez de *enacção*, apesar de ambos os termos serem válidos.

nossa incorporação biológica, mas são vividas e experienciadas em um domínio de ação consensual e de história cultural. Elas nos possibilitam compreender nosso mundo. Em uma linguagem mais fenomenológica, elas são as estruturas por meio das quais existimos, no sentido de *termos um mundo* (VARELA et al, 2003).

Esta abordagem mais abrangente da cognição recupera:

- o *sensu comum* – "ou seja, saber como negociar nosso caminho em um mundo que não é fixo e predeterminado, mas que é continuamente moldado pelos tipos de ações nas quais nos engajamos" (VARELA et al, 2003: 153); e
- o *conhecimento de background* – saber como agir com base no acúmulo de experiência, ou seja, com base em nossa bagagem social, histórica e cultural.

Ela também questiona "uma das pressuposições mais enraizadas de nossa herança científica, que é... a de admitir que a noção de que o mundo é independente daquele que conhece" (VARELA et al, 2003: 158), pensamento que se alinha ao de diversos outros autores que trataram do conhecimento, tais como Boaventura SANTOS (1995), Edgar Morin (1996), Prigogine & Stengers (1997) e Fritjof Capra (1985, 1987, 1991).

Para evidenciar sua relação de dependência das experiências derivadas das capacidades sensório-motoras de um corpo, cabe mencionar que os processos de percepção e ação são inseparáveis de um contexto cultural e biológico mais amplo. A **cognição proposta como ação incorporada** (VARELA et al, 2003: 17) conjuga a incorporação da percepção – por meio das capacidades sensório-motoras, por sua vez embutidas num contexto biológico, psicológico e cultural – com a ação perceptivamente orientada, que emerge dos padrões sensório-motores recorrentes da percepção, ou seja, a experiência humana é inseparável da cognição vivida (VARELA et al, 2003: 177).

Na mesma linha de raciocínio, Maturana e Varela (1995) argumentam que o estudo dos fenômenos perceptivos como fenômenos cognitivos corresponde aos momentos de uma história de interações que implica na conservação da correlação estrutural entre organismo e meio. Os autores apontam a impossibilidade de o observador fazer referências a entidades independentes de si ao construir sua explicação sobre o fenômeno observado.

A circularidade gerada pela ação do indivíduo ao criar seu próprio mundo de experiência relacionado ao modo como ele age e ao modo como ele percebe este mundo nos possibilita "conceber o ato cognitivo não mais como simples espelho de uma

realidade objetiva, mas como processo vital que faz emergir continuamente um mundo" (PEDRO, 1996: 140).

"O insight fundamental da abordagem da atuação ... é ver nossas atividades como reflexos de uma estrutura, sem perder de vista nossa experiência direta" (VARELA et al 2003: 29). As ciências cognitivas devem incorporar a experiência por estarem no entrecruzamento das ciências naturais com as ciências humanas. Assim como Janus, devem voltar seu olhar simultaneamente para ambas as vias simultaneamente (Fig. 2): "uma de suas faces está voltada para a natureza e vê os processos cognitivos como comportamento. A outra está voltada para o mundo humano... e vê a cognição como experiência". Considerar apenas um destes dois extremos é desfavorável e ineficaz para "uma sociedade pluralista que deve englobar tanto a ciência quanto a efetividade da experiência humana" (VARELA et al, 2003: 30-31).

A abordagem atuacionista oferece o suporte teórico para a reflexão sobre o processo que envolve ambientes complexos e mutáveis – como as cidades – e atores diferenciados – seus habitantes e usuários – *atuando* num exercício concreto, localizado, enraizado, do cotidiano. A partir desse exercício vamos nos produzindo e, conseqüentemente, produzindo nosso mundo (VARELA et al, 2003).



Figura 2

Moeda representando o mito Janus com suas duas faces antagônicas (Fonte: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_14)

Esta pesquisa busca no suporte físico da cidade, mais especificamente, lugares públicos, centrais, históricos e revitalizados, o seu objeto de estudo, visando compreender como ocorrem as experiências e interações humanas e sócio-culturais nestes ambientes. Torna-se necessária, assim, a revisão conceitual dos termos *espaço público* e *fatores culturais e revitalização histórica*, temas abordados nas próximas duas seções.

1.2 ESPAÇO PÚBLICO URBANO

“O espaço público deve ser visto em seu contexto histórico: como parte de um segmento distinto (lugar) dentro de um tecido urbano maior. Espaços públicos não são meramente ilhas de usos do solo que flutuam livremente destacadas da paisagem urbana. Eles existem em um contexto, e é este contexto – a história de uma fatia particular da cidade – que dá ao espaço público seu significado.” ⁵(HERZOG, 2006: 83)

“Qualquer que seja sua significância, o que mais fascina na vida das ruas são as interações que acontecem entre as pessoas nestes lugares.” ⁶(WHYTE, 1988:2)

Desde as primeiras civilizações e aglomerações urbanas, o homem buscou na organização e na configuração de seus edifícios determinar ambientes dotados de uma centralidade em relação às edificações e ao contexto existentes. Quase todas as culturas, em menor ou maior grau, criaram ambientes que visavam a interação e a agregação social, seja por questões de mercado ou pela busca de afirmação social.

A ágora da Grécia Antiga talvez seja o mais representativo deste tipo de contexto planejado com a função de palco de interação. Se, socialmente, a cidade é um lugar muito complexo, comparativamente é também muito simples em sua configuração física, pois para a função de centro deve haver ruas, edifícios e lugares de interação. “Em termos essenciais, tem apenas um pouco mais do que a ágora na Grécia Antiga” (WHYTE, 1988: 338). Inicialmente não havia separação entre centro cívico e mercado – ambos funcionavam juntos – e era um lugar sociável, diversificado, com mistura de usos e funções e centralizado: aspectos que são similares aos que consideramos os melhores centros urbanos da nossa era (WHYTE, 1988).

Os ambientes públicos da antiguidade possuíam uma forte simbologia e definiam a noção de centralidade: a ágora representava a democracia, enquanto o Fórum Romano representava o poder. O centro geográfico das principais vias (cardo e decumanus) simbolizava o eixo do poder e concentrava os principais edifícios e instituições públicas. No renascimento, as *plazas* configuravam os espaços públicos que representavam o poder real e, também, os valores materiais da burguesia, ao mesmo tempo que possibilitavam as trocas e intercâmbios comerciais entre as diversas classes sociais.

A história recente nos mostra que os espaços públicos – cujas funções sempre foram basicamente dar suporte às necessidades das comunidades e à sua cultura, bem como simbolizá-las – mudam conforme mudam a sociedade ou o contexto social. O equilíbrio

⁵ Tradução da autora

⁶ *idem*

entre o público e o privado⁷, influenciado pelo intercâmbio cultural, pela tecnologia, pelas mudanças nos sistemas políticos e econômicos e também pela dimensão temporal, ao longo dos anos vêm se alterando significativamente. O crescimento das cidades, a privatização da vida, a suburbanização crescente, especialmente nos Estados Unidos vêm reduzindo a vida pública e conseqüentemente os espaços de interação e trocas sociais, econômicas, religiosas e culturais (CARR et al, 1992).

Manuel Castells (1999) valoriza o espaço público na sociedade de redes: em sua "cidade dual" o espaço de fluxos – informacional e de produção de fluxos – se sobrepõe ao significado do espaço de lugares – onde a população efetivamente trabalha e vive. Otto Riewoldt (1997), por sua vez, aborda a recuperação do papel básico da arquitetura de prover acomodação – em um ambiente vivo real separado dos mundos insubstanciais do computador – e do necessário retorno às suas funções elementares de proteção e de criação de identidade. Verdadeiramente inteligentes são os espaços que, aliados à tecnologia, proveêm a humanização dos ambientes habitados (RIETWOLDT, 1977).

Milton Santos (1997) considera que a difusão generalizada das técnicas e da informação leva à globalização de todos os lugares, produzindo-se *lugares globais simples* e *lugares globais complexos* – geralmente, as metrópoles. Estas "dispõem dos instrumentos de comando da economia e da sociedade em escala mundial" influenciando como pólos ou como catalisadores de influência (Santos, 1997: 2). Por sua vez, a globalização e a o meio técnico-científico-informacional são condicionados pela realidade concreta das redes hegemônicas globais ou regionais, cujas cidades globais, são os nós que presidem e vigiam as atividades mais características do mundo globalizado. O autor menciona ainda que esse lado moderno e global da realidade das grandes cidades não é sua única característica. São marcadas também por numerosos aspectos históricos e heranças de outras épocas e pela resistência de sua paisagem às transformações impostas ou necessárias. Esses lugares complexos têm assegurada a variedade e multiplicidade, por meio de elementos com diversas origens e idades, possibilitando que sirvam de suporte ou abrigo para as variadas formas de capital, trabalho e cultura.

Por sua vez, Lawrence Herzog (2006) faz menção aos interesses globais corporativos que vêm homogeneizando e padronizando os produtos de consumo, como uma tendência que vêm afetando também os espaços de consumo e fruição. Cadeias de hotéis, restaurantes e fast-food e lojas de departamentos podem ser vistas em todas as partes do mundo com seus signos estéreis e descontextualizados. Este fenômeno se reproduz na

⁷ A definição de público e privado aqui refere-se à minha visão urbanística e arquitetônica dos espaços destinados à fruição, apropriação e abertos a todos indistintamente e ao espaço privatizado das corporações, dos condomínios, dos acessos controlados, dos usos vigiados.

paisagem dos lugares públicos: (a) nos *shoppings centers* homogeneizados, enclausurados e “protegidos” do ambiente urbano lindeiro; (b) nas feiras livres ‘simuladas’ em ruas de pedestres; (c) nos espaços interiores de átrios de hotéis e galerias com enormes coberturas de vidro que permitem a entrada de luz natural, mas são climatizados artificialmente e são vigiados e controlados constantemente; e (d) nos lugares de entretenimento e fantasia dos parques temáticos (HERZOG, 2006).

Novos tipos de ambientes ajustados para a era das comunicações de alta tecnologia e para a instantaneidade são criados para atrair o capital para as cidades da pós-modernidade, numa busca por lugares de celebração e espetáculo (HARVEY, 1993; FEATHERSTONE, 1997). Busca-se o entretenimento e a diversão pela imagem e pelo estímulo fácil e consumível presentes nestes espaços que copiam somente o que é positivo da realidade. Os problemas reais dão lugar à fantasia e a realidade se torna apenas o alimento para a ficção e a utopia. É necessário, entretanto, fazer a distinção destes espaços voltados ao consumo, à segurança e ao lucro, dos lugares públicos tradicionais.

Devido à carência de relação entre estes dois tipos de ambiente – real e simulado ou virtual – e, conseqüentemente, de sua falta de individualidade e significado – a tensão global-local é resolvida pela reafirmação das identidades comunitárias primárias baseadas na auto-definição de etnicidade, de gênero e de cultura. Neste sentido, devemos buscar o entendimento destes aspectos se desejamos melhor compreender a cidade, pois

“...há uma conexão entre a forma original do espaço público – a plaza ou a àgora – e o contexto ou lugar que a cerca. Esta conexão plaza-lugar está profundamente enraizada na conexão entre plaza e cultura, já que as tradições do espaço público se mantiveram localmente, especialmente antes da revolução industrial... O espaço público, tão fortemente ligado ao seu contexto, deve ser entendido por meio da investigação de sua evolução e suas conexões às vizinhanças circundantes”⁸(HERZOG, 2006:31)

Neste sentido, alinhado ao pensamento de Riewoldt (1997), um processo inverso em diferentes partes do mundo cultua o resgate e a preservação dos lugares públicos tradicionais, que deveriam ser centrais no planejamento urbano em face da fragmentação provocada pela influência modernista do século XX (HERZOG, 2006).

Na discussão sobre espaço público deve-se incluir a vida pública e as atividades que nele ocorrem e que tradicionalmente combinam algumas características específicas. O espaço público deve ser: direcionado a algum objetivo comum; aberto e acessível a todos para observação e/ou engajamento; dividido por um grupo diversificado de

⁸ Tradução da autora

pessoas, o que demanda tolerância aos diferentes interesses e comportamentos; caracterizado pela tradição, coerência, continuidade comuns, as quais transcendem o tempo de vida de um indivíduo; espaço comum para a interação, interlocução e comunicação sociais; palco para aprendizado social, desenvolvimento pessoal e troca de informações (LOUKAITOU-SIDERIS, BANNERJEE, 1998).

Podemos incluir algumas características mais voltadas aos aspectos econômicos, políticos e religiosos, pois tradicionalmente os espaços públicos têm sido usados como palco para atividades econômicas, sejam elas formais ou informais, temporárias ou permanentes – feiras, mercados, festivais, camelódromos – e ainda configuram cenários para eventos cívicos, políticos e religiosos – manifestações e protestos, demonstração de poder por um determinado governo, procissões, entre outras manifestações culturais.

Setha Low (2000) sugere que a ordenação do ambiente físico no nível urbano reflete as estruturas de poder às quais a comunidade está subordinada, mesmo que esta possa contestar sua subordinação através da ação política local e do uso do espaço. A autora afirma que “na escala da cidade, ..., qualquer forma espacial, monumento contemporâneo, ou plano, é um produto gerado pelo conflito de forças sócio-políticas e econômicas, que estão implicadas na raiz de todas as sensibilidades estéticas”. (LOW, 2000: 49-50). Ou seja, as definições físicas e funcionais de um determinado espaço público passam necessariamente pelo diálogo político e social. Segundo Low (2000), outro aspecto importante do espaço público é enfatizado: sua associação com as formas de protesto. Estas se apresentam em três formas principais: a *manifestação pública* ou a apropriação por grupos marginais e proscritos (que não modificam o espaço); o *protesto latente* (mais simbólico e menos visível) e o *protesto ritual* (festas, paradas, carnavais que alteram, temporariamente, o espaço). O espaço público neste sentido é uma importante arena para o discurso público e expressões de descontentamento. Muitas vezes são modificados e homogeneizados pelas forças sócio-políticas para evitar tais associações, tornando-os, assim, turísticos, estéreis ou amnésicos.

A qualidade pública do espaço oferece ainda um fórum – ou palco – para a atuação de dramas pessoais, sociais e culturais que podem ser observados, registrados e analisados. Pesquisas de observação direta sugerem que as atividades espaciais e temporais, em sua frequência e duração, contam a história da cidade como um lugar social (WHYTE, 1988).

A contrastante distinção cultural entre o espaço urbano “mediterrâneo-latino” e o “anglo-europeu” definidos por Amos Rapoport (1977), implicam em diferentes configurações da forma urbana. No primeiro o espaço da cidade compreende o principal cenário da vida pública e o espaço da habitação é apenas parte do todo. Já

no segundo ocorre o inverso e o espaço do assentamento urbano é apenas um tecido conector e de acesso entre os locais de habitação (HERZOG, 2006).

Se nas cidades europeias e latino-americanas o centro manteve uma importância simbólica e imagética como pólo atrator de atividades e pessoas, a sociedade americana criou uma imagem de anti-urbanismo, uma visão negativa sobre a cidade e a rua. Mensagens e subtextos como “pessoas de rua” e “vendedores de rua” ou a simples possibilidade de encontrar pessoas estranhas na rua denotam perigo e insegurança. Ao contrário, na Europa e na América Latina as ruas são consideradas como “rios de vida na cidade” (HERZOG, 2006). A cultura e o contexto social configuram aspectos essenciais na análise sobre o espaço público urbano.

As áreas centrais nos Estados Unidos têm passado por intensas transformações físicas que encobrem transições mais profundas e ameaçam o propósito público dos centros tradicionais – a civitas. A primazia dos centros como pólos de comércio e empregos perdeu terreno com a atração de novos centros comerciais suburbanos ocasionando a atrofia do domínio público e polarização de áreas privatizadas (LOUKAITOU-SIDERIS, BANERJEE, 1998).

O próspero distrito financeiro e de negócios se contrapõe à velha e negligenciada rua principal (*Main Street*); as plazas exclusivas dos executivos se contrapõem aos parques e praças abandonados e tomados pelos pobres e desabrigados; a crescente força de trabalho ocupa e se apropria das “perigosas” ruas, enquanto os executivos se mantêm em seus redutos nas altas e climatizadas torres de escritórios e em seus carros blindados, com vidros escuros e ar-condicionado. Os crescentes atributos de desenho e a arquitetura fortificada, voltada para a vigilância e para a segurança são consequência destas dicotomias que resultam na exclusão, na segregação e nas desigualdades (LOUKAITOU-SIDERIS, BANERJEE, 1998).

Milton Santos (1979) refere-se à dialética espacial dos circuitos altos e baixos da economia – ou da relação entre as economias formal e informal no espaço urbano, em nível nacional ou regional, cujo reflexo é a competição entre o espaço público e o privado, assim como as dicotomias existentes entre os países desenvolvidos e os sub-desenvolvidos. O dualismo dos espaços públicos e privados em áreas centrais reflete as maiores diferenças e contrastes entre estes dois domínios e pode ser representativo também das dicotomias entre o primeiro e o terceiro mundo.

Como resultado, a vida comunitária, comunal e social nesta visão anti-urbana e hostil da vida pública, vem diminuindo em prol da segurança e do conforto oferecidos por ambientes privatizados como shopping centers e condomínios fechados. Por sua vez,

estes seguem definindo a paisagem urbana não apenas nas cidades americanas, mas como modelo que prolifera nas cidades emergentes do terceiro mundo.

O tema gera inúmeras indagações e reflexões em função das mudanças influenciadas pela globalização, pela era da comunicação de alta velocidade, reforçados pelo individualismo e pela busca de segurança da sociedade contemporânea. Esta situação reflete o pensamento do filósofo Guy Debord (1995), que atribuiu a perda do domínio público pela natureza capitalista da sociedade ocidental, por sua base na propriedade, no individualismo e na busca incessante por propósitos individuais. Entretanto, ainda que as ameaças sejam reais, autores como Riewoldt (1997) e Herzog (2006) acreditam no papel crucial dos espaços públicos urbanos para a manutenção da vitalidade da cidade.

Teóricos, estudiosos, planejadores e acadêmicos cujo trabalho está ligado ao espaço público – ou àquilo que entendo conferir a condição de lugar ao espaço público – buscaram definir, a partir da troca de idéias, o que produz a excelência de um espaço público (LOCKWOOD, 2006). Em Novembro de 2005, em Los Angeles realizou-se uma Mesa Redonda que indicou como pontos-chave: o poder da simplicidade, a relação da escala das ruas e dos edifícios que a configuram, suas conexões com o entorno e os detalhes que ajudam a definir a experiência do lugar. O engajamento da população foi considerado crítico para tornar o lugar vital, assim como a programação, gerenciamento e manutenção de eventos sócio-culturais e atividades esportivas e recreativas. Com relação ao desenho urbano e arquitetônico, os resultados da mesa-redonda sugerem que, na criação de um bom lugar de uso público, devem ser considerados: planejamento adequado, materiais construtivos de qualidade, variedade de usos, flexibilidade e adaptabilidade de usos, segurança e, principalmente, adequação à região, ao clima e à cultura do lugar.

A organização não-governamental *Project for Public Spaces - PPS*⁹, baseada em Nova Iorque e dedicada ao desenvolvimento e manutenção de espaços e à criação de lugares públicos, acrescenta às atividades e usos diferenciados e atrativos, três

⁹ Os conceitos acima foram apresentados por Fred Kent, atual presidente do Project for Public Spaces – organização sem fins lucrativos dedicada a criação de lugares com sentido comunitário - www.pps.org – durante o *workshop* "Shades of Green" realizado no centro de San Diego em 15/08/2006, para a revitalização de duas áreas públicas no Centro da cidade com a participação comunitária. O PPS considera que o sucesso de um lugar público depende de sua ativação e propõe o modelo designado "Poder dos 10", ou seja, deve haver uma triangulação para cada dimensão urbana conectada a dez destinos – uma cidade precisa ter dez destinos que atraiam a população, estes destinos devem conter dez lugares diferenciados para a permanência e fruição, cada lugar deve conter dez atividades diferentes que atendam ao maior número possível de usuários, e assim por diante.

elementos críticos para seu êxito: 1) conforto e imagem; 2) acesso e conexão; e 3) sociabilidade (LOPEZ, 2006).

Os processos de requalificação das cidades que mais sucesso obtiveram, priorizaram a legitimação da vida pública. Cidades como Baltimore, Barcelona, Vancouver e Sydney se distingiram, não apenas a partir do desenho singular e atrativo de edifícios isolados, mas, principalmente, pela qualidade de seus espaços públicos – ruas, praças e lugares de convívio, encontro, interação e fruição social (LOPEZ, 2006).

Herzog (2006) levanta o debate sobre a relevância da dimensão cultural na construção da dimensão pública do ambiente no novo milênio, que consideramos alinhada à nossa própria visão de mundo:

“Como reinventar a vida pública urbana que promova o sentido de comunidade e um sentimento de identidade com o ambiente urbano? Uma dimensão crítica deste dilema não tem recebido a atenção que merece – o papel da cultura.”¹⁰ (HERZOG, 2006:11)

Acreditamos que o espaço público – ambiente urbano aberto a todos indistintamente, acessível, democrático e inerentemente social – permanece sendo o meio propício às interações e trocas entre as pessoas que co-habitam um lugar. Esta idéia de permanência não pretende eliminar as transformações advindas dos movimentos globais ou dos avanços tecnológicos que participam e influenciam o mundo contemporâneo. Mas deve ser pensada e analisada considerando o papel e a experiência – seja atuante ou passiva – do usuário, seus modos de vida, suas demandas e anseios e a cultura do lugar.

A cultura vem sendo usada como instrumento de processos de revitalização urbanas ao longa da história. Torna-se, assim, o tema da próxima seção que direciona a abordagem para a questão dos centros históricos revitalizados, com ênfase na preservação e revitalização históricas e alguns desdobramentos destes processos.

1.3 FATORES CULTURAIS E REVITALIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS

Entendemos que na relação homem-ambiente é necessária a inclusão das emoções, das crenças, dos hábitos, da bagagem sócio-cultural e das impressões que esta relação provoca nas pessoas. Justifica-se a incorporação dos *fatores culturais* como categoria de análise do ambiente construído. Torna-se indispensável que a avaliação considere o contexto urbano e social dos edifícios e ambientes, reconhecendo seus significados, sua estética e seu papel social. A noção de pertencimento ao lugar, o comportamento

¹⁰ Tradução da autora

humano frente às condições ambientais e as posturas corporais são fortemente influenciados pela herança cultural dos habitantes de um determinado lugar.

Conforme Rheingantz, del Rio e Duarte (2002), a arquitetura não é apenas um fechamento físico-social, mas um fechamento cultural. Neste sentido, cultura pode ser entendida como um conjunto de sistemas simbólicos definidores de grupos sócio-culturais que se reconhecem como membros de uma identidade única, que dividem uma mesma visão de mundo, que compreendem e se articulam a partir de lógicas próprias de comportamentos, expectativas e crenças. Conforme a interpretação etnográfica, foi a cultura que moldou biologicamente o Homem e não o inverso.

Geertz (2001) já demonstrou que delimitar a noção de cultura, reduzi-la a um tamanho adequado e compreensível, conferir-lhe uma dimensão menos vasta e mais precisa é um caminho ambicioso que nem os antropólogos lograram alcançar. Para o autor, as tentativas de indexá-la, organizá-la, ou classificá-la numa noção única, que não a de consenso, são descartadas. A heterogeneidade cultural existe numa grande variedade de níveis, pois

“essas ‘culturas’, ou ‘povos’, ou ‘grupos étnicos’, não são um punhado de agregados de semelhanças, distinguidos pelos limites do consenso: são vários modos de implicação numa vida coletiva que ocorre numa dezena de níveis diferentes, numa dezena de escalas diferentes e numa dezena de âmbitos diferentes ao mesmo tempo..., tudo isso além de um imenso número de interseções semelhantes das visões, estilos ou inclinações, constitui as bases em que a complexidade cultural se ordena em pelo menos uma espécie de todo irregular, frouxo e indefinido” (GEERTZ, 2001: 223).

Não temos a pretensão de explorar aqui o amplo e controverso significado do termo cultura em sua total magnitude, pois não teríamos tempo nem espaço no âmbito desta tese para discorrer sobre todas as suas possibilidades. Vaz (2004) sugere uma contextualização simplificada do termo que abrange alguns momentos-chave: seu sentido clássico e mais restrito ligado à obras de arte e à erudição, que prioriza seu caráter artístico ou estético; em um momento de maior abrangência, no viés antropológico, que a entende como um modo de vida de uma sociedade civilizada ou primitiva, urbana ou rural, que, como visto acima, não se pode naturalizar ou simplificar; e, finalmente, a noção mais contemporânea da ‘cultura de massa’ que passa a priorizar “seu caráter mercantilista, mercadológico e econômico” (VAZ, 2004: 665).

Serão exploradas, entretanto, as formas como a cultura têm sido apropriada com relação aos processos de intervenções urbanas em tecidos urbanos existentes. A descoberta e valorização do patrimônio arquitetônico e a conscientização sobre sua importância, mudaram os rumos destes processos a partir dos anos 1960, quando passam a considerar a cultura arquitetônica, o desenho urbano em fragmentos da cidade com o objetivo de requalificar alguns recortes específicos (VAZ, JACQUES, 2003). As dimensões

físico-territoriais deixam de ser os únicos aspectos a restringir as transformações espaciais e passam a envolver considerações de ordem simbólica. A estandardização e a homogeneidade são prevalentes na maioria das cidades globais, assim, a diferenciação através da força da identidade local se torna um trunfo essencial.

“O lugar, sua imagem e sua identidade se tornaram fundamentais... Como a especificidade e a identidade de cada povo se encontram fortemente ancoradas na imagem e na cultura local, é principalmente através da cultura que se supõe que as cidades possam se individualizar, acentuando suas identidades e marcando seu lugar no panorama mundial” (VAZ, JACQUES, 2003: 131-132).

As políticas e projetos urbanos passam a privilegiar a cultura para reforçar, ou mesmo criar, a identidade e a imagem da cidade, num processo de promoção e venda pela atuação empresarial, que acaba por tornar a própria cidade um produto de mercado e de consumo (ARANTES, 2000). Conforme a visão de Arantes, as estratégias político-culturais que se acentuam com a incorporação da cultura ao planejamento, acabam por se tornar fatais, no sentido de sua manipulação como imagens de mercado, do privilégio ao turismo em detrimento da população local e favorecendo a gentrificação das áreas centrais e históricas revitalizadas.

À parte das críticas radicais e contundentes acerca da mercantilização dos processos político-culturais, concordamos com a tese de que “não existe cidade sem cultura e não existe cultura sem cidade” (FREITAG-ROUANET, 2002). O atual processo de globalização promovem tanto a homogeneização, a estandardização, quanto a possibilitam, pela mistura de culturas, de religiões, de etnias, novas formas de vida, conviviabilidade civilidade e cidadania.

Como já visto, o conceito de cultura está ligado ao de *revitalização urbana*, que por sua vez é precedido pelo entendimento de *centralidade urbana*. Deve ainda ser distinguido de outros tipos de intervenções nas cidades que foram largamente praticados em áreas centrais em momentos diversos da evolução humana: *regeneração*, *renovação*, *requalificação* e *reabilitação*.

A cidade como obra social é, acima de tudo, caracteriada pela centralidade, que reflete o alto significado simbólico, a acessibilidade e a densidade do centro urbano cujo valor é invariável. A centralidade existe desde que as cidades surgiram e não pode ser separada de seu significado. A centralidade é parte essencial da definição de cidade (HASSENPFUG, 2007).

As duas funções primordiais de centro urbano propostas por Castells (DEL RIO, 1991) – a integradora nos níveis funcional e social e a simbólica nos níveis imagéticos e lúdicos –

têm sua importância decorrente não apenas no sentido da recuperação física do ambiente, mas do resgate do sentido de identidade e da imagem da cidade, pois

“o lugar central de uma cidade assume papéis de centro inovador, simbólico e de intercâmbios, características presentes nas expectativas de qualquer pessoa, relativas a um centro de cidade e, por isso, fundamentais para as imagens públicas da maioria das cidades” (DEL RIO, OLIVEIRA, 1996:4).

De forma a resolver os enormes problemas habitacionais das cidades deterioradas e decadentes resultantes da revolução industrial, foram iniciadas as intensas políticas de *renovação urbana* ao longo do século XX, principalmente nos Estados Unidos. Com a intenção de renovar as áreas centrais, conjuntos urbanos inteiros eram demolidos para a construção de novas estruturas que seguissem a lógica modernista, enquanto as classes média e alta seguiam em direção aos subúrbios. Além de não resolver a questão habitacional, estes processos expulsavam os antigos habitantes – de minorias raciais e imigrantes – para a instalação de novos grupos populacionais de classe média – processo designado *gentrificação*¹¹. Por outro lado, as práticas de arrasa-quarteirão, o racismo e a expansão dos subúrbios, propiciadas pela ampliação da rede rodoviária, viria a tornar os centros ainda mais decadentes, quando não renovados pelas grandes corporações privadas e por estéreis monumentos ao capitalismo em estilo internacional (DEL RIO, 1991).

Para a necessária distinção do conceito de *revitalização* urbana em relação ao de *renovação urbana*. Para del Rio (1991) *renovação urbana* é um processo destrutivo que precede ao construtivo, cujo caráter é o princípio de ordem e totalidade racional. Neste sentido, as intervenções realizadas em Paris em meados do século XIX que contrariaram as estruturas pré-existentes e impuseram novas lógicas de aburguesamento e consolidação do capitalismo, podem ser consideradas como o primeiro exemplo de grande *renovação urbana*. Recorrentes no período em que os preceitos do urbanismo modernista ditavam as regras, estas ações causaram mudanças traumáticas na maioria das cidades.

Conforme Yázigi (2006:19) “*renovação* ou *requalificação urbana* se consagraram para exprimir um conjunto de operações realizadas na cidade, com o fim de adequá-la às novas funções econômicas e sociais”. Os termos *requalificação* – atribuição de uma nova qualidade – e *revitalização* – atribuição de nova vida – têm sido normalmente tomados como sinônimos.

¹¹ Expulsão das classes menos favorecidas em função da valorização imobiliária e patrimonial em áreas requalificadas ou revitalizadas.

O objetivo maior da *revitalização urbana* é re-significar o passado em relação ao presente, recuperando a tradição através da memória coletiva, implicando em um desenvolvimento respeitoso e integrado às estruturas físicas pré-existentes, estando, entretanto, aberta às características intrínsecas à contemporaneidade (DEL RIO, OLIVEIRA, 1996). Os processos de revitalização devem se afastar tanto do preservacionismo purista, que impede quaisquer intervenções e renovações de imóveis ou conjuntos urbanos históricos, quanto dos processos de renovação destrutivo-racionalistas característicos do modernismo. Neste sentido, é aceita, aqui, a noção de que a “busca por uma nova vitalidade para as áreas urbanas, seja relativa a aspectos econômicos, sociais, culturais ou físico-espaciais” (DEL RIO, OLIVEIRA, 1996: 5).

Yázigi aponta na mesma direção:

“A revitalização costuma incorporar a dimensão humana, o patrimônio histórico e ambiental; a simbologia, e por conseqüência, o turismo também. (...) Costuma ter alguma vantagem sobre a renovação, na medida em que, freqüentemente, resulta num projeto cultural; visa o uso social, permite amplo acesso e pode dignificar a cidadania” (YÁZIGI, 2006: 22)

Por seu grande apelo popular e mercadológico, muitas vezes a fórmula da revitalização se processa por meio de parcerias público-privadas que utilizam a revitalização como *marketing do cultural*¹².

Os primeiros processos de *revitalização urbana* foram conseqüência dos questionamentos da eficácia dos preceitos modernistas e o surgimento das primeiras críticas ao seu ideário, que tomaram vulto a partir da década de 1960. Diversas teorias surgiram na Europa e EUA tendo como ponto comum a busca de sua fundamentação na cidade tradicional¹³. A cidade passou a ser pensada não apenas de forma funcionalista, determinística, técnica e quantitativa, mas, a partir de sua história, de sua memória, de sua natureza simbólica, imagética, cultural, material e imaterial, de sua morfologia, suas tipologias edilícias e de suas complexidades. O edifício deixou de ser visto como objeto isolado e o entorno se revalorizou. Através da relação entre o objeto arquitetônico e o tecido da cidade, o fato urbano passou a ser explicado não apenas por sua arquitetura, como também por sua identificação com o lugar (BRONSTEIN, 2002).

¹² No conceito de *marketing cultural* não apenas a cultura se torna produto de lucro e valorização mas própria cidade se torna produto de consumo. Para um maior aprofundamento do tema ver GARCIA (1997); BOYER, (1999).

¹³ Alguns dos principais críticos foram Ernest Nathan Rogers, Aldo Rossi, Jane Jacobs, Robert Venturi e Kennet Frampton e seus trabalhos são amplamente conhecidos no meio arquitetônico e urbanístico.

Neste sentido, as contribuições teóricas fundamentadas nas noções de *pré-existências ambientais*¹⁴ de Ernest N. Rogers e de *presença construída*¹⁵ de Giuseppe Samona e de *memória e tradição* de Aldo Rossi¹⁶, podem ser consideradas correlatas entre si e têm um sentido análogo à idéia de *permanência*, cuja importância se encontra nas referências à individualidade e à singularidade de cada fato urbano concreto, pois "naquilo que permanece se revela a presença do passado... que não somente trata do passado, mas também da presença real destes fatos urbanos nos quais cristaliza o conteúdo transmitido" (SANZ, 1992:107).

Em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, muitas cidades do primeiro mundo já haviam incorporado este novo conceito, criando programas direcionados à revitalização de seus centros e bairros vizinhos. Várias foram as estratégias para desenvolvimento de áreas centrais decadentes, em processo de abandono ou deterioradas. Elas incluíam as funções tradicionais dos antigos planos de renovação – atividades administrativas, financeiras ou ligadas a serviços – e, também, o comércio especializado, o lazer, a habitação e o turismo cultural (DEL RIO, OLIVEIRA, 1996).

A Espanha e o México reconheceram e valorizaram o espaço público como âncoras culturais para a economia e a vitalidade urbanas. A partir de 1975 Barcelona sofreu um processo de requalificação global e de reabilitação de diversos bairros e distritos, com base na estratégia de Oriol Bohigas ligada ao conceito de *identidade*, ou seja, a identificação da imagem da cidade com seus habitantes. Mecanismos críticos foram usados para promover negócios, serviços e turismo nas áreas centrais. Os espaços públicos foram priorizados e serviram de âncora para muitos dos projetos e planos de desenvolvimento (HERZOG, 2006). Herzog enfatiza ainda que os espaços públicos na Espanha não foram tratados meramente como nichos românticos comemorando a paisagem de séculos passados. Por outro lado, em Madrid, lugares de grande atração e de intensa vida pública como as *plazas mayores*¹⁷ hoje representam apenas fragmentos isolados e desconectados do tecido histórico da cidade – sua configuração original foi preservada, a despeito das várias alterações físicas sofridas ao longo dos séculos e da falta de visão e de planejamento por parte dos políticos e governantes.

¹⁴ "O conjunto de elementos naturais e construídos que dão forma a cada lugar e que determinam seu caráter". (SANZ, 1992: 92)

¹⁵ "A configuração formal é perceptível como uma unidade de relações entre as partes que a compõem e a vinculam com o espaço circundante". (SANZ, 1992: 94).

¹⁶ Entendemos memória a partir de sua relação direta com a sociedade e com a história da cidade.

¹⁷ O termo se refere às "plazas maiores" originárias da Espanha que simbolizavam o poder real num espaço popular, o mercado, e criavam um sentido de pertencimento e uma conexão com o rei por meio de celebrações e festividades (HERZOG, 2006)

Em sua experiência, o visitante da Plaza Mayor é “transportado para outra época em um espaço fechado e histórico. O espaço da praça é poderoso e evoca sentimentos de memória” (HERZOG, 2006: 84). Entretanto, apesar de ainda ser palco de diversas manifestações populares, religiosas e culturais, seu perímetro está cada vez mais ocupado por cafés, hotéis e restaurantes, lugares turísticos e privativos, o que amplia ainda mais seu isolamento em relação ao centro deteriorado.

Outro aspecto relativo aos processos de revitalização urbana, que não pode ser esquecido, está relacionado com a crescente privatização e comercialização dos edifícios históricos e dos espaços públicos adjacentes, num círculo vicioso fomentado pela valorização imobiliária e pela gentrificação. Centros históricos vêm sendo transformados em simulações estereotipadas da cidade ideal – ou “disneyficadas”¹⁸ – e se transformam em lugares de consumo, lazer, entretenimento e estímulo replicando o modelo da Disneylândia, que “evoca um urbanismo sem produzir uma cidade. Em vez disso, produz um tipo de cidade ... com bilhões de cidadãos (todos consumidores), mas sem nenhum residente” (SORKIN, 1992: 231). Todos os seus usuários estão apenas de passagem e a principal mensagem desta cidade de simulação e estímulos é ser, a um só tempo, todos os lugares e nenhum lugar, o que se efetiva através da contínua circulação.

Movimento, estímulo, segurança, vigilância, controle, ordem e simulação são palavras-chave que estão intrinsecamente ligadas ao processo de *disneyficação* e se tornaram objeto de desejo da sociedade global. Superficial e pós-moderna, esta sociedade prioriza a emoção sobre a razão e reinterpreta o valor de uso. É a imagem, a embalagem, e não o conteúdo que importam. Nela tudo se torna entretenimento e consumo (HASSENPFUG, 2007).

Sorkin (1992) afirma, em sua visão negativa sobre o fim do espaço público, que os elementos históricos tradicionais – praças, castelos, centros – que configuravam fisicamente a cidade e que tornavam legíveis sua hierarquia e relações sociais, vêm perdendo esta função. As forças sócio-políticas envolvidas na recuperação da imagem pública dos centros históricos são muitas vezes direcionadas aos interesses econômicos, da indústria turística e do entretenimento, criando um cenário histórico superficial ou falso. Christine Boyer (1992) oferece uma interessante análise sobre a exacerbação do uso de cenários e *tableaux* que historicizam, gentrificam, comodificam e privatizam territórios urbanos com a intenção de revalidá-los a partir da criação de uma atmosfera histórica

¹⁸ A designação “disneyficação” define ambientes que simulam ambientes urbanos ideais, desenhados sob o modelo da Disneylândia e desprovidos de real significado ou sentido de lugar (SORKIN, 1999)

simulada. Sugere que “a proliferação de enclaves cênicos eventualmente reduz a cidade a um mapa de atrações turísticas que suprimem a ordem contínua da realidade, a conexão entre os lugares e impõe, em seu lugar, uma ordem imaginária de coisas” (BOYER, 1992).

O olhar que experiencia o ambiente é, assim, direcionado aos focos produtivos e úteis, que satisfazem os desejos, que impedem a experiência do fenômeno urbano como um todo com suas diversidades, cores e desigualdades nem sempre atraentes. Assim, a história e a memória se perdem com a superposição de clichês; os edifícios passam a ser meros coadjuvantes e o espaço público se torna estéril e falso.

Esta visão negativa vem atingindo os países emergentes sem qualquer relativização ou contextualização conforme Yázigi (2006), que questiona a idéia de construção de uma “sociedade do espetáculo” em São Paulo a partir de conceitos nômades e estrangeiros – enfraquecimento do Estado, pós-modernidade, gentrificação, sociedade do espetáculo, turistificação. Considera ‘alucinação sociológica’ o fato de se designar ‘espetacularização’ uma simples limpeza do degradante espaço público paulistano ou a restauração de uma edificação, se não são avaliados fatores qualitativos das pré-existências, ou não se diferencia o sentido do espetáculo entre cidades pós-modernas e países desenvolvidos (YÁZIGI, 2006).

Grandes investimentos tornam as intervenções urbanas alvo de especulação e seus ocupantes mais antigos, incapazes de arcar com o ônus da valorização, são obrigados a se mudar, aumentando a periferização e a exclusão. “Um traço do centro que morre é um elo social que desaparece, seja ele positivo ou negativo.” (YÁZIGI, 2006: 23). O autor é enfático ao considerar o processo de gentrificação, socialmente inconveniente, mas argumenta que “a gentrificação poderia ser positiva se acompanhada de ascensão social dos residentes locais” (YÁZIGI, 2006: 27). Uma área gentrificada tende a elevar os padrões funcionais de seu entorno, como a geração de empregos, pequeno comércio, prestação de serviços e até o embelezamento de espaços públicos, cujo uso social deve ser considerado em função do clima tropical e da economia informal presentes em cidades do terceiro mundo.

O tema da revalorização das áreas centrais e ,mais especificamente, as históricas, continua atual e deve ser entendido como um necessário diálogo sócio-político e equilíbrio cultural e econômico pois,

“No início do século XXI, a prática da recentralização está no topo da agenda do planejamento urbano. Estas práticas são “reflexivas” na medida em que acreditam na possibilidade de reconciliação entre a tradição e a modernidade, isto é, na harmonização da centralidade sócio-cultural tradicional com a nova centralidade funcional.” (HASSENPFUG, 2007).

No sentido de se recuperar o valor e a força da identidade local com vistas a individualização das áreas centrais, passamos ao tema da construção do sentido de lugar, fortemente pautado pela imagem da cidade, pela cultura e pela recriação ou reinvenção do espaço público, fundamentais a um centro urbano vital e vibrante.

1.4 CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR

"Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal." (TUAN, 1980: 5)

"Um *lugar* pode se definir como um lugar de identidade, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se como espaço de identidade, nem como relacional ou histórico, definirá um *não lugar*" (AUGÉ, 2001: 83).

Nesta parte busco relacionar os conceitos de espaço público e revitalização urbana, até aqui apresentados com a criação do lugar significativo que passa, necessariamente, pela experiência humana no ambiente e com o modo como a experiência humana dá sentido e constrói o lugar.

A *topofilia* (TUAN, 1980) está relacionada à memória e à imaginação. Os espaços construídos pelo homem afetam seus habitantes, aperfeiçoam a sensação e a percepção humanas, definem as funções e as relações sociais e ensinam através de seus volumes e símbolos (TUAN, 1980). Segundo Tuan, na discussão sobre o espaço vivenciado, a introdução dos objetos e lugares – que não devem ser estéreis, nem podem estar desprovidos da intensa carga simbólica das experiências vivenciadas – se torna necessária na definição do *lugar*. Sua qualidade está intrinsecamente ligada a um sentimento complexo, atemporal, de difícil explicação em toda sua plenitude. O lugar significativo, experienciado ou vivenciado, diferentemente do espaço geométrico, adquire definição pela experiência e significado, com seus símbolos, memórias e histórias.

Qualidade de vida pode ser definida como a experiência produzida no processo de interação entre o ambiente construído e seus ocupantes, que compõem uma organização social configurada por uma rede de relações complexas, que se fundamentam em determinados princípios ou padrões de organização (RHEINGANTZ, 2003). A qualidade do ambiente não pode ser considerada uma experiência objetiva e absoluta, nem seu estudo um processo cognitivo realizado no interior de nosso cérebro, pois "todo conhecimento significativo é conhecimento contextual, e grande parte dele é tácita e vivencial" (CAPRA, 1997).

Eugene Walter (1988) sugere que a qualidade de um lugar depende de um contexto humano formado por memórias e expectativas, por histórias de eventos reais e

imaginários, ou seja, experiências históricas lá situadas. Cada lugar tem sua denominação, suas regras de ação, os comportamentos característicos de seus habitantes ou modos específicos de ser em relação ao mundo. A experiência humana faz um lugar, mas um lugar vive do seu próprio jeito. Sua forma é resultado da experiência de ocupação de pessoas (WALTER, 1988).

Conforme Norberg-Schulz (1979), a orientação e a identificação do homem com o ambiente e sua conotação simbólica, conferem *caráter* ao lugar, não apenas como simples abrigo, mas como base existencial. Seu propósito é, também, transformar o espaço em um lugar, descobrir os significados potencialmente presentes, valorizar determinado sítio e trazer à luz seu caráter intrínseco.

Para este autor, lugares têm nomes e são coisas reais, enquanto o espaço é um sistema de relações e é designado por preposições, o que denota relações topológicas. Norberg-Schulz advogou o retorno à fenomenologia heideggeriana, cuja ênfase representava uma reação aos esquemas abstratos e construções mentais que constituíam parte dos preceitos dogmáticos da arquitetura moderna.

Neste sentido, os lugares não podem ser descritos por conceitos científicos ou analíticos nem a dimensão existencial, determinada por condições socio-econômicas, embora estas influenciem a realização das estruturas existenciais de cada *ser-no-mundo*. As condições sócio-econômicas oferecem um espaço para que a vida aconteça, mas não determinam seus significados existenciais, os quais têm raízes mais profundas e são determinados por nosso "estar no mundo" (NORBERG-SCHULZ, 1979).

No final do século XX novas abordagens surgiram para a interpretação do lugar e da paisagem por meio da crítica da prática das ciências sociais e da aplicação das teorias contextuais do espaço (RAPPOPORT, 1982). Esta interpretação passa a ser então construída pela habilidade humana de interação entre a existência passada e presente do lugar, pelo comportamento social acomodado e por seus aspectos simbólicos e comunicativos (LOW, 2000:47).

Os significados culturais e políticos da construção social do lugar – e de que forma estão codificados e interpretados na paisagem urbana – são entendidos pelos usuários e residentes de modos variados: de um engajamento emocional com o lugar (pertencimento) a uma luta mais ampla para definir o que o lugar deve significar por meio de suas relações espaciais e imagéticas. Esta construção do lugar configura um processo dialógico – contínuo, interativo, que muda com o tempo, criando novas idéias, estruturas sociais e lugares significativos. É também dialético – de oposição, que rompe,

que contesta mas, mais que tudo, que provoca politicamente a transformação, unificando pontos de vista e perspectivas contrastantes (LOW, 2000).

A leitura da paisagem como um texto, a decodificação do ambiente construído através da analogia e da metáfora e a experiência fenomenológica do lugar são ferramentas que possibilitam ao pesquisador demonstrar que ele comunica significados específicos (LOW, 2000). Os usuários são capazes de experimentar o impacto das forças sócio-políticas e culturais que produzem o lugar e sua ecologia. Eles engendram suas próprias memórias, entendimentos e sentimentos que dão forma ao ambiente real e percebido.

Lawrence Herzog (2006) enfatiza o sentido de lugar como uma noção vaga, difícil de ser medida e altamente subjetiva e que a sensibilidade individual é um fator importante para sua construção. Alinhado ao pensamento de Tony Hiss (1991) o autor, em sua análise, utiliza os dois estados perceptivos para os residentes da cidade: a "percepção ordinária" no curso da consciência que isola os lugares e tudo o que os cerca; e a "percepção simultânea", como um modo de experienciar de forma mais completa o lugar e tudo que o envolve. Como exemplo da percepção simultânea, referenciamos Roland Barthes que fala sobre a inutilidade de nomes e números de ruas para se orientar em Tokyo:

"Tóquio não possui endereços, as ruas não possuem nomes. Para se conhecer a cidade é necessário um atividade etnográfica: você deve se orientar não por um livro ou guia ou mapa, pelo endereço inexistente, mas pelo caminhar pela cidade, pelo olhar a cidade, pelo hábito da cidade, pela experiência da cidade. Cada descoberta é intensa e frágil. Pode ser repetida ou recuperada somente pela memória do traço. Visitar um lugar pela primeira vez é assim começar a escrevê-lo: o endereço não sendo escrito, deve estabelecer sua própria escrita" (BARTHES, 1992: 33)¹⁹.

Conforme Richard Sennett (1996), o sentido de lugar é baseado na necessidade de pertencer não à uma sociedade²⁰ abstrata, mas a algum lugar em particular. Ao satisfazer esta necessidade as pessoas desenvolvem compromisso e lealdade.

A menção ao termo sociedade remete ao conceito de comunidade²¹ – considerado ilusório em nossa cultura de fim de milênio (LIPPARD, 1998). O termo é usado pejorativamente tanto para designar pequenos grupos – que mesmo vivendo juntos têm

¹⁹ Tradução da autora.

²⁰ Cf. Latour (2001: 355), "palavra (que) não se refere a uma entidade existente em si mesma, governada por suas próprias leis, oposta a outras entidades como a natureza; significa o resultado de um 'acordo' que, por razões políticas, divide artificialmente as coisas em esfera natural e esfera social. Para me referir, não ao artefato sociedade, mas às muitas conexões entre humanos e não-humanos prefiro a palavra 'coletivo'".

²¹ Os conceitos de *identidade* e *comunidade* são relacionados de um modo dicotômico e paradoxal. Para Zigmunt Bauman nenhum dos dois conceitos estão disponíveis em nosso mundo privatizado, individualista e globalizado (Bauman, 2001:16). Para o autor, *identidade* significa se destacar, ser diferente, e por esta diferença, único. Assim, a busca por identidade só tende a dividir e separar. Pertencer a uma comunidade pressupõe a ausência de identidade, entretanto prevalece o desejo de se pertencer a uma comunidade enquanto, ao mesmo tempo a identidade (e a individualidade) é buscada com o mesmo ímpeto.

sua relação baseada apenas na proximidade física e não nas ligações interpessoais – ou para designar grupos que, através de convenções sociais, simulam relações comunitárias (Rotary Club, clubes sociais), que são superficiais e evasivas.

Os termos *lugar* e *comunidade* podem se fundir, pois eles coexistem mesmo não sendo a mesma coisa (LIPPARD, 1998). Não se pressupõe um perfeito e feliz entendimento entre indivíduos de uma comunidade, ou ainda a inexistência de conflitos e diferenças ao longo de suas transformações ou evolução. Tanto a falta de laços ou história comuns, quanto seu excesso, podem ser prejudiciais tornando-a inconsistente ou gerando limitações drásticas da individualidade. Uma sociedade saudável seria, então, aquela onde as misturas sociais, as diferenças ou semelhanças de pensamento e atitudes sociais são permeáveis possibilitando o diálogo.

O *lugar*, no contexto de *comunidade*, permite que o indivíduo incompleto junte seus fragmentos de vida e suas várias mini-comunidades para que seja conhecido como um todo²². Para se conhecer e pertencer a um lugar basta aprender a olhar em volta do lugar em que vivemos agora, não cronológica ou historicamente, mas também por meio de sua arqueologia cultural e social, de seus mitos e lendas que influenciam nosso presente e das experiências pessoais vivenciadas. Esta investigação nos fornece os meios que nos fazem compreender como fazemos parte do ambiente e onde nos encaixamos individualmente, nos auxilia na definição de nossas relações e explica ainda como se dá a atração ao lugar (LIPPARD, 1998).

As profundas mudanças na tecnologia da comunicação – trabalho em casa, compras via internet, lazer e entretenimento – vêm gerando lugares não-territoriais, que não demandam um espaço físico específico para sua realização. Para tais atividades bastam um ponto de conexão e um computador (LOUKAITOU-SIDERIS, BANERJEE 1998).

O domínio urbano sem-lugar dos subúrbios que cercam as metrópoles carece da diversidade formal e social – às vezes indisciplinada – que dá vida à cidade. A rua tornou-se irrelevante, sendo substituída pelas dimensões não geométricas dos cabos e fibras óticas, pelos espaços vazios dos aeroportos e *shopping centers* e pelas redes de relações econômicas e da cidadania do consumo. A comunicação e a mobilidade de alta velocidade eliminaram os limites e os centros e, conseqüentemente, vêm diminuindo a importância do lugar real (SORKIN, 1992).

Neste sentido, não podemos deixar de mencionar o conceito de *não-lugar* proposto por Marc Augé (2001) em oposição ao conceito antropológico de *lugar*. O autor defende a

²² O termo comunidade vindo sendo usado para referir a favela em trabalhos sociais e políticos.

hipótese de que a supermodernidade é produtora de *não-lugares*, ou seja, espaços que não são em si lugares antropológicos sem, entretanto, conferir uma qualidade negativa ao não lugar. Ele evoca espaços onde nem a identidade, nem a relação, nem a história tem verdadeiro sentido, onde a solidão se experimenta como excesso ou esvaziamento da individualidade – lugares de consumo, aeroportos e até mesmo cabos da rede virtual são considerados não-lugares. O lugar antropológico é ao mesmo tempo princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para aqueles que o observam. É o lugar da história e da memória, na medida em que estas não se tornaram ciência. É ambíguo, pois não é mais que a idéia, parcialmente materializada, daqueles que o habitam e sua relação com o território, com seus semelhantes e com os outros.

Apesar do atual e extensivo uso das novas tecnologias informacionais como forma de relacionamento entre os homens ou entre estes e o meio, é inegável a importância da ligação física, concreta e real do homem com seu ambiente, seja ele natural ou construído. Permanecemos, do mesmo modo, envolvidos pelos ambientes naturais ou culturais e com eles nos relacionamos de forma concreta e real. As circunstâncias de relacionamento virtual com o ambiente, embora já possíveis tecnologicamente, ainda constituem situações excepcionais para o homem comum. Neste sentido, consideramos a contribuição da abordagem experiencial de vital importância para avanço dos estudos e da compreensão da experiência do homem no lugar.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

A relevância dos diversos e distintos conceitos e argumentos apresentados encontra-se, justamente, na confluência com o tema da pesquisa: a observação e análise das influências e efeitos sobre a população do ambiente urbano modificado após processos de revitalização de centros históricos.

Nesta leitura, o significado de ambiente urbano passa pelo entendimento de espaço físico ou geométrico para se transformar em lugar da experiência urbana. É enfatizada ainda a necessária compreensão de que o conceito de revitalização se configura em processos integrados de atuação que envolvem a transformação da imagem do lugar e incluem, além da percepção, a experiência humana e todos os seus sentidos e emoções.

Conhecer e apresentar os paradigmas e o estado-da-arte destes conceitos e fundamentos configura-se, assim, apenas o passo inicial para o aprofundamento do conceito de cognição como ação incorporada à experiência – caracterizada pela **Abordagem Experiencial** – e os procedimentos de sua aplicação prática na avaliação da qualidade dos estudos de caso propostos.

2 ABORDAGEM EXPERIENCIAL

"Aquele que sabe – o sujeito – e o que está para ser conhecido – o mundo – são a especificação recíproca e simultânea um do outro – conhecer é ser e ser é agir no mundo – num processo contínuo a que chamamos vida" (PEDRO, 1996: 147).

"E acredito, sim, apesar de uma longa tradição de alguns eventuais erros intelectuais trágicos, que observar, analisar e teorizar é um modo de ajudar a construir um mundo diferente e melhor. Não oferecendo as respostas, mas suscitando algumas perguntas pertinentes" (CASTELLS, 1999: 24).

Este capítulo apresenta a **Abordagem Experiencial**, que busca incorporar a experiência humana nas relações homem-ambiente com base no pressuposto de que o observador não pode pretender ter acesso a uma realidade independente dele próprio e que a realidade é sempre um argumento explicativo. Apresenta ainda os fundamentos para aplicação de seu desdobramento prático – a **Observação Incorporada** – nos estudos do ambiente urbano. A abordagem experiencial configura a base conceitual e define a estratégia metodológica da pesquisa. Esta abordagem está fundamentada na *ciência cognitiva da atuação* – ou *abordagem atuacionista* – de Varela et al (2003) – que propõe a incorporação da experiência humana à ciência para explicar e entender as razões dos fenômenos – e na empatia (THOMPSON, 1999).

A partir dos artigos *De Corpo Presente: Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído* (RHEINGANTZ, 2004), e *A Cognição Ambiental na Avaliação da Qualidade do Lugar – conceitos e métodos para o aprimoramento do desenho urbano* (ALCANTARA; RHEINGANTZ, 2004), o grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR)²³ tem se dedicado a formular as bases teóricas da *Abordagem Experiencial* – designação adotada para a abordagem conceitual que vem sendo adotada na análise de desempenho do ambiente construído e os procedimentos aplicados nos trabalhos de campo – a *Observação Incorporada*.

Com base em Yi-fu Tuan (1980), Humberto Maturana (1997), Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003) o ProLUGAR considera a cognição indissociável da experiência humana – conceito central adotado neste estudo. Isto implica em uma transformação no significado de *cognição* e de suas diversas abordagens, bem como na demarcação de suas distinções em relação à percepção sensorial.

²³ Disponível em < www.fau.ufri.br/prolugar >. consulta em 1/12/2007

Humberto Maturana (2001: 27) afirma que “somos nós, observadores, o ponto central da reflexão e o ponto de partida da reflexão... [e] ... o que define o cientista, em sua ação como cientista, é o modo de explicar, o critério de aceitação da explicação que usa”.

Bruno Latour (2000), por sua vez, contrapõe de forma irônica o conhecimento dito ‘racional’ – lógico, objetivo, apoiado por uma mente sã e um método perfeito, cujas afirmações se explicam pelo fenômeno em si – ao conhecimento assimétrico do caminho torto dos crentes, das mentes prisioneiras de fatores culturais, psicológicos e sociais que se apegam a preconceitos obsoletos. O autor afirma que a única forma para mudar este quadro ‘desalentador’ do conhecimento irracional dos não-cientistas seria

“eliminar todos esses fatores que mantêm as pessoas prisioneiras de seus preconceitos.(...) elas passariam a ter a mente tão sã quanto a dos cientistas, entendendo os fenômenos sem mais demora. Em todos nós há um cientista adormecido, que não acordará enquanto as condições sociais e culturais não forem postas de lado” (LATOUR, 2000: 302).

Conforme Latour, não há pensamentos lógicos ou ilógicos. Livres associações podem ser mapeadas sem distorções como ‘boas’ e ‘más’. Assim como mapas rodoviários, mostram vários caminhos e rotas que ligam pontos; nem todos vão para o mesmo lugar ou têm o mesmo peso na trama rodoviária, mas todos são válidos e o que interessa é onde nos levam e de que forma e não se são certos ou errados (LATOUR, 2000).

Nesta mesma linha, Eduardo Yázigi (2006: 88) sugere que “existem muitas teorias geniais que conseguem atravessar o tempo, mas o simples fato de um pesquisador conseguir demonstrar uma variação explicativa já é criatividade, mesmo sem romper totalmente com a forma, isto é, com a estrutura consagrada anteriormente”.

Os argumentos acima expostos assumem a possibilidade de um modo de pensar e agir sobre a ciência a partir não apenas do rigor científico – objetivo, analítico, quantitativo, racional – mas considerando o pesquisador como foco central de sua argumentação, pois acreditamos que “duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura – uma possível perspectiva entre muitas” (TUAN, 1980: 6). Buscamos assim, avaliar o ambiente com uma “uma visão de dentro para fora” agregando os fatores culturais, psicológicos e sociais que são partes indissociáveis daquele que observa. Buscamos também integrar às ciências humanas a criatividade, cuja carência constitui “verdadeiro vácuo epistemológico nas ciências humanas e no planejamento” (YÁGIZI, 2000: 20).

Apoiados nestes argumentos e a partir do entendimento da evolução das Ciências da Cognição desde seu surgimento até a proposição da abordagem atuacionista (VARELA et al, 2003), juntamente com o conceito de *Empatia* (THOMPSON, 1999), fundamentamos

a **Abordagem Experiencial**. Esta pressupõe uma mudança de atitude do observador em relação ao objeto observado, **incorporando** em seu argumento explicativo a experiência que se efetiva com a conjunção do raciocínio – objetivo, concreto – com a emoção – subjetiva, abstrata – (MATURANA, 2001), ambas características indissociáveis do homem. O estudo dos fenômenos cognitivos que tem seu foco na experiência humana objetiva sua aplicação prática na avaliação da qualidade do lugar.

A incorporação da experiência de vida do observador aos procedimentos de avaliação de desempenho do ambiente urbano é tratada como argumento-base para a avaliação de sua qualidade. A idéia de que uma avaliação, para ser validada academicamente, deve necessariamente pressupor um mundo que é configurado pela objetividade dos resultados numéricos, pelas normas e pelos padrões de desempenho existentes, que se sobrepõem a qualquer inferência de origem emocional, a exemplo dos mais recentes trabalhos produzidos pelos integrantes do ProLUGAR, será aqui relativizada.

O subjetivismo e a complexidade da tarefa proposta – especialmente por se tratar de abordagem ainda não consolidada nos estudos das relações homem-ambiente, ainda fortemente influenciados pela tradição *behaviorista* – representam uma contribuição qualitativa aos estudos sobre a qualidade do lugar.

Na próxima seção, será revisto o significado do termo percepção no entendimento proposto de que a cognição é a ação perceptivamente orientada (VARELA et al, 2003) e integra não apenas as capacidades sensório-motoras, mas sua conjunção com as emoções e a consciência.

2.1 SENTIDO FENOMENOLÓGICO DA PERCEPÇÃO

O trânsito entre as ciências cognitivas e a experiência humana não configura uma novidade, pois a proposta atuacionista (VARELA et al, 2003; THOMPSON, 1999) recupera a tradição fenomenológica européia fundamentada em Husserl e Merleau-Ponty, que distingue o corpo objetivo – que pode ser observado e analisado como um objeto científico ou uma estrutura física – do corpo vivenciado – que vive através da percepção e sustenta o ato perceptivo. A reflexão fenomenológica sobre as origens da cognição parte do pressuposto da circularidade, indissociabilidade e continuidade entre o mundo e o sujeito (MATURANA, 2001). Assim, **percebemos o espaço no mundo em que nos movemos não como um envoltório externo e uniforme, mas como um meio moldado por nossos sentidos e corpos em movimento**. Ao sistema sinestésico correspondem os vários tipos de aparências – visuais, tácticas, auditivas etc – e, conforme Husserl: “toda percepção é sinestésicamente motivada” (apud THOMPSON, 1999: 6).

Segundo Merleau-Ponty (1994), todo e qualquer sujeito possui um corpo, uma mente e um cérebro que configuram uma única entidade autônoma e indissociável. **A atuação do observador também é inseparável dos objetos animados e inanimados, bem como dos ambientes naturais e construídos que o cercam.** Ao interagir empaticamente com os outros sujeitos à sua volta, a *atuação* (VARELA et al, 2003) passa a ser um sistema único de elementos autônomos ligados intrinsecamente. **A experiência produzida nesta interação será, simultaneamente, perceptiva – não como algo que está fora e independente do seu corpo – e recheada das reações emocionais do corpo e da mente em unicidade com o mundo** (Fig. 3).

Com base nos argumentos de Maturana (2001), de Varela et al (2003) e de Thompson (2004), é possível discordar de Gibson (1996) quando afirma que a percepção de um ambiente se dá através de estímulos externos captados pelos cinco sentidos básicos, também considerados *mecanismos perceptivos* – sendo a visão o mais destacado – e que estes são desalienados dos *mecanismos cognitivos* como se fossem dois processos mentais distintos de interação do indivíduo com o meio ambiente.

O fenômeno que conotamos com a palavra *percepção* não consiste na captação, pelo organismo, de objetos externos a ele, como implica o discurso usual da neurofisiologia e da psicologia comportamental. Tampouco consiste na especificação, por parte do meio, de mudanças no organismo, resultando em que esse organismo opere com base numa *representação* do meio na geração de sua conduta. Ao contrário, o



Figura 3

Imagem que evoca a circularidade cognitiva da abordagem atuacionista na qual o observador interage em unicidade com o mundo²⁴

“fenômeno conotado pela palavra *percepção* consiste na configuração que o observador faz de objetos perceptivos, mediante a distinção de cortes operacionais na conduta do organismo, ao descrever as interações desse organismo no fluir de sua correspondência estrutural no meio” (MATURANA, 1997:72).

²⁴ Foto captada pela autora na exposição de fotografias "Multiple Universes: Beyond Definitions" organizada pelo Photo ArtsGroup, no Poway Center of Performing Arts, San Diego, CA, 2006 – de autoria desconhecida

Alinhado com o pensamento de Maturana, Vicente del Rio já afirmava que os *mecanismos cognitivos* são:

“aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo-se que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente; existem contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo desde a motivação à decisão e conduta” (DEL RIO, 1999: 3).

De modo a melhor entendermos as interações que ocorrem entre o homem e o meio, na qual a percepção cumpre um papel relevante no processo cognitivo, que configura um entrelaçamento recíproco e indissociável de sistemas interdependentes, serão revistos na próxima seção os conceitos de *entrelaçamento estrutural* e de *empatia*.

2.2 ENTRELAÇAMENTO²⁵ ESTRUTURAL E EMPATIA

As relações que ocorrem entre o meio e o homem, suas influências e estímulos recíprocos e as respostas e reações do homem sobre este meio são interações indissociáveis, também designadas *entrelaçamentos estruturais* (VARELA et al, 2003).

Conforme Maturana (2001), os sistemas determinados estruturalmente são sistemas nos quais as interações desencadeiam mudanças que estão determinadas neles mesmos. Como condição constitutiva dos sistemas determinados estruturalmente, qualquer interação apenas desencadeia uma mudança estrutural determinada neles mesmos. Na interação com o meio – considerando-o também um sistema determinado estruturalmente – somente se desencadeiam mudanças estruturais determinadas no próprio meio. Efetivamente, as interações instrutivas – aquelas nas quais o agente externo determinaria o que acontece no sistema – não ocorrem.

Para melhor esclarecer o processo de entrelaçamento estrutural, ou a incorporação do corpo e da mente na interação com o ambiente, utilizamos a assertiva de Roland Fischer de que “a doçura que saboreamos em um torrão de açúcar não é propriedade nem do açúcar nem de nós mesmos. Estamos produzindo a experiência da doçura no processo de interagirmos com o açúcar” (apud CAPRA, 1991: 116).

Entendemos que homem e meio são sistemas determinados estruturalmente. Neste sentido, o conceito de cognição proposto por Maturana e Varela (1995), “viver é

²⁵ Segundo Vicente del Rio, a tradução do termo *coupling* de VARELA et al (2003) - acoplamento – é inadequada por ser muito funcionalista. Assim optamos pela utilização do termo *entrelaçamento* (intertwining) utilizado por Thompson (1999).

conhecer" é muito bem complementado por Fritjof Capra: "as interações de um sistema vivo com o meio ambiente são interações cognitivas e o próprio processo da vida é um processo de cognição" (CAPRA, 1997).

Na interação dos seres humanos com o meio, dois sistemas complexos determinados estruturalmente, qualquer um dos dois pode desencadear mudanças em si sem, no entanto, determinar o que acontece ao sistema como um todo. Neste processo designado **entrelaçamento estrutural** (VARELA et al., 2003), a mente se entrelaça estruturalmente com o corpo, e ambos se entrelaçam estruturalmente com o ambiente.

Segundo o conceito de *entrelaçamento estrutural* o ambiente estimula o corpo e a mente a atuarem de forma recíproca e indissociável, respondendo aos estímulos do ambiente de modo a criar um lugar significativo. O corpo e a mente – com suas sensações, emoções e afetos – interagem com o outro em completude com o meio. Sem o reconhecimento do outro não é possível uma plena auto-compreensão sobre a condição de uma pessoa no mundo intersubjetivo. "O corpo-ambiente vivenciado se torna uma estrutura unitária que emerge por meio da interação recíproca" (THOMPSON, 1999: 5).

Para melhor ilustrar o entrelaçamento intersubjetivo entre o *eu* e o *outro*, podemos imaginar uma sessão de jazz ou uma roda de *chorinho*²⁶ (Fig. 4). A mente *atua* como se fosse parceiro de um grupo de músicos engajados na improvisação. O resultado final emerge da ação recíproca de dar e receber: "o comportamento adaptativo é o resultado da interação contínua entre o sistema nervoso, o corpo e o ambiente, cada um com sua dinâmica rica, complicada e altamente estruturada" (THOMPSON, 1999: 5) e nenhum deles tem o crédito exclusivo de "diretor" ou "maestro" do comportamento adaptativo presente neste *sistema entrelaçado*.

Na mesma linha de pensamento, Jovchelovitch (1998) propõe o reconhecimento do outro em uma abordagem positiva e intersubjetiva, fundamental para a construção do eu, considerando a forma simbólica, a linguagem, as identidades, ou seja, a produção de sentido, como dependentes desta intersubjetivação. Neste sentido, 'outro' tanto podem ser objetos humanos como não-humanos ao emergirem quando são reconhecidos como objetos do conhecimento. A autora afirma que "sem alteridade não há saber, e que o seu reconhecimento é elemento fundante, tanto para a emergência

²⁶ Gênero musical brasileiro de estrutura tonal em frases sobre as quais os músicos com instrumentos de cordas e sopro improvisam conferindo a tônica e a riqueza da composição.

do eu como do outro, enquanto objetos do conhecimento simbólico" (JOVCHELOVITCH, 1998: 70).



Figura 4

Obra de Cândido Portinari "Chorinho" representando o acoplamento estrutural dos músicos envolvidos na ação improvisada de dar e receber entre eles (Fonte: <http://samba.meetup.com>)

A **empatia cognitiva** cumpre um importante papel no entrelaçamento estrutural anteriormente mencionado. Evan Thompson afirma que "a consciência do *self*, como um indivíduo incorporado – intrínseca ao mundo vivido – emerge através da empatia cognitiva com outros indivíduos" (THOMPSON, 1999:1) e que a consciência humana individual – inerentemente *intersubjetiva* – é uma relação dinâmica indissociável do *ser no mundo* integrado ao ambiente natural e ao mundo humano social. Esta intersubjetividade apontada por Thompson refere-se à relação indissociável e subjetiva que ocorre nas interações humanas e homem-ambiente.

Conforme Maffesoli (1999: 326) "não há cultura sem identificação". Para que o indivíduo possa integrar-se socialmente, deve se identificar com os valores, o conjunto de práticas, de costumes e de representações constitutivas do ambiente social. "A partir da sedimentação desses valores que se opera a valorização de atitudes típicas" (MAFFESOLI, 1999: 327). Nesse processo no qual agem e retroagem indivíduos, valores e tipicidades, a cultura torna-se a grande matriz e a lei torna-se a característica da alteridade, formada por sujeitos não autônomos ou isolados, mas interativos e constitutivos do todo. Para o autor, a noção de *einfühlung*, traduzida como *empatia*, delimita a circularidade da sociabilidade contemporânea, na qual "noções como a comunicação, a experiência do outro, o fato de experimentar em comum, as emoções coletivas culminam numa série de identificações que engajam menos um indivíduo unificado que uma pessoa de várias máscaras" (MAFFESOLI, 1999: 333). Nesse sentido, a identificação destaca a série de estratos constitutivos do sujeito que podem ser vividos ao mesmo tempo, seja na ordem política, seja na vida cotidiana – terreno natural que favorece a experiência coletiva.

A empatia pressupõe ainda a sólida organicidade entre o lugar e o laço, pois “a socialidade emocional e empática tem necessidade de um espaço para desabrochar” (MAFFESOLLI, 333). O enraizamento, a nostalgia do familiar, tornam fundamental a compreensão do ambiente que protege, dá segurança, que perdura além da individualidade efêmera, e que o integra afetivamente ao sujeito.

Conforme Thompson (1999), a empatia é entendida como um tipo básico de experiência direta e se distingue da percepção sensorial por terem objetos diferenciados que nos são apresentados de forma distinta, ou seja, na percepção sensorial nós entendemos as coisas do mundo, não sua representação. Na empatia entendemos as experiências do outro, sem termos passado pela experiência diretamente, não uma representação delas. Para o autor, empatia é um tipo singular e único de experiência intencional e, embora seja baseado na percepção do sentido e possa implicar em inferências, “nós experienciamos outra pessoa como um todo unificado através da empatia”²⁷.

Assim, a *empatia* favorece a compreensão do significado real da experiência no lugar, assim como a interação entre os indivíduos, permitindo que diferentes pontos de vista e valores se aproximem mutuamente, auxiliando no reconhecimento de seus mundos. Torna-se assim uma precondição para nossa experiência de habitar um mundo espacial comum e intersubjetivo.

Acreditamos que homem e meio atuam em um mundo comum e intersubjetivo e que esta atuação não se dá por meio de representação, mas por uma interação interdependente e recíproca. Retomamos a seguir, a noção de *representação objetivista* abordado no Capítulo 1 – que considera que nossa cognição se dá sobre um mundo que é predeterminado, do qual representamos suas características para então agirmos com base nessas representações – no sentido de distinguí-la de *atuação* – ou da interação empática tratada nesta seção. Ambas configuram as bases conceituais da *abordagem experiencial*.

²⁷ Tradução da autora.

2.3 ATUAÇÃO VERSUS REPRESENTAÇÃO

"É perfeitamente aceitável falar de um mapa que representa um terreno sem pensar na maneira como os mapas adquirem seu significado" (VARELA et al, 2003: 145).

Varela et al (2003:146) consideram que a idéia de que "a representação é... concebida como a recuperação ou a reconstrução de características ambientais extrínsecas e independentes" (VARELA et al, 2003: 146) é insuficiente para explicar o mundo ricamente estruturado e interdependente da experiência humana (VARELA et al, 2003: 153).

No sentido proposto pela *ciência atuacionista da cognição*, a noção de espaço e a sua representação não são originados apenas na percepção, mas pela atuação indissociável da estrutura incorporada do sistema cognitivo no mundo, produzindo significados.

Um exemplo prático sobre a compreensão interativa das formas de representação aborda o estudo sobre ambientes destinados a educação infantil (creches) no qual foram aplicados mapas mentais adequados para seus principais usuários, crianças entre três e quatro anos (SOUZA, 2003). O método consistiu em solicitar às crianças que fizessem desenhos sobre como viam e o que mais gostavam em relação à sua creche. Durante a execução dos desenhos a pesquisadora interagiu empaticamente com as crianças com o propósito de melhor compreender o significado de cada desenho ou elemento do desenho.

No caso dos mapas mentais, a pretendida objetividade da análise comportamental baseia-se em pressupostos e padrões previamente determinados que, em geral, não atentam para as habilidades ou dificuldades dos respondentes com o desenho, bem como para seu significado para os autores. Neste sentido, a interação – empatia – ocorrida entre a pesquisadora e as crianças superou a dificuldade de análise dos mapas e minimizou o risco de interpretá-los erroneamente.

Para exemplificar esta limitação foi a alusão de Rheingantz²⁸ ao livro *O Pequeno Príncipe*, no qual o menino mostra um desenho de sua autoria que aos adultos mais parecia um chapéu. O menino explicou inconformado que o chapéu era, na verdade, um elefante no interior de uma cobra (Fig. 5):

²⁸ A menção à *O Pequeno Príncipe* ocorreu em diversas ocasiões durante as aulas e palestras proferidas pelo Professor e Orientador Paulo Afonso Rheingantz ao longo do curso de doutoramento.

“Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Responderam-me: ‘Por que é que um chapéu faria medo?’ Meu desenho não representava um chapéu, representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações.”²⁹



Figura 5

Desenho do menino de *O Pequeno Príncipe*: para os adultos parecia um chapéu, para o menino era uma jibóia digerindo um elefante (Fonte: <http://www.opequenoprincipe.com/personagens.html>)

Assim como em *O Pequeno Príncipe*, no qual houve a necessidade de uma explicação do próprio autor sobre o real significado do desenho infantil, no estudo de Souza (2003), a compreensão dos desenhos foi realizada na presença da criança. Se em lugar de ter sido realizada durante a elaboração dos desenhos, tivesse sido adotada a prática tradicional de avaliação posterior dos desenhos com base em categorias pré-estabelecidas, a dimensão da significância da análise ficaria comprometida. A atividade de desenho, sempre acompanhada de sua narrativa, favoreceu a compreensão das expectativas e necessidades das crianças, validando sua aplicação, especialmente naquela faixa etária.

A afirmação de que a cognição baseada em representações físicas é a única forma pela qual podemos explicar a inteligência e a intencionalidade é considerada fraca e controversa (VARELA et al, 2003). A unidade da percepção ambiental deriva não de um mapa espacial unitário separado dos processos mentais, mas sim da atividade coordenada de diversas redes sensorio-motoras especializadas. Esta visão corresponde à instância filosófico-fenomenológica sobre percepção espacial, na qual o espaço, conforme Merleau-Ponty, "não é uma espécie de éter no qual todas as coisas flutuam... Os pontos do espaço marcam, em nossa vizinhança, a gama variável de nossos objetivos e nossos gestos" (THOMPSON, 2004: 6).

Citando outro exemplo da necessidade de mudança de postura em relação à noção de representação objetivista, Livia Oliveira (1999) relata a dificuldade de leitura e uso de mapas em salas de aula por crianças, ou professores despreparados e sem conhecimentos metodológicos para sua explicação. A autora sustenta que esta deve

²⁹ Antoine de Saint-Exupéry - *O Pequeno Príncipe* (s/d: 9-10)

abordar a percepção e a representação da realidade geográfica como parte de um conjunto maior e que este é definido pelo próprio pensamento do sujeito.

A contrapartida da abordagem atuacionista para a elaboração dos "mapas modernos que vêm problematizando cada vez mais as dimensões sociais – e menos os aspectos físicos do espaço – e revelando na cartografia um espaço com componentes dinâmicos em lugar de estáticos" (OLIVEIRA, 1999:193), é a geração de um valor semântico aos símbolos puramente físico-representacionais característicos dos pressupostos das ciências cognitivas tradicionais (VARELA et al, 2003).

Com base nos argumentos até aqui apresentados, proponho uma analogia do *entrelaçamento estrutural* (seção 2.2) com as interações ocorridas entre os usuários e um determinado ambiente urbano. Este emite estímulos e influencia as capacidades sensíveis e cognitivas dos usuários, que reagirão a eles, não de forma independente, nem como se estivessem ali antes de sua presença. O calor de um ambiente, sua luz, suas cores e texturas, seus sons, sua ambiência, entre tantos outros estímulos, serão percebidos e farão emergir nas pessoas a consciência daquela experiência de forma recíproca e indissociada, inclusive de seu contexto histórico, cultural e social.

Do mesmo modo, a percepção não se restringe apenas à recepção de estímulos ou imagens pelo cérebro. Todo o corpo se altera ativamente para captar adequadamente os sentidos e obter a melhor interface possível: as pupilas e os poros se dilatam, as narinas se abrem, o coração acelera, as mãos se umedecem, o palato produz mais ou menos saliva, etc. O corpo e o cérebro participam conjuntamente na interação com o meio ambiente e com os outros; assim, **"é necessário sentir o meio ambiente para que se possam formular respostas adequadas ao que foi sentido. A percepção é tanto atuar sobre o meio ambiente como dele receber sinais"**³⁰ (DAMÁSIO, 1996: 256).

O geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) já considerava que a identificação com a experiência íntima de outros permite que esta seja compartilhada. Quando as palavras são insuficientes, as artes pictóricas e os rituais auxiliam na construção das imagens do sentimento, tornando-o acessível à contemplação e à meditação. A sensibilidade de uns ao descrever um lugar, um momento, uma cena, pode impregnar os outros e assim esta experiência não se perde. Em outras palavras, o autor sugere que os momentos do passado são recuperados para nossa realidade presente pelo pensamento reflexivo ganhando assim permanência.

³⁰ Grifo nosso.

Na próxima seção, faço uma digressão em relação aos pontos até aqui abordados sem perder de vista o foco na atuação e na experiência. Intencionalmente considerando uma forma de aplicação direta da abordagem experiencial no ambiente urbano, apresento uma reflexão sobre a *deriva natural* e alguns possíveis desdobramentos sobre a análise do lugar.

2.4 DERIVA

Segundo Varela et al (2003), a evolução biológica, em lugar de uma otimização por adaptação, é uma **deriva natural**, aleatória e que ocorre independentemente de qualquer pressão seletiva. Numa visão simplista e retomando o tema da interconectividade do mundo e seus objetos, animados e inanimados, “o mundo não é um campo de pouso onde caem os organismos lançados de pára-quedas: natureza e cultura estão um para o outro como produto e processo” (VARELA et al, 2003: 204).

Os autores afirmam ainda que há uma relação mútua entre organismo e ambiente que estão envolvidos de diversas formas e que a história do entrelaçamento estrutural é o que constitui o mundo de um organismo. Rejeitam assim as teorias evolutivas por adaptação ótima e propõem que a evolução ocorre por deriva natural.

No entrelaçamento estrutural com o meio observado, a trajetória produzida pelo observador inicia “um processo de continuada busca de soluções satisfatórias que *desencadeia* (mas não *especifica*) uma mudança na forma das trajetórias viáveis” (VARELA et al, 2003: 202). A deriva natural na ação de observar desprende o observador de suas amarras do ‘saber-fazer’ tradicional, e possibilita sua atuação e sua incorporação com o ambiente.

O contexto da evolução como deriva natural situa a abordagem atuacionista a partir de uma “visão das capacidades cognitivas inextricavelmente ligadas a histórias que são vividas, algo bem parecido com os caminhos que existem apenas na medida em que são abertos com o caminhar” (VARELA et al: 209).

Uma idéia análoga à da deriva foi proposta pela Profa. Rosa Pedro na disciplina “Seminários de Arquitetura, Ergonomia e Cognição II”³¹: quando acessamos a Internet e começamos a pesquisar, em algum momento somos levados para onde não

³¹ Aula realizada em 14/06/2005 no Instituto de Psicologia da UFRJ, oferecida em conjunto pelo convênio EICOS-PROLUGAR.

imaginávamos. Um determinado *link* nos faz derivar – o que não está ligado a nenhum planejamento prévio – ou seja, durante a navegação pela rede mundial, o objeto técnico nos fez derivar, produzindo em nós um deslocamento não previsto.

Da mesma forma, quando realizamos um caminhar sem destino nos deixamos atrair pelos fenômenos que se desenrolam e pelos objetos percebidos na medida em que o caminho se abre ao nosso caminhar. Ao nos deixarmos influenciar conscientemente pelos estímulos e sensações provocados pelo ambiente, vão sendo, então, produzidas emoções e respostas intersubjetivas relativas à experiência vivenciada.

Quando transposta para o estudo do ambiente urbano, a idéia da deriva remete a outras experiências sobre o andar, o deambular, o errar pela cidade. O *flâneur*³² identificado por Charles Baudelaire – um pedestre-observador que se destaca da multidão de uma metrópole, ou um cavalheiro andarilho das ruas da cidade – é um desses casos. A obra poética baudelaireana teve forte impacto no pensamento de Walter Benjamin. Para este, “o olhar aparentemente desatento e distraído do *flanêur*, escondia alguém cuja volúpia reside na decifração dos sinais e das imagens: algo que pode ser revelado por uma palavra deixada ao acaso, uma expressão capaz de fascinar o olhar de um pintor, um ruído que espera o ouvido de um músico atento” (CANTINHO, 2003).

Michel de Certeau (1980), por sua vez, menciona o estado de errância, ou a experiência da cidade por dentro, ou por baixo, em contraposição à visão aérea ou de fora, por meio de mapas, com que os estudiosos normalmente as estudam:

“É embaixo, ao contrário, a partir dos limites onde a visibilidade acaba, que vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são os andarilhos... cujo corpo obedece as plenitudes e descontinuidades de um texto urbano que eles escrevem sem poder ler” (DE CERTEAU apud JACQUES, 2006: 119).

Uma outra ‘derivação’ surge a partir da terminologia conceitual de *psicogeografia*³³ e de *deriva*³⁴ proposta pela Internacional Situacionista³⁵ na qual o filósofo francês Guy Debord

³² O significado de *flanêur* está disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A2neur>

³³ Cf. Jacques (2003) a psicogeografia estuda os efeitos do meio geográfico, ordenado conscientemente ou não, e suas influências sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. A fundamentação da idéia é explorar a psicogeografia do lugar sem preconceções, por meio das percepções não-mediadas.

³⁴ “Modo de comportamento experimental, ligado às condições da sociedade urbana; técnica que consiste em passar apressado, por ambientes diversos. Designa, também e mais particularmente, a duração de um exercício contínuo dessa experiência” (JACQUES, 2003).

³⁵ Sociedade de ultra-esquerda fundada em 1958 por Guy Debord, entre outros intelectuais, artistas alternativos e estudiosos de todo o mundo (JACQUES, 2003). Os situacionistas, descontentes com o modo de vida e de consumo do espetáculo impostos pelo capitalismo moderno, consideravam que o urbanismo havia se

propôs um novo modo de olhar o espaço urbano. Argumentava que a maioria das cidades eram desagradáveis por terem sido projetadas ignorando os impactos emocionais que causavam nas pessoas, ou por imporem um modo de controle através do desenho. Em vez de prisioneiros de suas rotas e rotinas diárias, vivendo numa cidade complexa – porém percorrendo o mesmo caminho diariamente – ele insistia que as pessoas deveriam seguir suas emoções e olhar as situações urbanas de um jeito novo e radical.

Como técnica, a *deriva* – inspirada nas idéias e conceitos acima – pressupõe que o observador deve re-conhecer (ou re-descobrir) a cidade, desconstruindo as formas e representações culturais tradicionais e impregnadas de pré-concepções, a partir de um caminhar pelo ambiente sem uma direção pré-definida.

No contexto da arquitetura e do desenho urbano, o conceito de *flâneur* remete a um modo de projetar que aproxima as questões dos aspectos psicológicos do ambiente construído. O arquiteto Jon Jerde, em seu projeto para o pós-moderno shopping center Horton Plaza, em San Diego, apropriou-se do conceito para proporcionar surpresas, distrações e seqüências de eventos para os usuários do shopping. Seu foco é menor nos edifícios isoladamente e maior na criação de áreas de uso múltiplo, também inspirado nas cidades européias das regiões montanhosas do sul. O shopping foi projetado como “o lugar ideal para o flâneur ‘passear, vagar, saltitar, vadiar’” (LOUKAITOU-SIDERIS, BANERJEE, 1988: 227).

Tais passeios sem rumo – ou percursos não estruturados, ou *derivas*, ou *errâncias* – se alinham ao conceito de *deriva natural* (VARELA et al, 2003) e surgem como uma possibilidade de aplicação prática como *técnica* de observação não estruturada de um lugar. No capítulo 3 – Materiais e Métodos – são apresentados alguns dos procedimentos de observação alinhados ao conceito de *deriva* que consideramos válidos para esta pesquisa.

Realizada a digressão intencional sobre a *deriva*, consolidamos na próxima seção nosso entendimento sobre a abordagem experiencial e, inspirados nestas reflexões, apresentamos seu desdobramento prático, a *Observação Incorporada*.

transformado em espetáculo e que as relações sociais e a participação haviam sido destruídas pelo capital. Defendiam a idéia de que a cidade deveria ser recriada conforme a situação gerada na experiência do momento, ou ainda, que a situação vai sendo construída a partir de um jogo de acontecimentos aleatórios que, ao final, designam a unidade da organização coletiva de um ambiente (Debord, 1955).

2.5 COGNIÇÃO E EXPERIÊNCIA

Como a experiência e a compreensão científica caminham juntas para explicar e compreender a cognição de uma forma ampla, conforme já mencionado, esta interdependência torna-se útil para a análise e a avaliação da qualidade do lugar por meio da observação nele vivenciada.

A *abordagem atuacionista* favorece a observação de um ambiente a partir das capacidades sensório-motoras integradas e interagindo ininterruptamente com a bagagem psicológica, cultural e histórica do observador em uma relação indissociável com o ambiente que o cerca - inclusive com seus habitantes ou usuários. A avaliação que considere as complexidades do mundo e a inexistência de uma verdade única e absoluta, deve incorporar as razões que justificam certas situações e comportamentos, além de sua mera descrição ou representação, que somente serão produzidas a partir da efetiva interação do observador com o ambiente observado.

Nos estudos e na avaliação do ambiente construído desenvolvidos no ProLUGAR, seguidamente surgem questões relacionadas diretamente com os usuários dos ambientes observados. Assim, é recomendável que o entendimento de nossa experiência, enquanto indivíduos ou *atores sociais*, possa emergir por meio da empatia entre o pesquisador e os usuários em sua interação recíproca com o meio.

A apreensão – ou mesmo a vivência intersubjetiva – das experiências ambientais, são dependentes da *empatia*, bem como da *incorporação* e do *entrelaçamento estrutural*. Numa analogia à relação paciente-terapeuta no que diz respeito a empatia cognitiva:

“Um bom terapeuta de qualquer linha oferecerá simpatia, empatia e apoio moral ... Mais importante é a capacidade de ouvir, de criar empatia, de compreender o que o outro está dizendo, de apresentar uma nova maneira de olhar a situação e oferecer soluções ou esperança... Independentemente de quem é a outra pessoa ou do que ela lhe conta, a interação por si só será útil”. (MARINOFF 2004: 53)

Alinhado com este pensamento e acolhendo sugestão da Prof. Rosa Pedro o ProLUGAR adotou a designação **Abordagem Experiencial** para caracterizar suas observações que incorporam e focalizam as interações homem-ambiente construído. Estas observações são produzidas durante a experiência nos lugares observados, bem como nas atividades que neles acontecem (habitar, trabalhar, consumir, lazer, etc.). A atitude de **Observação Incorporada** é proposta pelo ProLUGAR como a aplicação prática da *Abordagem Experiencial* nas avaliações da qualidade do ambiente construído – onde o observador é um "terapeuta" ou um especialista em prestar atenção (LAING apud CAPRA 1991).

O desenvolvimento e o aprofundamento do estudo da *Abordagem Experiencial* e da *Observação Incorporada* configura-se como uma perspectiva de análise mais

compreensiva que amplia o significado e o entendimento do lugar. A base da explicação é deslocada para a *atuação* dos observadores incorporados em sua própria experiência de observar um determinado ambiente em uso, integrando as dimensões espontâneas e reflexivas das emoções e perturbações produzidos na interação com o ambiente. Ao lidar conscientemente com as dimensões subjetivas desta interação, o *observador incorporado* poderá realizar observações mais significantes e abrangentes, tornando sua atividade mais rica e interessante (RHEINGANTZ, 2004).

O desejo de incorporar o enfoque experiencial aos instrumentos e métodos tradicionais fez necessária a revisão e a re-avaliação dos instrumentos tradicionalmente utilizados na avaliação da qualidade do lugar. Numa estratégia evolutiva alinhada à idéia de deriva natural da ciência cognitiva da atuação, consideramos possível revê-los e reavaliá-los “desde que estejamos dispostos a relaxar as restrições de algum tipo específico de resolução de problemas” (VARELA et al, 2003: 211). Os caminhos que abrimos restringem nossos passos, mas não são limitadores – ou o alicerce último – dos passos que damos que, por sua vez, podem possibilitar a abertura de novos caminhos.

Neste sentido, a primeira reflexão sobre a re-significação dos instrumentos tradicionais de avaliação foi apresentada no seminário NUTAU2004 (ALCANTARA e RHEINGANTZ, 2004). Outras experiências realizadas e diferentes técnicas testadas e aprimoradas pelo ProLUGAR tiveram seus resultados apresentados em eventos acadêmicos e científicos nacionais e internacionais e em publicações científicas³⁶.

O estudo da cidade, seus elementos arquitetônico-urbanísticos e seus atores, nesta pesquisa, torna ainda mais importante a ênfase ao caráter qualitativo, subjetivo e complementar do sistema de múltiplos métodos re-significados com base na *Abordagem Experiencial* e intermediados pela atitude de *Observação Incorporada*.

Consideramos frutífera essa intermediação que pode ser relacionada com a eliminação das fronteiras existentes nos processos que se passam entre natureza, cultura e artifício. Devem ser restituídos os elos que articulam os domínios local-global, ciência e tradição (PIMENTEL, PEDRO, 2003) que não devem mais ser opor, mas recompor de forma pacífica “sujeito e objeto, palavras e mundo, sociedade e natureza, mente e matéria – aqueles

³⁶ Ver os trabalhos apresentados em diversos eventos acadêmico-científicos (ALCANTARA, 2002; ALCANTARA, BARBOSA e RHEINGANTZ, 2006; ALCANTARA, RHEINGANTZ, BARBOSA, LAUREANO, AMORIM, 2006; ALCANTARA, RHEINGANTZ, 2007; RHEINGANTZ, ALCANTARA, 2007; RHEINGANTZ, ALCANTARA, BARBOSA, 2007) e ainda outros trabalhos relativos a inclusão da observação incorporada aos métodos tradicionais de pesquisa disponíveis na página do ProLUGAR – www.fau.ufjf.br/prolugar.

cacos que foram feitos para tornar qualquer reconciliação impossível" (LATOURE, 2001: 306).

Neste sentido, a **Observação Incorporada** é o resultado do questionamento do *ProLUGAR* à "excessiva atenção dispensada aos aspectos operacionais e instrumentais – e na sua eficiência intrínseca – em detrimento da reflexão sobre a própria experiência da reflexão vivenciada pelo observador em sua experiência de observar" (RHEINGANTZ, 2004). A questão dos instrumentos estruturados cujas variáveis são previamente estabelecidas pode induzir a observação. Neste sentido, Abraham Maslow corrobora exemplarmente esta indução: "se a única ferramenta em sua caixa de ferramentas é um martelo, uma porção de coisas começam a parecer pregos" (apud MARINOFF 2004: 45).

A *Abordagem Experiencial* incorpora o relato da experiência do observador como argumento explicativo de sua experiência cognitiva. Seu desdobramento prático, a *Observação Incorporada*, rejeita o tradicional distanciamento e neutralidade desincorporada e sugere que o observador interaja e atue conscientemente com o ambiente por meio de suas sensações e emoções, de modo consciente e aberto, ampliando sua habilidade observadora.

A observação atenta do ambiente urbano e suas influências sobre nossa própria experiência – tanto racional quanto emocional – são de extrema importância para a contemplação e compreensão de um determinado ambiente e demandam exercícios e práticas de reflexão atenta, aberta e incorporada (VARELA et al, 2003).

Varela et al (2003) sugerem aproximação com a filosofia oriental³⁷ como um dos caminhos possíveis a ser explorado para um observador desenvolver a habilidade de manter a mente presente durante a experiência. A incorporação das técnicas de meditação e do pensamento comparado possibilitam um diálogo entre ciência e experiência.

³⁷ Especificamente à tradição budista tibetana Abhidharma. Varela et al (2003) indicam a atenção budista como uma possível resposta para o controle consciente das emoções que são capazes de dominar nossa razão. Nesse sentido, os exercícios e práticas de meditação e relaxamento podem contribuir para aumentar nossa sensibilidade a todas as formas de experiência pois "sempre que exercitamos uma escolha – abstenho-nos de reagir ou reagindo de novas maneiras – ganhamos força e ampliamos o espaço onde a livre escolha se faz possível. Inicialmente, pode ser que nossas reações habituais suplantem nossa consciência, porém, nossa compreensão do que está acontecendo pode nos encorajar a continuar nossas observações, e pode também aliviar sentimentos de impotência e de culpa. Com paciência, podemos desenvolver a capacidade de cortar por completo até mesmo a força das emoções e dos pensamentos mais negativos." (Tulku, 1997).

Alinhado com a recomendação de que a observação pode ser conscientemente guiada (VARELA et al, 2003), o ProLUGAR sugere o exercício da *meditação*³⁸, para aquietar os sentidos por meio da integração entre corpo e mente, para aumentar a vitalidade do corpo e a clareza da mente, bem como para treinar a atenção e cultivar a presença do corpo, da mente e dos pensamentos.

A filosofia budista reconhece que a realidade da experiência pode ser muito diferente dos conceitos utilizados para interpretá-la, que “podem ser rígidos ou limitados demais para expressar a natureza dinâmica dos sentidos do corpo e da mente.” (TULKU 1997: 229) O importante é estar atento e aberto para os horizontes que se abrem durante a experiência.

A bissociação de idéias – ou o exercício de criatividade que relaciona coisas, por mais incompatíveis e dessemelhantes que sejam entre si – presente nas artes e nos acasos geram *insights* e atos criativos nem sempre explicados pela lógica convencional. “A chave de uma grande descoberta tem sido a observação do inesperado. Os métodos científicos deveriam se valer do acaso e da serendipidade³⁹” (YÁGIZI, 2005: 47).

Defendemos que os métodos científicos podem se valer ainda de técnicas de meditação para ampliar nossa capacidade de observar, pois como sugere Yázigi,

“os praticantes de meditação transcendental (...) sabem que o estado de relaxamento profundo apazigua a mente e cria fruição. (...) a técnica de uso de mantras faz com que, esquecendo-nos de nós mesmos, possamos passar do estado de sono ao de vigília acordado – sem magia ou religião: **isto é uma técnica**. Na meditação transcendental, o mais importante não é o que acontece durante, mas o que vem depois e bem depois.” (YÁZIGI, 2005: 56)⁴⁰

Ao transcender a postura tradicional da racionalidade científica, distanciada, neutra e desincorporada, a *Abordagem Experiencial* permite que o observador assuma, interaja e atue conscientemente e de forma mais participativa com suas emoções, ampliando sua habilidade de observar-na-ação a experiência intersubjetiva. O sujeito da ação incorporado à experiência passa a ser o ponto de partida e explora as construções mútuas de mundo e vida dos participantes, ou o mundo da experiência vivenciada do qual todos derivamos (HACKLEY, 2003).

³⁸ A milenar prática de meditação tibetana Nyingma - o *Kum Nye*, - procura integrar os enfoques físico e psicológico do relaxamento através dos ensinamentos do mestre Tarthang Tulku (1997).

³⁹ “Acaso ou serendipidade – um evento que não tem nada a ver com nosso objeto de pesquisa pode, pela associação fortuita de idéias, nos conduzir a uma explicação, uma boa saída explicativa.” (Yázigi, 2005) (N.A)

⁴⁰ Grifo meu

Na *Observação Incorporada*, o observador se transforma a um só tempo em ator e roteirista do observar ao relatar sua experiência, consciente de sua influência nos resultados e no significado da observação. Busca integrar a experiência vivenciada pelos diversos e diferenciados atores dando ênfase ao significado, à linguagem, à intencionalidade, ao agenciamento e à reflexão.

Cabe à tarefa dos observadores incorporados aos ambientes urbanos que observam, apreender a experiência vivenciada pelos outros, mesmo sem ter passado por elas diretamente. Por meio da *empatia* (THOMPSON, 1999) é possível e desejável compreender e incorporar as leituras ambientais dos usuários às suas próprias leituras dos ambientes observados.

A *Abordagem Experiencial* aliada ao conceito de *empatia* torna-se, assim, fundamental para a obtenção de relatos mais significantes tanto durante a interação com o ambiente, quanto no momento da interação observador/usuário. Ela implica em que o entrevistado se sinta confortável e seja franco, aberto e compreensivo sobre seus próprios sentimentos e pensamentos a respeito da experiência relatada ao pesquisador que, por sua vez, deve se valer da empatia para apreender a experiência relatada – normalmente subjetiva e cheia de nuances e entrelinhas – de forma mais abrangente e fiel possível.

De modo a tornar efetivos os relatos e descrições produzidos na experiência de observação e nas interações empáticas homem-ambiente, torna-se necessário determinar alguns caminhos possíveis na explicação da experiência que são apresentados na próxima seção.

2.6 EXPLICANDO A EXPERIÊNCIA

“Não há por que limitar o estudo da ciência à escrita do Livro da Natureza e esquecer de estudar esse “Grande Livro da Cultura”, que exerce uma influência muito mais marcante em nossa vida diária do que a outra.” (LATOURETTE, 2001: 414)

Em *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana* (2001) Humberto Maturana considera que a explicação tradicional para os fenômenos do conhecimento, ou atos cognitivos, não é suficiente e não pode ser sustentada com base na suposição de que se trata de algo que é externo e independente da experiência. Este autor aponta ainda para a necessidade de uma nova explicação que não dissocie o conhecimento da experiência. Para explicar o fenômeno do conhecer, sugere como ponto de partida "o observador observando, e o observar" (MATURANA, 2001: 27). O ponto central da reflexão passa a

ser o próprio observador, uma vez que a explicação passa a ser o relato de uma experiência vivenciada por ele.

O pensamento de Maturana permite superar os limites dos preceitos behavioristas: que a postura do observador deve ser isenta e distanciada do seu objeto de estudo – no caso, usuários, ambiente e ação observada – evitando-se o envolvimento ou a interação entre observador-objeto (ZEIZEL, 1981); que a explicação sobre o fenômeno, deve, do mesmo modo, ser isenta e objetiva, quantificável, mensurável ou estatisticamente comprovável, para ser considerada científica.

Temos consciência de que “nas ciências sociais, os pesquisadores impõem suas próprias visões sobre o que quer que estejam observando...” (MARINOFF 2004: 41), incorrendo no risco de transpor para os dados sua própria percepção e seus preconceitos, de forma invisível.

Latour (2000) propõe a desmistificação e a eliminação das caixas-pretas que normalmente dominam a descrição científica. Sugere que o trabalho concreto de fazer abstrações não deve se transformar em algum fator mental misterioso, sob o risco de se tornar inacessível aos não-especialistas. Sugere ainda um equilíbrio entre objetividade e subjetividade, reforçando a idéia da produção coletiva e argumentando que ambos são relativos à provas de força carregam e podem deslocar-se gradualmente, pendendo para um ou para outro lado. Destacamos assim seu pensamento como um aliado à produção qualitativa intrínseca a este trabalho, pois “acreditar mais no formulário de enésima ordem do que no senso comum é próprio de astrônomos, economistas, banqueiros, em suma, de todos os que... tratam com fenômenos ausentes por definição”. (LATOURE, 2001: 415)

Nas ciências sociais “as abordagens qualitativas têm sido consideradas como pouco científicas do ponto de vista positivista” (PREUSS, 1999:105), entretanto, mesmo “as pesquisas de opinião estatisticamente tratadas e probabilisticamente interpretadas não são neutras (...). A quantificação não é, tampouco, garantia de objetividade” (PREUSS, 1999:106).

Ao assumirmos uma atitude conscientemente integrada e atuante na interação com o ambiente, seus usuários e objetos que o configuram, revela-se uma compreensão mais aprofundada, tanto quanto dos aspectos objetivos, quanto das questões subjetivas que, em geral, são encobertas pela obviedade e pela objetividade. A opção pela abordagem qualitativa demanda um rigor ainda maior e mais consciente do pesquisador em suas considerações e análises (PREUSS, 1999: 107).

Inspirados em Maturana (2001), Varela et al (2003) e Thompson (1999), os estudos desenvolvidos pelo ProLUGAR têm procurado incorporar o maior número possível de atributos da consciência humana presentes nas suas experiências vivenciadas como, por exemplo, a percepção, as emoções, os juízos de valor e as razões que justificam determinados comportamentos. Neste processo a linguagem cumpre um papel relevante, pois é por meio dela que ocorre a explicação do fenômeno e sua aceitação. "A ciência não tem a ver com a predição, com o futuro, com fazer coisas, mas sim com o explicar" (MATURANA, 2001: 30) e o modo de explicar é realizado pela linguagem – segundo Maturana, somos seres *linguajantes*.

Na explicação da objetividade dos fenômenos, Maturana (2001) indica a existência de dois caminhos possíveis. O primeiro caminho, da **objetividade sem parênteses**, as coisas e os fenômenos acontecem independentemente do observador – ou seja, a existência precede à distinção. Nele só há uma realidade que é objetiva, independente e requer obediência e aceitação. O segundo caminho, da **objetividade entre parênteses**, aponta a interdependência da existência e do observador e "abre um espaço de convivência fundado na compreensão da natureza biológica e no entendimento que não podemos distinguir entre ilusão e percepção" (MATURANA, 2001: 39). O observador não pode fazer referência a entidades independentes de si na construção do seu explicar, considerando que a explicação é uma reformulação da experiência com elementos da própria experiência (MATURANA, 2001: 36). Neste caminho existem muitas realidades possíveis e todos os seus domínios são legítimos, enquanto constituídos da mesma maneira como coerências operacionais explicativas do observador.

O pressuposto de que "o observador acontece no observar" (MATURANA, 2001: 126) implica na impossibilidade de que a interação na experiência deste observar aconteça fora do ambiente observado. O reconhecimento desta distinção na linguagem implica na interação do observador com entidades diversas, tais como os elementos incorporados em nossos relatos, descrições, explicações e reflexões ao longo de nossas interações da vida cotidiana.

Como somos seres linguajantes, a linguagem e a conversação – ou o "fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar" (MATURANA, 2001: 132) – são conceitos fundamentais na existência e nas distinções que realizamos em nosso observar. Neste sentido "a responsabilidade do que é dito está no que se diz e não no que os outros escutam" (MATURANA, 2001: 75).

Como conseqüência, a ciência – como um domínio cognitivo – precisa validar suas afirmações e explicações por meio de uma rede de conversações submetida ao critério

de validação das explicações científicas. O cientista, ao reconhecer que opera sob a paixão do explicar, reformula suas experiências, aberto a um incessante e recursivo processo de novas perguntas e explicações.

As ações e interações cotidianas também envolvem as mesmas coerências operacionais do critério de validação das explicações científicas. A diferença entre a ação do cientista ao fazer ciência e a das pessoas comuns em sua vida cotidiana está na emoção e no uso indiscriminado e não tão sistematizado e criterioso dos domínios fenomênicos utilizados para validar suas explicações e afirmações, ou seja: as pessoas comuns se deixam levar por suas emoções e sentimentos, enquanto que os cientistas, em geral, tendem a bloqueá-los.

A exemplo de Maturana (2001), os pesquisadores do ProLUGAR acreditam que as emoções atuam legítima e constitutivamente na especificação do domínio de ações pelo qual são geradas as perguntas. E isto acontece apesar dos argumentos de objetividade e independência emocional dos cientistas que crêem na realidade objetiva e independente de suas existências "a poesia da ciência é baseada em nossos desejos e interesses e seu curso é guiado por nossas emoções" (MATURANA, 2001: 147). Neste sentido, o que importa aqui, não é impedir que os desejos ou preferências sejam distorcidos ou interfiram no seu argumento explicativo, mas sim, que possamos assumir a responsabilidade – enquanto cientistas, acadêmicos ou seres humanos – por nossas ações e pela consciência das emoções envolvidas na experiência.

Ao aceitar a proposta de Maturana de seguir o caminho da *objetividade entre parênteses*, é possível ratificar a afirmação de que a *experiência* deve ser muito mais engajada e incorporada. A habilidade do observador deve se amplificar na medida em que negocia o caminho em relação ao ambiente vivenciado. A atitude incorporada do observador se baseia na afirmação de que a "maior habilidade da cognição viva (...) consiste em ser capaz de colocar, dentro de amplos limites, as questões relevantes que precisam ser abordadas a cada momento" (VARELA et al, 2003: 153).

2.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Os aspectos formais e objetivos configuram a base da ação e da experiência humana no lugar. Por um lado, o *olhar técnico* do arquiteto-urbanista torna-se relevante por sua habilidade adquirida para observar e distinguir tais aspectos, em geral não percebidos pelos usuários. Por outro lado, este *olhar* deve ter clareza de seu caráter complementar ou coadjuvante da experiência vivenciada. Ele deve estar atento aos estímulos percebidos pelos sentidos, aberto às diferentes possibilidades que surgem ao longo da

experiência e, também, consciente das emoções que emergem a partir de sua atuação ou interação. A reflexão sobre a observação que segue este procedimento, "pode interromper a cadeia de padrões de pensamentos habituais e concepções" (VARELA et al 2003:43). Ela deixa de ser uma atividade abstrata e passa a ser incorporada.

Esta postura aberta, atenta e consciente às influências e emoções provocadas pelo lugar pressupõe que o observador seja capaz de equilibrar os sentidos e as emoções, o racional e o emocional, na tentativa de não se deixar levar por impressões pré-concebidas, vagas, desatentas ou superficiais. Segundo a *Abordagem Experiencial*, ter consciência do ato de observar e estar mental e corporalmente presente torna-se condição fundamental para a experiência humana.

O reconhecimento da importância da subjetividade (emocional) na observação e sua influência na compreensão objetiva (racional) no processo de explicar e de compreender as relações homem-ambiente – que se baseiam no pressuposto de que todo relato é o relato de uma observação ou experiência vivenciados pelo observador (MATURANA, 2001) – justificam a contribuição da observação incorporada para a compreensão, a análise e avaliação do lugar.

No próximo capítulo serão apresentados alguns dos procedimentos relativos à Observação Incorporada, que vêm sendo desenvolvidos conjuntamente no ProLUGAR e os instrumentos e técnicas, devidamente resignificados a partir da abordagem experiencial que foram utilizados nos estudos de caso do Rio de Janeiro e de San Diego.

3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

"A validade da ciência está em sua conexão com a vida cotidiana. Na verdade, a ciência é uma glorificação da vida cotidiana" *Humberto Maturana (2001:40)*.

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa correspondentes aos conceitos apresentados no quadro teórico-conceitual. Sua construção visou responder à hipótese de que a *Observação Incorporada* transforma qualitativamente e refina o conjunto de técnicas e instrumentos de Avaliação do Ambiente Construído, **sem prejuízo de sua objetividade científica**.

O grifo destaca o fragmento da hipótese, sugerindo basicamente uma mudança de atitude do observador, a *observação incorporada*, pode ser associada aos instrumentos e técnicas tradicionais de avaliação da qualidade do lugar re-significados à luz da abordagem experiencial (ALCANTARA, RHEINGANTZ, 2004; RHEINGANTZ, ALCANTARA, 2007). Nas observações realizadas em ambientes urbanos e/ou arquitetônicos, a abordagem experiencial tem demonstrado sua utilidade para evidenciar os aspectos subjetivos que, em geral, não costumam ser sistematicamente identificados e/ou interpretados nas abordagens comportamentais.

Importante mencionar que o procedimento de avaliação que integra múltiplos métodos, ora apresentado, possui um caráter multidisciplinar que aproxima conceitos provenientes das ciências cognitivas, da psicologia, da antropologia e da filosofia oriental. Os resultados da aplicação dos diversos instrumentos e ferramentas visa garantir uma análise mais aprofundada, rica e significativa sobre o lugar e configura uma contribuição inédita para o campo da arquitetura e do urbanismo.

Como reforço do procedimento de análise qualitativa e multi-dimensional utilizado para explicar a experiência, recorreremos ao caminho da "objetividade entre parênteses" (MATURANA, 2001), que se alinha com a indissociabilidade da ação e da produção do conhecimento (Boaventura SANTOS, 1995; MORIN, 1996; LATOUR, 2001; PEDRO, 2006), mencionada no Capítulo 1 – Fundamentação Teórica.

A primeira recomendação para a aplicação da abordagem experiencial é que o *olhar incorporado* deve integrar todas as suas capacidades sensório-motoras, suas emoções e sua consciência – atento e aberto do pesquisador ou grupo de pesquisadores. As habilidades técnicas do arquiteto-urbanista devem ser complementadas pela incorporação da experiência, uma vez que a "forma reflexiva de experiência pode ser desempenhada com atenção/consciência" (VARELA et al 2003: 43), durante o trabalho

de observação do ambiente.

A segunda recomendação deve ser no sentido de entrelaçar o olhar e a experiência dos pesquisadores com o olhar e a experiência dos usuários que vivenciam o lugar cotidianamente – impregnados de histórias, memórias, valores e significados – que podem ser apreendidos através da *empatia* (THOMPSON, 1999) definido na Capítulo 1 – Fundamentação Teórica.

Na *abordagem experiencial*, o relato da experiência se apoia na qualidade e na riqueza das informações e conhecimentos produzidos durante o processo de observação. Assim, a formatação dos procedimentos de campo procura seguir uma lógica cognitivo-experiencial, com vistas a buscar os aspectos subjetivos e não evidentes da interação com o ambiente. Procura integrar também os diversos *olhares* compartilhados sobre o lugar – daqueles que o utilizam e o vivenciam e daqueles que, profissional ou politicamente, estão com ele envolvidos.

Conforme mencionado anteriormente (Capítulo 2 – Abordagem Experiencial), reafirmamos aqui as diferenças entre a **abordagem experiencial** – que integra a experiência à ação – e a tradicional – que pressupõe a representação de um mundo independente daquele que o percebe. Neste sentido, os procedimentos desenvolvidos para aplicação nos três estudos de caso foram aqueles provenientes da pesquisa PROARQ “Desenho Urbano e Qualidade do Lugar”⁴¹, devidamente compatibilizados com os conhecimentos produzidos na pesquisa “Cognição, Ergonomia e Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído”⁴². Desta pesquisa, são apresentados em sua primeira versão, os procedimentos sistematizados para realizar uma **observação incorporada** – aplicação prática da abordagem experiencial cujos pressupostos teóricos estão mencionados no capítulo anterior. A observação incorporada implica na modificação da postura do pesquisador em relação à importância e a eficácia das ferramentas de análise. Da primeira pesquisa, foram utilizados os instrumentos e técnicas para **análise morfológica e visual** e **entrevistas semi-estruturadas**, revisados e re-significados em função das bases e fundamentos da *Observação Incorporada*.

Como resultado dos estudos do ProLUGAR sobre a resignificação de instrumentos tradicionais utilizados da pesquisa do desempenho do lugar e com base na primeira aplicação em ambiente urbano de alguns dos instrumentos, um catálogo vem sendo elaborado por integrantes do grupo. O mesmo contempla, além da observação

⁴¹ Pesquisa mencionada no capítulo introdutório, na qual participo desde 2001.

⁴² Pesquisa contemplada pelo Edital Universal do CNPq que embasou as disciplinas Seminários de Cognição I e II do PROARQ-FAU-UFRJ, realizadas em 2005.

Incorporada e das *entrevistas* aplicados nesta pesquisa, diversos outros instrumentos de avaliação da qualidade do lugar, resignificados à luz da *abordagem experiencial*, tais como *mapas mentais*, *mapeamento comportamental*, *walkthrough*, entre outros⁴³.

Finalmente, em coerência com os pressupostos desta abordagem, cabe mencionar que os procedimentos adotados não ousam negar a tradição ou reduzir sua importância. Nossa intenção é de transformá-la, conferindo um novo significado aos instrumentos consolidados na avaliação do lugar, enriquecendo-os e qualificando-os.

3.1 OBSERVAÇÃO INCORPORADA

A *Observação Incorporada*, mais do que uma técnica ou ferramenta, é uma **atitude** que permeia todas as etapas da pesquisa, agregando à experiência da observação os valores mentais, emocionais, culturais – inerentemente subjetivos. A questão central em uma observação incorporada é o pesquisador atentar para a sua própria experiência de observar e atentar para as emoções (quaisquer reações e perturbações) que emergem durante o processo de interação com o ambiente e com seus usuários.

Para possibilitar que o pesquisador ou observador redirecione suas capacidades – “percepção, pensamento, sentimento e sensação” (TULKU 1997: 233) – de modo a contemplar com espontaneidade, clareza e atenção sua interação com o ambiente, é recomendável que o observador incorporado desenvolva algumas habilidades e técnicas de atenção. A aproximação com a filosofia oriental e a utilização das técnicas de relaxamento mencionada no Capítulo 2 – *Abordagem Experiencial* – possibilitam “levar a pessoa a tornar-se atenta, experienciar o que a mente está fazendo enquanto ela o faz, estar junto com a própria mente” (VARELA et al 2003: 40). Para tanto, a mente deve se esvaziar sem esforço, se deixar fluir, coordenar e incorporar corpo e mente, ficando clara sua atividade natural de estar alerta e ser observadora.

O roteiro a seguir foi desenvolvido para a pesquisa *Cognição e Projeto do Lugar: aplicação do enfoque enactivo na avaliação de desempenho de lugares urbanos*, com o objetivo de testar a aplicabilidade da *Cognição Experiencial* nas observações de campo relacionadas com a pesquisa.

- **Preparação**

⁴³ Título provisório da publicação a ser disponibilizada para a comunidade acadêmico-científica na forma impressa ou em mídia eletrônica: “Observando a Qualidade do Lugar Procedimentos para o Trabalho de Campo”, de Paulo Afonso Rheingantz, Gisele Azevedo, Denise de Alcantara, Mônica Queiroz Araújo e Alice Brasileiro (previsão de publicação: 2º. Semestre de 2008).

Antes de iniciar uma observação incorporada, é recomendável procurar um local onde seja possível fazer um breve relaxamento das tensões e ansiedades produzidas durante o deslocamento até o local a ser estudado. Deve ser um recanto tranqüilo – um templo religioso, um banco de praça, uma mesa de um bar ou café – para que, por alguns instantes e progressivamente, o pesquisador possa ir se libertando dos próprios pensamentos e voltar a mente para experimentar sua respiração, inicialmente lenta e profunda, com a movimentação de toda a capacidade torácica. Na medida em que a mente se liberta dos pensamentos e ansiedades e a respiração e os batimentos cardíacos se estabilizam, com suavidade e delicadeza, a intensidade da respiração deve diminuir gradativamente até se tornar quase imperceptível.

- **Observação Atenta**

No momento em que a mente e o corpo ficarem suficientemente relaxados e libertos, o pesquisador deve começar a voltar sua atenção para os acontecimentos que se desenrolam no ambiente e, na medida do possível, deixar-se envolver pelos acontecimentos e pela atmosfera do ambiente. Neste momento, ele está pronto para iniciar seu percurso experiencial, deixando-se levar pelos acontecimentos e sensações vivenciados, em uma espécie de deriva natural ou errância (CERTEAU, 1980). O pesquisador deve seguir um trajeto aleatório conforme sua empatia com o ambiente, deve perceber o percurso e, na medida em que este atrai seus sentidos e o caminhar se delinea, a situação e as impressões que emanam do ambiente vão sendo apropriadas. Em lugar de direcionar seus pensamentos e sentidos com base em um conjunto de instrumentos e técnicas previamente definidos, deve procurar ficar atento para as suas próprias reações corporais e emocionais frente à experiência ambiental e aos acontecimentos que se desenrolam. Estas incursões devem ser sempre complementadas por fotografias⁴⁴ ou croquis representativos de momentos, eventos ou elementos que atraíam sua atenção.

- **Conclusão 1**

Uma vez terminado o percurso – e ainda “contagiado” pelas emoções vivenciadas – cada pesquisador deve procurar um local tranqüilo onde possa sentar e reviver mentalmente, passo-a-passo, sua experiência recente. O gravador e os cadernos de anotações se tornam valiosos auxiliares para registro, que deve procurar reproduzir com a

⁴⁴ Cf. GROSJEAN e THIBAUD (2001) no *método de itinerários* cuja proposta se aproxima da nossa, a fotografia é utilizada como testemunho da jornada, adotando-se uma imagem a cada mudança de percurso, tempo de parada, variação de movimento ou mudança emocional percebida. Da mesma forma, para a *etologia dos espaços públicos* – o estudo qualitativo da composição e dos comportamentos específicos observáveis – deve-se recorrer a registros fônicos, videoscópicos e fotográficos.

maior liberdade, naturalidade e riqueza de detalhes, as experiências vivenciadas. Estes registros podem ser complementados por desenhos, croquis e mapas esquemáticos indicando com detalhes os percursos, as paradas prolongadas, as interrupções, os marcos e demais elementos considerados importantes.

- **Conclusão 2**

Quando a experiência é realizada por mais de um pesquisador, após o registro individual indicado na Conclusão 1 e, sempre que houver tempo e condições no local, deve ser realizado um novo registro dos relatos compartilhados das experiências e impressões vivenciadas, anotando tanto os pontos comuns como as eventuais discrepâncias.

- **Conclusão 3**

Um ou dois dias depois, no laboratório/escritório, o(s) pesquisador(es) deve(m) reler ou ouvir os relatos de campo e, se necessário, produzir um novo documento mais sistemático e devidamente fundamentado, se possível reproduzindo a seqüência ordenada das fotos e desenhos devidamente identificados com número e título. A seguir, a equipe de pesquisa deve se reunir e todo o processo deve ser reapresentado e discutido. Quando necessário, novas observações mais estruturadas – seguindo roteiros previamente definidos – podem ser realizadas no mesmo local da(s) observação(ões).

Nos cadernos de campo deve constar em cada registro: nome e identificação do projeto de pesquisa, local, data e horário de início e de término de cada etapa da observação, número da observação, nome do(s) pesquisador(es), seguido de um breve parágrafo informando as condições do tempo, bem como um mapa ou desenho esquemático do percurso.

- **Contemplando as Descobertas**

A releitura e o entrelaçamento dos relatos das observações e experiências devem permitir revelar inquietações, identificar problemas, apontar impressões ambientais, vislumbrar qualidades, etc, cujos efeitos sobre os pesquisadores possam ser considerados similares ou diferentes em diversos momentos. Entretanto, neles poderá haver uma carga pessoal e subjetiva, que ora suaviza, ora endurece o olhar sobre o ambiente.

A conjugação destes diversos olhares configura o *olhar compartilhado*

“que participa de uma consciência do universo percebido. Ao mesmo tempo em que é uma entidade distinta – uma onda – é, também, um universo – um oceano – formado pelo conjunto das percepções individuais dos usuários que interagem com o [ambiente], assumindo “formas de vida” e “significados” variáveis conforme o uso a eles determinado” (RHEINGANTZ, 2000).

Ao se ocupar e atentar para o modo como guia suas ações durante a observação, o pesquisador pode dar mais atenção ao seu “saber intencional”, em lugar dos modelos, regras e procedimentos do “saber-fazer” tradicional. Com isso, o foco da observação passa a ser o conjunto de acontecimentos produzidos durante o processo de interação do(s) pesquisador(es) com o ambiente, enquanto ambos mudam de modo congruente.

3.2 ASPECTOS FÍSICOS E MORFOLÓGICOS

A análise morfológico-espacial tem como meta conhecer o ambiente construído ou lugar – sua evolução, as transformações físicas decorrentes de processos urbanísticos e as alterações espaciais e sociais ao longo de seu desenvolvimento. Nossa intenção é também verificar a natureza do entrelaçamento de humanos e não-humanos na configuração do caráter do lugar e confirmar o pressuposto de que o mundo mistura *cultura* e *natureza* no seu cotidiano (LATOURE, 1994). No sentido de superar os obstáculos e barreiras que separam os aspectos objetivos (formais, espaciais, morfológicos) dos subjetivos (sociais, culturais, experienciais) relacionados ao ambiente construído conforme fundamentado no Capítulo 1, assumimos a atitude de observação incorporada que passou a intermediar o processo em todas as suas etapas, o que inclui desde os levantamentos de campo até sua análise.

Os procedimentos da pesquisa morfológica adotados configuram uma apropriação daqueles desenvolvidos pela Prof. Vera Tangari para a disciplina “Arquitetura da Paisagem” do curso de doutoramento do PROARQ-FAU-UFRJ, no sentido de caracterizar as materialidades, os aspectos relevantes e os atributos físicos, além de identificar e distinguir as similitudes e/ou dualidades de cada área estudada⁴⁵.

Não menos importante foi o resgate da experiência adquirida ao longo da pesquisa de mestrado sobre a qualidade do lugar no Parque Guinle (ALCANTARA, 2002), um dos estudos de caso da pesquisa Desenho Urbano e Qualidade do Lugar (DEL RIO, 2001), na qual levantamentos e mapeamentos de suas características físicas nos auxiliaram a compreender a lógica estruturadora do tecido urbano daquele distrito residencial.

Alexander et al (1980), Ashihara (1982), del Rio (1990), Lamas (2000) e Villaça (1998) proporcionam os subsídios conceituais de morfologia e de desenho urbano que contribuem para a identificação de atributos e fatores geradores de qualidade dos lugares pesquisados. Em conformidade com a *abordagem experiencial* torna-se

⁴⁵ Como exercício da disciplina foi realizada a análise do ambiente urbano da Praça XV, um dos estudos de caso desta tese que redundou no artigo *O Largo e a Travessa – Dicotomias Pontuais e Harmonias Contextuais na Praça XV – Rio de Janeiro* (ALCANTARA, 2007).

imprescindível associar à materialidade dos objetos arquitetônicos e urbanísticos à noção de “rede de interfaces sócio-técnicas” (LATOUR, 2001), na qual, cada objeto ou evento é concebido como uma mistura ou “coletivo” de homens, coisas e técnicas cujo entrelaçamento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (PEDRO; 2003a).

Esta etapa da pesquisa possui dois momentos que podem ser concomitantes: o trabalho de observação direta, ou seja, os levantamentos em campo propriamente ditos, e o de observação indireta, configurado pela revisão de fontes secundárias, de informação catalogada e da pesquisa bibliográfica.

Ao longo dos levantamentos e mapeamentos da estrutura morfológica dos recortes urbanos – delimitados na etapa anterior com o auxílio das observações incorporadas – a atuação do pesquisador deve ser aberta, atenta e inseparável do ambiente. Passa a ser indispensável o entrelaçamento das descobertas das observações com os aspectos físicos, objetivos, formais, espaciais e imagéticos levantados, de modo a possibilitar a integração do espaço percebido com o ambiente ou *lugar* vivenciado. A análise das relações espaciais e volumétricas, que agrega a observação consciente, atenta e aberta, configura-se assim o modo de re-significação proposto pela abordagem experiencial.

Após realizados os levantamentos de campo devem ser elaborados mapas e registros gráficos para sistematização das informações obtidas. O roteiro dos aspectos a serem levantados e analisados corresponde à seguinte ordenação:

- **Aspectos funcionais** – Características gerais de uso e ocupação do solo; gabarito das edificações; hierarquia viária, sistema viário; legislação urbanística e registro de compatibilidades e incompatibilidades.
- **Aspectos históricos e de evolução urbana** – breve histórico do lugar; identificação do patrimônio cultural, e projetos e planos existentes, com indicação das compatibilidades e incompatibilidades relativas às tendências de desenvolvimento;
- **Aspectos ambientais e paisagísticos** – Características geográficas e topográficas locais; cobertura vegetal; aspectos da paisagem através da técnica de visão serial.
- **Aspectos urbanísticos** – densidade construtiva, a ser analisada através dos mapeamentos de figura-fundo e fundo-figura; características e tipologias arquitetônicas predominantes e/ou marcantes.

A análise morfológica torna-se, assim, um procedimento indispensável para a identificação de elementos conformadores do tecido urbano e útil para a visualização, entrelaçamento e comparação com outros procedimentos da pesquisa. O

mapeamento das relações morfológicas – domínios público, semi-público e privado, distâncias, acessibilidade e mobilidade, espaços construídos e espaços vazios – ao serem levantados e analisados possibilitam trazer à luz não apenas a lógica estruturadora dos lugares mas, também, as transformações que ocorreram ao longo de seu processo evolutivo.

Quando visualizados lado a lado, e relacionados aos resultados das análises de outros instrumentos, o produto gráfico resultante auxilia na visualização do lugar no plano bi-dimensional com respeito às relações físicas, espaciais e morfológicas identificadas, e no entendimento das interações e ações sociais, e nas compatibilidades, incompatibilidades e conflitos levantados por meio de outros instrumentos.

Em complementação ao trabalho de observação direta em campo, o estudo histórico-evolutivo de ocupação e transformação da paisagem urbana a partir de fontes secundárias possibilita a revisão e o conhecimento teórico-contextual dos lugares urbanos estudados. Esta etapa inclui ainda o estudo e análise da legislação específica incidente sobre as áreas estudadas, especialmente com relação às transformações ocorridas após a implementação de planos e projetos de revitalização.

A análise de matérias e reportagens publicadas nos veículos de imprensa – jornais e revistas não especializados - são auxiliares nesta etapa para a identificação dos atributos e imagens ambientais transmitidos aos leitores. São consideradas como um processo cognitivo básico relativo aos lugares, “pois refletem as dimensões das relações do cotidiano social e das geografias natural e construída, configurando os principais aspectos do ‘senso do lugar’” (DEL RIO, 1996:11). As informações transmitidas pela imprensa, normalmente alinhadas com as imagens e avaliações de seus redatores, podem contribuir para a formação do conhecimento sobre o lugar.

3.3 ENTREVISTAS

A aplicação de entrevistas como instrumento de análise da qualidade do lugar visa atender ao objetivo desta tese (Introdução) no que diz respeito às influências dos processos de revitalização sobre os usuários, quanto à fruição, à apropriação e ao sentido de lugar.

As entrevistas são muito utilizadas no campo das ciências sociais e em pesquisas de opinião ou de mercado e podem ser definidas como relatos verbais sobre algum assunto específico ou “conversações com um determinado objetivo” (BINGHAM *apud* SOMMER; SOMMER 1997: 106). Elas geram um conjunto de informações sobre aquilo que as pessoas

pensam, sentem, fazem, conhecem, acreditam e esperam (ZEISEL, 1981), especialmente quando devidamente encorajadas pela manifestação de interesse do entrevistador. Assim, seu sucesso não se resume apenas à qualificação e à competência deste, mas também está relacionado com o reconhecimento da importância da interação entre o observador/pesquisador e o usuário/respondente. Ambos assumem papéis ativos e participativos na construção da pesquisa qualitativa.

Seu principal objetivo é investigar quais os aspectos que uma experiência específica traz para as mudanças nas atitudes daqueles que dela participam. O entrevistador, possuindo antecipadamente uma análise prévia de conteúdo da experiência ou situação observada, pode distinguir freqüentemente os fatos objetivos dos subjetivos. Assim, o entrevistador estará alerta para a possibilidade de percepção seletiva e preparado para explorar suas implicações.

A abordagem experiencial proposta pelo Grupo ProLUGAR (RHEINGANTZ, ALCANTARA, 2007), valoriza a interação respondente/pesquisador – que deve ter em mente que a experiência vivenciada pelo outro e apreendida por meio da *empatia* cognitiva – conceito apresentado na Fundamentação Teórica (Capítulo 1) – facilita a compreensão do significado da experiência do respondente pelo pesquisador. Permite ainda, que seus olhares e experiências se aproximem mutuamente, favorecendo o reconhecimento de seus mundos. Valendo-se da *empatia* é possível apreender nuances e subjetividades, além dos relatos e respostas obtidos por meio da linguagem verbal, que, usualmente, escapam em situações tradicionais.

Assim como nas pesquisas fenomenológicas (HACKLEY, 2003), na abordagem experiencial torna-se fundamental apreender e compreender a experiência do homem no seu ambiente cotidiano – seus hábitos, crenças, atitudes, valores e comportamentos, preferências e expectativas – e as formas como ocorrem suas interações 'no' ambiente e 'com' ele.

As imagens, percepções e sentimentos que as pessoas possuem em relação aos lugares, são aspectos que podem deixar de ser conscientes no dia-a-dia. Neste sentido, descobrir ou desvelar o olhar e os sentimentos dos usuários que interagem cotidianamente com o ambiente nem sempre é tarefa fácil. A entrevista torna-se, assim, um valioso instrumento que possibilita averiguar "fatos", determinar opiniões sobre os "fatos", determinar sentimentos, descobrir planos de ação, conhecer conduta atual ou passada, reconhecer motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas (LAKATOS, MARCONI 1991 :196), além de aprofundar informações levantadas a partir de outros instrumentos. O emprego da técnica de entrevista semi-estruturada "facilita a

emergência de informações de grande importância para os integrantes dos grupos estudados e que podem parecer insignificantes, ou mesmo invisíveis, para o pesquisador".

Considerando algumas distinções entre os tipos possíveis de entrevistas – estruturadas ou padronizadas, semi-estruturadas e não-estruturadas ou não dirigidas – são a seguir descritos os procedimentos de **entrevistas semi-estruturadas**, consideradas as que melhor se alinham à abordagem experiencial. Esta escolha ocorreu porque a entrevista semi-estruturada, apesar de possuir um roteiro básico de perguntas, permite que a entrevista se redirecione ou tome novos rumos, com novas perguntas ou relatos que abranjam outros temas de interesse da pesquisa. Este redirecionamento pode ocorrer tanto do lado do entrevistador quanto do respondente, possibilitando uma maior interação e a produção de relatos mais significativos.

3.3.1 Procedimentos

A **entrevista semi-estruturada** constitui-se de uma estrutura de tópicos e aspectos a serem abordados, cuja lista ou roteiro é derivada da formulação do problema da pesquisa. Sua elaboração é relativamente complexa e demanda muita atenção para evitar inconsistências e ambigüidades. Nas **entrevistas semi-estruturadas** fundamentadas na abordagem experiencial, perguntas com múltipla escolha e respostas com escalas de valores positivos ou negativos devem ser evitadas, pois em geral tornam-se tendenciosas, direcionando o respondente para respostas pré-especificadas. Assim, preferencialmente devem ser utilizadas perguntas abertas e discurso livre.

A aplicação de entrevistas pressupõe que devem ser realizadas frente-a-frente com o respondente. Apesar das novas tecnologias possibilitarem a ampliação do conceito de contato direto, com a incorporação das entrevistas por telefone, por vídeo ou por outros meios de comunicação extensiva, a questão-chave de uma entrevista continua sendo a conversa gerada entre duas pessoas em torno das respostas às questões formuladas. Por serem experiências poderosas, mobilizadoras ou, até mesmo, ameaçadoras, nas entrevistas olho-no-olho, o entrevistador deve ter sensibilidade para reconhecer o momento de continuar ou de mudar o rumo da conversa (HACKLEY, 2003).

Um planejamento adequado é condição primordial para a qualidade da entrevista. A elaboração das questões deve ser realizada de forma apropriada e inteligível para a obtenção de respostas válidas e significativas, cujo registro deve ser o mais preciso e completo possível. A situação usualmente almejada é aquela na qual os respondentes são encorajados a emitirem opiniões francas, têm segurança de que suas respostas serão

confidencializadas e na qual o entrevistador não usa expressões de surpresa ou julgamentos de valor.

Antes de realizar as entrevistas é recomendável fazer um pré-teste para avaliar sua adequação, no que diz respeito ao tamanho, à clareza e ao entendimento das questões. Sommer (1973) recomenda iniciar a entrevista com perguntas mais gerais, seguidas de perguntas progressivamente relacionadas com itens mais específicos. O respondente de uma entrevista que começa com perguntas específicas pode se envolver com detalhes e, mais adiante, ter dificuldades para expressar suas impressões genéricas.

O modo da abordagem e o tempo de duração das questões são deixados a critério do entrevistador e o número de questões está diretamente relacionado com a complexidade das perguntas e da própria natureza da entrevista. Entretanto, a duração de uma entrevista com perguntas abertas não deve exceder a trinta minutos, pois o respondente pode se cansar e perder o interesse em colaborar. Embora os respondentes sejam livres para expressar de maneira completa sua linha de raciocínio - podendo interromper ou redirecionar seu andamento conforme novos *insights* surjam ao longo da conversação - a direção da entrevista está nas mãos do entrevistador que tem a liberdade de explorar as razões e os motivos, com base na empatia, e conduzir para direções que não estavam programadas no roteiro da entrevista.

A tarefa do observador do ambiente urbano será entender do modo mais preciso possível as experiências do outro, mesmo sem tê-las vivido diretamente. Por meio da empatia torna-se possível entender e incorporar as leituras e observações ambientais dos usuários. A abordagem experiencial valoriza a interação entrevistador-respondente e favorece a apreensão das nuances, cores e subjetividades que, usualmente, escapam nas entrevistas tradicionais. Assim, as três fases do processo analítico da *empatia* propostas por Stein (apud THOMPSON, 1999: 9) podem ser transpostas na interação entrevistador/respondente: (1) a experiência emerge perante o outro; (2) o entrevistador levanta questões sobre a experiência vivida; (3) a experiência re-emerge de uma forma mais clara para o entrevistador.

No Capítulo 2, foi demonstrado que o conceito de *alteridade*, fundamental na interação empática, é tomado de forma particular, considerando que o *outro* - o usuário do lugar - possui um olhar particular que nós - pesquisadores - buscamos compartilhar. Este 'outro' é o sujeito que usa a cidade, que se apropria de seus ambientes comuns, que pensa a cidade, que fala sobre ela. Esse outro fala sobre sua experiência na cidade e a tarefa do pesquisador é, apoiado pela abordagem experiencial, apreender, interpretar e

compreender os sentidos que emergem nessa interação. Na apreensão de suas falas, suas expressões e impressões formulam-se interpretações não objetivas e que não pretendem definir uma verdade, pois não há verdade única. “A objetividade para os humanos é uma conquista da vida social, do espaço público, da comunicação e da intersubjetividade” (JOVCHELOVITCH, 1998: 79). Cada intérprete e cada interpretação serão únicos e tão válidos quanto quaisquer outros.

Neste sentido, para uma análise mais rica, o registro das entrevistas deve ter precisão em toda sua extensão. Podem ser gravadas em áudio ou vídeo, o que garante que não se percam minúcias e nuances das respostas para posterior transcrição e análise. Apesar de demandar mais tempo e esforço, tanto na aplicação do instrumento, quanto na sistematização analítica, o entrevistador deve estar ciente e preparado para interagir empática e incorporadamente com o respondente. O entrevistador não deve se limitar ao registro das respostas, que devem ser experienciadas com todos os seus sentidos, incorporando a experiência do outro como se fosse sua própria experiência.

Os gravadores são muito úteis no registro fiel dos relatos e discursos, apesar de que podem vir a inibir as respostas. Se o respondente não concordar com seu uso, o entrevistador deve conhecer algumas técnicas simples que possam aumentar a velocidade de sua escrita. É admissível pedir ao respondente para esperar até que o registro esteja completo. Por outro lado, por ser o material gravado muito rico e denso uma longa entrevista demandará mais tempo de transcrição, elaboração e análise dos dados – subjetivos em sua grande maioria.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para trabalhar com o material textual produzido tanto nos *relatos das observações incorporadas* quanto nas *entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas*, que trazem em si um manancial de informações e significados não aparentes à primeira vista, torna-se necessária a definição de um método de análise e interpretação das palavras e narrativas produzidas. Estas comunicam impressões, opiniões e fatos cuja interpretação não será isenta. O pesquisador é atuante no processo, conforme preconizado pela abordagem experiencial, e sua atitude *incorporada* é fundamental no processo da entrevista. Deve ser adotada “uma escuta atenta que envolva, simultaneamente, descentralização e implicação (...), procura-se conciliar interesse com isenção, no sentido de deixar os respondentes seguirem seu próprio curso de narrativa” (PREUSS, 1999: 118). Este é um aspecto da *abordagem experiencial* que determina seu domínio notadamente qualitativo, com um forte viés subjetivo.

Considerando ser este o primeiro contato na área de lingüística ou comunicação da autora, nos aproximamos de duas formas de análise muito utilizadas em pesquisas qualitativas, que se mostram apropriadas com vistas a definição de qual caminho seguir para a análise das entrevistas: a **Análise de Conteúdo (AC)**, (BARDIN, 1995, PREUSS, 1999) e a **Análise do Discurso (AD)** (PÊCHEUX, 2006; ORLANDI, 2004 e 2005).

A comparação dos dois métodos foi considerada relevante no sentido de explicitar suas características e fins específicos, além de eliminar as freqüentes confusões e falta de clareza entre ambos, que muitas vezes são utilizados como sinônimos (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

A Análise de Conteúdo (AC) é um "conjunto de técnicas de análise de comunicações" (BARDIN 1995: 31), cujos princípios se originam na lingüística e na psicologia social. O método visa obter indicadores quantitativos ou qualitativos, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, para a inferência dos conhecimentos relativos às condições de sua produção/recepção. Seu pressuposto é que por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, há um sentido a ser descoberto. É realizada por meio da análise categorial, ou seja, "funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento analógicos", podendo ser temática a partir dos temas emergentes no texto (BARDIN, 1995:153). A abordagem qualitativa da AC não reduz os elementos a uma freqüência simplificada, apesar de usá-la como suporte, detendo-se às particularidades e nuances do discurso, e na relação entre as unidades de sentido assim construídas (LAVILLE e DIONNE, 1999).

A Análise do Discurso (AD) configura disciplina de interpretação de narrativas de postura assumidamente antipositivista. Michel Pêcheux⁴⁶ afirma que "todo fato já é uma interpretação" e "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro" (PÊCHEUX 2006: 44 e 53), dando lugar à interpretação. Para o autor o discurso trabalha na articulação do lingüístico com o social, o histórico e o ideológico do sujeito, o que torna possível explorar as distintas relações com o simbólico e com o metafórico presentes nas línguas naturais, sem apagar suas diferenças e significando-as teoricamente. Eni Orlandi⁴⁷ (2005) complementa que a ideologia condiciona a constituição do sujeito e dos sentidos, dissimulando sua existência no interior de seu

⁴⁶ Filósofo francês fundador da Análise do Discurso.

⁴⁷ Principal propagadora das idéias de Pêcheux e da Análise do Discurso no Brasil. Ver Orlandi (2004), Orlandi (2005) e http://www.labeurb.unicamp.br/Quem_foi_Michel_Pecheux.htm

próprio funcionamento, produzindo, assim, as evidências subjetivas – entendendo-se *subjetivas* não aquelas que afetam o sujeito mas aquelas nas quais se constitui o sujeito.

Ambos os métodos possuem o discurso como objeto, porém a Análise de Conteúdo distingue-se da Análise do Discurso por partir tanto de uma perspectiva quantitativa quanto qualitativa, enquanto a segunda é basicamente qualitativa. A maior diferença entre as duas é que a Análise do Conteúdo abre um viés de trabalho, tanto com o sentido, quanto com o conteúdo.

Assim, optamos pela Análise de Conteúdo como a que melhor se aplica às nossas intenções avaliativas. Esta forma de análise lida com produtos e quantifica seu aparecimento para produzir um sentido, o que simplifica o trabalho de interpretação para pesquisadores não familiarizados com os complexos aspectos da lingüística. A aplicação da Análise do Discurso demandaria um domínio mais aprofundado dos campos da lingüística e da psicologia social, para que fosse realizada com o devido aprofundamento⁴⁸.

Nossa opção fundamenta-se ainda no trabalho doutoral de Miriam Preuss (1998) que recorre ao enfoque da abordagem biográfica com a utilização de entrevistas não estruturadas analisadas por categorias sociais. A autora levanta questões sobre a dificuldade de aceitação de memórias ou relatos dos respondentes como informação científica, no âmbito das ciências humanas e sociais, por não poderem ser quantificáveis ou estatisticamente comprovados, porém

“a quantificação das informações não deve ser entendida como eliminação da subjetividade, já que os critérios de recorte das categorias que serão quantificadas não são, necessariamente, objetivos, nem os “instrumentos de medida” estão livres de distorção (PREUSS, 1999: 106).

Não há consenso absoluto sobre a interpretação dos relatos e, em vista disso, cada autor desenvolve seu método próprio de análise considerando aspectos específicos vinculados ao seu interesse. Seguindo a argumentação de Preuss, trabalhos publicados neste campo não são tão específicos quanto aos procedimentos de análise e nenhum procedimento se consagrou por ser o mais adequado.

A crítica francesa atinge tanto a Análise de Conteúdo quanto a Análise de discurso e, no debate, polariza-se

⁴⁸ Para um maior aprofundamento sobre Análise do Discurso ver PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (1969) in: GADET, F. e HAK, T. Por uma análise automática do Discurso. Campinas: Unicamp, 1990; GREGOLIN, M. Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso – diálogos e duelos. São Paulo: Claraluz, 2004; GREGOLIN, M. e BARONAS, R. (org) Análise do discurso – as materialidades do sentido. São Paulo: Claraluz, 2003, FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1998.

“de um lado, a subjetividade – inapreensível para uns ou único acesso ao fenômeno humano para outros – e, de outro lado, o rigor e a objetividade – aprisionantes para uns ou garantia exclusiva da cientificidade para outros. É como se fosse inadmissível trabalhar a subjetividade com rigor ou a objetividade com riqueza” (PREUSS, 1999: 119).

A língua impõe também restrições à uma sistematização única, tanto em relação às necessárias traduções de termos que não possuem a mesma equivalência entre diferentes línguas, quanto relativo aos significados culturalmente distintos dos mesmos termos, ainda que passíveis de tradução literal. Ou seja, “não existe forma única de se trabalhar o material que emerge nos relatos de vida” (PREUSS, 1999:118), que variam tanto conforme o tipo de dados, quanto aos objetivos da pesquisa.

Como derradeiro argumento de nossa opção, a Análise de Conteúdo se alinha ao caminho da *objetividade entre parênteses* (MATURANA, 2001). Neste caminho, conforme já mencionado no Capítulo 2 (seção 2.6) há muitas realidades possíveis e todos os domínios da realidade são legítimos. Buscamos trazer à luz assim, de uma forma compreensiva e aberta, os sentidos e significados constituídos pelos discursos dos usuários dos lugares.

Assumimos, como intérpretes ou “observadores” do discurso, a responsabilidade e a significação de sua interpretação; “o observador não pode fazer referência a entidades independentes de si na construção do seu explicar, pois “a explicação é uma reformulação da experiência com elementos da experiência” (MATURANA, 2001: 36).

Este capítulo apresentou a estratégia metodológica proposta que pretende entrelaçar os olhares compartilhados do pesquisador e dos usuários do lugar: do primeiro nos interessa tanto o olhar técnico e objetivo inerentes à sua formação e bagagem histórico-acadêmica, quanto o olhar que busca as nuances e subjetividades em sua interação com o ambiente e com os outros; do segundo, considerados parte ativa do processo, interessa-nos sua visão e experiência, por sua vez apreendidos por meio da empatia cognitiva.

No capítulo seguinte serão apresentados os estudos de caso realizados no Rio de Janeiro, com os resultados e descobertas obtidos por meio da estratégia metodológica aqui proposta. Mais uma vez enfatizamos a intermediação da *observação incorporada* como atitude permanente ao longo da pesquisa e na aplicação dos instrumentos.

4 CASO CORREDOR CULTURAL

Este capítulo apresenta o estudo de caso realizado em dois recortes do Projeto Corredor Cultural. O envolvimento acadêmico anterior com o Projeto Corredor Cultural⁴⁹ e sua significância no processo de revitalização da área central histórica do Rio de Janeiro foram os principais motivos para a escolha dos estudos de caso em recortes da área do Projeto.

O capítulo é iniciado com uma breve contextualização e evolução histórica do Centro do Rio de Janeiro, a partir das fontes de dados e informações de Abreu (1987), Guimarães (2002), Pinho (1989) e Villaça (1988), e de fontes encontradas em jornais e periódicos. O Projeto Corredor Cultural, sua concepção, sua filosofia, principais diretrizes e processo de implementação foram fundamentados em Pinheiro (1986, 2002), Pinheiro & Del Rio (1993), no manual do Corredor Cultural (RIOARTE/IPLANRIO, 1985), Rodrigues (1999), e em entrevistas semi-estruturadas realizadas com pessoas-chave – os principais autores e técnicos envolvidos com sua implementação⁵⁰.

As observações incorporadas precederam as etapas de levantamentos dos aspectos físicos e morfológicas, conforme a estratégia metodológica proposta em Materiais e Métodos (Capítulo 3). Elas permearam todo o processo da pesquisa e foram fundamentais para a definição dos dois recortes físicos escolhidos e na re-significação dos instrumentos aplicados nas etapas subseqüentes.

Inicialmente foi percorrida toda a área do Projeto para que pudéssemos apreender "de dentro para fora" as primeiras impressões sobre o lugar, conforme o conceito de *deriva natural* apresentado na Fundamentação Teórica (Capítulo 1). Somente após esta aproximação e a análise preliminar dos relatos das observações foram definidos os recortes em duas das três sub-áreas – Praça Quinze e SAARA⁵¹.

⁴⁹ A pesquisa realizada sobre o Corredor Cultural em 2002 para um artigo em co-autoria com Vicente del Rio inspirou-me a aprofundar o tema no âmbito do doutorado. A pesquisa originou um dos capítulos do livro *Beyond Brasilia – Contemporary Urban Desing in Brasil*, projeto apoiado pela Graham Foundation, com previsão de publicação em Junho/2008 (Del Rio, Siembieda, 2008). Ver ainda artigo de Vicente del Rio sobre o livro disponível em www.claimingpublicspace.net (consulta realizada em maio de 2006)

⁵⁰ Em 2003, foram realizadas entrevistas com Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, então sub-secretário de Urbanismo e atual Secretário de Urbanismo do município; Maria Helena McLaren, Diretora do 1º.Escritório Técnico do Corredor Cultural – Centro, e André Zambelli, então Diretor do DGPC e atual Secretário do SEDREHPAC (Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico Cultural).

⁵¹ Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega.

Cabe mencionar que o tempo de duração da pesquisa e a abrangência do tema ocasionaram algumas mudanças no plano original que previa o estudo de recortes nas três sub-áreas. Um dos recortes definidos – o trecho da Rua dos Andradas/Uruguaiana – apesar de concluído até a etapa de morfologia urbana, foi descartado dando lugar ao trecho Praça dos Mascates/Uruguaiana – por nós considerado como mais representativo da sub-área SAARA. Foi ainda realizada a aplicação de todas as etapas da pesquisa de campo na sub-área Lapa – no trecho da Rua do Lavradio – cuja intenção era a de incluí-lo como o terceiro estudo de caso da pesquisa no Rio de Janeiro. Entretanto, em função da interrupção temporária da pesquisa no Rio para a realização do Estágio de Doutorado em San Diego e da inclusão do Gaslamp Quarter como mais um estudo de caso, optei por não apresentar o caso da Lavradio na Tese.

Na última etapa da pesquisa de campo, que concluiu os estudos de caso no Rio de Janeiro, foram aplicadas as *entrevistas semi-estruturadas* com os diversos grupos de usuários, com a aplicação do conceito de *empatia cognitiva*.

Cabe lembrar que, em todas as etapas, os instrumentos foram re-significados a partir da abordagem experiencial, sendo permeados pela atitude de *Observação Incorporada*.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Conforme Flávio Villaça (1988), o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro deu-se muito em função das direções tomadas pelas classes mais favorecidas, inicialmente na direção interiorana ao longo do eixo Centro-São Cristóvão – que ligava o Paço Imperial à Quinta da Boa Vista, ambos os lugares residência da corte portuguesa. A direção logo mudou para a orla da zona sul, pelo clima mais apazível e melhores condições ambientais à beira mar.

Limitado entre a baía, áreas pantanosas, e vários morros, o processo de urbanização do Centro foi sendo vencido por remoção e aterros totais ou parciais. Uma ocupação diferenciada, social e economicamente, marcou o processo de configuração da estrutura urbana principalmente depois da instalação da família real e da corte portuguesa no Rio de Janeiro em 1822, fugidos das guerras napoleônicas, e a conseqüente transformação da cidade na capital do país – condição que manteve até a inauguração de Brasília em 1960.

Na primeira década do século XX a cidade sofreu intenso processo de transformação com grandes obras públicas de saneamento e embelezamento, de ampliação do porto, e de melhorias nos sistemas de circulação e transporte público. Com inspiração

haussmaniana e total apoio do governo federal, o prefeito Pereira Passos empenhou-se na modernização da capital do país e na construção de uma nova imagem internacional para fazer frente a sua maior rival, Buenos Aires. As obras de saneamento e ações de saúde pública buscavam a erradicação das doenças endêmicas – como o tifo – cujas epidemias dizimavam a população e assustavam o comércio internacional.

O modelo cosmopolita internacional se impunha exigindo a transformação da antiga morfologia colonial através de uma reorganização espacial que refletisse a nova lógica capitalista e permitisse a consolidação do capital imobiliário. A abertura de novas avenidas configurou novos eixos e novas acessibilidades, dentre elas a Avenida Central – atual Avenida Rio Branco – até hoje o coração do centro de negócios da cidade. Nessa época, o alargamento das vias principais, a demolição e substituição do antigo casario, a expansão residencial ao longo da faixa litorânea e o surgimento de edifícios e monumentos arquitetônicos ecléticos, transformaram a cidade nos moldes da *belle époque* parisiense (Figs. 5 e 6).

Com a chegada da era industrial nos anos 1920, iniciou-se a total renovação de grande área no Centro para o Centenário da Independência e a construção da Exposição Internacional de 1922, com o arrasamento de morros e a eliminação do bolsão de baixa-renda sobrevivente das reformas anteriores. O Morro do Castelo – marco de fundação da Cidade – inteiramente arrasado deu lugar à esplanada do Castelo, hoje densamente ocupada nos moldes do Plano Agache, finalizado em 1930 como o primeiro plano diretor da cidade. Inspirado na tradição *beaux-arts*, o Plano Agache propunha uma capital monumental, funcional e eficiente, e buscava transformações sociais através da remodelação física, do embelezamento, de novos subúrbios-jardim, e de um zoneamento científico⁵². Apesar de nunca ter sido totalmente implementado, o Plano Agache gerou a construção de um novo setor comercial no Centro e até hoje está presente em elementos da sua legislação de uso do solo, como na tipologia e na volumetria dos quarteirões, muito influenciando nas transformações e na verticalização que se seguiu. Na década seguinte, um novo eixo monumental - a Avenida Presidente Vargas - arrasou uma faixa de dois quarteirões e mais de três quilômetros de extensão, expulsando inúmeras famílias de baixa-renda.

Embora o Centro do Rio de Janeiro já contasse com a sua estrutura arquitetônica e urbanística praticamente consolidada no início dos anos 1950, os movimentos de

⁵² O francês Alfred Agache, um dos maiores nomes do urbanismo internacional do século XX, havia sido convidado ao Rio de Janeiro para uma série de palestras sobre urbanismo em 1927. Acabou contratado para fazer o plano diretor e mudou o seu escritório para o Brasil onde ainda realizaria vários planos e projetos até o seu falecimento em 1959.

crescimento da cidade ainda iriam causar efeitos danosos, particularmente a expansão do mercado imobiliário. Além disso, como em todo o mundo, também no Rio de Janeiro os anos 1950 e 1960 foram marcados por decisões relativas a engenharia de transportes, particularmente através da priorização do automóvel em detrimento do pedestre – alargamento de ruas, calçadas estreitadas, novas vias expressas, avenidas e viadutos violentando o tecido urbano tradicional (Fig. 8). Os anos 70 foram marcados pelas grandes obras para a construção do metrô que, embora subterrâneo, gerou a reurbanização de diversas áreas no centro da cidade. A lógica modernista de “arrasa-quarteirão” permaneceu por toda o período da ditadura militar (Fig. 9).



Figura 6

Transformações urbanas do Centro do Rio de Janeiro: A) Arrasamento do Morro do Castelo; B) Abertura da Av. Central; C) Abertura da Av. Pres. Vargas (desenho da autora sobre ortofoto)



Figura 7

Avenida Central à época de sua abertura: seu traçado cortou o tecido urbano original gerando um eixo monumental de acesso a cidade desde o novo porto (fonte: ERMAKOFF, 2003)



Figura 8

Estrutura urbana e hierarquia viária a partir de 1950, com indicação em vermelho dos principais eixos viários: Rio Branco, Presidente Vargas e Perimetral, em curva. (desenho da autora sobre orthofoto)



Figura 9

Centro do Rio hoje: Campo de Santana em primeiro plano, baía ao fundo e Av. Pres. Vargas à esquerda. O tecido tradicional alterado pela verticalização e pelas grandes intervenções urbanas

O progressivo abandono do Centro pelas burguesias desde o início do século XX, deixou para trás um vasto patrimônio edilício, dando início a um processo de deterioração destes imóveis. Seu conseqüente esvaziamento e desvalorização se deram por não mais atenderem às demandas das classes mais favorecidas que buscavam novas localizações

(Villaça, 1998) e por não mais se adequarem ao funcionalismo preconizado pelo modernismo.

Refletindo um padrão que se vê na América Latina e na Europa – ao contrário das metrópoles norte-americanas – o Centro do Rio se mantém hoje como um forte pólo funcional, político, social e simbólico (del Rio, 1997; Vilaça, 1998) e como ponto nodal interligando toda a região metropolitana. Além disso, o Centro detém uma parcela significativa – embora decrescente – de população de renda média-baixa e baixa residente em suas franjas: 79.108 pessoas em 2000⁵³. Isto nos leva a concordar com a afirmativa de que “a única explicação possível para o fato de partes significativas das elites cariocas ainda usarem o Centro do Rio é uma só: a força da tradição e das monumentalidades herdadas do passado” (Villaça, 1998: 292).

4.1.1 Projeto Corredor Cultural

“Mais do que nunca o Corredor Cultural cuida da paisagem modificada, não de um pedacinho só, mas sim da rua, do caminhar pela cidade” (M.H. McLaren, 06/08/07)

O Projeto Corredor Cultural, concebido em fins da década de 1970 e início de 1980, foi iniciado em um momento histórico de retorno à democracia e ruína do regime militar imposto ao país desde 1964. A qualidade da vida urbana e do ambiente começavam a ser questionadas e tanto a população, através de seus movimentos sociais, quanto a imprensa com maior liberdade de expressão, pressionavam os governantes a agirem contra as agressões e aos excessos da urbanização e da indústria imobiliária. O interesse pela cidade e por suas heranças culturais crescia, principalmente no Rio, que contava com suas belezas naturais e seu significativo patrimônio histórico-arquitetônico.

Em 1979, uma equipe de planejadores da prefeitura⁵⁴ que inventariava o patrimônio edílico que resistia à renovação urbana propôs o *Projeto Corredor Cultural*. O primeiro projeto de revitalização para o Centro, de forma pioneira e integrada, tentava conciliar a preservação do patrimônio histórico e cultural, a recuperação ou renovação de bens arquitetônicos e urbanísticos, além da revitalização social e econômica. Sua

⁵³ O Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro mostra que de 1980 a 2000 a população residente na região central decresceu em 36%. Isso tem gerado esforços para reverter este quadro desde 2000, tais como alterações no zoneamento para incentivar a transformação de edifícios ociosos ou exclusivamente comerciais para usos residenciais.

⁵⁴ O coordenador da equipe era o arquiteto Augusto Ivan Pinheiro, que se tornou a principal figura para a implantação do projeto e é até hoje um dos maiores responsáveis pelos esforços de revitalização do centro da cidade. O nome *Corredor Cultural* foi cunhado como uma resposta jocosa à moda da época dos “corredores de transporte”.

implementação levou em conta quatro aspectos fundamentais na revitalização urbana: a história, a memória, a preservação, e o engajamento comunitário.

O Projeto obteve total apoio político do então prefeito do Rio, Israel Klabin, dos grupos comunitários voltados para a preservação histórica e cultural, da população e dos comerciantes e proprietários das áreas beneficiadas. Os comerciantes, em sua maioria inquilinos dos imóveis históricos e já organizados em associações comerciais desde 1962, como a SAARA (Sociedade dos Amigos dos Arredores da Rua da Alfândega, a SARCA (Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca), compreenderam o projeto como única garantia de permanência face às ameaças de expansão dos grandes interesses comerciais e imobiliários.

A constituição de uma câmara técnica formada por personalidades e intelectuais com influência na área cultural, ainda no início da implementação do projeto, trouxe grande contribuição prática e muitas idéias, além de um prestígio muito grande para o Projeto, levando a imprensa e a população a vê-lo sob um olhar diferente, não mais como parte da máquina pública.

Em recente entrevista com a autora, a Diretora do 1º Escritório Técnico (1º. ET) relatou que nos anos 1990 houve um processo de esvaziamento das atividades que se mostravam positivas e incomodavam alguns setores políticos menos favorecidos pela boa imagem do Projeto:

“a atividade do Corredor era positiva, promissora, [foram retirados] todos os recursos do projeto, deixando somente o número de registro... Assim, não tivemos como produzir mais publicações, mais cartazes, material de divulgação, nada... O que você vê aqui hoje é a materialização da resistência de uma atividade muito querida na cidade” (M.H. McLaren, 06/08/07)

Abrangendo uma área de quase 1,3 km² (130 ha) do Centro do Rio de Janeiro, o Projeto se divide em três sub-áreas⁵⁵ (Fig. 10) – Praça Quinze, SAARA e Lapa –, interconectadas através de corredores de circulação. A área central de negócios ou – *Central Business District* (CBD) – permeia estes ambientes históricos, onde torres em estilo internacional, largas avenidas e espaços públicos renovados coexistem com antigos conjuntos urbanos que resistiram às transformações e ao processo de renovação da cidade.

Atualmente, passados vinte e cinco anos de sua implementação, o Projeto Corredor Cultural, subordinado à SEDREHPAC, vem ampliando sua área de abrangência. As áreas das APACs Cruz Vermelha e São Bento estão em processo de transição para passar à tutela do 1º ET. A adição das áreas da Candelária, do Castelo e de Santo Antônio

⁵⁵ Esta subdivisão está em conformidade com a APAC instituída pela lei 1139, de 16/12/87, e consolidada pelo PA 10600, ainda em vigor.

também estão em estudo. Cada uma dessas áreas corresponde a um perfil e formato específico, algumas não configurando um *continuum* tipológico e outras apresentando um conjunto urbano homogêneo (ANEXO I). Na área do Castelo, por exemplo,

“identifica-se um novo formato de conjunto urbano, não mais o conjunto eclético e sim o do art-déco que surge na terra arrasada com a demolição do Morro do Castelo e que já tem a historicidade – anos 1920-1930 – ... e que permite a leitura da evolução urbana da cidade como se dá nas áreas originais do Corredor Cultural.” (M.H. McLaren, 06/08/07)



1 - SAARA

2 - PRAÇA XV

3 - LAPA

Figura 10

Área de abrangência do Projeto Corredor Cultural com a delimitação de suas três sub-áreas originais - edição sobre Ortofoto do Centro do Rio - Folha 287a e 287b (Fonte: IPP-RJ)

4.1.1.1 Processo e Instrumentos de Implementação

Em suas primeiras ações, o Projeto alterou o sistema de ordenamento de uso do solo e teve como ferramentas básicas os *Projetos de Alinhamento* (PAs) – que definem o traçado e o perfil das vias de circulação – e os *Projetos de Parcelamento* (PALs) – referentes à subdivisão de lotes e áreas específicas – além das Leis de Zoneamento, Parcelamento e Uso do Solo, dependentes da aprovação do legislativo municipal. Em primeiro lugar, foram alterados os PAs e PALs existentes por meio de decreto e depois Zona Especial foi aprovada pelo legislativo e transformada em Lei em 1984. Desde então, qualquer modificação urbanística ou arquitetônica na área de abrangência passou a necessitar de aprovação tanto em nível executivo, quanto legislativo. Na verdade, estas alterações só fizeram proteger o traçado existente, assegurando que novas ruas e avenidas projetadas sobre o tecido histórico não fossem implementadas.

Configurando um sistema de aprovação de projetos paralelo ao existente na prefeitura do Rio de Janeiro, inicialmente seu funcionamento integrava ainda programas complementares, tais como, incentivos fiscais, projetos urbanísticos e programas culturais e de animação urbana. Suas exigências e normas específicas foram incorporadas ao sistema de aprovação de projetos da prefeitura, assim como a participação do Escritório Técnico no processo. As diretrizes de projeto se impõem ao zoneamento e ao código de obras existentes, de modo a viabilizar não apenas a preservação dos imóveis, mas a requalificação integrada do entorno através da arquitetura e do desenho urbano. Esta instrumentação legal baseou-se na definição de duas categorias de atuação com objetivos diferenciados e uma terceira, implementada mais recentemente:

- **Preservação:** cerca de 1300 edificações – a maioria do período eclético da arquitetura carioca – foram classificadas nesta categoria por manterem a maior parte das características arquitetônicas, decorativas e artísticas originais intactas e em bom estado de conservação geral. Sua reciclagem, total ou parcial, ou sua transformação de uso devem seguir estritamente as diretrizes de projeto – procedimento cujo efeito prático assemelha-se a um registro histórico.
- **Renovação:** refere-se a lotes e áreas livres, a prédios de construção recente, e àqueles em ruínas ou sem condição de reconstituição histórica. Inicialmente com diretrizes muito restritivas – determinando a volumetria, as aberturas e ritmos nas fachadas e elementos como platibandas e coroamentos – hoje somente as dimensões básicas do envelope são definidas, para se adequarem às edificações do entorno. Ritmos e elementos de composição de fachada são apenas sugeridos, de forma a integrar a nova edificação contextualmente ao conjunto urbano e a evitar os exageros e rigores do restauro e do preservacionismo purista.
- **Composição** – aplicada em edificações isoladas que não configuram um conjunto urbano, especialmente nas áreas que estão sendo incorporadas, como a Candelária. A intenção é viabilizar os instrumentos de estilo, a conservação dos imóveis, sem impedir que aquela estrutura possa ser substituída por uma nova construção. Com suas próprias palavras, McLaren enseja “que a dinâmica econômica da cidade permita que essa renovação se dê, mas até lá porque não disponibilizar também instrumentos para recuperar os imóveis antigos”.

Esta ideologia buscou conciliar modelos histórico-arquitetônicos com viabilidades econômicas e construtivas, além de favorecer o preenchimento dos vazios com novas construções promovendo a releitura histórica com uma linguagem contemporânea.

Para orientar comerciantes e proprietários quanto aos objetivos, o processo de aprovação de projetos e as diretrizes arquitetônicas no Corredor Cultural foi publicado um manual (RIO-ARTE, 1985), no qual constam, ainda, normas para a instalação de letreiros e toldos, instruções técnicas para a verificação da estabilidade das fundações e para a recuperação estrutural dos telhados. Outros trabalhos e pesquisas foram contratados ou desenvolvidos pelo próprio Escritório Técnico (Figs. 11 e 12).⁵⁶

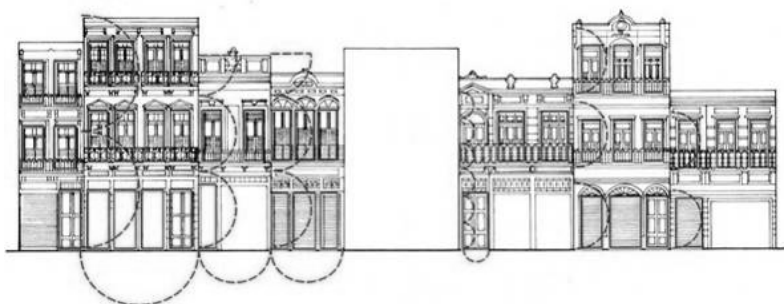


Figura 11

Diretrizes de desenho de fachada para novas edificações - categoria renovação - respeitando as proporções e volumes do casarão existente (Fonte: RIO-ARTE/IPLAN-RIO, 1985)

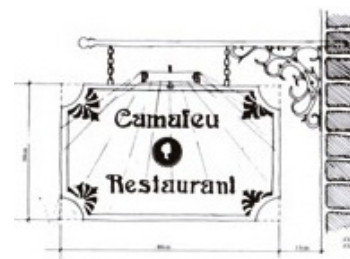


Figura 12

Definições de dimensões de letreiros em concordância com as proporções das fachadas (Fonte: RIO-ARTE/IPLAN-RIO, 1985)

4.1.1.2 Escritório Técnico

Constituído com a legislação inicial em 1984 para prestar assistência à comunidade, regulamentar e propor alterações à legislação e acompanhar a execução das obras, o Grupo Executivo do Corredor Cultural – também chamado Escritório Técnico – foi um dos fatores-chave para o sucesso do projeto. O pioneirismo do projeto e a limitada experiência, num trabalho tão específico quanto envolvente, fizeram com que a equipe técnica – formada, então, por jovens arquitetos – aprendesse na prática intensa de análise de projetos e de trabalho diário de campo. No acompanhamento das obras e no relacionamento com a comunidade e com os proprietários, muitas vezes as soluções eram dadas conforme os problemas surgiam e, ao longo dos anos, várias modificações e adequações ao Projeto foram necessárias na medida da experimentação cotidiana⁵⁷. A empatia e a interação com a comunidade foram fundamentais na consolidação dos propósitos do processo, prática que se encontra ainda em vigor pois, conforme McLaren,

⁵⁶ O projeto Cores da Cidade identificou a paleta de cores originais das edificações e possibilitou que técnicos e proprietários trabalhassem com maior liberdade na escolha de cores para a recuperação de fachadas. Outro importante e extenso trabalho realizado foi sobre o perigo de incêndio, gerando o manual "Como Preservar o Seu e o Nosso Patrimônio". Outra pesquisa abordou os interiores de imóveis tombados e não-tombados com o objetivo de preservar características históricas, muitas das quais ainda intactas, proposta não adotada pela prefeitura, ocasionando a perda de muitos interiores ricos em detalhes e significados. Esta pesquisa está contida em (Vasconcellos, 2002).

⁵⁷ Conforme André Zambelli que participou do processo desde o início (entrevista concedida em 28/05/2003).

“O trabalho ainda é feito aqui na conversa em todos os dias de audiência... É um trabalho de catequese... O vir aqui, o estar conosco, o nos conhecer é a essência do trabalho, é um exercício de interação... [que] ... é praticado sim, não do jeito que foi feito no início do trabalho, quando eram oito arquitetos e cada um deles reproduzindo essa conversa que se reproduzia por onde cada um deles havia passado. Lógico, A progressão é geométrica! Aqui a gente reproduz na medida de quantas somos, mas com o mesmo fervor, com a mesma paixão. Aliás, só trabalha aqui quem realmente acredita na causa” (M.H.McLaren, 06/08/07).

Para o trabalho da equipe, foi fundamental a prática do registro iconográfico e a catalogação das edificações do *Corredor*, ou seja, suas características compositivas e tipológicas, sua história, o autor e o construtor da edificação, os antigos e os atuais usuários. As referências históricas e culturais visavam não apenas a ação projetual, mas, também, a valorização dos imóveis através da conscientização do seu passado, o que possibilitou, por exemplo, que os gabaritos fossem diferenciados caso a caso e não mais uma única altura por sub-zona como a legislação tradicional recomendava.

4.1.1.3 Incentivos Fiscais e Econômicos

A participação do poder público nas implicações econômicas do Projeto tem sido determinante por meio dos incentivos fiscais concedidos em nível municipal. Para os imóveis recuperados e com boa qualidade de manutenção - o que é verificado periodicamente pela equipe técnica - a prefeitura isenta o imposto predial e territorial urbano. A reforma dos imóveis atraiu cadeias de lojas e marcas famosas - antes presentes apenas em *shoppings*. Os lojistas perceberam o valor da manutenção do patrimônio cultural e do ambiente urbano como fatores de atração da clientela.

Outros incentivos a nível federal complementam esses esforços, como a Lei Rouanet⁵⁸ de incentivo à cultura e implementação de projeto financiado pelo BID em 2000 para a reurbanização do espaço público e a recuperação de diversos edifícios históricos na área de entorno da Praça Tiradentes⁵⁹.

Em estudo sobre as relações entre o programa de proteção e valorização do patrimônio cultural e as isenções de taxas e impostos no SAARA ficou demonstrado que se, por um lado, a ação governamental gera perdas significativas de arrecadação municipal, por outro, o município se exime do ônus direto de restaurar e conservar os imóveis históricos. Promove ainda a ampliação das atividades comerciais e turísticas que, por sua vez, fomentam uma maior arrecadação em outras esferas tributárias, ressarcindo de forma indireta as isenções relativas à manutenção e preservação imobiliária (RODRIGUES, 1999).

⁵⁸ A Lei Rouanet, aprovada em 1991, prevê níveis de isenção de imposto de renda para pessoas jurídicas que investem em projetos culturais, entre os quais a recuperação e instalação de museus e centros culturais.

⁵⁹ Projeto Monumenta

A valorização do patrimônio esbarra nas flutuações econômicas do país e nem sempre o que é investido retorna ao empreendedor⁶⁰. Outra dificuldade diz respeito transferência da responsabilidade da obra e do pagamento dos impostos aos inquilinos pois, principalmente em épocas de maior dificuldade econômica, estes não possuem segurança para investir em obras de restauração de prédios que não lhes pertencem.

Um exemplo recente de recuperação de uma edificação que incendiou-se e foi reconstruída, ou restaurada, seguindo corretamente as determinações do Corredor. O maior ganho para o proprietário foi a inclusão de mais um pavimento seguindo o formato e elementos originais. Este é um exemplo clássico do que o Corredor busca nas suas áreas de proteção (Fig. 13).

4.1.1.4 Engajamento Comunitário

Finalmente, um dos grandes atributos da implantação do Projeto Corredor Cultural foi o engajamento dos grupos sociais envolvidos. A principal demanda para a preservação dos imóveis veio dos próprios lojistas, num movimento crescente das associações organizadas⁶¹ que lutavam contra a destruição de imóveis pertencentes a grandes proprietários que ameaçavam derrubá-los – como as ordens religiosas.

Outra característica marcante é a própria miscigenação cultural do lugar. Na área do SAARA, por exemplo, mesclam-se as etnias de judeus e árabes imigrados do final do século XIX e início do XX, que construíram um passado afetivo muito forte, com redes de parentesco e amizades e histórias familiares, que geraram profundos laços de identidade cultural e fizeram com seus ocupantes permanecessem nos imóveis que serviam de suporte para seus estabelecimentos comerciais. Houve grande receptividade destes grupos estratégicos, cujo interesse na permanência passou a ter outro significado à medida em que os prédios recuperados ganhavam um novo aspecto e as ricas e ornadas fachadas eram reveladas por trás das marquises e letreiros que as encobriam (Fig. 14).

⁶⁰ Cf. Maria Helena McLaren, em entrevista concedida em 24/06/2006, avaliar os custos de recuperação de um imóvel histórico de forma genérica é tarefa praticamente impossível, dada à especificidade de cada caso e os níveis de dificuldade que se encontram durante as obras que são realizadas em vários estágios – geralmente iniciadas pelo exterior para atender às determinações do Projeto – não existindo levantamentos ou estatísticas oficiais. Em Junho de 2003 estimou-se entre R\$25.000,00 a R\$30.000,00 (US\$ 8.000 a US\$10.000) o custo médio de recuperação de um sobrado – incluindo-se apenas a fachada, o telhado e as instalações prediais básicas. Subtraindo-se do montante dos impostos municipais de um sobrado no centro – em torno de R\$10.000,00 a R\$ 15.000,00/ano – os 70% referentes ao IPTU abatidos pelas isenções fiscais gera um retorno do investimento ao final de três anos.

⁶¹ SAARA - Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega (criada em 1962); SARCA – Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca: duas das mais fortes e atuantes associações comerciais do centro do Rio.



Figura 13

Edifício em reconstrução e reconstruído após sinistro na esquina da Rua Buenos Aires com Rua da Conceição. Na primeira foto, note-se os vãos alterados e em desacordo com a linguagem original. Após o sinistro e a reforma, foram descobertas estrutura, cantarias e argamassa originais.



Figura 14

Sobrado na Rua da Constituição com Regente Feijó (SAARA) antes e depois da atuação do Corredor Cultural. Note-se a recomposição da fachada original com a retirada do painel em alumínio que escondia seus atributos formais e estéticos.

O projeto sensibilizou ainda o olhar e a emoção da população para a causa da preservação, não apenas através do impacto visual causado pela recuperação das fachadas, mas também pelas relações criadas entre a comunidade, os arquitetos e construtores contratados pelos proprietários e técnicos do Escritório no dia-a-dia das obras. As soluções de recuperação foram geradas em seminários com as associações comerciais e comunitárias para a discussão e divulgação das idéias e propostas.

4.1.1.5 Projetos Culturais como Parceiros na Revitalização

O projeto, desde sua origem, estimulou e investiu nos segmentos de cultura, de turismo e de lazer, promovendo ou apoiando atividades artísticas, musicais, de dança e de teatro – utilizando as ruas e praças como palco e cenário ao ar livre. Estas ações proporcionaram a reciclagem de edifícios e sobrados históricos para atividades culturais, para a instituição de novos centros culturais e a renovação dos museus existentes.

O tombamento – municipal, estadual ou federal – e recuperação de edifícios históricos, mantidos pelo poder público ou pela iniciativa privada, teve o apoio de leis de incentivo à cultura. Podemos destacar o conjunto da Praça Quinze, de grande relevância histórica que abriga o Cais Pharoux, antigo ancoradouro onde hoje funciona o Centro Cultural da Marinha; o Paço Imperial, museu e centro cultural; o chafariz de Mestre Valentim que provia água para os galeões atracados; e conjunto do Arco do Teles e sua elegante travessa comercial, que liga o conjunto da Praça Quinze ao conjunto Banco do Brasil-Casa França Brasil-Centro Cultural dos Correios. O quadro a seguir apresenta uma relação destes pólos culturais e suas principais características (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Centros culturais, museus, teatros e outros edifícios com fins culturais na área do Corredor Cultural

	Edifício / Lugar	Uso Original	Uso Atual	Construção	Reinaugur.	Car. Tipológ.
1	Chafariz Mestre Valentim	Fornecimento de água	Monumento histórico	1789		Barroco e rococó
2	Museu Histórico Nacional	Arsenal/fortificação	Museu, exposições	Séc. XVII	1922	Per. eclético
3	Museu Nacional Belas Artes Proj. Morales de Los Rios	Escola de Belas Artes	Museu, exposições	Início Séc.XX	1937	Per. eclético
4	Casa França-Brasil Proj: Grandjean de Montigny	Praça de Comércio/ Alfândega	exposições, multimídia, café, cinema	1820's	1983	neoclássico
5	Paço Imperial	Residência oficial do Imperador do Brasil	museu, eventos, cinema, café	Séc. XVIII	1985	neoclássico
6	Centro Cultural Banco Brasil Proj. Francisco. B. da Silva	Finanças / pregão/ investimentos	exposições, teatro, cinema, livraria, multimídia	1881	1989	neoclássico
7	Fundação Arte e Progresso	Fábrica de fogões e cofres	Shows, cursos, multimídia, exposições	Séc. XIX	1990's	Per. eclético
8	Espaço Cultural dos Correios	Sede dos Correios	Exposições, eventos, café	Início Séc. XX	1993	Per. eclético
9	Centro de Arte Helio Oiticica	Conservatório de música	Acervo do artista, exposições	1890	1996	neoclássico
10	Teatro Municipal Proj. A. Guilbert e F. Passos	Teatro/Ópera		1909		Per. eclético
11	Real Gab. Português Leitura	Biblioteca pública, salão leitura		1888		Per. eclético
12	Biblioteca Nacional	Biblioteca pública		Início Séc. XX		período eclético
13	Teatro João Caetano	Teatro/Shows		1813		Última reforma 1980's
14	Teatro Carlos Gomes	Teatro/Revista		1876		Revitalizado em 1988
15	Sala Cecília Meirelles	Sala de Concertos		Início Séc.XX		Revitalizado em 1988
16	Centro Cultural Justiça Federal	Supremo Tribunal Federal	exposições, teatro, cinema, café, biblioteca	1900's	2000	Per. eclético
17	Centro Cultural Constituição - Sede Escritório Técnico Corredor Cultural / Subprefeitura do Centro e Secr. Munic. Meio Ambiente	sobrado	eventos, concertos, exposições/café	Início séc. XX	2000	Per. eclético
18	Espaço Cultural da Marinha	Cais da Marinha	Exposição náutica		2000	
19	Espaço Cultural Castelo	Casa Pardellas	Restaurante, bistrô, eventos	1920	2001	Per. eclético
20	Condomínio Cultural		Oficinas, dança		2002	Per. eclético
21	Centro Cult. Ariano Suassuna	Comércio antiguidades	Antiguidades, shows, café	Início Séc.XX	2002	Per. eclético
22	Centro Cultural Carioca	Sobrado	Música e dança	Início Séc. XX	2002	Per. eclético
23	Arquivo Nacional	Casa da Moeda	Arquivo nacional	Séc. XIX	2003	neoclássico
24	Condomínio cultural	Dança, oficinas, ensaios e shows		Início Séc.XX	2002	
25	Casarão Cultural dos Arcos	Música, dança, eventos culturais			2003	
26	Circo Voador	Música, shows, eventos, multimídia			2005	Pós-moderno

As parcerias público-privadas (PPPs) cresceram a reboque das ações governamentais e de um mercado consumidor que se mostrou bastante susceptível aos empreendimentos culturais. Os edifícios históricos, recuperados e transformados em centros de cultura e entretenimento, atraem visitantes e ampliam o movimento diurno, favorecendo o noturno, além de estimular a instalação de bares, restaurantes e casas noturnas em suas redondezas, configurando um “novo fenômeno urbano ainda não estudado por nossos acadêmicos nem por nossos empresários” (PINHEIRO, 2002). Tal fenômeno teve como

conseqüências positivas o aumento de visitantes e turistas ao Centro ou sua permanência além dos horários "comerciais", ou seja, à noite e nos fins de semana, atraídos pelas grandes exposições nacionais e internacionais de arte, pelas atividades nos centros culturais e artísticos ou, simplesmente, devido ao apelo dos movimentados bares e cafés.

Na Lapa – reduto da boemia carioca e palco de inúmeras manifestações culturais – ressurgiu em 2005, emoldurado pelos Arcos do antigo aqueduto, o Circo Voador. Objeto de concurso público promovido e financiado pela prefeitura, o projeto arrojado e contemporâneo, pretende consolidar aquele que foi um importante marco cultural da cidade entre as décadas de 80 e 90 que consagrou várias gerações de artistas, reordenando e requalificando urbanisticamente seu entorno.

4.1.1.6 Reurbanização de Espaços Públicos

Considerando que apenas a recuperação arquitetônica não é suficiente para a revitalização do ambiente urbano, o Corredor Cultural promoveu uma série de projetos urbanísticos, ampliando a dimensão pública do centro histórico para usos coletivos mais intensos e diversificados. Embora previstas desde o início do Projeto, as ações neste sentido ocorreram somente cinco anos após iniciadas primeiras reformas edilícias. Mais uma vez, por intensa a pressão das comunidades locais diante de seus casarões restaurados em meio a ruas, praças e largos mal conservados e ocupados por terminais de ônibus ou estacionamentos, entre outros usos inadequados.

As intervenções de recuperação urbanística em áreas públicas podem ser destacadas como complementares aos objetivos do Corredor Cultural. A Praça Quinze foi inteiramente reformada em 1994, privilegiando o percurso do pedestre, recuperando a ambiência e o conjunto entre o Paço Imperial e a Estação das Barcas, e criando uma via subterrânea – popularmente denominada "mergulhão da Praça Quinze"⁶². (Fig. 15)

⁶² O projeto de Nuno Porta e Oriol Bohigas previa a total demolição do viaduto da Perimetral e a extensão da via subterrânea em toda sua extensão.



Figura 15

Praça Quinze parcialmente remodelada conforme projeto de Nuno Portas e Oriol Bohigas (foto: acervo IPP)



Figura 16

Largo da Lapa após redefinição do traçado viário (Foto: Jean Pierre Janot)



Figura 17

Largo de São Francisco devolvido à população como praça pública após transferência do terminal rodoviário



Figura 18

Largo Alexandre Herculano - entre o Teatro João Caetano, o Real Gabinete Português de Leitura, a Escola de Engenharia da UFRJ e o Centro Cultural Carioca.

A Lapa, reurbanizada em 1995, recebeu um novo traçado viário para melhor ordenar e escoar os fluxos de veículos, um canteiro central tratado paisagisticamente com palmeiras imperiais, além de uma ampla praça com anfiteatro defronte aos arcos – a qual se transformou em local de festas e eventos musicais e teatrais ao ar livre. (Fig. 16) A recuperação do entorno da Praça da República e do SAARA, realizado em 1994, reconstituiu o traçado original de ruas e vielas. O conjunto do Largo de São Francisco, Largo Alexandre Herculano (Figs. 17 e 18) e Praça Tiradentes foram remodelados e devolvidos à população na forma de grandes praças.

4.1.1.7 Uso Habitacional

O uso habitacional, até recentemente, não era permitido no CBD e no seu entorno imediato – áreas destinadas apenas ao comércio e ao terceiro setor da economia – o que configurou um dos entraves para a revitalização da área central. A ausência de população residente representou, por muitos anos, o quase total esvaziamento fora do horário comercial. Este quadro começa a ser revertido pela ação governamental: através de decreto de 2002 o uso residencial passou a ser permitido em todo o Centro e adjacências, numa estratégia de reocupação que visa atrair atividades comerciais e de serviços de funcionamento permanente (SMU-IPP, 2003). Com o novo decreto, o governo municipal estimula os incorporadores a reciclarem edifícios com salas comerciais que se encontram sem uso, desocupados e em estado precário de conservação, em apartamentos conjugados⁶³. Outros programas como o Novas Alternativas visam, por meio da ação governamental, reciclar e reformar cortiços e sobrados, resgatando sua qualidade arquitetônica e beleza, devolvendo seu uso aos moradores já instalados, possibilitando sua permanência com mais dignidade e conforto e, finalmente, promover a reaproximação casa-trabalho.

A primeira parte deste capítulo apresentou uma breve contextualização histórico-evolutiva da área central e as ações do Corredor Cultural na revitalização do Centro, por meio da visão do observador e da visão de alguns dos protagonistas desta ação. A interação humana, social e política, cumpriu um papel fundamental neste processo.

A próxima seção apresenta os relatos das Observações Incorporadas realizadas ao longo dos da pesquisa de campo no Rio de Janeiro – nas sub-áreas Praça Quinze e SAARA – pela autora e pelos pesquisadores envolvidos com a pesquisa⁶⁴. Novos achados e

⁶³ As unidades devem ter área mínima de 30m² sem garagem (SMU-IPP, 2003)

⁶⁴ Os bolsistas de iniciação científicas do ProLUGAR – Lina Mota Corrêa, Alexandre Luiz Melciades Barbosa, Aline Rita Laureano, Aline Fayer e Gilmar Gutierrez – participaram da pesquisa em diferentes momentos.

descobertas sobre os lugares estudados, sua imagem e seu significado, emergiram por meio das experiências e interações que integraram mente e corpo numa ação indissociável com os estímulos provocados pelo ambiente vivenciado.

4.2 INTERPRETAÇÃO DOS RELATOS DA PRAÇA QUINZE E DO SAARA

Apresentamos nesta seção os relatos de *Observações Incorporadas* realizadas nas sub-áreas do Projeto Corredor Cultural. A Observação Incorporada, aplicação prática da abordagem *experencial*, configurou a atitude adotada desde as primeiras incursões aos lugares em estudo. Auxiliar na configuração e delimitação dos dois recortes representativos, no Rio de Janeiro, da Praça Quinze e do SAARA, permeou ainda todo o processo de aplicação dos demais instrumentos.

A lógica *experencial* foi de fundamental importância para a viabilização do estudo, levando-se em consideração a larga abrangência dos limites do Projeto Corredor Cultural e as restrições orçamentárias, temporais e de pessoal envolvidas na pesquisa doutoral. A abordagem *experencial* serviu de base também na re-significação dos outros métodos de pesquisa utilizados e apresentados nas seções seguintes, conforme explicitado no Capítulo 3 – Materiais e Métodos.

Os primeiros percursos, realizados como *derivadas*, nas áreas de estudo foram iniciados em 2003, antes mesmo de meu ingresso no doutorado. O objetivo era coletar dados e fotografar áreas do Projeto Corredor Cultural para a preparação de um artigo sobre o Projeto⁶⁵. As incursões de observações incorporadas para a pesquisa doutoral iniciaram-se em Janeiro de 2005, abrangendo todos os meses até Janeiro de 2006. Durante os meses subseqüentes⁶⁶, realizei as incursões e levantamentos no Centro de San Diego. As observações incorporadas foram retomadas no Rio de Janeiro entre abril e agosto de 2007, concomitantemente com os levantamentos de campo e com a aplicação das *entrevistas semi-estruturadas* nas duas sub-áreas. Essas incursões – para observações, visitas, percursos, levantamentos ou aplicação de instrumentos – ocorreram em diferentes momentos do dia – manhã, tarde e noite – em dias variados da semana, além de alguns finais de semana. Em todas elas, a partir de 2005, a atitude de *observação incorporada* esteve presente.

⁶⁵ O artigo em co-autoria com Vicente del Rio configura um dos capítulos do livro *Beyond Brasília – Contemporary Urban Design in Brazil*, em fase de edição pela University of Florida Press e previsão de publicação em junho de 2008.

⁶⁶ Período dedicado ao Estágio de Doutorado no Exterior, com desenvolvimento da pesquisa em San Diego, Califórnia. A equipe de estagiários do ProLUGAR realizou entretanto diversas observações no centro do Rio de Janeiro neste mesmo ano.

As incursões – ou *percursos experienciais* – foram realizados de forma não sistematizados ou estruturados, visando a familiarização dos pesquisadores⁶⁷ com o ambiente urbano das duas cidades. Buscávamos percorrer as ruas, os lugares públicos, as praças, e, de quando em vez, adentrar um edifício ou espaço semi-público que nos atraísse ou nos chamasse à atenção. Era justamente a **atenção** – preconizada como a “atividade natural da mente de estar alerta e ser observadora” (VARELA et al, 2003:47) - que nos guiava. O olhar atento, consciente e, mais importante, **aberto aos acontecimentos não previstos ou esperados da experiência**, seguia a dinâmica dos ambientes que se desvelavam na medida em que os percorríamos, da mesma forma em que o “caminho se faz ao caminhar” (VARELA, 2003:241). Os movimentos e ações das pessoas, os eventos, as surpresas, as perturbações, a serendipidade, nos atraíam ou nos repeliam, e seguíamos sem rumo definido, como um barco à deriva no oceano, sem leme, motor e velas, ao sabor das ondas, do vento e das marés. Numa analogia à abordagem da evolução por *deriva natural*, aleatória e independente de qualquer pressão seletiva (VARELA et al, 2003: 202) conforme fundamentado no Capítulo 2 – Abordagem Experiencial. Inicialmente, estas incursões foram denominadas *percursos à deriva* e na medida em que nos apropriávamos da abordagem experiencial passamos a denominá-las *derivadas*.

O caráter predominantemente qualitativo e subjetivo da abordagem experiencial aliado aos estímulos percebidos, às emoções e perturbações sentidas e às reações e respostas corporais e mentais da interação com o ambiente, configuraram-se em parâmetros para a delimitação dos recortes das áreas de estudo. Pouco a pouco, na medida em que íamos nos familiarizando com as áreas centrais e suas especificidades, seus atributos, suas dualidades, os recortes foram se descobrindo e se delineando.

Aspectos objetivos, formais e espaciais também foram agregados às observações incorporadas, considerando que o olhar técnico do arquiteto-urbanista é parte indissociável de sua bagagem histórica, social e profissional. Esta atitude se alinha aos pressupostos da cognição como ação incorporada que recuperam o *senso comum* e o conhecimento de *background*, ou nossa bagagem sócio-cultural. Assim, o acúmulo da própria experiência de observar guiou nossa atuação ao longo de todo o processo.

A atitude de observação incorporada passou a fazer parte de nosso dia-a-dia e mesmo nas visitas realizadas sem o propósito direto de aplicar instrumentos ou fazer

⁶⁷ Além da autora, fizeram parte da etapa da pesquisa de campo no Centro do Rio de Janeiro, em diferentes momentos, os Bolsistas de Iniciação Científica e estagiários do ProLUGAR: Lina Motta Corrêa, Alexandre Luiz Barbosa Melcíades, Aline Rita Laureano, Aline Fayer e Gilmar Gutierrez. As incursões em San Diego foram realizadas somente pela autora.

levantamentos – tais como, passeios com a família, momentos de lazer ou entretenimento, ida à uma das áreas para solução de assuntos de cunho pessoal – geraram notas e registros de grande interesse para nosso estudo. Todas as informações coletadas foram reunidas nos relatórios de observações incorporadas e passaram a fazer parte do acervo documental ora em análise.

A participação e a *incorporação* da equipe de pesquisa foi de fundamental importância para o enriquecimento e aprofundamento da experiência. Em suas incursões pelos lugares estudados, os *observadores incorporados* iam sempre munidos de um material básico constando de: prancheta, lápis e borracha, papel de rascunho, caderno de campo e máquina fotográfica.

As anotações, relatos e registros das observações – constituídos de textos, croquis, palavras soltas e impressões – foram inscritos em cadernos de campo individuais, incluindo a lista de ruas e lugares públicos percorridos, data e hora do registro e dados sobre as condições climáticas no momento. Cada pesquisador transcreveu para relatórios, também individuais, seus achados e impressões. Em visitas coletivas, quando dois ou mais pesquisadores faziam incursões em conjunto, estes se reuniam após cada visita e discutiam sobre os achados que eram então sintetizados em um relatório único. Como coordenadora dos trabalhos de campo, a autora teve como tarefa final efetuar o *entrelaçamento* dos relatos com o objetivo de trazer à luz os elementos comuns, os discordantes ou dissonantes e as descobertas subjetivas sobre cada ambiente visitado.

A releitura e a redação dos relatos das observações realizadas em distintos momentos nos indicam, muitas vezes, as mesmas inquietações, identificam problemas similares e apontam impressões ambientais semelhantes aos dos observadores em relação ao ambiente observado. Contém, entretanto, uma carga pessoal e subjetiva, que ora suaviza, ora endurece o olhar sobre o ambiente, processo inerente ao que assumimos como olhar compartilhado, que conjuga os diversos olhares sobre a experiência, conforme mencionado no Capítulo 3 – Materiais e Métodos.

As *derivas* e a atitude de Observação incorporada se assemelham ao método desenvolvido pelo Prof. Thibaud, do Instituto CRESSON, recentemente apresentados em palestra no PROARQ⁶⁸. Em seu método, baseado numa abordagem sensível das ambiências da cidade, busca colocar em evidência do poder mobilizador do lugar, o reconhecer o valor do gesto, descobrir o ordinário das práticas cotidianas e abrir a percepção à sua dimensão afetiva (THIBAUD, 2003; THIBAUD et al, 2004;). Assim como a

⁶⁸ A palestra ocorreu em 04/11/2007, em paralelo ao encontro dos Grupos ASC – Arquitetura, Subjetividade e Cultura, ProLUGAR, GAE e CRESSON, com o fim de criar um convênio de pesquisa conjunta entre as instituições.

estratégia metodológica proposta pelo ProLUGAR, integra a experiência, a memória e fatores culturais na identificação de fenômenos sensíveis emergentes.

Os primeiros experimentos e pré-testes com a Observação Incorporada realizados em ambiente urbano geraram relatos e artigos diversos cujos resultados – alguns incorporados a esta pesquisa – foram apresentados em eventos acadêmicos e científicos nacionais e internacionais⁶⁹.

Nas primeiras visitas às sub-áreas abrangidas pelo Projeto Corredor Cultural – em 2003, antes de meu ingresso no doutorado – o procedimento adotado era mais aberto e menos estruturado, e não estava ainda relacionado à abordagem experiencial. Os registros fotográficos da época foram fundamentais para o resgate das impressões, dos momentos e das situações experienciadas então. As imagens registradas fotograficamente durante aqueles primeiros percursos careceriam de sentido sem a vinculação das experiências a elas relacionadas; assim à célebre máxima “uma imagem vale mais do que mil palavras” pode ser complementada com “a experiência vivenciada vale mais do que mil imagens”. A associação das memórias com as fotografias tornou possível recuperar muito da história vivida naquelas visitas, uma memória já esmaecida pelo tempo.

Nossos registros de então davam maior ênfase aos aspectos formais e espaciais do ambiente. Ainda assim, a experiência vivida, que buscava uma familiarização e interação com os lugares públicos do Projeto Corredor Cultural, significou um processo embrionário da abordagem experiencial que passamos a utilizar sistematicamente a partir de 2005.

Conforme mencionado na introdução desta seção, as incursões não seguiram uma programação prévia ou pré-estabelecida, e não obedeceram um critério de planejamento rígido ou condicionantes temporais. Havia um único aspecto que limitava nosso raio de atuação e este era determinado pelas três sub-áreas compreendidas pelo Projeto Corredor Cultural, conforme vistas no início deste capítulo (Fig 10).

Estes percursos buscavam abarcar a totalidade de cada sub-área e foram iniciadas pela sub-área **Praça Quinze** desde a Santa Casa da Misericórdia à sudeste, até a Avenida Presidente Vargas à noroeste e com os outros limites sendo a Avenida Antonio Carlos, a Rua Primeiro de Março e a Baía de Guanabara. As visitas subseqüentes abrangeram as

⁶⁹ Os resultados foram apresentados pelos bolsistas nas Jornadas de Iniciação Científica da UFRJ em 2005, 2006 e 2007, nos seminários NUTAU2006 e ENEPEA2006, sendo este último publicado na Revista Paisagem Ambiente da USP e na Conferência Internacional Architecture and Phenomenology, com a publicação do resumo nos anais do evento. Ver Alcantara et al (2006a); Alcantara et al (2006b); Rheingantz, Alcantara, 2007; Alcantara, Rheingantz 2007).

ruas da sub-área **SAARA**, delimitada pela Av. Rio Branco e Av. Presidente Vargas, pelo Campo de Santana (inclusive) e pela Rua Visconde do Rio Branco. Nos levantamentos e incursões subseqüentes, seguimos esta mesma ordem, esgotando o trabalho de uma etapa da pesquisa em uma sub-área antes de começarmos os trabalhos na seguinte.

As impressões iniciais já deixavam visíveis as distinções e especificidades de cada uma das sub-áreas, porém impregnadas pelo olhar arquitetônico, que não incluía ainda a experiência humana, fixando-se apenas nos aspectos formais e funcionais do ambiente.

Exercícios e práticas de meditação da atenção/consciência (TULKU, 1997; VARELA, 2003; YÁZIGI, 2005) conforme descritos no Capítulo 3 – Materiais e Métodos - foram necessários para que pudéssemos ampliar a capacidade de interação para além de nossa bagagem histórico-cultural, como o processo de *desaprendizado* ou na mudança na natureza de uma atividade abstrata desincorporada para uma ação incorporada (atenta) aberta (VARELA et al, 2003), de modo que corpo e mente se coordenassem e se incorporassem naturalmente.

Este procedimento auxiliou no reconhecimento das áreas familiares do Centro da minha cidade natal⁷⁰, impregnadas de vivência e repletas de *flashes*, histórias, memórias, preconceitos e, até mesmo, traumas. Ele também permitiu a incorporação da experiência vivenciada pelos outros pesquisadores, que enriqueceram o relato com sua leitura do cotidiano dos lugares observados, influenciada por suas próprias experiências e conhecimentos.

Quando se iniciaram os levantamentos de campo para a pesquisa doutoral em janeiro de 2005 – com a colaboração inestimável dos bolsistas de iniciação científica – foram repetidos alguns dos percursos sobre os recortes definidos na fase anterior já com o enfoque experiencial e a atitude incorporada da observação recém-adotados pelo ProLUGAR.

Os relatos e depoimentos dos pesquisadores foram devidamente re-interpretados e re-significados considerando uma das possíveis visões, a reflexões pessoais da autora, pois conforme o argumento de Maturana (2001: 29), “uma explicação é uma reformulação da experiência aceita por um observador”. Intencionalmente, os relatos são mantidos em primeira pessoa, para caracterizar as visões pessoais. Foram marcadas em negrito as palavras ou expressões que desvelam os significados, reais ou simbólicos, que direcionam nossa *leitura incorporada* (SBARRA, 2007).

⁷⁰ Nasci e fui criada, em Botafogo no Rio de Janeiro, e tive a oportunidade de conhecer e e vivenciar diversas fases evolutivas da cidade.

Apresentados como uma colagem seguindo uma ordem espacial, mas não temporal, os depoimentos não são delimitados cronologicamente e foram agrupados conforme os lugares de realização das observações incorporadas nos diversos estágios do trabalho de campo. Como num mosaico, as partes configuram um todo harmônico, colorido e repleto de ricos significados, entrelaçados num olhar compartilhado sobre o lugar.

4.2.1 Relatos sobre a Praça Quinze⁷¹

Os relatos, de antemão, deixam claras as diferenças existentes na imensa sub-área do Corredor Cultural. Fica até mesmo difícil compreender o porquê da extensão da área, já que quase metade dela é configurada por largas e ruidosas avenidas e por enormes blocos de edifícios em estilo art-déco, restando apenas a Santa Casa, o Museu Histórico Nacional e o edifício da vigilância sanitária na antiga Ponta do Calabouço, como os poucos exemplares significativos da arquitetura histórica (Fig. 19).

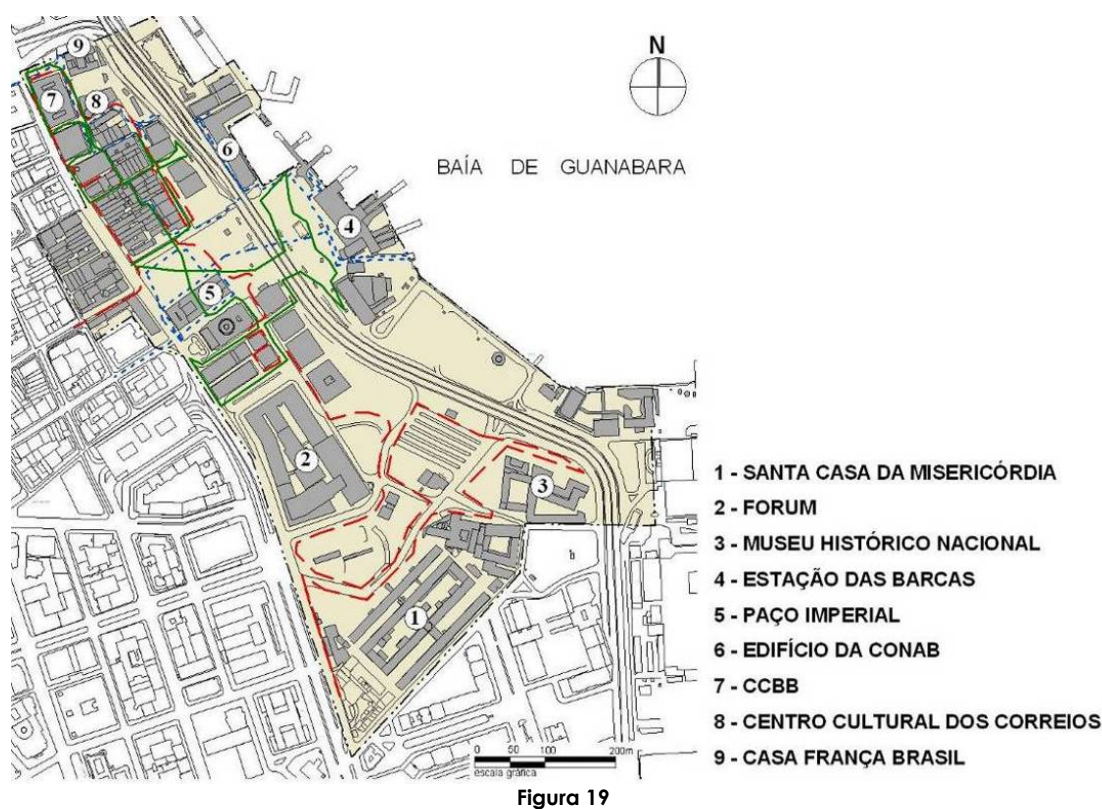


Figura 19
Sub-área Praça Quinze com a indicação de três das várias incursões realizadas para reconhecimento (desenho da autora)

Definido como não-lugar pelos relatores, a entrevista com M.H. McLaren dirimiu em parte esta dúvida, informando que atualmente toda área do entorno do edifício do Ministério

⁷¹ A sub-área Praça Quinze, conforme delimitação constante do PA 10600, abrange o polígono conformado pelas ruas Santa Luzia, Avenida Antônio Carlos, Primeiro de Março seguindo até a Avenida Presidente Vargas e pela frente marítima. Possui um braço que a liga às outras sub-áreas pela Rua São José, totalizando cerca de trinta quadras, entre ruas, avenidas, largos e praças, em uma área de aproximadamente 422.500 m².

da Justiça, outro exemplar art-déco que, está em estudo para passar à tutela do 1º. ETCC (ANEXO I). Ou seja, já havia desde aquela época um olhar mais amplo sobre as áreas a serem protegidas e outras que poderiam sofrer processos de renovação. Na entrevista ela admitiu que:

“no Castelo identifica-se um novo formato de conjunto urbano, não mais o conjunto eclético e sim o do art-déco que surge na terra arrasada com a demolição do Morro do Castelo e que já tem a historicidade, anos 1920-1930... os 50 anos mínimos pra se dizer que é chão histórico e já permite que se proponha uma proteção de conjunto... que permite a leitura da evolução urbana da cidade como se dá nas áreas originais do Corredor Cultural.” (M.H. McLaren, 6/8/2007)

“O percurso aleatório foi iniciado na Rua São José em direção à Rua Santa Luzia, passando pela **larga e inóspita** Avenida Presidente Antonio Carlos. Paro em frente ao Fórum, um edifício moderno, em altura - assim como a maior parte dos edifícios de seu entorno, que ocupa um amplo terreno. Suas fachadas em granito e vidro conferem **imponência** ao mesmo. Ao seu lado, uma antiga praça - que poderia ser um espaço de uso público - encontra-se **abandonada e sem uso**, cercada por estacionamentos que ocupam os terrenos vazios, remanescentes do arrasamento do Morro do Castelo. Percebo o alinhamento entre o monumento no centro da Praça com o eixo da Avenida Almirante Barroso, deixando claro que a beleza e importância que a Praça deve ter tido algum dia desapareceu. Aquele entorno me parece um tanto **desprezado** pelo poder público” (17/02/2005).

“Eu fico ali observando aquela avenida larga, vendo os ônibus despejarem mais e mais pessoas que chegam para o trabalho. Ainda é cedo. Vejo carros, ônibus, caminhões, **fumaça, poluição visual e sonora, engarrafamento**. As pessoas que passam por mim, passam apressadas, seus semblantes **tensos**, a expressão **carrancuda**. Automaticamente seguem seus caminhos sem olhar para os lados. A largura da avenida, o vento cortante, os edifícios **imponentes e sisudos**, o céu cinza chumbo, tudo faz parecer mais **triste** aquele ambiente. Tudo leva a uma sensação de **desolação**” (26/08/2004).

“Acontece um assalto próximo a Rua Primeiro de Março, em frente ao Palácio Tiradentes. Os policiais e a vítima correm, **assustando** quem estava por perto. Pessoas passam comentando que este tipo de acontecimento é ainda mais comum nessa época do ano. Não ficamos assustados, talvez por ser uma **situação comum** na cidade, mas ficamos mais cautelosos” (21/12/2006).

Os relatos evidenciam ambientes bem distintos, tanto nos aspectos formais, quanto no uso e apropriação. O primeiro trecho identificado abrange a parte sul e incorpora o entorno do Fórum. Quase a totalidade do espaço público é usada, maciçamente, por estacionamentos privativos, terminais rodoviários ou vazios inespecíficos. Barreiras físicas representadas pelas largas, barulhentas e inóspitas avenidas limítrofes (Alfred Agache e Antonio Carlos) contribuem para a deterioração da imagem do local enquanto espaço de apropriação e permanência. É uma área de passagem, de fluxo intenso de veículos e poucos pedestres, cujos principais destinos são o Fórum, a Santa Casa e o terminal rodoviário. Não foram observados usos e apropriações que pudessem estimular a permanência, nem foram mencionados nos relatos quaisquer atributos ou aspectos

positivos. As sensações de desapego e desagrado produzidas na interação dos observadores com o ambiente sugerem que este trecho seja um não-lugar, ou seja, que ele evoca espaços onde nem a identidade, nem a relação nem a história tem verdadeiro sentido; onde a solidão se experimenta como excesso ou esvaziamento da individualidade (Augé, 2001). Esta sensação de não-lugar vai aos poucos se diluindo conforme atingimos o entorno da Praça Quinze de Novembro (Fig. 20):

*“Na Rua Dom Manuel o ambiente é mais **amplo e acolhedor** do que na Rua Primeiro de Março. Os edifícios – **históricos e imponentes** – concentram usos institucionais e culturais e os diferentes estilos arquitetônicos conferem **beleza** à rua, prendendo o olhar do caminhante, que circula despreocupado com o tráfego de veículos, quase inexistente... Eles preservam a história da cidade e dão **prazer** visual a quem passa, especialmente os edifícios do Paço Imperial e o Palácio Tiradentes. Entretanto o prazer diminui quando o olhar se volta para o Paço Imperial e vislumbro o **arranha-céu** em vidro **negro** da Universidade Cândido Mendes, que emerge por trás do belo palácio colonial, **agredindo** a paisagem... Daquele mesmo ponto da Praça Quinze, ao olhar em direção à Estação das Barcas, a Perimetral implica em mais uma **frustração**, e, ao mesmo tempo, em um sonho de que, um dia, a praça monumental não seja mais cortada pelo viaduto” (17/02/2005).*

*“Descemos pela Rua da Assembléia na direção da Estação das Barcas, em um trecho exclusivo para pedestres. Havia um clima **agradável** no ar e apreciamos o ambiente pela qualidade arquitetônica, pela escala e proporção do edifício do Paço Imperial, em estilo colonial, e do Palácio Tiradentes, eclético.... Ao dobrar a esquina, a ampla praça se abre à minha frente e com árvores frondosas e muita sombra, mas nenhum local que convide à permanência... A proximidade com o mar deveria conferir **atrativo** para o lugar, o que não se verifica pelo **distanciamento** das águas da Baía em função das várias **barreiras físicas e visuais** encontradas, tais como o Viaduto da Perimetral e os edifícios das Estações de Barcas e Catamarãs” (21/12/06).*

*“Estar naquele grande espaço vazio causa uma sensação no mínimo **ambígua**, pois ao mesmo tempo que sabemos da importância histórica do lugar, com seus símbolos e mitos, novos elementos se impõem na paisagem, como que tentando apagar a memória do lugar” (09/05/2005).*

Mudanças nas formas de apropriação daquele trecho transformam a paisagem e alteram a percepção do ambiente. Em diferentes períodos do dia, ou ainda em épocas específicas do ano, observamos que o lugar é tomado por eventos e celebrações culturais nas quais uma população diferente da usual se mescla com a paisagem bucólica da praça, conferindo um dinamismo e uma vitalidade não observadas nos dias comuns (Fig. 21).

“Domingo de carnaval, nove da manhã. Pego o ônibus em Botafogo, já repleto de fantasias e mascarados. A imagem lúdica e quase irreal me faz pensar que ainda estou dormindo... Salto do ônibus no mergulhão da Praça Quinze e ao subir as escadas, me deparo com uma multidão que ocupa todos os cantos da praça, seja nas áreas de sombra, seja nas ensolaradas. Num palco próximo ao Chafariz os grupos se sacolejam ao som das marchinhas tradicionais. Minha surpresa é

grande, pois não imaginava ver tantas pessoas fantasiadas de forma tradicional em pleno carnaval de rua. Vejo grupos animados com fantasias de abelhas, jovens rapazes de “noivinhas”, vários piratas, muitas bailarinas e colombinas, crianças de palhacinhos, e vários outros tipos fantasiados com criatividade e inventividade. Até mesmo Lampião, o rei do cangaço, estava lá ao lado do Paço, fazendo pose. Sinto no ar muita energia, alegria e descontração. E o lugar acolhe a todos, se abre para a festa, se transmuta em digno salão” (18/02/2007).

“A presença do **maciço viaduto, gigantesco, interfere** visualmente na paisagem e seus pilares criam barreiras visuais ao nível do piso. Isto não parece incomodar as pessoas que circulam apressadas sob o mesmo e pelas áreas ensolaradas do grande largo. Embaixo do viaduto, entre os vãos dos pilares, um músico solitário de blues expõe e tenta vender seus CD's para os passantes. Somente ele e alguns mendigos, que dormem juntos aos pilares, permanecem ali e nenhuma outra atividade é observada. Nesta manhã de verão carioca, os fluxos de pedestres são regulados conforme a chegada ou saída das Barcas. Apesar do prenúncio de um dia quente, uma leve e agradável brisa sopra e a ausência de ruídos cria uma **ambiência sossegada**” (21/12/2006).

Na grande área livre da Praça Quinze de Novembro, aspectos duais emergem no entrelaçamento dos relatos. Ao mesmo tempo em que a praça é um ambiente amplo, arborizado, ventilado e visualmente agradável entre o Paço Imperial e o Arco do Teles, o viaduto da Perimetral corta ao meio o grande largo e gera um peso sombrio e negativo pela sua presença perturbadora. Outro marco do lugar é a torre em vidro negro da Universidade Cândido Mendes, visível desde inúmeros pontos de vista, cuja presença foi considerada negativa pelos observadores, tanto por sua escala monumental, quanto pelo contraste com os edifícios históricos no entorno da praça (Fig. 22). Entre o viaduto e a indistinta linha d'água resta uma ampla praça mineral vazia e de uso e apropriação rarefeitas ou quase nulas, servindo apenas de passagem e espera para a travessia da baía (Fig. 23). A presença do viaduto não representa apenas uma barreira física e visual, mas significa um elemento de ruptura e descontinuidade gerando dois ambientes distintos.

“Turistas nacionais e estrangeiros, portando câmeras digitais, bonés e mapas, podem ser vistos circulando pela praça, tentando se situar e encontrar o caminho entre o Paço e o Arco do Teles. Observo que junto a mureta em concreto que circunda o Chafariz de Mestre Valentim há algumas pessoas sentadas – como ocorreu em outras visitas e observações –, sempre à sombra das árvores que ali são frondosas. Também nos degraus que emolduram o monumento ao General Osório, alguns homens de aparência humilde estão sentados, sempre nos locais sombreados, à espera de algo que não acontece” (26/01/2007) (Fig.24).

“Na área arborizada da Praça Quinze, uma feirinha de artesanato se instala às quintas e sextas feiras. Os vendedores passivos, aguardam sentados, sozinhos ou conversando em grupos. A presença das barracas – apesar do **pouco movimento** de passantes e, conseqüentemente, de compra e venda – cria uma **ambiência agradável**, colorida e de certa forma aconchegante, sensações não percebidas em outros dias da semana” (26/01/2007) (Fig. 25).



Figura 20

Praça Quinze num domingo pela manhã, sem o trânsito habitual de pessoas na direção barcas-centro



Figura 21

Domingo de carnaval na Praça Quinze (sob o Arco do Teles) – o bloco atrai crianças, jovens, adultos e idosos para brincar o carnaval como antigamente



Figura 22

Praça Quinze: dois marcos históricos, o Chafariz e o Paço sob a sombra do viaduto (acima); à direita é o peso da torre negra da Cândido Mendes.



Figura 23

Praça entre a Perimetral e a Estação das Barcas: não há acesso visual à baía cuja presença é obliterado pelos edifícios institucionais.



Figura 24

Chafariz do Mestre Valentim: a permanência é observada apenas em torno dos monumentos.



Figura 25

Feira de artesanato da Praça Quinze: pouco movimento de passantes; não chega a ser um atrativo para o lugar

A grande circulação de pedestres durante todo o dia – trabalhadores indo e voltando das barcas, ou visitantes e turistas circulando entre o Paço e os centros culturais próximos – confere dinamismo e movimento ao ambiente. Entretanto, identificamos que a grande maioria dos usuários apenas usam o lugar como passagem, talvez por não haver sequer um banco ou qualquer outra amenidade

que estimule a permanência. Somente quando são promovidos eventos públicos ou em situações especiais – como no carnaval, em shows ou eventos montados na praça ou em feiras temporárias – as pessoas são atraídas ao lugar ou ainda, como reflexo do movimento noturno em áreas próximas (17/05/2006).

“A praça é **bonita** à noite: há luzes para todos os lados e pessoas circulam. Em cada esquina é possível perceber a vida presente naquele lugar. A quantidade de pessoas nas paradas de ônibus é grande, porém a quantidade de transeuntes pela praça é infinitamente maior, dando a impressão que ninguém pretende voltar para casa. Era agradável aquele ar marinho e o frio discreto, causando uma sensação de **liberdade** naquele local **público e amplo**, mesmo com a passagem **ocasional** de um ou outro mendigo ou sujeito **mal-encarado**. Os garotos skatistas deslizam de lá para cá, despreocupados. Eles sentem a liberdade do espaço público e livre. Apesar do horário tardio, o número de pessoas não diminui; de quando em vez passa uma multidão que, no mesmo ritmo e sentido do caminhar em direção às barcas, mais parece uma **precissão**” (06/06/2007).

As exceções quanto à apropriação da Praça Quinze são seus usuários mais fiéis que à noite e nas tardes dos finais de semana, dominam a praça vazia: skatistas transformam a praça em pista para suas manobras radicais. Os mendigos e os desocupados são também usuários freqüentes e ocupam os locais mais recuados e escondidos, como os degraus ou as muretas em torno dos monumentos, presença que gera um certo desconforto, mas não chega a provocar insegurança, ao contrário dos pivetes e trombadinhas que circulam entre os passantes nos horários de maior movimento.

“Resolvemos seguir pela Rua do Mercado, que mais parece um grande estacionamento, com carros e flanelinhas por todos os lados, o que nos causou uma **sensação desagradável**. O **novo** e moderno prédio da Bolsa de Valores **contrasta** com os edifícios **antigos** em seu entorno. Ao percorrer a Rua do Ouvidor, vimos que o comércio de lojas começava a dividir espaço com os bares, já preparados para a happy-hour. Observamos um **movimento** grande de pessoas e passantes naquele início de tarde. Concluimos que o uso como **estacionamento degrada** a Rua do Mercado, que poderia ter o mesmo potencial demonstrado na Rua do Ouvidor. Juntamente com o Arco do Teles, são os dois lugares que conferem mais **vitalidade** à área, dentre os visitados, talvez porque consiga reunir usos como comércio, serviço e entretenimento” (21/12/2006).

A grande concentração de edifícios antigos e também monumentais no entorno da praça de grandes proporções, dá lugar há uma enorme surpresa no momento em que cruzamos o Arco do Teles que imediatamente acolhe o caminhante.

No quadrilátero formado por ruelas, travessas e edificações históricas a partir do Arco do Teles, um portal marcando a passagem para um outro ambiente, acolhedor, colorido, protegido (Fig. 26), distinto da Praça Quinze, ampla, despovoada, impessoal. Os dois lugares possuem narrativas distintas e duais. A história, a partir do Arco, está inscrita no casario antigo remanescente de outros tempos, embora as atividades atuais observadas estejam sintonizadas com o momento presente – de cultura, lazer e entretenimento. Estes

dois ambientes diferenciados logo emergiram como os dois focos do estudo neste recorte (Fig. 27).

*“A brisa suave me atrai, e me faz cruzar o Arco [do Teles]. O movimento do lugar é **intenso**, com jovens que bebem, conversam e riem. A **sensação de segurança** aumenta e, mesmo naquele pouco espaço de circulação e barulho das pessoas e da música, o ambiente parece **acolhedor**. Naquele beco, retrato da noite carioca, a noite é **movimentada**, alegre e cheia de vida e as pessoas estão **felizes**” (06/06/2007).*

*“Atravessamos o Arco do Teles para um espaço mais estreito, uma viela de sobrados, onde funcionam bares e restaurantes durante o dia e à noite. Uma filmagem acontece no momento que passamos, tornando o ambiente ainda mais **cenográfico** do que já aparenta ser. À medida em que seguimos, e àquela hora da manhã, as ruas parecem cada vez mais **vazias** – quase todos os bares fechados – porém a sujeira no chão das ruas – pontas de cigarro e tampas de garrafa – denunciam a **badalação** da noite anterior” (17/02/2005).*

*“Ao atravessar o Arco, percebo que mesas e cadeiras começam a ser arrumadas, alinhadas às fachadas do casario, pelos garçons dos bares e restaurantes, a espera dos clientes da happy-hour... **Música alta** (pagode) pode ser ouvida ao longo da Travessa do Comércio, ainda vazia. Nas juntas do piso em paralelepípedo, vejo inúmeras tampas de garrafas de cervejas e refrigerantes. Parecem estar ali há tanto tempo quanto as próprias pedras, tão entranhadas estão entre elas. No chão vejo também poças d'água e lama apesar do tempo seco, aparentemente proveniente da lavagem dos estabelecimentos comerciais que se preparam. **Sujeira e lama** denotam que infelizmente nem a prefeitura nem os proprietários cuidam da área como poderiam ou deveriam” (26/01/2007).*

“Naquele sábado estava visitando o Centro com amigos estrangeiros de passagem pelo Rio. Passeamos por vários lugares... minha intenção era, após o passeio, almoçar em um restaurante na Rua do Rosário, que havia sido indicado por uma das entrevistadas. Qual não foi nossa surpresa ao depararmos com uma verdadeira festa bem no meio da Rua do Ouvidor. E exatamente em frente à livraria daquela que havia indicado o restaurante. Um grupo de samba animava a festa e atraía ainda mais pessoas para aquele recanto alegre e convidativo (25/08/2007).

Bares e restaurantes ocupam o casario complementando a função cultural dos centros próximos que atraem inúmeros visitantes e turistas. A apropriação que fazem das ruas estreitas como extensão de suas atividades comerciais traz, entretanto, alguns inconvenientes e deixam vestígios de uma ocupação indevida, incompatível com a noção do bem público. Na tentativa de atender ao maior número de clientes, as mesas chegam a bloquear totalmente a circulação de pedestres.

Vista por um outro ângulo, esta apropriação ameniza e humaniza o ambiente, como nos eventos esporádicos de samba e chorinho promovidos ao ar livre por alguns comerciantes. O público animado fica à vontade, numa interação social e ambiental positiva, especialmente na Rua do Ouvidor que concentra uma maior diversidade

comercial, sendo a mais animada e com mais vitalidade em todos os momentos visitados (Fig. 28).

*“Durante o tempo que permanecemos na esquina da Rua do Mercado com Rua do Rosário, observamos que esse trecho tem **pouco movimento** de pessoas. Está mais **abafado** ali, já não sentimos mais a brisa do mar. Muitas edificações estão **fechadas** e seu **estado de conservação** é **precário**. O final da rua parece um **“beco abandonado”** e um lugar que eu não passaria sozinha, pois transmite **insegurança**. Até mesmo o outro observador afirma que fica **apreensivo** quando passa por um local assim e se puder evita: ‘o local é ideal para uma emboscada’” (21/12/2006).*

*“Desço até a Rua do Mercado, vazia a esta hora e com todas as portas do casario antigo cerradas. O edifício do antigo Lloyd Brasileiro permanece fechado e sem uso. Somente um estabelecimento prepara as mesas no ponto em que se forma um largo protegido e **agradável** com sombra e brisa do mar. Sem qualquer função e por estar próximo a um estacionamento sob a Perimetral, o local passa uma **sensação estranha de vazio, insegurança e penumbra**. Outros pesquisadores que faziam observações neste dia apelidaram-no de ‘beco das emboscadas’” (13/04/2007) (Fig. 29).*

*“Chegamos à Rua Visconde de Itaboraí, que concentra os edifícios do Centro Cultural dos Correios, a Casa França-Brasil e o CCBB. Naquele momento poucas pessoas circulam e o ambiente **sem vida** parece bem diferente das noites ou fins de semana quando acontecem eventos e exposições e o movimento se amplia. Retornando pela Rua Primeiro de Março, observamos ao lado do CCBB, o antigo edifício do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) que nos despertou a curiosidade. O aparente abandono foi confirmado pelo único vigia que disse-nos que o edifício, belíssimo internamente, permanecia com uso indefinido” (17/02/2005).*

*“O ambiente entre a Casa França Brasil e o CCBB é **agradável** com jardins, um **belo** conjunto arquitetônico e uma **bonita** vista para a Igreja da Candelária. O fluxo de veículos é intenso na Rua Primeiro de Março com Av. Presidente Vargas e o **barulho incomoda** muito. Para fugir dessa poluição sonora, entramos no Centro Cultural do Banco do Brasil. Havia muitas pessoas ali, crianças e adultos, que lanchavam, tomavam chá, liam livros, aguardavam para ver algumas das exposições ou peça de teatro ou cinema. É um verdadeiro **refúgio** na cidade, pois é **tranquilo** e **seguro**, com várias atividades culturais, além de ser um **lugar aberto** a todos os públicos” (21/12/06) (Fig. 30, 31 e 32).*

O aspecto temporal transforma o ambiente daquelas ruelas: durante a manhã, sujeira e sensação de abandono e de vazio; à tarde e ao cair da noite, movimento e alegria. Ainda assim, permanece a sensação de aconchego, de lugar protegido, possivelmente, em função do baixo gabarito do casario, da variedade de detalhes, texturas e cores nas fachadas. A ambiência que agrada à maioria dos observadores, especialmente quando as portas dos restaurantes se abrem para a rua. Mas a apropriação predominantemente comercial – mesas e cadeiras ocupando toda a extensão das ruas estreitas, música alta de qualidade questionável, público que busca apenas lazer e diversão – provocam conseqüências negativas, tais como lama, sujeira e odor de urina, remanescentes dos happy-hours, que evidenciam o desapego dos usuários pelo lugar.



Figura 26

Arco do Teles numa manhã sem movimento, como um portal, marca a passagem para ambiente diferenciado



Figura 27

Travessa do Comércio, que concentra o maior número de bares e restaurantes, se preparando para a happy-hour



Figura 28

Evento musical na Rua do Ouvidor promovido por comerciantes locais para atrair o público



Figura 29

Caminhando para o "Beco das emboscadas": denominado assim por ter portas e janelas sempre cerradas e praticamente nenhuma apropriação.



Figura 30

Largo no conjunto cultural próximo à Candelária com exposição de esculturas à céu aberto



Figura 31

O Espaço Cultural dos Correios (ao fundo), o CCBB e a Casa França-Brasil atraem um grande público e outros usos afins para a área

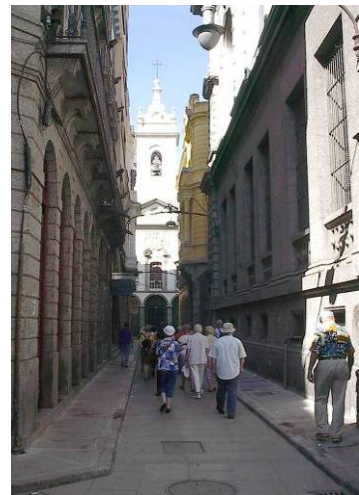


Figura 32

Rua dos Mercadores - eixo de ligação dos centros culturais muito utilizados por visitantes e turistas

4.2.2 Relatos sobre o SAARA⁷²

As observações incorporadas e as derivações abrangeram a quase totalidade da sub-área SAARA⁷³ que foi percorrida em dias úteis e sábados e em diferentes momentos do dia e ao cair da noite. Foram identificados trechos com características distintas que direcionaram o olhar mais aprofundado. Assim, com o intuito de proceder ao compartilhamento dos olhares, foi selecionado o recorte que traz mais significados, estímulos e impressões para os observadores, que é coincidente com a delimitação da associação comercial homônima – S.A.A.R.A.⁷⁴ (Fig. 33)

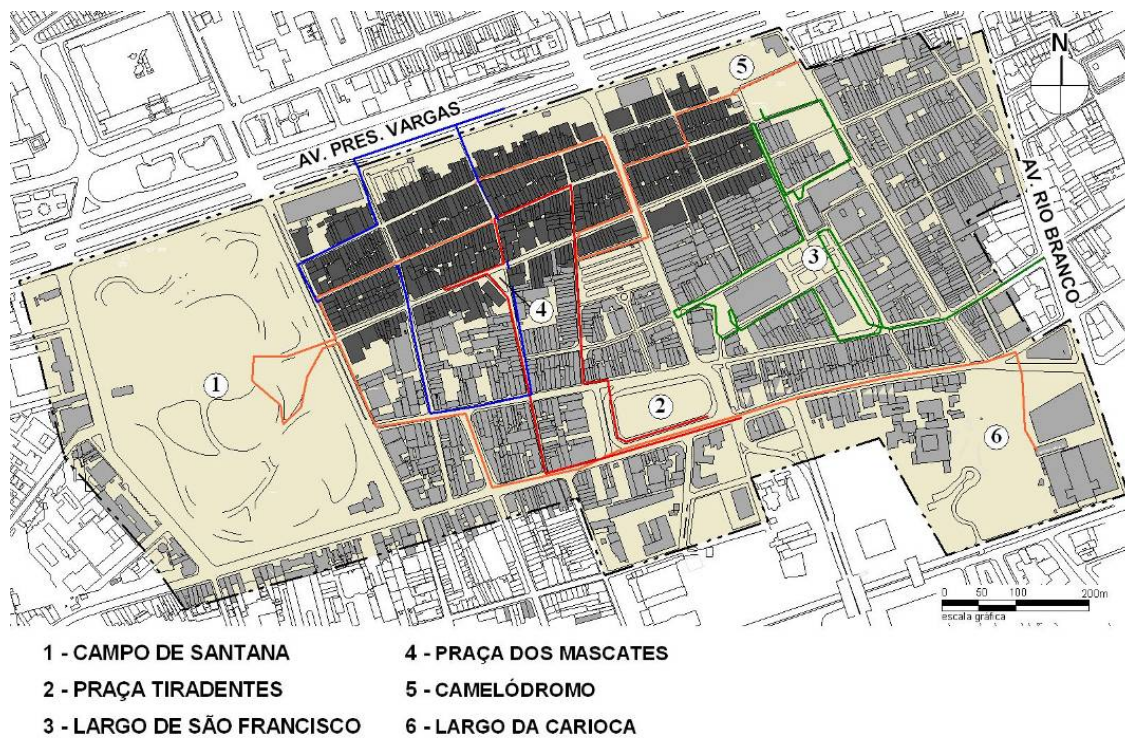


Figura 33

Sub-área do SAARA com indicação de quatro derivações realizadas. A mancha mais escura indica o trecho de abrangência da S.A.A.R.A.

*“Chego ao Centro pela estação do Metrô Uruguaiana, saindo pela Rua da Alfândega. O primeiro **impacto negativo** foi o **mal cheiro** à saída da estação, emparedada pelo camelódromo e usada como mictório, inexistente nas imediações. O calor nesta manhã de verão intensifica não somente o odor de urinas e sujeiras outras, mas também amplia o **barulho** vindo das inúmeras caixas de som estridentes espalhadas pelo camelódromo que, a cada passo dado, surgem e mesclam todo tipo de sons, berros de anunciantes e músicas estranhas,*

⁷² A sub-área SAARA, conforme delimitação constante do PA 10600, abrange o polígono conformado ao norte pela Avenida Presidente Vargas, à leste pela Avenida Rio Branco, à sul pelo alinhamento das ruas da Carioca, Praça Tiradentes e Visconde do Rio Branco e a oeste pela Praça da República, totalizando cerca de 50 quarteirões, entre ruas, avenidas, largos e praças, em uma área de aproximadamente 751.500 m².

⁷³ A delimitação é a constante do Projeto Corredor Cultural conforme o Projeto de Alinhamento PA 10600

⁷⁴ No sentido de distinguir as menções à sub-área daquelas referentes à área de abrangência da associação utilizaremos doravante SAARA para a primeira e S.A.A.R.A. para a segunda.

ferindo os ouvidos e causando uma certa **irritação**. Vejo produtos de marcas famosas sendo vendidos a preço incrivelmente baratos, o que causa estranheza e incerteza quanto à sua origem. Me parece que o camelódromo faz limite com o SAARA junto à Rua dos Andradas. Percebo isso pelos cavaletes amarelos com a conhecida sigla da associação dispostos no início das ruas de pedestres" (18/01/2006).

Uma das fronteiras da S.A.A.R.A. é o camelódromo, instalado precariamente em barracas, que não aparenta ter a mesma organização da área sob o comando da associação. Os aspectos físicos do camelódromo provocam, em princípio, sensações negativas, de repulsa, medo e insegurança, além da desconfiança gerada pelo comércio informal que oferece produtos cuja procedência é muitas vezes duvidosa, com produtos de marca falsificados. A percepção dos camelôs em sua aparente desordem e confusão, misturados ao calor e ao barulho, é negativa, apesar de nossa preparação e empenho em olhar a cidade sem pré-conceitos ou preconceitos. Não ocorreu a mágica esperada com a delimitação política de uma área somente para camelôs⁷⁵. Hoje o camelódromo, como um verdadeiro mercado persa, faz parte da paisagem do Centro e cumpre uma importante função social e econômica.

"Passo aquele **tumulto** do camelódromo, que **alívio!** Entro em uma rua de pedestres, chamada Beco do Rosário, arborizada e protegida por gradis de ferro sobre muretas em pedra, mas com portões abertos. A rua segue pela lateral de uma igreja, possui alguns restaurantes se preparando para o almoço e ao final, no espaço ao fundo do templo, há um mercado de plantas e flores repleto de vasos e verdes, ao ar livre e sombreado por um imenso ficus! Caminhar por ali é um verdadeiro **prazer** e aproveitamento para fazer isso lentamente, absorvendo as cores e cheiros que remetem à **natureza**. Ao final, um outro portão se abre para a Rua dos Andradas: camelôs, muita gente, **movimento**, calor, lojas com produtos expostos na rua, **muitas cores e sensações**, mas barulho mesmo, só os sons das pessoas na rua" (18/01/2006) (Fig. 34).

"Na Rua dos Andradas, o impacto das barracas de camelôs é bem menor, talvez por estarem distribuídas ao longo da calçada, mais larga neste trecho e junto ao meio-fio, deixando áreas livres para a circulação... veículos quase não trafegam e o **burburinho** é proveniente de vozes humanas... O ambiente parecia de todo mais limpo que o observado no camelódromo. Aqui não senti a **insegurança** e o medo que, agora percebo, senti no camelódromo ao esbarrar com tipos mal-encarados logo que saí do metrô" (17/01/2006). (Fig. 35)

"Subo a Rua dos Andradas e vejo edifícios altos alinhados ao final da mesma. Passo por eles e repentinamente surge o Largo de São Francisco, bem amplo, aberto, com poucas árvores e alguma sombra e conformado por uma igreja – a de São Francisco de Paula repleta de elementos decorativos – e um outro edifício histórico ao lado – o edifício do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. **Amplitude, espaço aberto, ar para respirar:** a sensação no largo se diferencia da

⁷⁵ O camelódromo foi uma tentativa política, e frustrada, de tirar das ruas do Centro, nos anos 80, os ambulantes que se proliferavam. Hoje, além do camelódromo, os camelôs continuam se espalhando por todas as ruas do Centro.

percebida em outros pontos do percurso. Porém, nas calçadas que circundam o largo, um milhão de camelôs preenchem cada espaço vazio, aquecendo as vendas de Natal. Muitas pessoas se esbarram e se acotovelam onde sobra calçada, mas o centro do largo permanece tranqüilo, e um som étnico – músicos andinos negociando seus CD's sob a sombra de uma árvore – enche o ambiente e traz uma sensação de paz" (13/12/2005).

Outra rua limítrofe da S.A.A.R.A é a Rua dos Andradas. Mais uma vez o ambiente se altera, com a presença de camelôs sobre as calçadas, o que não ocorre nas ruas "sob os cuidados" da associação comercial. Apesar de não ser exclusiva de pedestres, o fluxo pouco intenso de veículos e a presença do Largo de São Francisco que se abre ao final da rua, ameniza o impacto de seu outro extremo, o ruidoso e confuso camelódromo. É interessante notar que, a partir deste eixo até a Avenida Rio Branco, o comércio se torna mais sofisticado e também mais impessoal; já não se percebe a identidade da S.A.A.R.A.

"Caminho pelo SAARA, onde sei que a maior parte das casas foi reformada pelos comerciantes para isenção de impostos. O resultado das obras não se pode perceber com facilidade nos térreos, porque as lojas colocam seus produtos em exposição nas calçadas escondendo as fachadas, mas olhando para os andares superiores avisto o **belo** conjunto de casas reformadas. Impressiona-me perceber que cerca de metade das casas são desocupadas nos andares superiores" (17/01/04) (Fig. 36).

"A presença de orientais (chineses ou coreanos) chama atenção nas ruas e lojas. Em um bar, vários deles bebem e comem, **sorridentes** em meio a conversas **descontraídas**... Nosso caminhar também é despreocupado, pelo meio das estreitas ruas sem muito tráfego, onde paramos por vezes para conversar ou olhar as mercadorias. Os pequenos edifícios encobertos pelos toldos e pelos letreiros e a miscelânea de cores e objetos nos convida a percorrer o lugar... As edificações um pouco mais altas produzem uma sombra agradável, enquanto o sol some e ressurge, causando uma **sensação de proteção**, apesar de tantos camelôs atrapalharem a passagem. Ouvimos uma música ambiente, porém a infraestrutura inadequada deixa à mostra as fiações das caixas de som e das luminárias e cabos telefônicos aéreos que cruzam as ruas e enfeiam as fachadas" (30/04/2006).

"O som proveniente das caixas que se espalham pelas ruas com propagandas ininterruptas é **estridente** e bastante **incômodo**. Se fosse um pouco mais baixo não perderia sua função de comunicação. Tento imaginar andar por aquelas ruas sem aquele barulho ou com uma música suave e vi que nenhum dos dois combinava com aquele **lugar colorido**, cheio de bandeirinhas, **movimentado** pelas pessoas e vendedores às portas das lojas apinhadas de produtos de todos os tipos. Percebo uma setorização de lojas por tipos de produtos em certas ruas: a Buenos Aires concentra lojas de tecidos, a Senhor dos Passos, bijuterias e jóias e artigos para festas e a Alfândega, roupas e modas; mas de forma residual e **nunca homogênea**, pois muito pelo contrário, a **homogeneidade**, a **monotonia** e a **monocromia**, são conceitos que inexistem no universo da SAARA" (25/04/2007). (Figs. 37 e 38)



Figura 34

Beco do Rosário: oásis de tranquilidade entre o camelódromo e o SAARA. A via é protegida por gradis e portões que permanecem abertos durante o dia, delimitando um espaço protegido e acolhedor



Figura 35

Final da Rua dos Andradas com o aparente alargamento do espaço e a apropriação das largas calçadas pelos camelôs; note-se a presença da Igreja de São Francisco ao fundo.



Figura 36

Casarão para alugar – o cartaz indica que o imóvel preservado e recuperado é isento do IPTU



Figura 37

Vida, cor e movimento ao nível da rua, enquanto muitos dos andares superiores permanecem fechados e vazios.



Figura 38

Esquina do SAARA com artista de rua performático que anima ainda mais o comércio e a vida do lugar

“O movimento do comércio se intensifica e vários comerciantes tentam atrair os passantes anunciando em voz alta – e competindo com os alto-falantes – os produtos na rua. Deparamo-nos com um grande fluxo de pessoas caminhando e consumindo e a **sensação de insegurança** aumenta: até mesmo os ambulantes avisam para termos cuidado com as nossas bolsas. Na Igreja Nossa Senhora do Terço, fechada aquela hora, os camelôs ocupam as duas laterais, tornando quase imperceptível sua presença. Vemos alguns mendigos dormindo (acampando). O som alto indica que o “coração” daquele comércio está próximo, fazendo-nos continuar seguindo em direção a um largo que se abre mais adiante” (30/04/06).

“O sol **radiante** faz com que tudo pareça mais **colorido** e **brilhante**. O vento fresco da tarde de primavera faz balançar as roupas, bandeirolas, pipas, e tudo o mais que está pendurado nos toldos e apoiado sobre as calçadas, apinhadas de estantes cheias de objetos e quinquilharias à venda: 1 por R\$0,50, 12 por R\$3,00. Os preços são incrivelmente **baratos**, assim como os produtos, em sua maioria ...feitos na China. Panelas brilham e refletem os raios do sol, bijuterias e miçangas atraem o olhar pelas multicores. E os cheiros... ah! os cheiros de esfihas e kibes recém fritos apetezem o estômago, mesmo logo após o café da manhã. Nas lojas de grãos,

grandes baldes transparentes enchem a frente da loja com amendoins, castanhas, nozes, pinhas, frutas secas. Só de olhar dá vontade de comer. Em tudo pode-se tocar, testar, brincar. Nas casas de ornamentos para festas, a imaginação não tem limites e os super-heróis, princesas e times de futebol são temas recorrentes, competindo com o último desenho animado de hollywood. Manequins vestem calças e tops apertados, sonho de consumo de meninas e mulheres – a principal clientela daquele **paraíso do comércio popular**” (11/04/07). (Figs. 30 e 40)

Mercado popular, comércio varejista e atacadista, preços baixos e todo o tipo de mercadoria que se possa imaginar. O SAARA é um centro de compras a céu aberto, e um ambiente rico em diversidades, em multiplicidades, em etnias. É abundante em cores, texturas, formas, cheiros, odores, sonoridades. É fértil no sentido de prover matéria prima para a realização de todo tipo de sonhos, desejos, necessidades, vaidades. É plural na variedade de tipos humanos em todas as cores, raças, credos, tamanhos, idades, que diariamente lotam as ruas, os espaços públicos e as lojas do lugar. Multidões que compram, vendem, consomem, percorrem, anunciam, oferecem, buscam, acham, negociam, regateiam, pechinham, enfim, transformam aquelas ruas com seu casario alinhado num verdadeiro mercado árabe, aparentemente caótico. Apenas aparente, pois por trás daquela excitante e inebriante confusão e informalidade, transparece sua lógica, define-se sua ordem e desvela-se sua unicidade.

*“Na Rua da Conceição – um corredor bastante movimentado – o espaço diminui drasticamente. A confusão de produtos expostos e propagandas atrapalha a visão das edificações. É inevitável o tumulto entre pedestres mas é uma espécie de “caos organizado” que funciona... Não há visão do “adiante” e tenho que calcular melhor o percurso para não esbarrar com os outros. Ao final da rua, na esquina com a Av. Pres. Vargas, o ambiente torna-se muito agradável devido ao micro-clima criado pela **densa arborização** que reduz a temperatura em frente à um edifício institucional... Mesmo sem bancos para sentar, muitas pessoas permanecem ali, conversando recostadas nos fradinhos ou mesmo em pé. A sombra das árvores convida qualquer um a dar uma parada para se refrescar do calor intenso e tomar fôlego, antes de continuar a caminhada” (18/01/2006).*

*“Paramos em frente à uma loja de produtos indianos, que destoa das demais com seu ar de requinte, brilhos e ornamentos. Naquele local ficamos mais à vontade e não somos percebidos pelos passantes, mesmo enquanto tiramos fotos, talvez por sermos confundidos com os muitos turistas que circulam pela SAARA. Podemos reconhecê-los pelos **idiomas e roupas diferentes** no meio de tantos brasileiros e naquela área de comércio popular tão característica... Somos abordados por um ambulante curioso para saber o que escrevíamos. Apesar da perturbação do medo inicial, nossa resposta foi gentil e ele agradeceu com um sorriso leve e simpático. A **simpatia daquelas pessoas**, aos poucos, vai provocando uma maior **sensação de segurança**” (30/04/2006).*

Um aspecto positivo observado é o atendimento atencioso dos comerciantes, tanto os de origem árabe quanto os judeus, que fazem o atendimento direto ao freguês, abrindo espaço à negociação, aos regateios e às pechinchas. É comum observarmos as

tentativas de vendas ao menor custo e a atração ao consumidor se faz no corpo a corpo. Algumas ruas concentram lojas com segmentos específicos, mas nunca exclusivos: ruas que concentram lojas de brinquedos, lojas de festas, lojas de bijuterias e miçangas, entre tantas outras. Outras ruas, concentram etnias. As lojas de produtos chineses já tomaram conta de toda uma rua do SAARA.

*“Chego em um largo, um ambiente muito diferente do até então observado, como um **oásis**, um espaço vazio e aberto com uma pequena praça. Aproxima-se a hora do almoço e as lanchonetes e bares vão sendo ocupados. O ambiente começava a ficar mais descontraído. Sinto a intensidade do sol somente na parte mais central da praça, pois as ruas que a delimitavam criavam uma corrente de ar fresco e agradável. Há uma banca de jornais, bancos onde pessoas idosas descansam, palmeiras cujo balançar das folhas com a brisa **agrada** os sentidos e torna o **ambiente acolhedor**. O maior movimento é por conta do ponto de táxi ao longo da Rua Buenos Aires, única aberta ao tráfego. Segundo a atendente de um bar próximo, nas noites de sextas-feiras, os alunos da Faculdade Moraes Junior – única edificação alta e contrastante com o entorno – ocupam o lugar em grandes grupos e mesas e cadeiras são dispostas no largo, que se torna um lugar **festivo** de lazer noturno” (30/04/2006).*

*“Na Praça dos Mascates – uma simpática pracinha no meio daquele **turbilhão comercial** – sento num banco, buscando eliminar as preocupações e alguma ansiedade decorrentes de problemas pessoais. É um **canto aprazível** na SAARA. Compro um mate para afastar o desânimo, respirando fundo e me preparando mentalmente para as entrevistas que pretendo ainda fazer. Mantenho a atenção nos eventos à volta e observo o ambiente **tranquilo** da praça e as pessoas que circulam à volta, não muitas, além de alguns mendigos que aparentemente dormem por ali. Aquela parece uma **zona limítrofe**, pois a partir da Rua Buenos Aires há uma grande mudança de aparência das ruas, mais vazias, das lojas, muitas delas fechadas e sem os penduricalhos, e de ambiente, bem **menos atraente e colorido**” (25/04/2007) (Figs. 41).*

“Atravesso a Rua Buenos Aires, com tráfego de veículos e percebo instantaneamente uma mudança de ambiente, como se a rua fosse uma fronteira. O fluxo de pedestre se rarefaz, as lojas não são tão apinhadas de objetos e não avançam sobre as calçadas, não vejo mais os simpáticos toldos coloridos que protegem homens e objetos e a sensação que fica é de um vazio, uma vida por um fio...” (11/04/2007).

*“Subo a Regente Feijó e paro em frente a Gentil Carioca – galeria de arte alternativa que de quando em vez promove eventos culturais. O ambiente torna-se frio e pouco acolhedor com o paredão da fachada de uma edificação oca e em ruínas; a sensação de **insegurança** volta, não pelo excesso, mas pela ausência quase total de pessoas transitando ao redor” (08/05/2006) (Fig. 42).*

O coração do SAARA é um lugar que se distingue dos outros setores identificados na sub-área. Suas fronteiras são marcantes e perceptíveis por meio de diferenças de usos dos lugares públicos, nas atividades e no movimento de pedestres, mais intenso, observados. A maioria das ruas são exclusivas para pedestres. As atividades comerciais são mais diversificadas. O número de pessoas na rua – notadamente maior e mais intenso que

outras ruas do Centro – e as sonoridades ampliam a sensação de dinamismo e movimento percebidos em todos os momentos do dia.

Observar os consumidores em seu momento de compras é divertido e enriquecedor. Se os vendedores e comerciantes representam uma mistura étnica e racial, da mesma forma os clientes são diversificados, provenientes de todas as classes sociais. Trabalhadores, executivos, operários, mães, estudantes, idosos, crianças, jovens, todos buscam bons preços e sabem que lá irão de tudo encontrar.



Figura 39

Ambiente repleto de significados da Rua da Alfândega – o coração do SAARA.



Figura 40

Apropriação da calçada pelos comerciantes – as mercadorias avançam sobre o passeio atraindo o público para o interior das lojas



Figura 41

Praça dos Mascates – o pequeno largo bem tratado é um oásis de tranquilidade



Figura 42

Grandes distinções físicas, sociais e econômicas nos trechos fora da abrangência da associação comercial

*“Saio do Escritório Técnico do Corredor Cultural, por volta das 7:30h da noite, e percorro a Rua Regente Feijó, nas proximidades do coração do SAARA, a caminho do Metrô. Quase todas as lojas já cerraram as portas e é intensa a desmontagem das atividades do dia. Muitas pessoas caminham por ali, talvez por ser o caminho natural até o metrô e a Av. Presidente Vargas, e nas imediações da Praça dos Mascates percebo vários estudantes aguardando o horário de suas aulas. O que mais me impressiona é a quantidade de **lixo e sujeira** deixada em frente às lojas, como se aqueles vestígios do dia não dissessem respeito às pessoas que ganham ali seu pão. Caixas de papelão, longos pedaços de plástico, papéis e pedaços de madeira e ferro, restos de alimentos em sacos abertos, emporcalham as ruas. Imagino que haja um sistema de limpeza que faça o*

*serviço à noite, mas a má impressão poderia ser evitada com um pouco de **consciência** dos lojistas, organizando melhor a desprodução do dia de trabalho" (06/08/2007).*

As atividades diurnas diferem enormemente das do **período noturno**, quando as lojas fecham, todos se vão e um grande **vazio e abandono** toma conta do lugar. Como praticamente não há moradores e nenhum comércio ou serviço funciona fora deste período, sua vitalidade desaparece por completo.

Da mesma forma, algumas dualidades se evidenciam na comparação entre o trecho que vai da Buenos Aires até a Av. Pres. Vargas e do trecho da mesma Buenos Aires até a Rua da Constituição. Dois mundos se confrontam, duas realidades distintas e dessemelhantes. Toda a vibração e energia do SAARA, neste trecho se transformam em abandono e desolação.

4.3 ASPECTOS FÍSICOS E MORFOLÓGICOS – PRAÇA QUINZE E SAARA

Como exercício complementar de conhecimento das áreas em estudo, serão apresentados, a seguir, os levantamentos de aspectos físicos e morfológicos realizados nos recortes PRAÇA QUINZE e SAARA e sua análise, seguida do entrelaçamento dos dados apreendidos pelas observações incorporadas.

Para a delimitação dos recortes nas áreas de estudo, considerando-se a larga abrangência das sub-áreas do Corredor Cultural alguns parâmetros foram seguidos. Além de obedecer às lógicas da observação incorporada e da deriva – que permitiram uma primeira interação com os ambientes “de dentro para fora”, como demonstram os relatos da seção anterior, deveriam ser identificados em cada grande área aspectos e características físicas específicas. Assim, os recortes deveriam ser:

- espaços livres de edificações, mas geometricamente conformados por edificações em n-1 lados;
- lugares públicos, podendo conter áreas semi-públicas, tais como ruas com ou sem tráfego de veículos, travessas, praças e largos;
- lugares nos quais a presença humana pudesse ser observada, ou seja, com alguma vitalidade e presença de atividades urbanas durante, pelo menos, parte do dia.

Paralelamente aos parâmetros acima, cada um dos recortes deveria conter duas partes distintas, que apresentassem dualidades em relação às diferenças de escala, de dimensões e de ambiência, e que pudessem ser analisadas comparativamente. Assim,

seus aspectos contextuais e formais, suas especificades e suas semelhanças, puderam servir como indicadores de análise e comparação, por sua vez, entre as sub-áreas, nos estágios subseqüentes da pesquisa.

Em cada caso são indicadas as principais dualidades e aspectos harmônicos entre dois lugares públicos e contíguos identificados nos levantamentos de campo realizados. Dentre algumas das dualidades analisadas constam: a) uso diurno x uso noturno; b) cheios x vazios; c) escala monumental x escala humana; d) permanência x transitoriedade; e) tipo x função. Outros aspectos formais podem ser destacados: o perfil de parcelamento do tecido urbano e a relação funcional das edificações.

Para auxiliar na visualização dos resultados e possibilitar a posterior comparação e cruzamento de dados entre as áreas, foram elaborados mapas com os registros dos levantamentos realizados, conforme os procedimentos propostos em Materiais e Métodos (Capítulo 3). Nos mapas estão indicados o recorte estabelecido representativo de cada subárea para o aprofundamento do olhar. No início deste capítulo mostramos o mapa geral do Centro com a delimitação das sub-áreas originais do Projeto Corredor Cultural. No início dos relatos das *observações Incorporadas* apresentamos as duas sub-áreas – Praça Quinze e SAARA – e os relatos realizados. Cabe enfatizar que os mapas são ilustrativos das descobertas que emergiram durante as observações e os levantamentos, devendo ser lidos em conjunto. Por esta razão, a análise de cada recorte é precedida por pranchas-resumo contendo os mapas e as principais características de cada sub-área – Praça Quinze e SAARA – com os levantamentos de:

- *Fluxos e acessibilidade*
- *Usos e funções*
- *Gabarito*
- *Figura e Fundo – Fundo e Figura*
- *Áreas livres e conexões*

Além dos levantamentos das características físicas dos recortes, para o conhecimento da lógica de ocupação e evolução urbana das áreas do entorno da Praça Quinze e do SAARA foram realizados ainda análises de documentação histórica, fontes iconográficas e cartográficas e dados cadastrais disponíveis na prefeitura⁷⁶.

⁷⁶ Foram consultados dados disponíveis em < www.armazemdedados.ri.gov.br > e < <http://portalgeo.rio.ri.gov.br> >.

4.3.1 Praça Quinze – Aspectos Morfológicos

A Praça Quinze de Novembro – atual denominação para o antigo Largo do Paço – configura uma área intensamente urbanizada, sem uso ou função residencial cujos grupos populacionais são flutuantes⁷⁷. O lugar, que serviu de palco para importantes eventos como a chegada da família real no início do século XIX, possui uma significativa presença de marcos e edifícios que remontam aos períodos colonial e republicano da evolução da cidade. Contígua ao centro administrativo-financeiro da cidade (CBD), encontra-se na confluência com importantes corredores viários inter e intra-municipais, tem farta disponibilidade de transportes públicos urbanos, ônibus, vans e metrô e abriga a estação das Barcas – que fazem a ligação do Centro do Rio à Niterói e à Ilha do Governador. A área de nosso recorte é predominantemente plana com insignificativas variações de relevo, possui como limites físicos à NE a Baía de Guanabara; a SO a Rua Primeiro de Março, à NO a Avenida Presidente Vargas e a SE a Rua São José.

Nesta seção são descritos e analisados os aspectos de morfologia urbana e as principais dualidades encontradas em relação aos dois lugares públicos mais representativos do recorte, identificados pelas observações incorporadas. São eles, a Praça Quinze, propriamente dita, que incorpora a grande praça desde as barcas até a Rua Primeiro de Março e a Travessa do Comércio, a partir do Arco do Teles até a Av. Pres. Vargas.

Ao longo de sua evolução, houve pouca variação no traçado das vias e no parcelamento dos lotes no entorno da Praça Quinze. A permanência do traçado original teve como contraponto a verticalização parcial (Fig. 44). A substituição de parte do casario por edifícios em altura confirma a tendência de maior longevidade das estruturas urbanas em relação aos elementos arquitetônicos, mais perecíveis (LAMAS, 1992).

No mesmo sentido longitudinal torna-se visível, quando superpostos os mapas de **fluxos e acessos** e **usos e funções**, o eixo de conexão entre os dois pólos culturais da área (Figs. 43 e 45). Neste sentido, é marcante a presença de atividades culturais e de entretenimento. As edificações históricas de grande porte deram lugar a centros culturais e museus, sendo o Paço Imperial, o CCBB, a Casa França-Brasil e o Espaço Cultural dos Correios, os mais evidentes. Já o antigo casario – marcadamente sobrados do período eclético – tem como usos mais freqüentes atividades de entretenimento e alimentação: bares, restaurantes, clubes e casas de shows.

⁷⁷ Não foram encontrados dados estatísticos específicos deste recorte e a informação é com base nas observações incorporadas e levantamentos realizados durante a pesquisa.

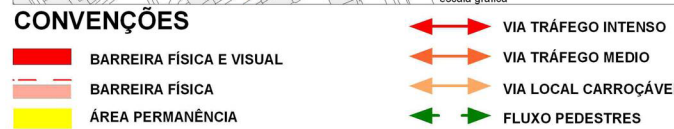


Figura 43 - PRAÇA QUINZE - FLUXOS E ACESSOS



Figura 44- PRAÇA QUINZE - GABARITO



Figura 45 - PRAÇA QUINZE - USOS E FUNÇÕES



Figura 46 - PRAÇA QUINZE - FIGURA E FUNDO

Aspectos Físicos e Morfológicos

A memória e o significado histórico e cultural dos lugares estudados são intrínsecos à cidade como um todo e o valor que lhes é atribuído, podem ser percebidos e vivenciados por aqueles que os visitam e percorrem seus caminhos – as formas do passado, a conjunção do ambiente urbano com a arquitetura histórica, a relação harmônica dos aspectos formais e tipológicos presentes. As dicotomias encontradas entre os dois lugares públicos estudados agregam valor e qualidade aos mesmos, uma vez que em muitos aspectos apesar de contrários, são complementares – como o ambiente aberto e amplo da praça em contraposição ao ambiente fechado e estreito da travessa. Restam as perguntas: qual é o significado destes lugares para seus usuários? Como ocorrem as interações das pessoas com o ambiente que o vivenciam cotidianamente? Como o desenho urbano contribui para a qualidade percebida e vivenciada do lugar?

Quadro 2 - Principais dualidades e dicotomias entre a Praça Quinze e a Travessa do Comércio

Praça XV	Travessa do Comércio
<ul style="list-style-type: none"> • Importância e significado histórico e cultural: palco de importantes fatos da vida da cidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Via local estreita: travessia e fluxos turísticos
<ul style="list-style-type: none"> • Permanência histórica e constância de funções: fluxo de pedestres na direção Barcas-Centro 	<ul style="list-style-type: none"> • Transitoriedade: usos diferenciados espacial e temporalmente; intensa vitalidade noturna
<ul style="list-style-type: none"> • Marcos referenciais em destaque no espaço público: Paço Imperial, Chafariz do Mestre Valentim, Arco do Teles, 	<ul style="list-style-type: none"> • Homogeneidade e constância de tipologias; riqueza e variedade de texturas cores; ritmos das fachadas e
<ul style="list-style-type: none"> • Ponto nodal – nó ou confluência e cruzamento de fluxos diversos 	<ul style="list-style-type: none"> • Percurso- principal função diurna é a circulação e como eixo de ligação entre Centros Culturais
<ul style="list-style-type: none"> • Edifícios do período colonial conformam três lados da praça: Paço, Convento e Arco do Teles; idéia de recinto 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrados do período eclético; escala reduzida: espaço como recinto fechado; ambiência agradável
<ul style="list-style-type: none"> • Presença de Modernas torres de vidro que pouco interferem na percepção do ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> • Existência de edifícios modernos em altura que pouco interferem na leitura espacial
<ul style="list-style-type: none"> • Grandes espaços livres; sem definição de lote; edifícios em centro de terreno 	<ul style="list-style-type: none"> • Vias estreitas; parcelamento com testada reduzida e maior profundidade; ocupação total do lote
<ul style="list-style-type: none"> • Intensa relação formal do edifício com o espaço 	<ul style="list-style-type: none"> • Intensa relação funcional do casario com a via
<ul style="list-style-type: none"> • Poucos elementos decorativos, monocromáticos; piso granítico em grandes placas 	<ul style="list-style-type: none"> • Riqueza de elementos decorativos e ritmo de fachadas pela fenestração; piso em paralelepípedo

● PRAÇA QUINZE

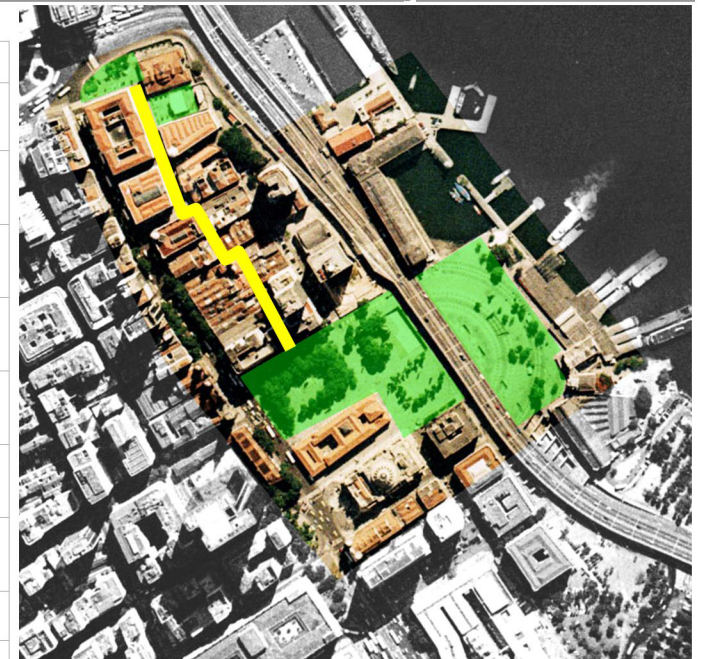


Figura 47 - PÇA. QUINZE - ÁREAS LIVRE E CONEXÕES

A análise do mapa **figura e fundo** (Fig. 46) permite a visualização dos momentos evolutivos pelas distinções no parcelamento dos lotes e tipologias edilícias, deixando aparente a faixa de aterro a partir da Rua do Mercado. O elemento água, representado pela Baía de Guanabara, teve sua presença drasticamente reduzida pelas transformações urbanas levadas a cabo ao longo dos séculos XIX e XX, com os subseqüentes desmontes e aterros. O distanciamento da água foi maximizado pela existência de várias barreiras físicas e visuais: o Elevado da Perimetral – imenso viaduto que liga o Aterro do Flamengo à Avenida Brasil ao longo da faixa costeira –; os edifícios construídos muito próximos à linha d'água; e o 'mergulhão' – pista de rolamento subterrânea sob um trecho do Elevado que apesar de ter liberado o fluxo de pedestres na Praça Quinze, criou obstáculos ainda mais intransponíveis em suas extremidades. O mapa de *figura e fundo* evidencia ainda a dualidade entre o grande espaço livre que caracteriza a Praça Quinze, subdividida pela Perimetral, e o estreito parcelamento do conjunto da Travessa do Comércio.

O fato de estar próximo à baía não confere atrativo ao lugar, cujos obstáculos reduzem sua percepção e impedem a fruição deste importante elemento e de suas influências ambientais. Nos trechos mais próximos à água, junto ao *mergulhão* e ao antigo ancoradouro, espaços vazios, hostis e desabitados – alguns usados como estacionamento durante o horário comercial – geram uma sensação de insegurança e não convidam à permanência, apesar de servirem como importante ligação de pedestres entre as Barcas e a Avenida Presidente Vargas.

O gabarito, ainda que predominantemente baixo em todo o recorte, apresenta algumas variações de volume das edificações no trecho da Travessa do Comércio. Entretanto o maior contraste fica por conta das torres de vidro e dos edifícios em altura que dominam a paisagem a partir da Rua Primeiro de Março (Fig. 48).

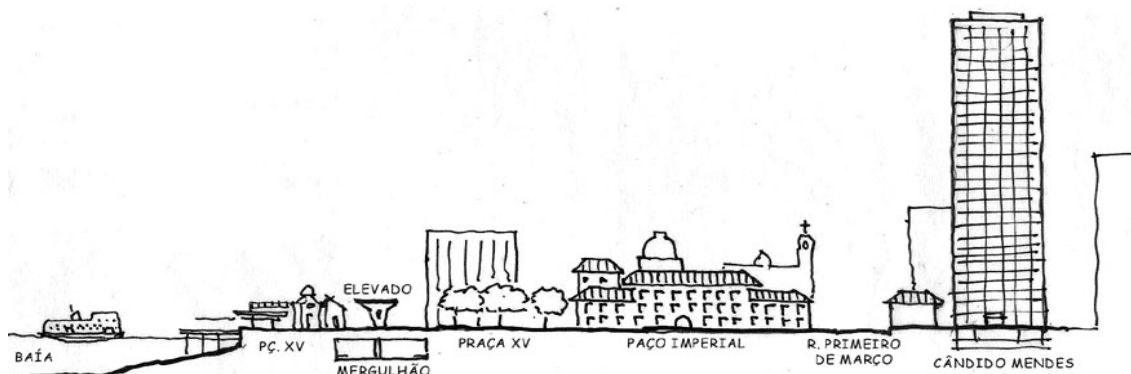


Figura 48

Perfil da Praça Quinze transversalmente ao mar com as marcantes variações tipológicas e de gabarito. Note-se o contraste da torre Cândido Mendes com o gabarito das edificações entre este e a água.

4.3.1.1 Hierarquia do Tecido Urbano

O mapa de **fluxos e acessos** evidencia, em primeiro lugar a separação longitudinal por duas vias de grande fluxo, do recorte em relação ao entorno, e transversalmente, por vias peatonais ou de tráfego leve. Fica ainda aparente a dualidade observada entre a intensa circulação de pedestres no sentido Barcas-CBD, atravessando a praça, e o leve fluxo peatonal observado nas travessas.

A polêmica construção, em 1968, do Elevado da Perimetral produziu alterações significativas na paisagem do lugar. Na década de 1990, o projeto proposto pelos arquitetos Oriol Bohigas e Nuno Portas previa sua demolição e um redesenho de toda a área da Praça Quinze. Este projeto foi realizado apenas em parte, com a construção do *mergulhão*, a eliminação da rua e das paradas de ônibus intermunicipais que existiam sob o viaduto e a reunificação da grande praça até a linha d'água com (Fig. 49).

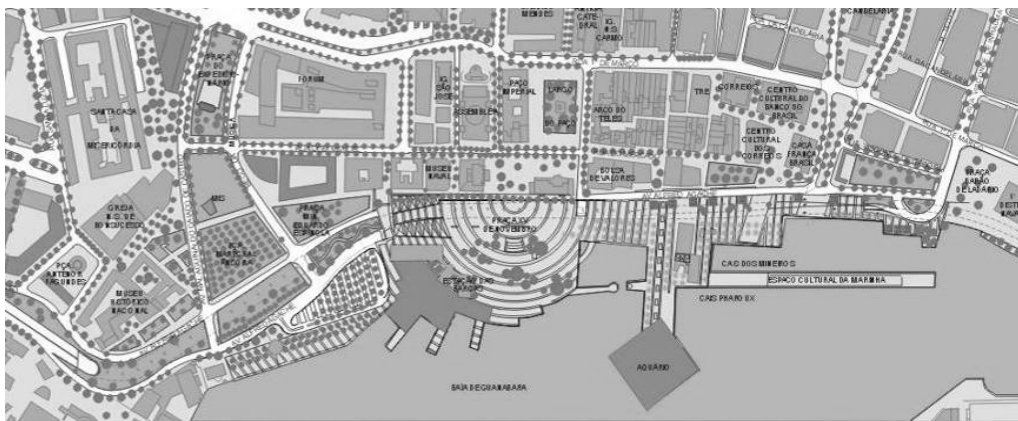


Figura 49

Projeto Frente Marítima por Oriol Bohigas e Nuno Portas (acervo da SMU-PCRJ)

A análise das áreas livres, conjuntamente com a observação incorporada, identificaram não dois, mas três ambientes distintos no recorte: (1) a praça arborizada ao lado do Paço Imperial; (2) as vias e becos do conjunto da Travessa do Comércio; (3) o espaço amplo e vazio entre o Elevado da Perimetral e as Barcas. Assim, doravante passaremos a utilizar os termos '*largo*' e '*praça*' para denominar as duas grandes áreas em função de suas características – Praça Quinze, lugar simbólico e significativo, e *Largo das Barcas*, espaço vazio desprovido de significado e não atraente (Fig. 47).

José Lamas distingue *largo* de *praça* considerando o primeiro como o "resultado accidental de alargamento ou confluência de traçados... [enquanto *Praça* denomina]... "o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas"(LAMAS, 1992: 102). Há uma coerência na mudança de denominação de *Largo do Paço* para *Praça*

Quinze, ocorrida provavelmente após a Proclamação da República quando o largo passou a ter significância histórica.

Por sua vez, o termo *travessa* pressupõe uma via transversal mais estreita em relação às principais, de trânsito leve com a função de travessia, ou ligação de um ponto a outro. A contraposição das denominações da Praça Quinze e da Travessa do Comércio explicita esta primeira dualidade: trata-se de uma *praça* (*anteriormente um largo*) e uma *travessa*. A análise do mapa de usos indica a forte presença das funções culturais interligadas pelas travessas do Comércio e dos Mercadores e revela sua importância intrínseca no cumprimento deste papel integrador entre o Paço Imperial – marco referencial e simbólico da Praça Quinze – e o conjunto cultural junto à Av. Pres. Vargas.

4.3.1.2 Função e Programa

Na Praça Quinze, as atividades culturais e de entretenimento se destacam pela presença de centros culturais, de bares e restaurantes, além do espaço público da praça e das ruas, apropriados pela população em períodos variados ou em eventos específicos. A praça se transforma em palco de exposições, shows de música e dança, festivais e bailes de carnaval. Os edifícios culturais no eixo da Travessa do Comércio (Paço, CCBB, Casa França-Brasil, Espaço Cultural Correios) abrigam cinemas, teatros, bares e cafés oferecendo alimentação, entretenimento, música, dança e arte. Como relatado na seção anterior, estas atividades atraem não apenas trabalhadores e usuários do Centro na horas do almoço e de final de expediente, mas visitantes de outras partes da cidade, além de turistas nacionais e estrangeiros, em busca de diversão, lazer e cultura.

A grande praça mineral⁷⁸, com densa arborização, tem como principal função – a despeito de seu caráter simbólico e imagético – a ligação das Barcas ao Centro e a outros meios de transporte: ônibus, vans e metrô. Este intenso trânsito de pedestres favorece o surgimento do comércio informal (camelôs e feira de artesanato) que se instala durante a semana nas proximidades da Rua Primeiro de Março.

A Travessa, à tarde e ao cair da noite, se enche de movimento dos bares e restaurantes, ali instalados antes mesmo da implementação do Corredor Cultural. O caráter transitório do lugar ocorre porque durante o dia cumpre a função de *eixo de conexão cultural* e à noite se torna ambiente de permanência, com a instalação de mesas e cadeiras sobre a pavimentação em granito, com a apropriação do lugar pela boemia após o expediente – com usuários que fogem dos horários de *rush*.

⁷⁸ Por 'praça mineral' entende-se que sua pavimentação é em sua totalidade feita de pedra ou granito.

4.3.1.3 Características Tipológicas

Apesar das grandes transformações urbanas ocorridas no Centro, esta área permaneceu incólume quanto ao traçado urbano e mantém muitas de suas características originais do período colonial. O neoclassicismo e o ecletismo do período republicano, na virada do século XX, são os estilos que predominam neste trecho do centro histórico.

As tipologias edilícias da Praça Quinze possuem características monumentais e simbólicas que se assemelham e se harmonizam: a Estação das Barcas, o Chafariz do Mestre Valentim, o Arco do Teles, o Paço Imperial, o Convento do Carmo e as Igrejas que o ladeiam. Situadas em centro de terreno, não configuram um *continuum* entre si. Entretanto, devido às suas proporções – elas configuram três lados do retângulo que 'fecha' a praça, podendo ser considerados marcos referenciais e imagéticos do lugar.

O traçado e parcelamento em pequenas quadras no conjunto da Travessa do Comércio são remanescentes do período republicano. Ao contrário da Praça Quinze, neste trecho as vias são estreitas e as testadas do casario coincidem com os limites frontais dos terrenos. Sua configuração é de recinto linear e fechado, criando assim uma ambiência propícia à escala humana e à apropriação. Alguns dos sobrados são, entretanto, apenas fachadas, disfarçando os edifícios modernos construídos sobre os mesmos num período em que o valor do patrimônio histórico se media pelo retorno imobiliário proporcionado pela nova torre. Este é o caso do edifício moderno que se eleva sobre o Arco do Teles e a torre Cândido Mendes, construída no pátio interno do Convento do Carmo, cuja estrutura colonial permanece inalterada. As aprovações destes projetos ocorreram quando Lucio Costa presidia o antigo SPHAN (GUIMARAENS, 2003) (Fig. 50 e 51).

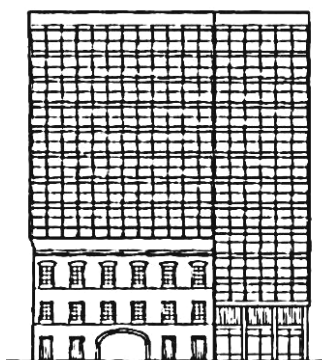


Figura 50

Fachada do Arco do Teles com o edifício moderno sobreposto ao sobrado histórico (fonte: Guimaraens, 2003)

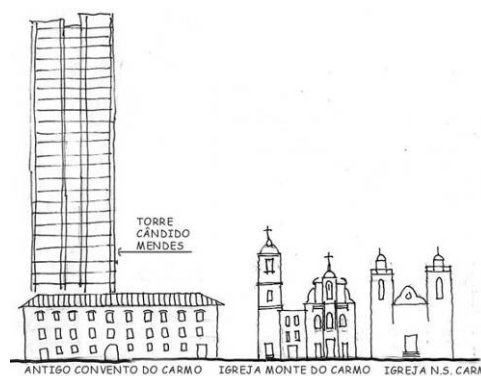


Figura 51

Croquis da Torre Cândido Mendes sobre o Convento do Carmo e as duas igrejas que conformam um dos lados da Praça Quinze (croquis por Jean Pierre Janot)

4.3.1.4 Relação Formal e Funcional

A geometria da Praça Quinze, conformada por arquiteturas monumentais e a presença da densa arborização, configuram este ambiente como um recinto urbano atraente, porém não convidativo à permanência. A cobertura vegetal cria um efeito de 'teto', minimizando o peso das torres e dos arranha-céus próximos. A relação formal entre o espaço livre da praça e os edifícios que demarcam sua geometria, é acentuada por suas proporções monumentais e tipologias arquitetônicas. Suas dimensões, transversal ($\pm 65\text{m}$) e longitudinal ($\pm 135\text{m}$), ultrapassam os 30m que permitem a acuidade visual e a sensação de fechamento, proteção e intimidade recomendados para espaços exteriores⁷⁹ (Fig. 52).

Já no *Largo das Barcas*, a escala monumental da praça indefensável em função de suas grandes dimensões, a carência de elementos que a configurem geométricamente, a presença do viaduto e a total inexistência de mobiliário urbano ou cobertura vegetal, dificultam ou impossibilitam sua apropriação pela população como um lugar de permanência (Fig. 53).

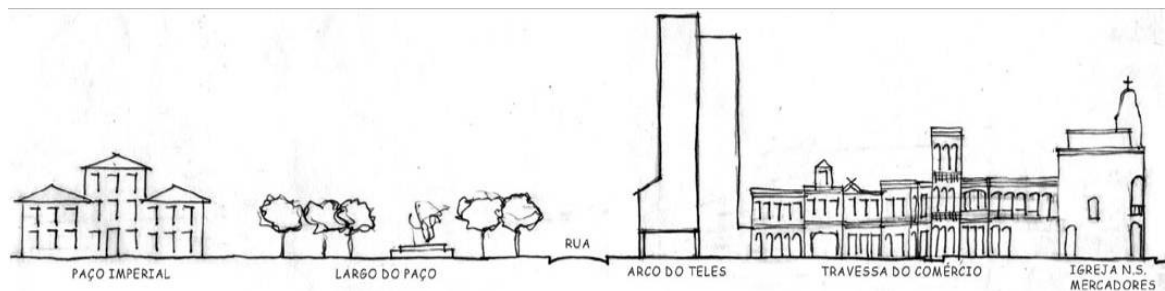


Figura 52

Croquis com perfil da Praça Quinze e Travessa do Comércio. Note-se a proporção e volume do edifício moderno construído sobre o Arco do Teles (croquis pela autora)

O Arco do Teles é uma passagem sob um sobrado colonial que remonta ao século XVIII. Nos anos 70, em estado de abandono e deterioração, o sobrado que seria demolido foi, ao contrário, protegido e recuperado – com a permissão do serviço de patrimônio federal (SPHAN) – pela iniciativa privada que, em contrapartida, pode construir sobre o mesmo um edifício em altura sem qualquer relação com o antigo casarão⁸⁰. O Arco marca a transição da praça com o início do percurso da travessa. A partir dele, as tipologias dos sobrados em estilo eclético, a escala mais humana das vias, a textura e a riqueza decorativa das fachadas, o padrão ritmado de cheios e vazios dos vãos e a idéia de espaço resguardado e protegido, definem a paisagem e a ambiência mais que

⁷⁹ Cf. Ashihara (1982) as dimensões ideais de uma praça pública deve ser de 22 a 27m x 22 a 27m de modo que as pessoas possam ver as feições das outras; a partir dos 30m as feições tornam-se indefinidas.

⁸⁰ Para a história pormenorizada do processo de tombamento do Arco do Teles ver GUIMARAENS, C. *Paradoxos Entrelaçados – As torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

adequadas à apropriação e ao uso cotidiano. A relação funcional com a via é total, com os interiores dos sobrados se confundindo com a rua e os transformando em um único e festivo lugar (Fig. 54).



Figura 53

Largo das Barcas – ambiente desprovido de atrativos que estimulem a permanência com o viaduto em primeiro plano e a Torre Cândido Mendes ao fundo.



Figura 54

Visão serial (CULLEN 1996) - registros fotográficos a partir travessa até o Arco do Teles com a Praça Quinze ao fundo. A rica textura, a variedade cromática e os cheios e vazios das fachadas distinguem os dois lugares.



Figura 55 - SAARA - FLUXOS E ACESSOS



Figura 56 - SAARA - GABARITO



Figura 57 - SAARA - USOS E FUNÇÕES



Figura 58 - SAARA - FIGURA E FUNDO

Aspectos Físicos e Morfológicos

Lugar de permanência e vocação comercial consolidados o SAARA configura um lugar único e distinto na cidade. Facilmente reconhecível por seus atributos formais e características de comércio popular, aberto, ativo, dinâmico, movimentado, diversificado, atrai pessoas de todas as origens e classes sociais. Nas áreas fora da abrangência da associação comercial que promove e controla o lugar, o ambiente perde estas características e torna-se vazio o pouco acolhedor, provocando insegurança. A carência de residentes e a homogeneidade da função comercial ocasiona seu esvaziamento noturno, quando todos se vão. A atuação conjunta do Projeto Corredor Cultural, da associação e dos comerciantes é perceptível nas fachadas preservadas ou recuperadas, no olhar técnico do observador. Resta-nos descobrir o quanto desta qualidade do ambiente é reconhecida pelos usuários que cotidianamente usam e se apropriam do lugar.

Quadro 3 - Principais dualidades e dicotomias entre o trecho SAARA e a trecho Mascates

SAARA	Mascates
<ul style="list-style-type: none"> Permanência do suporte físico - traçado, casario eclético preservado e conservado - e de usos e atividades comerciais Consolidação da vocação comercial histórica do lugar 	<ul style="list-style-type: none"> Traçado original permanece, mas casario apresenta-se deteriorado, muitos sem uso ou transformados em galpões Principais atividades: oficinas, serviços ou estacionamentos
<ul style="list-style-type: none"> O principal marco do lugar é o conjunto urbano diferenciado e homogêneo que permanece 	<ul style="list-style-type: none"> Homogeneidade e constância de tipologias; riqueza e variedade de texturas cores; ritmos das fachadas e
<ul style="list-style-type: none"> Fluxos constantes de pedestres em todas as direções, e de relações sociais e comerciais entre os comerciantes 	<ul style="list-style-type: none"> Pouca intensidade de fluxos de pedestres ou de veículos; vias públicas em condições precárias e sem atrativos
<ul style="list-style-type: none"> Casario eclético original de baixa altura, as ruas estreitas configuram um ambiente fechado e protegido 	<ul style="list-style-type: none"> Casario em precárias condições ou em ruínas;
<ul style="list-style-type: none"> Diversidade, multiplicidade e riqueza de elementos, objetos e cores: rica ambiência sensorial e perceptiva 	<ul style="list-style-type: none"> Homogeneidade, monotonia: detalhes originais do casario adulterados ou eliminados; vãos e aberturas modificados
<ul style="list-style-type: none"> Fluxos fluidos e contínuos e prioridade ao pedestre; mas presença de obstáculos que dificultam a acessibilidade universal 	<ul style="list-style-type: none"> Baixo tráfego nas vias, calçadas estreitas e ocupação por veículos e equipamentos ocasionam o caminhar pela rua
<ul style="list-style-type: none"> Intensa relação formal e funcional do edifício com a rua 	<ul style="list-style-type: none"> Baixa relação funcional do casario com a rua
<ul style="list-style-type: none"> Sensação de proteção e segurança na área de abrangência da associação comercial 	<ul style="list-style-type: none"> Sensação de vazio e abandono; insegurança em todas as horas



Figura 59 - PÇA. QUINZE - ÁREAS LIVRE E CONEXÕES

4.3.2 SAARA – Aspectos Morfológicos

Sua denominação originou-se no nome da associação comercial que, desde 1962, atua em parte da sub-área – S.A.A.R.A.⁸¹ Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega⁸². Suas origens remontam ao fim do século XIX e início do XX, quando imigrantes de classes menos favorecidas de nacionalidade semita – árabes, turcos, armênios, sírios – e judeus se instalaram no entorno da Rua da Alfândega, antes já ocupado por portugueses com suas atividades atacadistas de alimentos e tecidos. Ali reproduziram, de forma espontânea e intuitiva, o modelo de mercado oriental e a ‘economia de bazar’ (CUNHA, MELLO, 2005), com as lojas no térreo abrindo para as ruas estreitas e suas residências nos pavimentos superiores. Mais recentemente entraram em cena novos imigrantes orientais – os chineses em 1960 e os coreanos em 1980 – que ampliaram o leque de etnicidades do lugar, que se tornou a grande marca de identificação do lugar (BARBOSA, 1998).

A permanência do conjunto histórico da SAARA resultou das pressões feitas pelos proprietários e comerciantes que já atuavam de forma conjunta e que desejavam manter seus negócios e suas residências no lugar, apesar da permissividade da legislação anterior ao Projeto Corredor Cultural. A quebra do paradigma modernista e da lógica de arrasa-quarteirão na mesma época foi outro fator de mudança nas ações urbanísticas que passaram a valorizar o patrimônio histórico e as pré-existências ambientais.

A SAARA configura um dinâmico, intenso e tradicionalmente popular *shopping* a céu aberto formado por 1250 lojas em 11 ruas situadas no coração do Centro do Rio. O lugar é bem servido por meios de transportes públicos (ônibus e metrô), além de estar localizado nas proximidades da Central do Brasil e ao lado do Campo de Santana⁸³. Faz fronteira ainda com o Camelódromo que inicia na Rua dos Andradas, cuja concorrência é considerada desleal pela associação comercial pela origem duvidosa de seus produtos e, conseqüentemente, preços ainda mais baixos do que os praticados na SAARA (CUNHA, MELLO, 2005) (Fig. 60).

A diversidade social e cultural é característica deste ambiente, cuja economia se baseia na concorrência e nas trocas, que ocorrem, não apenas comercialmente, mas também

⁸¹ Irei me referir à denominação da sub-área do Corredor Cultural como SAARA e S.A.A.R.A. para sua distinção com a área de abrangência da associação comercial local.

⁸² Disponível em < www.sacarario.com.br >, consulta realizada em 07/12/2007

⁸³ O Campo de Santana é o mais tradicional parque, e com a maior área verde do Centro; desenhado por Glaziou, cercado, arborizado e aprazível.

no âmbito social, onde as diferenças se apagam e dão lugar ao engajamento para a sobrevivência da atividade comercial da qual todos dependem.

Nosso recorte corresponde ao polígono conformado pelas ruas da Alfândega, Golçalves Lêdo, da Constituição e República do Líbano, do qual destacamos dois trechos que possuem aspectos duais: as quadras ao norte da Rua Buenos Aires e as três quadras ao sul da mesma. Na confluência entre a Rua Buenos Aires (Fig. 61) e Rua Regente Feijó, no centro do recorte, situa-se a pequena e triangular Praça dos Mascates.

A partir da Rua Buenos Aires, as ruas passam a ter tráfego leve de veículos e as características vão se alterando na direção da Rua Visconde do Rio Branco: os usos passam a abrigar serviços e oficinas, surgem diversas casas vazias ou em estado precário de conservação, há várias fachadas desconfiguradas e ainda vários estacionamentos no interior dos lotes (Fig. 62).

4.3.2.1 Hierarquia do Tecido Urbano

O tecido urbano – definido por quadras pequenas (135m x 50m) e parcelas com lotes estreitos e longos distribuídos ao longo de ruas também estreitas – permanece praticamente inalterado desde a abertura da atual Rua da Alfândega e do primeiro traçado do entorno, em fins do século XVIII⁸⁴.

A alimentação viária é periférica a partir da Av. Pres. Vargas – monumental via coletora que interliga o Centro a vários outros bairros – pela Praça da República e pela Av. Passos. A influência da grande avenida é relativamente baixa, em função da inexistência de acessos diretos para veículos à área em estudo, à exceção das conexões várias para pedestres, que priorizam o caminhar. As demais vias de acesso ao lugar, limítrofes e cujo tráfego é mais intenso são a Praça da República, a Rua Visconde do Rio Branco e a Av. Passos – nome que homenageia o prefeito Pereira Passos que 'modernizou e embelezou' o Centro do Rio no início do século XX.

O traçado das vias é um elemento determinante na legibilidade do ambiente. As ruas sob a tutela da associação da S.A.A.R.A.⁸⁵ são exclusivas de pedestres, conforme indica o mapa de fluxos e acessos (Fig. 55). Sua aparente ortogonalidade é marcada por

⁸⁴ A maior intervenção urbana na área foi a abertura da Avenida Presidente Vargas nos anos 1940, que ocasionou a demolição de inúmeras edificações, igrejas, monumentos, numa longa faixa de dois quarteirões de largura, além de parte do Campo de Santana.

⁸⁵ Cf. Sr. Ênio – Presidente da Associação Comercial – em entrevista no dia 25/04/2007 a área de abrangência da associação engloba as quadras compreendidas entre à Av. Pres. Vargas e Buenos Aires, a partir da Rua dos Andradas e a Praça da República. O mesmo informou que já há um pedido na prefeitura para estender a abrangência da Associação até a Rua da Constituição.

pequenas inflexões em alguns cruzamentos que altera a linearidade predominante e reduz o efeito de perspectiva sem fim.

A Praça dos Mascates, situada bem no centro do recorte, ocupa um pequeno largo na interseção da Rua Buenos Aires e Regente Feijó. É um dos únicos lugares em toda a área que possui bancos para sentar, é arborizado com palmeiras e ainda conta com uma banca de jornal e um ponto de táxi. Durante o dia é um lugar de descanso da atividade comercial intensa e funcionários das lojas são vistos sentados nos bancos e também nos meio-fios fazendo um intervalo no trabalho (Fig. 63). À noite, durante o período letivo, sua dinâmica se altera com a entrada em cena dos alunos da Faculdade que lotam os bares do entorno.

4.3.2.2 Função e Programa

O uso predominante em toda a sub-área é o comercial com praticamente 90% dos sobrados destinados às atividades de atacado e varejo. Os segmentos comerciais são os mais variados e o comércio é voltado às classes de menor poder aquisitivo. Os produtos ficam expostos nas calçadas em frente às lojas, e os vendedores competem em voz alta anunciando-os e atraindo a clientela (Fig. 64).

Na metade sul do recorte aparecem alguns edifícios institucionais, que abrigam órgãos da Prefeitura e do Estado, conforme indicado no mapa de *usos e funções* (Fig. 57) – na Rua da Constituição estão localizados a Sub-Prefeitura do Centro e o 1º. Escritório Técnico do Corredor Cultural/Centro. As atividades culturais e educacionais na área não são relevantes, existindo apenas uma faculdade particular no coração do recorte, em frente à Praça dos Mascates e uma escola em um de seus limites.

Sua vitalidade diurna, contrasta ainda com a inexistência de qualquer atividade fora do horário comercial. À noite, o SAARA se esvazia, e se torna um lugar ermo e sem movimento. Não há residentes, a não ser raros remanescentes do período em que os comerciantes habitavam os sobrados e os poucos funcionários de alguns edifícios (porteiros e zeladores). Somente a metade norte do recorte, de atuação da S.A.A.R.A. possui segurança contínua dia e noite, não garantida no restante da área.



Figura 60

Vista aérea de parte do SAARA, cujas características tipológicas e de traçado urbano contrastam com a Av. Pres. Vargas e suas modernas torres e com a ocupação transitória do camelódromo (mancha mais clara à direita) (Foto: Jean Pierre Janot)



Figura 61

Rua Buenos Aires, carroçável, cujo espaço da rua é disputado com os pedestres que lotam suas ruas durante o horário comercial. Ao fundo, Igreja do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé.



Figura 62

Rua fora da abrangência da S.A.A.R.A.: a relação funcional é menos intensa e as edificações apresentam sinais de precária conservação, várias em ruínas.



Figura 63

Praça dos Mascates com rua Regente Feijó - única e aprazível praça pública do recorte, muito utilizada por consumidores, funcionários das lojas e graduandos em horários alternados.



Figura 64

Rua típica da S.A.A.R.A. com o comércio se apropriando e avançando sobre a via pública exclusiva de pedestres. A relação funcional neste trecho é intensa.

4.3.2.3 Características Tipológicas

O gabarito predominantemente baixo (variando de 2 a 4 pavimentos em média) e a estreita testada dos lotes – algumas com até 3 metros de largura – colado nas divisas frontais e laterais, caracteriza de forma quase homogênea a tipologia dos sobrados. A predominância é de edificações do período eclético, mas também podem ser observados, ainda, exemplares do *art-decô* e outros cujas fachadas foram 'modernizadas' com materiais que encobrem os ornatos e elementos artísticos da fachada e que ainda não foram recuperadas seguindo os parâmetros do Corredor Cultural. Em entrevista concedida à autora, a Diretora do 1º. ETCC mencionou a descoberta de várias destas edificações, cujos proprietários solicitaram alvará para obras de reforma e terão que se adequar às determinações do projeto.

A Faculdade Moraes Junior está localizada num dos raros edifícios com mais de 5 pavimentos, o qual gera um contraste negativo, com sua altura e características modernistas, em contraponto ao casario eclético e baixo. Provavelmente substituiu algum casarão que dava frente para a Praça dos Mascates, tornando-se o único edifício disposto diagonalmente em relação ao sentido ortogonal das ruas.

4.3.2.4 Relação Formal e Funcional

Como já mencionado, as lojas no nível térreo se abrem para as ruas do SAARA o que gera uma intensa relação funcional neste ambiente estritamente comercial. Os pavimentos superiores entretanto, passaram a abrigar, após a mudança de seus moradores para outros bairros da cidade, estoques e depósitos das lojas, ou ainda foram subdivididas em cubículos onde comércio de menor porte e serviços são mantidos. A enorme área livre remanescente destes sobrados encontra-se, a nosso ver, sub-utilizado.

A relação formal da rua com os sobrados é intensa em função da largura da via (7 m) e a altura das casas (7 a 12 m em média). Encontra-se assim dentro do recomendado ($1/2,5 < L/H < 1$)⁸⁶, no sentido de produzir uma sensação de bem estar e tranqüilidade ao pedestre, sem provocar a sensação de claustrofobia nem a de insuficiência de fechamento. No espaço linear das ruas da SAARA, a relação entre altura das fachadas e

⁸⁶ Cf. Alexander et al, (1980), $H/L < 1$ aumenta a sensação de fechamento/claustrofobia, enquanto $L/H > 1/2,5$, produz sensação de insuficiência de fechamento.

a largura da vias fica entre 1 e 1,71, o que garante, como indicado no desenho, a integração do conjunto urbano com a paisagem de fundo e com o céu⁸⁷ (Fig. 65).

Por outro lado, percebemos em observações mais atentas, que a circulação dos pedestres apesar de prioritária na área não atende às atuais determinações de acessibilidade universal. Talvez apenas aqueles que tenham dificuldades ou impedimentos de locomoção percebam este detalhe, pois as frentes das lojas estão sempre cheias de objetos que impedem que vejamos os desníveis existentes entre as antigas faixas de rolamento e os passeios e entre estes e o interior das lojas. Inexistem rampas ou outros elementos facilitadores da acessibilidade universal.

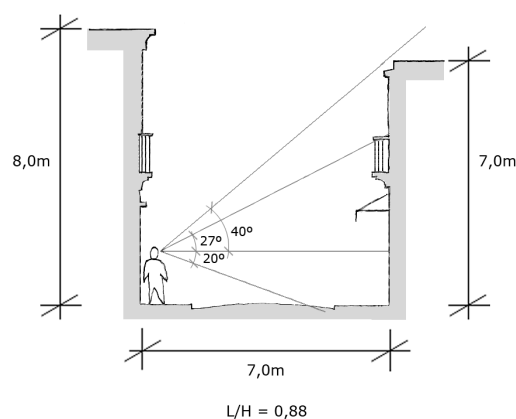


Figura 65

Corte esquemático de uma das típicas ruas do SAARA indicando a adequada relação rua x edifício (Croquis por Alexandre Barbosa)

Podemos considerar portanto que, quanto aos fatores de integração com os ambientes circundantes: (a) o conjunto edificado alinhado pela fachada possui harmonia de escala e proporção; (b) o fechamento realça as qualidades espaciais dos edifícios e reforça a qualidade visual do conjunto; (c) sua configuração facilita a orientação dos transeuntes; (d) a circulação de pedestres é claramente definida, ainda que não em concordância com a acessibilidade universal.

A precariedade de organização no processo de formação da SAARA foi superada. Hoje ela se configura em área estabelecida e de permanência, tanto em função da atuação da associação comercial, quanto da implementação do Projeto Corredor Cultural que protegeu seu patrimônio histórico e cultural por meio de isenções fiscais e do engajamento comunitário. As ruas de pedestres, estreitas, coloridas pelos produtos à mostra emolduradas pelo singular e autêntico casario eclético – recuperado pelos

⁸⁷ Cf. Ashihara (1982), a altura dos edifícios deve ser relacionada também com o ângulo de visão humana e não deve ultrapassar 2/3 de seu campo visual superior. Dos cerca de 60° do campo visual vertical, aproximadamente 20° correspondem ao campo visual inferior (abaixo do plano horizontal de visão) e 40° ao superior (acima do plano horizontal)

proprietários e comerciantes –, criam uma ambiência agradável e muito favorável às funções e atividades ali realizadas.

Enfim, o SAARA permanece vivo, não apenas como um registro da história da cidade, estático, fixo, imutável, mas cujo significado enquanto lugar de experiências e interações emerge justamente a partir de suas complexidades, dinamismo e diversidades culturais e étnicas, conferindo o caráter positivo e o espírito deste lugar de comércio popular.

Feitas as análises a partir da incorporação dos pesquisadores aos dois lugares estudados – Praça Quinze e SAARA, complementada pela visão técnica e por meio da análise morfológica, apresentamos a seguir as análises relativas às entrevistas aplicadas à população usuária dos dois recortes. Cabe lembrar que os instrumentos foram aplicados de forma seqüencial, porém sempre permeados pela observação incorporada.

4.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Considerando-se os propósitos desta pesquisa qualitativa – de testar a contribuição da abordagem experiencial na avaliação da qualidade do lugar – bem como das limitações de tempo e de recursos da pesquisa doutoral, optamos por uma maior profundidade e riqueza das informações coletadas. Assim, **entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas** foram aplicadas com vistas a complementar a avaliação do lugar com base na visão do outro – ou seja, a população usuária, que vivencia o lugar cotidianamente, e aqueles que com ele estão envolvidos, pessoal ou profissionalmente – nos três estudos de caso. Nesta seção, apresentamos a análise das respostas dos usuários, definindo primeiramente os grupos dos casos Praça XV e SAARA. São apresentados ainda os procedimentos adotados que seguiram o proposto em Materiais e Métodos (Capítulo 3), com os devidos ajustes em cada caso, e algumas limitações e dificuldades na aplicação do instrumento.

4.4.1 Grupos de entrevistados

O universo de respondentes contemplou os seguintes grupos: **usuários do lugar** – moradores, trabalhadores e visitantes – e **pessoas-chave** envolvidas na concepção, desenvolvimento e implementação dos processos de revitalização nas áreas em estudo – tais como técnicos, representantes comunitários, planejadores, intelectuais e ativistas. Os usuários que colaboraram com a pesquisa respondendo à entrevista semi-estruturada são em sua maioria indivíduos adultos, entre 25 e 60 anos, de ambos os sexos, com nível de escolaridade variável e profissões também diversificadas, atingindo diversos grupos sócio-econômicos.

Os gráficos abaixo (Fig. 66, 67, 68 e 69) auxiliam a visualização das peculiaridades dos grupos de usuários do recorte Praça Quinze. Na sequência, são apresentados os gráficos relativos aos grupos do recorte SAARA (Figs. 70, 71, 72 e 73). Os gráficos demonstram a diversidade e heterogeneidade dos usuários entrevistados.

CARACTERIZAÇÃO RESPONDENTES - PRAÇA QUINZE

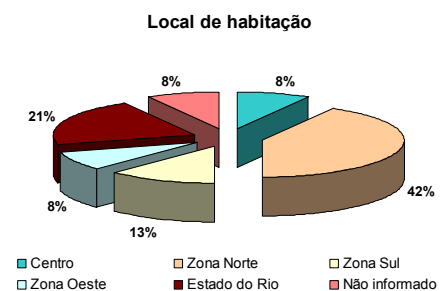


Figura 66

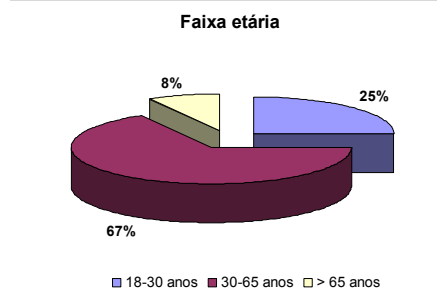


Figura 67

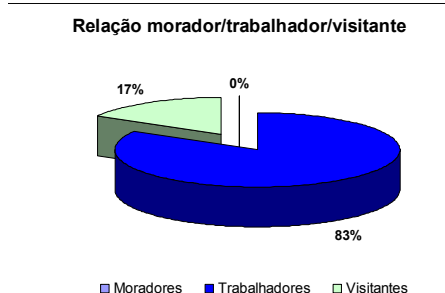


Figura 68

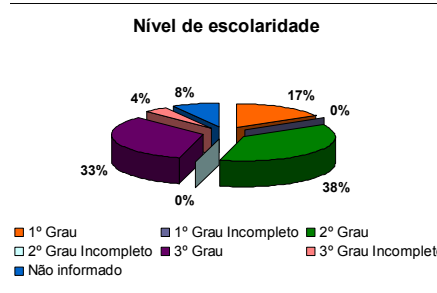


Figura 69

Gráficos de pizza indicando as principais características dos respondentes que colaboraram com as entrevistas semi-estruturadas aplicadas na **Praça Quinze**.

CARACTERIZAÇÃO RESPONDENTES - SAARA

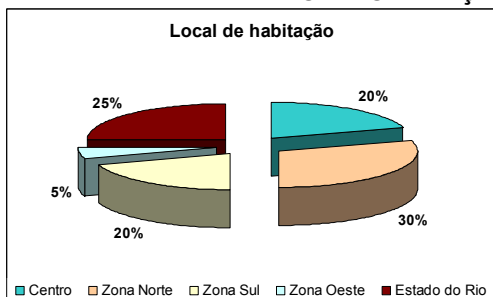


Figura 70

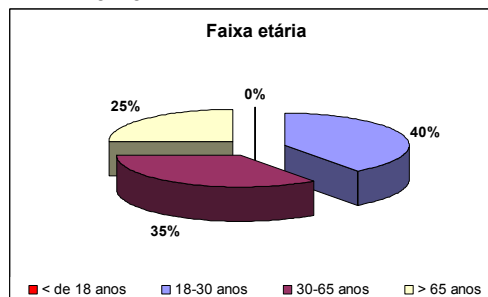


Figura 71

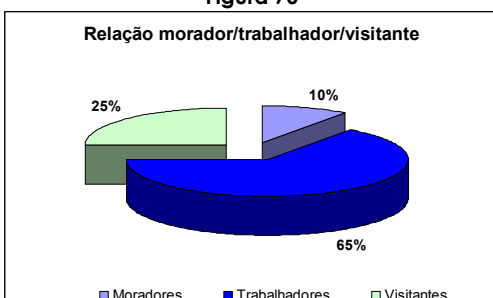


Figura 72

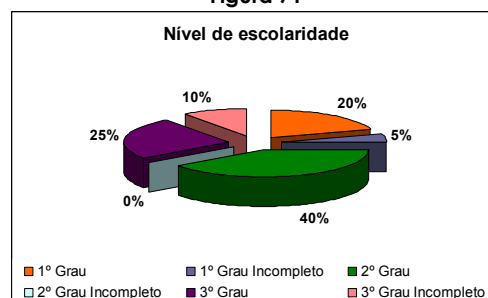


Figura 73

Gráficos de pizza indicando as principais características dos respondentes que colaboraram com as entrevistas semi-estruturadas aplicadas na **SAARA**.

Uma primeira dificuldade para alcançar um equilíbrio de visões por grupo de usuários foi a carência de moradores nos recortes selecionados do Centro do Rio. O abandono do Centro foi apenas o início do processo (Villaça, 1998), e anos de proibição oficial do uso residencial nas áreas centrais da cidade geraram ambientes sem comércio local básico e que são habitados e ocupados somente durante o dia. À noite e nos fins de semana, muitas das ruas do Centro se esvaziam de pessoas, de movimento e de vida. Este fenômeno ocorre principalmente nas duas sub-áreas pesquisadas: no SAARA resistem alguns moradores antigos que habitam as sobrelajas e mantêm o comércio no térreo. Na Praça XV, após muito inquirir os usuários, descobrimos um único morador, o qual não tivemos a oportunidade de entrevistar, na verdade, um estrangeiro que mantêm um apartamento num dos sobrados da Rua do Ouvidor, e que ali habita quando em visita à cidade.

Nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com pessoas-chave, a intenção foi o registro dos eventos históricos e evolutivos, a obtenção de informações detalhadas sobre os processos de revitalização e seus resultados, assim como a apreensão, da forma mais aprofundada possível, das opiniões e visões pessoais sobre os processos econômicos, políticos e sociais relativos ao desenvolvimento e à evolução urbana das áreas pesquisadas.

As pessoas-chave possuem normalmente uma opinião relativizada conforme seu envolvimento social ou político. Por esta razão, um roteiro com perguntas abertas específicas em cada caso foi elaborado no sentido de guiar o rumo da conversa, mas sem amarrar de forma alguma seu desenrolar. Este procedimento contribuiu para trazer à tona revelações importantes que não constam na literatura e nas fontes oficiais. Neste sentido, cabe observar que há poucos registros sobre a história e a evolução do processo de implementação do Projeto Corredor Cultural.

4.4.2 Procedimentos Adotados e Limitações

A aplicação das entrevistas nos dois recortes do Centro do Rio seguiram os procedimentos apresentados em Materiais e Métodos (Capítulo 3), além de incluírem a experiência adquirida no estágio doutoral em San Diego, apresentada no capítulo subsequente. Seguimos aqui a lógica de que 'a ordem dos fatores não altera o produto', ao iniciarmos a análise pelo estudos de caso do Rio de Janeiro, já que os estudos de caso não são comparativos e sim validativos da estratégia metodológica proposta.

Após meu retorno de San Diego, tive a colaboração inestimável da equipe de estagiários do ProLUGAR⁸⁸. Imbuídos da atitude incorporada da observação e da empatia cognitiva, em abril de 2007, iniciamos a aplicação de entrevistas com os usuários dos recortes PRAÇA XV e SAARA, cujos levantamentos de morfologia urbana e as observações incorporadas já haviam sido realizados ou, estavam em fase de conclusão.

A elaboração do roteiro com as perguntas básicas seguiu a lógica daquele utilizado em San Diego (ANEXOS II e III). No caso do Rio, a ordem das perguntas foi alterada de forma a tornar mais fluido e mais ágil o desenrolar da “conversa” com o usuário, na tentativa de não ultrapassar em trinta minutos o tempo da aplicação. Foram, também, descartadas algumas questões, em função das distinções contextuais entre as duas cidades, além de algumas redundâncias verificadas.

A seleção dos respondentes no Centro do Rio foi realizada com abordagem direta aos passantes e aos comerciantes locais. Nas entrevistas íamos, na maior parte das vezes, em duplas, nas quais um inquiria o respondente e controlava a gravação e o outro complementava o registro com anotações nos formulários próprios. Todas as entrevistas transcritas fazem parte do acervo documental da pesquisa, e encontram-se disponíveis para consulta no laboratório do ProLUGAR. Em sua transcrição buscamos a maior fidelidade possível, no sentido de não alterar o sentido do que foi dito, as expressões e interjeições, as hesitações e as possíveis incorreções da linguagem coloquial.

A notação alfa-numérica definida para identificar os respondentes, compõe-se de dois signos, uma letra: M – morador, T – trabalhador ou V – visitante, seguida de um número seqüencial conforme a ordem de aplicação da entrevista. Não há diferenciação na identificação dos respondentes em cada caso e a notação se reinicia de forma estanque por recorte.

O domínio da língua e a familiaridade cultural no Rio de Janeiro⁸⁹ não nos livrou de algumas dificuldades ao abordar as pessoas na rua e mesmo os comerciantes e trabalhadores locais. Em primeiro lugar, por tratar-se de centro urbano extremamente ativo e denso, cujas ruas são normalmente apinhadas de pedestres que estão ali somente de passagem e, via de regra, com pressa. Vários se negaram a responder por falta de tempo ou por não estarem familiarizados com o lugar. Por outro lado, selecionar no meio da multidão aqueles que realmente têm algo a dizer sobre o lugar, que o

⁸⁸ Os bolsistas que colaboraram na fase de aplicação das entrevistas semi-estruturadas nos dois recortes foram Alexandre Luiz Barbosa, Aline Fayer e Aline Rita Laureano.

⁸⁹ Diferentemente de San Diego, como será visto no Capítulo 5, as dificuldades com a língua e com a cultura representaram barreiras que tiveram que ser transpostas antes do início das entrevistas.

conhecem ou que de alguma forma interagem com o ambiente, mostrou-se inviável. Assim optamos por usar a observação incorporada – especialmente a empatia cognitiva - do ambiente, fazendo uma pré-seleção de respondentes em potencial a partir de nossa sensibilidade, ou seja, observávamos uma pessoa ou um grupo de usuários e somente após algum tempo decidíamos pela abordagem ou não. Ao nos aproximarmos do respondente, de forma sempre frontal, nos identificávamos de forma firme e segura, com uma expressão amigável e simpática, o que era garantido pelos procedimentos de preparação da observação incorporada aqui aplicados, conforme mencionado em Materiais e Métodos (Capítulo 3). Esta dificuldade é melhor exemplificada por meio do seguinte relato sobre um episódio ocorrido durante a aplicação das entrevistas no SAARA:

“Lembramos de um casal de idosos que já havíamos observado sentados à porta da loja em outras derivas e que outros comerciantes mencionaram ser moradores dali. Fomos à loja e ao nos apresentarmos o senhor foi logo dizendo que toda e qualquer questão sobre o SAARA deveria ser respondida pelo Sr. Ênio, pois era o responsável pela associação, e não queria “levar uma bronca” dele se falasse algo contra o SAARA. Ainda assim, utilizando os recursos da empatia, comecei a fazer algumas perguntas genéricas às quais ele respondeu vagamente, comentando sobre minha perspicácia ao tentar fazê-lo falar indiretamente. Ele mencionou que já estava ali havia muito tempo, que era professor aposentado da Faculdade de Direito da UFRJ e chegou a mostrar sua carteira de juiz. Isso tudo com um sorriso maroto e agradável em seu rosto vincado. Mesmo não respondendo às nossas perguntas, foi muito simpático e nos presenteou com meias de sua loja! Uma pena não termos conseguido quebrar sua resistência, pois ali certamente há muita história a ser contada. O mais interessante é que no primeiro dia de entrevistas, o Alexandre⁹⁰ já havia dito que seria difícil entrevistá-los e sua intuição na interação empática com o lugar infelizmente estava certa! (25/04/07)

Vale lembrar que as entrevistas com as pessoas-chave – dentre eles o principal articulador do Projeto Corredor Cultural⁹¹ e a responsável técnica pelo 1º. Escritório Técnico do Corredor Cultural - Centro⁹², ocorreram anteriormente ao meu ingresso no doutorado, em 2003. Entretanto, a entrevista com Maria Helena McLaren foi refeita em agosto de 2007 e sua simpatia cativante e total colaboração foram fundamentais para a atualização de dados e informações acerca da evolução do projeto nos últimos quatro anos.

Os Anexos IV e V apresentam as tabelas com a sistematização das respostas de cada uma das perguntas feitas aos usuários nos dois estudos de caso do Rio de Janeiro. Lembramos que no vasto material textual gerado a partir das perguntas abertas, o foco

⁹¹ Augusto Ivan de Freitas Pinheiro é hoje Secretário Municipal de Urbanismo da Cidade do Rio de Janeiro.

⁹² Maria Helena McLaren é a principal responsável pelo 1º. Escritório Técnico do Corredor Cultural Centro.

não foi a quantificação, mas sim a qualidade dos diversos significados que emergiram em cada uma delas. Sendo assim, as porcentagens são apresentadas em relação às categorias que surgiram nas respostas e não em relação ao número de respondentes, pois nos relatos livres alguns dos aspectos se sobrepuseram, não gerando números absolutos. Este material está disponibilizado para consulta aos interessados no Laboratório do ProLUGAR.

4.4.3 Entrevistas com usuários - Praça XV

Pergunta 1. Em que lugar nós estamos?

A resposta majoritária (75%) a esta pergunta que parece simples - *Praça Quinze* - informa não apenas a localização do lugar mas também o identifica e o distingue, sugerindo que os usuários reconhecem-no não apenas pelo nome, mas por sua área de influência e também por seu valor histórico. Em algumas respostas em entrevistas realizadas em ruas contíguas, como a Rua do Ouvidor - outra referência histórica da área - o lugar foi identificado de forma específica como *Rua do Ouvidor*.

Pergunta 2. Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando pensa neste lugar? e

Pergunta 3. O que acha deste lugar?

Em função das perguntas 2 e 3 serem complementares - a pergunta 2 lida com as impressões ambientais dos respondentes enquanto a pergunta 3, com as imagens mentais - elas foram associadas e analisadas em conjunto. Foram identificadas as seguintes categorias na análise das respostas da pergunta 2, a partir da correlação de termos ou palavras com o mesmo sentido, conforme a ordem de predominância: *espaço público* - 29% (rua, praça, movimento de pessoas), *sentimento positivo* - 25% (tranqüilidade, paz, amor, esperança), *meio de transporte* - 12% (barcas), *trabalho* - 12% (trabalho, feira de artesanato) e *natureza* - 8% (árvores, mar).

Das respostas à pergunta 3, 90% indicam uma impressão positiva do lugar, sendo recorrentes os termos que salientam alguns atributos ambientais: *bom, maravilhoso, muito bom, bonito, lindo, tranqüilo, agradável*, complementadas por termos e frases que expressam as preferências pessoais e subjetivas dos respondentes, tais como: "*adoro e acho um privilégio estar aqui!*" ou "*tem uma essência magnífica*".

Ao relacionarmos as perguntas 2 e 3, a categoria *espaço público* reaparece como um elemento de forte pregnância, normalmente associado com o movimento de pessoas, à diversidade funcional e social do lugar. O *caráter* e a *valorização histórica e arquitetônica* foram aspectos identificados ainda dentro desta categoria (25%), o que fica claro quando o comerciante T6 diz "*A arquitetura, os prédios antigos que são muito*

bonitos...”, ou a estudante V1 repete “É muito agradável com essa arquitetura antiga”, e o analista de sistemas T2 enaltece: “Maravilhoso com esta brisa do mar e esta grande praça com edifícios históricos”. O valor histórico é percebido até mesmo por pessoas mais humildes como a artesã T15 quando fala sobre o lugar: “Bonito daqui tem história que eu fico boba, ... conheci agora o Paço Imperial, a Catedral antiga ..., tem toda uma história bonita que eu fico encantada”.

Entretanto, aspectos negativos (20%) em relação ao lugar surgem em meio aos elogios, como quando o engenheiro mecânico V2 racionalmente pondera “É um local aprazível; é um local histórico e infelizmente abandonado”, tal como o artesão T13: “Muito bom, porém muito mal cuidado e abandonado”. Tais aspectos aparecem até aqui apenas superficialmente, não predominando sobre a avaliação geral positiva.

Aspectos relacionados às vantagens da centralidade do lugar e da diversidade funcional e social surgem nas respostas (20 %). O ascensorista T1 é só elogios ao mencionar que ali é o “melhor lugar para trabalhar. Eu trabalho aqui há 10 anos e não tem igual... É um lugar bom, próximo a tudo, comércio, a outros bairros, serviços de todo jeito.” A vendedora V3 retoma este aspecto relacionando-o à qualidade do ambiente público e coletivo: “Ah! É espaço, é público, é o comércio, aqui é muito bom... (e complementa) ... tem uma variedade; cheio de pessoas que freqüentam o local; turistas; as pessoas que trabalham nas empresas aqui; existe a feirinha de artesanato aqui.... E é isso, um espaço aberto aqui, “né!”. O jovem atendente de uma livraria T2 aprecia a diversidade social e também cultural: “vejo pessoas diferentes circulando sempre, há shows variados que acontecem na praça”, assim como o segurança T16, que complementa que “na Praça Quinze existe um Corredor Cultural. Podemos citar o Arco do Teles. Não só o que está ligado a arte, como o que está ligado aos bares, aos museus e também pontos turísticos”.

Pergunta 4. Em sua opinião, o que melhor caracteriza ou identifica este lugar?

As perguntas 4 e 5 estão relacionadas às imagens ambientais dos respondentes, e visam identificar aspectos positivos, negativos, físicos ou pessoais, inicialmente, e os elementos físicos mais importantes na preferência dos respondentes. Apesar da aparente contradição que as imagens ambientais podem representar, cabe mencionar que não pretendemos excluir outras abordagens, como a comportamental, mas enriquecê-las com o olhar experiencial. Desta forma, optamos por não apresentar uma lista prévia de elementos na pergunta, deixando-a em aberto para não direcionar ou induzir as respostas que, em geral, foram curtas e objetivas.

Os discursos contemplaram, em sua maioria, palavras e termos relacionados ao valor histórico dos edifícios (41%) – porém sem serem específicos a qual se referiam – e dos

monumentos – que marcam um momento histórico da cidade. Em seguida, esta relação permanece, porém com maior especificidade, sendo o Paço Imperial e o Arco do Teles, ambos marcos históricos e arquitetônicos do lugar, considerados elementos de identificação para os respondentes (37%). O advogado V5 é claro e objetivo com relação ao seu elemento mais característico: “O *museu*, que traz toda esta história, carrega toda esta cultura para as gerações futuras, o Museu do Paço Imperial”. Também surgem como elementos característicos os centros culturais e pontos turísticos inespecíficos, que se referiam aos mesmos elementos históricos mencionados antes (20%).

As poucas menções aos aspectos negativos se relacionam às impressões ambientais, sendo que dois aspectos causam maior perturbação aos usuários: a presença de mendigos e o abandono do lugar pelo governo municipal (8%).

Pergunta 5. Você poderia listar cinco objetos ou elementos físicos que mais lembram este lugar?

Os elementos físicos citados foram organizados em uma tabela indicando sua ordem de aparecimento, mas não sua ordem de importância. Nossa intenção foi estabelecer marcos referenciais do lugar que, posteriormente, foram cruzados com as descobertas dos outros instrumentos. Em função da entrevista ser no próprio lugar em estudo, em alguns casos os respondentes olhavam em volta para então se decidirem por qual elemento escolher, consideradas assim respostas de menor relevância.

Mais uma vez, os elementos arquitetônicos históricos foram identificados como os mais citados: **Paço Imperial** (54%), seguido pela **Estação das Barcas** (50%), não apenas marco arquitetônico e histórico do lugar, mas ponto nodal e principal meio de transporte entre o Centro do Rio, Niterói, Charitas e Ilha do Governador. O terceiro elemento mais citado foi o **Monumento ao General Osório** (35%), bem ao centro da grande praça arborizada. Algumas respostas nos deram pistas desta preferência, como a da vendedora V3: “A arquitetura, as igrejas, o monumento aqui do General Osório; é cavalo; o Arco dos Teles, que é um ponto turístico..., vem muita gente ver”. A estátua representa o General Osório sobre um cavalo, o que, na cultura popular religiosa, é visto como São Jorge em seu cavalo. Está relacionado ainda a um dos animais do jogo do bicho, jogo de azar ilegal, comum e popular pelas ruas da cidade.

O **Arco do Teles** e o edifício modernista da **Bolsa de Valores**, de marcante presença física, ainda que muito distintas em termos tipológicos, obtiveram o mesmo número de citações, sendo que o Arco aparece em primeiro lugar em diversas respostas, enquanto a Bolsa era citada já ao final da lista (25% cada).

Se agruparmos **as igrejas** mencionadas de forma inespecífica, com as menções à Candelária, à Igreja do Carmo, à Igreja Santa Cruz dos Militares e à N.S. da Lapa dos Mercadores, juntas elas aparecem em 45% das respostas, o que indica um aspecto de forte *identidade religiosa* dos respondentes, além de reforçarem os dois primeiros itens citados, por configurarem, em distintas situações, marcos arquitetônicos históricos do lugar.

Pergunta 6. Poderia listar qualidades e/ou defeitos deste lugar?

A pergunta 6 reafirma a opinião dos usuários sobre os aspectos qualitativos reconhecidos, cujas qualidades que se destacaram relacionavam-se à:

- *Aspectos ambientais*: Vista bonita; beleza; espaço físico bonito; lugar tranquilo.
- *Aspectos históricos e arquitetônicos*: história do lugar; importância histórica; volta ao passado, edifícios bonitos; arquitetura do lugar.
- *Aspectos funcionais*: comércio local; centro comercial; proximidades; centralidade; diversidade de ofertas de comércio e serviços; oferta de transportes.
- *Aspectos recreativos*: Boas boates; bares; diversão; lazer; shows ao ar livre na praça.

Apesar das várias qualidades citadas que valorizam o lugar na visão do usuário, duas características negativas ressurgiram com muita força nesta questão: a falta de segurança (46%) e a falta de conservação e manutenção do lugar (41%).

A questão da insegurança pela existência de *pivetes*, ladrões, moradores de rua, e pelo testemunho ou conhecimento de assaltos e roubos de celulares apareceu em 75% das respostas. Alguns respondentes deixaram implícito este caráter de ambivalência (15%), como quando o auxiliar administrativo V7 hesita: "*Defeitos? não tem nenhum não... defeitos, são muitos moradores de rua que ficam por aqui*"..

O advogado V5 enumera as qualidades: "*Aqui é um ponto de encontro para as pessoas, é um ponto de diversão ali no Arco do Teles, não só sexta-feira, mas também nos finais de semana. É um lugar de cultura como já havia dito. É um lugar de transição não só pelas barcas mas também tem os pontos de ônibus aqui embaixo... é um ponto de referência para transitar por todo o Rio de Janeiro... (mas complementa a seguir com desalento)... infelizmente é o descaso de urbanismo, de conservação, de falta de segurança à noite também...*".

A artesã T7 reclama: "*Falta orelhão, a Praça está muito descuidada por parte do estado, não existe limpeza, as arandelas antigas estão sem manutenção, há carência de guarda*

municipal principalmente para segurança dos turistas, também descuido total ao monumento da praça".

A inexistência de atrativos ou de mobiliário urbano (21%) para uma maior fruição daquele ambiente aparece em poucas, mas enfáticas respostas. A auxiliar de serviços gerais T8 que descansa ali durante o intervalo do almoço é taxativa: "Defeitos! Todos. Qualidade nenhuma, por que aqui é muito mal tratado e relaxado, parece estar ao Deus dará. Por exemplo, o Campo de Santana⁹³ é um lugar muito agradável, bem cuidado, lá é bem diferente". O vendedor T12 menciona ainda que "falta banco na praça, nunca vi praça sem banco, só aqui mesmo".

Assim, o segundo principal defeito que aparece em 55% das respostas está relacionado à falta de atuação da prefeitura, ao abandono do lugar pelas autoridades, ao descaso com a conservação do espaço público e dos edifícios, à falta de manutenção ou melhoria do sistema de iluminação. O aspecto iluminação, identificado em vários discursos, está diretamente ligado à questão da insegurança no lugar, pois o modelo antigo das arandelas cria uma ambiência romântica e agradável à meia luz, porém não suficiente para causar uma sensação de conforto e visibilidade na praça de grandes dimensões, utilizada como percurso diário por um grande número de usuários.

Pergunta 7. O que acha que está faltando neste lugar? O que deveria ser modificado? e

Pergunta 8. Quais suas expectativas em relação a este lugar?

As perguntas 7 e 8 referem-se aos anseios e expectativas dos usuários, sendo a pergunta 7 de cunho mais imediatista e a 8, uma visão de longo prazo.

A questão da **segurança** ganha vulto mais uma vez, nas duas perguntas e 41% dos respondentes exprimem o anseio por mais policiamento, maior investimento em segurança pública, seguido por melhorias na iluminação e na conservação do espaço público.

A visão de futuro, em geral positiva, traz consigo um sentimento de **ambigüidade** que transparece quando a vendedora T15 diz "tenho esperança, mas não tenho expectativa que façam alguma coisa... Eu acho que isso aqui poderia ser mais modificado, mais urbanizado... 'pras' pessoas mesmo freqüentarem, andarem por aqui, conhecerem toda história... coisa que é quase impossível. Aqui... vai ser um caos... polícia-bandido dando tiro e eu me escondendo, correndo 'pro' Ibama, ficar lá dentro quietinha...".

⁹³ Conforme mencionado nos Aspectos Morfológicos, o Campo de Santana localiza-se na sub-área SAARA.

Eventos culturais e shows musicais são apreciados pelos usuários que reclamam da falta de programação e divulgação dos mesmos. As expectativas da estudante V1 e do auxiliar administrativo V7 são as mesmas: *“Estão faltando mais eventos culturais”* e *“a única coisa que eu queria que acontecesse mais são os shows que sempre têm aqui...”*.

A sábia reflexão do jovem advogado V5 resume de certa forma o anseio de todos quando espera *“que ele [o lugar] continue existindo, antes de mais nada. E que não só as pessoas, individualmente falando, mas o coletivo através da prefeitura contribuam pra manter isso sendo um lugar importante para a nossa história, como ele é”*.

Pergunta 9. Você considera este lugar seguro? Por que?

Esta pergunta remete à questão da insegurança já revelada na Pergunta 6. O conceito de segurança é complexo e paradoxal em se considerando a questão urbana. Está ligada ao estado psicológico onde o indivíduo se sente seguro, protegido de possíveis riscos. O aumento da criminalidade, a impunidade, o despreparo dos agentes públicos que deveriam assegurar a proteção coletiva e, por extensão, dos bens e serviços, e as enormes diferenças sociais brasileiras geram um sentimento de insegurança que permeia toda a coletividade. Ao responderem que *“nenhum lugar é seguro”* ou *“não há lugar seguro na cidade”* ou mesmo *“a segurança está dentro de nós”*, vêm à tona este sentimento ambíguo de insegurança que é circunstancial e agrava esta visão negativa.

Assim, em 70% das respostas o lugar foi considerado inseguro em função dos problemas citados na pergunta 6, sendo reproduzidas as mesmas razões: falta de policiamento, iluminação precária tornando o local ainda mais desprotegido à noite, presença constante de mendigos, pívetes. Estes fatores aliados ao amplo e aberto espaço da praça favorecem a sensação de insegurança na Praça Quinze.

A leitura dos discursos e a localização de cada entrevista demonstrou, entretanto, que fora do âmbito da Praça Quinze, ou seja, nas ruas a partir do Arco do Teles, as respostas foram todas positivas, ou seja, consideram o lugar seguro, o que é reforçado pelo tempo de permanência do respondente, alguns ali há mais 30 anos. A diferença entre os ambientes físicos da praça e da travessa analisados no item 4.3 Praça XV - Morfologia Urbana, sugerem algumas razões desta distinção, assunto que será retomado na Análise Comparativa dos Resultados (Capítulo 6).

Perguntas 10. Em que bairro ou cidade você reside?

Pergunta 11. O que vem fazer aqui?

Pergunta 12. Costuma freqüentar as ruas e arredores do centro? Com que freqüência?

Analisadas em conjunto, as respostas às perguntas 10, 11 e 12 demonstram que os respondentes são originários das diversas zonas do Rio de Janeiro e municípios vizinhos, conforme demonstrado no gráfico *Local de Habitação* (Fig. 66) . As atividades que realizam ou a finalidade na vinda ao lugar também se mostraram bastante diversificadas, sendo que a maior parte está relacionada à ocupação profissional (83%), seja o trabalho em si, seja a ida e volta ao trabalho no Centro pelas Barcas, seja para almoçar nos restaurantes do lugar ou para descansar após o almoço na praça sombreada.

Os diversos centros culturais e as atividades afins que vieram a reboque da revitalização cultural (bares, restaurantes, cafés, livrarias) é outro componente de atração ao lugar mencionado pelos respondentes (41%) que usufruem das atividades de lazer e culturais do lugar, tanto em dias úteis, quanto nos finais de semana.

O analista de sistemas T4 que trabalha no prédio da Bolsa entusiasmado diz: *“freqüento eventos nos centros culturais, teatros e shows, principalmente nos finais de semana, com a família. Acho ótimo! O CCBB, por exemplo, tem ótimos eventos, com ótimos preços ... populares ou gratuitos”*.

Já o segurança T16 prefere freqüentar outras partes do Centro, também históricas, e diz que costuma ir *“a Rua do Lavradio por exemplo, aquela feira que tem de antiguidades... O Centro da cidade tem bares incríveis!”* É enfático sobre o valor que dá aos edifícios históricos e sobre a necessidade de sua manutenção: *“Aqui precisava de um suporte maior, tipo assim... esses traços lindos e bonitos e maravilhosos, uma arquitetura maravilhosa que precisa ser restaurada. Eu acho que o governo deveria, ou o prefeito, não sei qual entidade tomaria conta disso, melhorar o centro da cidade, como ponto turístico, porque em final de semana é muito bonito, mas ‘tá’ vazio, precisa de mais cores, precisa de mais shows. Como vou na Rua do Lavradio, vejo alguns shows e freqüento outros lugares da cidade que ... têm um suporte maior do governo, da prefeitura,..., porque o público gosta disso. Tem o público que vai durante a semana pra trabalho e tem o público que visita no final de semana. Então é necessário que levante essa cultura no final de semana. Eu cito a Rua do Lavradio que é muito legal e é muito bonita”*. Podemos considerar em seu discurso, que a menção à expressão *ponto turístico*, deixa implícito que o turista é principalmente o cidadão, usuário freqüente da cidade, não apenas o turista ocasional.

Vários respondentes citaram o fato de que gostam de freqüentar lugares do Centro e o fazem caminhando. A proprietária de livraria T17 com entusiasmo relata: *“Eu gosto de ir no cinema no Odeon... Eu saio daqui e vou para o Odeon a pé. O CCBB é um pulo, quero ver uma exposição vou na hora do almoço, então é bem legal.”* O advogado V6

responde: *“sim, eu costumo frequentar o Arco do Teles, o Centro Cultural do Banco do Brasil, venho muito a trabalho e gosto deste ponto aqui que é bem arejado, amplo, às vezes pra sentar e pensar na vida é bom... vou caminhando e ando muito por estas áreas daqui.*

Pergunta 13. Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?

Esta pergunta visa conhecer o quanto o usuário está envolvido com atividades comunitárias não apenas na área de estudo, mas em relação à toda a área do Centro, pois muitas vezes estas atividades incorporam mais de um bairro ou distrito. A maioria das respostas (75%) foi negativa, menos de 10%, todos proprietários de estabelecimentos na área, citaram o novo Pólo Gastronômico da Praça Quinze e menos de 5% mencionaram conhecer o SAARA.

Apesar da baixa incidência de respostas positivas, extraímos alguns trechos do longo relato de T17 sobre a necessidade de um maior envolvimento com estas questões que dizem respeito à coletividade: *“No final do ano passado se criou o Polo Praça Quinze ... É um projeto do SEBRAE ... A idéia é juntar os comerciantes para que juntos consigam ações que melhorem a vida de todos dentro desse pedaço. Vou te dizer que é um negócio assim complicado, muito complicado. Não o Pólo que é complicado, mas é muito difícil reunir pessoas diferentes em torno de um mesmo objetivo... O que foi legal é que a gente passou a se conhecer melhor e essa convivência de vizinhos, você sabe o nome e o telefone do vizinho, cara, isso melhora a sua vida enormemente. E é um aprendizado mesmo.... As reuniões são itinerantes e acontecem quartas-feiras às 5:30h, cada hora num dos estabelecimento da área e assim a gente vai se conhecendo... Mas é legal porque é um exercício mesmo, de ouvir o outro, de saber a visão do outro, que muitas vezes não é a sua, e descobrir saídas que sejam comuns.”*

Pergunta 14. Você sabe o que é o Corredor Cultural?

Pergunta 15. Qual a sua opinião sobre a contribuição do Corredor Cultural para a revitalização da área central?

A menção ao Projeto Corredor Cultural, somente ao final da entrevista, objetivou a compreensão da experiência do respondente sobre o lugar revitalizado sem a presença de um termo que pudesse influenciar sua resposta.

Consideradas as mais importantes de todo o roteiro de entrevista, as perguntas 14 e 15 se correlacionam em torno do tema Corredor Cultural e por esta razão são analisadas em conjunto. A resposta negativa à primeira pergunta, automaticamente elimina a segunda.

As respostas foram positivas em 62% das entrevistas e os respondentes após aquiescerem, discorriam sobre seu conhecimento das mais diversas formas, não necessariamente coerentes com sua real definição, mas citando palavras e termos que estão, de alguma forma, relacionados ao projeto. Foram geradas algumas categorias de análise: *preservação do patrimônio histórico, espaços culturais, eventos e atividades culturais, revitalização do Centro e história do lugar*.

Dentro da categoria *preservação*, o analista de sistemas T4 definiu-o como sendo *"relativo a preservação do patrimônio histórico e dos edifícios com fins culturais"* e o comerciante T6 respondeu ser *"algo sobre a preservação do Patrimônio aliada a cultura"*, porém ambos demonstraram não ter conhecimento sobre a atuação do projeto, sua abrangência e, nem mesmo, sobre as isenções e incentivos fiscais disponibilizados desde sua implementação.

Foram recorrentes as menções aos espaços culturais - museus, CCBB, Paço Imperial, Casa França-Brasil – como suporte das atividades e eventos culturais de teatro, música, exposições etc. A artesã T10 responde que *"são espaços onde há teatros, exposições de arte, leitura, cinema e atividades culturais"* finalizando de modo coerente com os princípios do projeto que *"contribui para preservação das áreas antigas ..., para a cidade ficar mais bonita e com isso o Centro passa a ser mais usado"*.

Alguns relatos mencionam mais de uma categoria, tais como *história do lugar, preservação e espaços culturais*. A artesã T7 imaginou *"que seja importante para se reviver a história do lugar"* e *"também para os turistas conhecerem a história da cidade"* e complementou com uma reflexão intuitiva que *"é importante preservar o lugar por que senão se apaga a história deste"*, a qual se alinha ao espírito de preservação e renovação proposto pelo projeto.

Os respondentes T13 e V2 se aproximam da correta definição em suas respostas: *"é um projeto que tem por finalidade revitalizar o centro da cidade"* e *"eu acho excelente. Eu acho que foi feito na... na Rua da Carioca. Ou seja, a preservação dos edifícios, a reurbanização, a conservação, ... da nossa memória"*.

A resposta de T17 foi a que demonstrou um preciso conhecimento sobre a atuação do Projeto: *"é um órgão que foi criado e está subordinado à prefeitura e que cuida da parte arquitetônica de uma região do Centro que eles delimitaram que se chama Corredor Cultural. São a quem você se dirige para pedir permissão para uma obra e para eles enquadrarem sua obra dentro das normas para aquela região"*.

Sobre a contribuição do projeto a mesma respondente pondera: *"Eu adoro o projeto do Corredor, eu só acho que eles [os técnicos] são muito poucos... acho que eles*

precisavam de uma injeção de dinheiro mesmo, ..., poder político". Porém valoriza o trabalho destes poucos técnicos ao citar que "uma política de conscientização das pessoas, que vai funcionar em meia dúzia e as outras duzentas não vão estar nem aí, tudo bem, porque isso vai se multiplicando... tem que começar de algum lugar."

Consideramos que, ainda que haja uma maioria de respostas positivas, e que intuitivamente elas se aproximem do significado cultural do Projeto Corredor Cultural no recorte Praça XV, elas não indicam o devido conhecimento de sua função e atuação urbanística, econômica e social pelos respondentes.

4.4.4 Entrevistas com usuários - SAARA

Pergunta 1. Em que lugar nós estamos?

SAARA foi a identificação principal dos respondentes (70%), seguida pela resposta mais vaga *centro da cidade*. A menção ao Centro era muitas vezes complementada pelo nome de uma de suas ruas, normalmente onde era realizada a entrevista. O uso do termo SAARA demonstra sua forte conotação simbólica e o reconhecimento pela população do lugar percebido como distinto e claramente identificável pelo aspecto coletivo de seu conjunto de características de centro de comércio popular. Expressões complementares como o *"maior centro comercial a céu aberto do país"* ou ainda *"onde há uma concentração de comércio popular"* ou *"maior comércio popular do Centro"* não são meros apelos de marketing dos comerciantes T1, T8 e T2, como pudemos verificar nas respostas a seguir. Ao longo das entrevistas observamos em outras respostas a denominação SAARA era usado com freqüência.

Pergunta 2. Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando pensa neste lugar? e

Pergunta 3. O que acha deste lugar?

Duas categorias principais foram identificadas nas imagens mentais dos respondentes da pergunta 2: *comércio* e *trabalho*. Os termos mais recorrentes além de comércio eram sempre relacionados a este: *comércio popular, clientes, lojas, movimento* e *preços em conta* aos quais o zelador e morador do lugar M1 resume com a frase: *"o SAARA para mim é o comércio"*. Este "lugar de comércio", como repete o sócio do restaurante árabe T14, tem suas mazelas e aspectos negativos e as palavras *declínio, tumulto* e *multidão* apareceram com menos freqüência, mas de forma determinante.

As impressões ambientais identificadas na pergunta 3 foram positivas em sua grande maioria (90%). Os respondentes consideram o lugar bom, gostam dali, acham o lugar divertido e alguns até o relacionam com sua própria história de vida muito ligada à

vocação comercial do lugar como T8 que reflete “É a nossa vida, nossa sobrevivência”. As respostas corroboram o aspecto comercial popular do lugar e expressam esta opinião de forma veemente, como M2, que não só mora como trabalha na área, e a comerciante T1. Ambas garantem que há grande “variedade de produtos e preços em conta” e “variedade de mercadorias”. A sorveteira T4 confirma que “as pessoas vêm comprar as coisas mais baratas”. Diferentemente da dona de casa V2 que enfatiza: “esse lugar é muito vantajoso, as mercadorias são muito baratas”, a vendedora T11 não se limitou às vantagens comerciais dizendo que é “bom pra passear e conhecer mercadorias novas”. A vendedora T12 e o corretor de seguros V3 aludem ao aspecto lúdico e divertido do lugar destacando “o colorido das mercadorias das lojas” e as “altas figuras aqui. Você se diverte muito.”

Outras respostas citam o viés cultural presente no S.A.A.R.A., como o gerente T14 que discorre sobre o “bom relacionamento entre os comerciantes apesar da diversidade cultural e étnica, que ao contrário de separar, como seria de se esperar entre culturas tão diferentes, agrega e integra, criando um ambiente muito acolhedor” e o estudante V1 que revela: “gosto de caminhar por aqui. O lugar mostra um pouco da nossa cultura”.

Pergunta 4. Em sua opinião, o que melhor caracteriza ou identifica este lugar?

Mais uma vez o termo *comércio* – e similares como *lojas, shopping a céu aberto, compras* – figurou na categoria homônima, como o que melhor caracteriza a S.A.A.R.A. Um novo atributo surge ao longo da análise desta resposta e a categoria de relações sociais – pessoas, interação com clientes e companheirismo/amizade – representa a segunda em número de citações. Ao usar o termo *povão*, a balconista T5, explicou seu uso num sentido de agradabilidade pela presença de tantas e tão diferentes pessoas circulando pelo lugar. Este aspecto sócio-cultural retoma o já verificado na pergunta anterior quando o atendente da ótica T10 falou muito emocionado, às lágrimas, que “*tudo caracteriza o lugar, muitos companheiros, amigos e decepções*”. Porém, ao mesmo tempo em que suas lágrimas deixavam aflorar indícios de um sentimento profundo pelo lugar que vivenciou e onde trabalhou durante toda sua vida, seu dissabor revelava o descontentamento com “o descaso público, o declínio na segurança, no comércio, na organização, na limpeza, na lei social”. É importante observar aqui que esta entrevista foi tomada na Rua Buenos Aires, num trecho fora do âmbito e da tutela da Associação Comercial. A diversidade de mercadorias é outro atributo muito citado do lugar que para a vendedora T12 “*parece um circo, as lojinhas cheias de coisas coloridas e diferentes*”.

Pergunta 5. Você poderia listar cinco objetos ou elementos físicos que mais lembram este lugar?

Os elementos físicos mais presentes na imagem mental dos respondentes está diretamente relacionado à categoria comércio (71%). Foram citadas logo nas primeiras posições as expressões *mercadorias, comércio diferenciado, lojas, baixos preços*, como elementos que resumem o principal foco de atração das pessoas à S.A.A.R.A.

De forma dispersa, porém significativa (52%) foram citados produtos do comércio local, tais como *roupas, comida árabe, bijuterias, miudezas, produtos de som*, e até mesmo *produtos falsificados* - que por sua vez remetem à principal categoria identificada nas respostas, reforçando mais uma vez a imagem de *comércio popular* consolidada no lugar.

Em seguida aparecem elementos físicos relacionados à categoria elementos urbanos (41%) – *ruas com a mesma identidade, Avenida Presidente Vargas, Avenida Passos, Rua Buenos Aires* – e arquitetônicos (23%) – *edifícios antigos, edifícios já demolidos, Central do Brasil* – também presentes com alguma força na imageabilidade da população usuária. O comerciante T8 relacionou estes elementos urbanísticos à história do lugar citando “*as onze ruas e dentre elas algumas que fazem parte da história do Brasil, por exemplo, a Travessa São Domingos, a Avenida Passos e a Rua senhor dos Passos, onde estiveram Tiradentes e outras pessoas ilustres do passado*”.

Quanto à imagem mental relacionada à aspectos negativos, foram escassas as menções – *lata de lixo, barulho, confusão* – mas é interessante verificar o aspecto de transitoriedade de usos marcante no lugar, pelo relato do zelador M1 que lembra “*da movimentação e da correria do pessoal durante o dia, muito movimento,... isso durante o dia porque à noite não tem barulho, nem confusão, não tem nada... em termos de espaço físico não tem nada.*”

Pergunta 6. Poderia listar qualidades e/ou defeitos deste lugar?

Apesar de a pergunta mencionar qualidades em primeiro lugar, várias respostas iniciaram pelos defeitos, sendo que algumas sem listar nenhuma qualidade. De fato, a lista de defeitos enumerados foi maior e os mais citados eram os relacionados com problemas de infraestrutura urbana (80%): má conservação e manutenção de vias e calçadas, drenagem pluvial que não escoar as águas das chuvas mais fortes, limpeza urbana insuficiente, iluminação pública deficiente, carência de banheiros públicos e falta de estacionamento para a clientela. Tanto os comerciantes quanto os visitantes mostram-se cientes destes problemas e os vinculam à atuação ineficiente do poder público.

O segundo maior defeito é o relacionado à *segurança* (28%), tanto pela falta de policiamento ostensivo municipal, quanto pela presença de trombadinhas, pivetes e mendigos, principalmente nos períodos de maior movimentação como no Natal. Especialmente as ruas do entorno da S.A.A.R.A. foram consideradas inseguras. Neste quesito houve uma ambivalência nas respostas, pois justamente a *segurança* foi citada como a segunda maior qualidade do lugar (20%). Nas observações realizadas e nas respostas ao questionário, identificamos que a segurança privada, que é contratada pela associação comercial, atua à paisana somente nas ruas sob sua abrangência. Assim, as pessoas não distinguem os seguranças de homens comuns e muitos nem têm conhecimento de sua existência. Por outro lado, como já mencionado na análise da Praça XV, a sensação de insegurança vem se amplificando nas grandes cidades de um modo geral.

Ainda na listagem de defeitos, houve baixa incidência (19%) de reclamações sobre o aspecto das lojas, sua desarrumação e a necessidade de reformas em muitos casos.

A despeito de todos os defeitos listados, que aparentam não diminuir o apreço das pessoas por aquele ambiente essencialmente comercial, reaparecem mais uma vez o atributos mais valorizados por todos (70%) vinculadas à categoria *comércio*: os baixos preços, a variedade de produtos e a boa receptividade e atendimento aos clientes, qualidades que foram recorrentes ao longo de toda a análise.

A *diversidade social* é valorizada pelos usuários do lugar, como pode ser verificado pelo relato do gerente T8, "*há muita riqueza cultural nesta área devido à mistura de etnias*", da mesma forma que o estudante V1 se refere à "*mistura de pessoas de todas as classes sociais, credos e raças*", e a proprietária T1 garante que "*a maior qualidade é a união de judeus e árabes, e mais recentemente a imigração de coreanos, chineses e orientais*". De fato, durante todas as observações incorporadas realizadas em conjunto com a aplicação dos outros instrumentos, esta foi uma característica que evidenciou o respeito e a harmonia social e cultural no lugar.

Pergunta 7. O que acha que está faltando neste lugar? O que deveria ser modificado? e

Pergunta 8. Quais suas expectativas em relação a este lugar?

De modo geral, as respostas repetem os problemas relacionados na pergunta anterior, aparecendo em primeiro lugar a falta de segurança e policiamento, especialmente nas imediações da S.A.A.R.A. Também foram mencionadas carências genéricas na infraestrutura: limpeza, iluminação, estacionamento. Digno de nota foi o relato do zelador e morador M1 que sobre a falta de serviços específicos para um tipo de usuário também específico que antes habitava o lugar: "*falta área de lazer; eu não deixo meu*

filho usar a pracinha da frente nem no fim de semana pois fica deserto... Eu acho que aqui deveria ter mais residências, como já teve antes. Muitas lojas em baixo eram comércio e em cima residência. Muitos lojistas mudaram e aumentaram as lojas e mudaram para a Barra, Jacarepaguá e restam poucos moradores".

Houve menções também à necessidade de uma atuação mais intensa para a preservação do casario antigo e para a revitalização de algumas áreas, especialmente as que ficam fora do âmbito da associação comercial. Ainda com relação ao ambiente construído, a aposentada V5 sugere um *"um aspecto mais urbanizado, que dê uma certa beleza ao local. Um lugar com mesinhas e cadeiras onde as pessoas pudessem sentar mesmo que não comprassem nada, mas para descansar, há muitos idosos e gestantes andando por ali e são várias ruas"*.

Quanto às expectativas dos respondentes, a visão geral é positiva e otimista (90%). De fato, durante a interação empática com os entrevistados, foi observado que mesmo com os problemas existentes eles esperam o melhor e que cada questão ou problema serão resolvidos. Mesmo a questão da segurança irá melhorar *"para as pessoas se sentirem seguras e poder(sic) vir mais ao SAARA, aumentando as vendas"*, conforme vislumbra o comerciante T13. Um grupo de respondentes assume que não mudaria nada e deseja sua permanência exatamente como é hoje, *"como em todos os lugares do mundo onde existe aquele lugar que é onde tem o melhor preço, é o mais barato mesmo"* conforme a proprietária T1 ou ainda como o corretor V3 que afirma que *"o Saara não vai mudar não. É tradicional. É popular. Vai ser isso a vida toda.."*

Pergunta 9. Você considera este lugar seguro? Por que?

A S.A.A.R.A. é um lugar seguro, de acordo com a opinião de 63% dos entrevistados, como afirmam com veemência não apenas os comerciantes T1 e T8 que o consideram seguro *"com certeza, nós temos uma equipe de segurança"*, ou *"sim, é um lugar bem seguro de dia e de noite, pois estamos protegidos pela segurança particular que os comerciantes pagam"*. Também o programador V4 atesta que *"aqui é muito seguro, pois tem de 2 a 3 seguranças em cada esquina"*. Este resultado reflete o argumento do zelador M1 que *"para quem não conhece parece que não [há segurança], mas como moro há muito tempo eu considero o SAARA um lugar seguro"*.

Vários respondentes mencionam a falta de policiais uniformizados ou de policiamento ostensivo para inibir os atos violentos, os roubos e assaltos, sem saber que o sistema de segurança privado existe de fato e abrange todas as ruas sob a tutela da associação comercial. Entretanto, a quantidade e diversidade de pessoas circulando e enchendo as ruas, a ambiência caótica e desordenado, o som alto dos alto-falantes anunciando

produtos, são aspectos do ambiente que trazem uma sensação de estranhamento para o usuário não habitual e mesmo para aqueles acostumados com o lugar, como a aposentada V5 que não acha o lugar seguro *“de jeito nenhum! É uma mistura muito grande. Você fica sempre tomando conta da bolsa com medo que alguém vá esbarrar em você e roubar. Isso é muito comum porque tem muita gente, até nas próprias lojas”*. Ao inquirirmos a mesma respondente sobre eventos violentos ela continuou: *“nunca fui roubada lá, mas já soube de pessoas que foram”*. As histórias de assaltos e violência por toda parte estão arraigadas no imaginário da população que traz consigo este temor como bem diz a vendedora T11 que *“o SAARA é seguro, mas o restante do Centro não é”*.

Perguntas 10. Em que bairro ou cidade você reside?

Pergunta 11. O que vem fazer aqui?

Pergunta 12. Costuma freqüentar as ruas e arredores do Centro? Com que freqüência?

O universo de usuários é amplo e diversificado e vem de todas as partes da cidade e do estado, atraído pelos preços baixos e a variedade de produtos. A principal atividade é consumir as mercadorias, vendidas tanto por atacado, quanto a varejo. As entrevistas foram realizadas em sua maioria (66%) com trabalhadores (proprietários, comerciantes, empregados, vendedores) e, mesmo estes, reconhecem e valorizam o maior atrativo do lugar – o comércio popular. Estes disseram caminhar pelas ruas do lugar e do entorno, durante o dia apenas, seguindo para suas respectivas residências ao final do dia, e afirmaram não permanecerem à noite por questões de segurança. Isto se aplica também aos poucos moradores entrevistados que mencionaram não haver atrativos no local fora do horário comercial.

Pergunta 13. Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?

Dos respondentes, somente os comerciantes ou proprietários (23%) possuem algum conhecimento ou envolvimento com a Associação Comercial. O restante (77%) não possui qualquer conhecimento a respeito desta, da mesma forma que não houve menção a outras associações porventura existentes na área.

Pergunta 14. Você sabe o que é o Corredor Cultural?

Pergunta 15. Qual a sua opinião sobre a contribuição do Corredor Cultural para a revitalização da área central?

Mais uma vez, somente comerciantes, proprietários, ou aqueles que trabalham em posições estratégicas responderam conhecer o Corredor Cultural e falaram sobre sua atuação de forma correta. O zelador M1, por exemplo, que já teve contato com os trâmites do projeto enquanto funcionário de um edifício histórico que passou por reformas disse com firmeza: “o Corredor Cultural é que cuida das fachadas dos prédios, que impede que coloquem nas varandas coisas penduradas que não são permitidas” e complementou, “se não fosse o Corredor Cultural isso aqui seria igual à uma favela, porque as pessoas penduravam o que quisessem nos prédios”. Os demais citam os benefícios do projeto. A proprietária T1 explica que “é um instrumento que cobra dos lojistas que deixam de pagar o IPTU em troca de manter as lojas, o imóvel dentro das condições de época” . O gerente T9 descreve seus principais objetivos: “o Corredor Cultural visa preservar o patrimônio público e tomba imóveis históricos e não permitir a poluição no aspecto visual nas fachada”.

Vários mencionaram o nome da responsável pelo Escritório Técnico, como no caso de T8 que afirmou: “sim, conheço a Dna. Maria Helena McLaren, que é por sinal uma exímia arquiteta, administradora e conhecedora profunda da cultura do Rio de Janeiro”. O comerciante T10 observa que “sim, conhece a senhora Maria Helena. É uma boa pessoa embora já tenha tido problemas com ela” mas pondera: “acho importante o trabalho do Corredor Cultural mantendo a organização e limpeza do Saara”.

Este e outros relatos fizeram emergir a interessante descoberta de que apesar dos elogios, há descontentamento em relação às exigências do projeto. Aqueles que conhecem o projeto não negaram sua contribuição para a revitalização da área, mas relataram de forma extra-oficial ou nas entre-linhas – vários solicitando-nos para desligarmos o gravador e, assim, não serem identificados – algumas destas divergências: “as imposições feitas pelo Escritório Técnico, na pessoa que ocupa o cargo principal que decide sobre as reformas e fiscaliza as execuções de forma um tanto autoritária. Às vezes, a reforma é feita ligeiramente fora dos padrões de exigência do Corredor Cultural e estas pequenas diferenças tem que ser corrigidas sob o risco de não renovarem as isenções do IPTU”.

Fica clara também a desinformação sobre os critérios técnicos do Projeto, considerados exigências sem critérios por alguns respondentes: “Acho que deveria haver maior flexibilidade até porque muitos dos lojistas não possuem muitos recursos financeiros para atender ao ‘gosto’ pessoal do Corredor Cultural.” Esta desinformação foi lembrada pelo gerente T14 que acha o Projeto “muito importante para a recuperação deste casario antigo e bonito que tem por aqui. Apesar de que ainda tem muito cabo pendurado pelo lado de fora das fachadas. Eles têm feito um trabalho sério, mas as exigências são muitas

e vários proprietários, que não vão tão bem [nos negócios], sentem dificuldade de entender e atender ao que eles pedem".

4.4.5 Comentários sobre o capítulo

Este capítulo apresentou os estudos realizados em cada um dos recortes do Corredor Cultural do Rio de Janeiro – Praça Quinze e SAARA –, sua contextualização, os relatos das observações incorporadas e das derivas, a análise dos aspectos físicos e morfológicos e, finalmente, a análise das entrevistas semi-estruturadas, conforme proposto na Estratégia Metodológica – Capítulo 3.

O próximo capítulo trata da aplicação desta mesma estratégia no caso do Gaslamp Quarter em San Diego, realizada durante estágio doutoral na Cidade. O Gaslamp representa uma das derivas desta tese e significou uma importante contribuição na validação do método, por ter sido realizado em lugar estranho para a autora, e por ter propiciado a aplicação de todos os instrumentos na forma de pré-teste, antes mesmo de aplicados nas áreas do Rio de Janeiro.

5 CASO DO GASLAMP QUARTER

Este capítulo apresenta a pesquisa de campo realizada no estágio doutoral em San Diego durante o período de fevereiro a novembro de 2006⁹⁶. A contextualização física e histórico-evolutiva da cidade e o estudo sobre o processo de revitalização foram realizados com base nos trabalhos de Bunnell (2002), Ford (2003), Davis (2003), no acervo iconográfico da San Diego Historical Society⁹⁷ e em reportagens e artigos relacionados ao tema da revitalização na área central. Importante mencionar a tese de Brenda Kayzar (2006) – sobre a revitalização da região central – que gentilmente disponibilizou o material produzido antes mesmo de sua publicação, ocorrida em fins de 2006.

Foram realizadas entrevistas e conversas com pessoas-chave ligadas funcional ou profissionalmente aos processos de planejamento da cidade, sendo as mais significativas as entrevistas com Max Schimdt, urbanista da prefeitura aposentado e um dos principais articuladores do plano de desenvolvimento do Centro da Cidade (*Downtown Community Plan*); com o Prof. Mike Stepner, professor da New School of Architecture, também planejador urbano da prefeitura até 1977; com Beverly Schroeder, urbanista senior e atual coordenadora de planejamento do Gaslamp Quarter, e com os professores Larry Herzog, Nico Calavita e Larry Ford, da San Diego State University.

São apresentados ainda os relatos das observações incorporadas realizadas para delimitação dos recortes e para uma aproximação com o centro de “dentro para fora”, seguindo a lógica da abordagem experiencial. A análise dos aspectos físicos e morfológicos integra o estudo de caso e complementa as observações assumindo o caráter autobiográfico da visão do arquiteto. Finalmente, as entrevistas semi-estruturadas realizadas com os usuários do Centro configuraram-se como um instrumento fundamental na apreensão da experiência daqueles que o vivenciam cotidianamente. Ao final do capítulo, é realizado o entrelaçamento dos dados obtidos em cada um dos instrumentos.

⁹⁶ Inicialmente não prevista como estudo de caso, a pesquisa sobre o centro histórico de San Diego foi financiada pelo Programa de Doutorado com Estágio no Exterior (PDEE-CAPES). A proposta original, seria realizar a análise comparativa dos casos de revitalização urbana de três cidades da costa oeste americana – Los Angeles, San Francisco e San Diego – logrou inviável financeiramente, mas foi resultou em uma maior envolvimento com os movimentos de transformação pelos quais passa o Centro da Cidade de San Diego.

⁹⁷ Disponível em < www.sandiegohistory.com > (consulta realizada em 24/07/2006)

A experiência em San Diego ocorreu como uma *deriva* – que, por razões não previstas ou pré-determinadas, altera o rumo em um percurso e surpreende com novas descobertas. Trouxe várias contribuições para a pesquisa sobre a *cognição experiencial* em centros históricos revitalizados, mas acima de tudo possibilitou a completa aplicação da estratégia metodológica fundamentada na abordagem cognitivo-experiencial antes prevista apenas para ser aplicada nos recortes cariocas.

5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A cidade de San Diego possui uma geografia única nos Estados Unidos, tendo se desenvolvido em sobreposição ao sistema de vales e cânions existentes na região costeira do sul da Califórnia. Gene Bunnell (2003) afirma que esta topografia, formada por mesas ou platôs separados pelos recortes naturais do relevo acidentado, ajudou a definir os bairros e subúrbios, além de ter proporcionado uma maior aproximação com a natureza preservada desses vales e cânions, muitos deles transformados em parques.

Conforme Larry Ford (2002), o Centro da Cidade de San Diego carece de muitas das características de um centro forte e tradicional, mas a cidade vem se aprimorando em certos aspectos e atributos e encontra-se em pleno processo de transformação como um lugar de turismo, lazer e entretenimento e também como um lugar residencial. Neste sentido, seus principais elementos de atração são: o Gaslamp Quarter, seu principal distrito histórico; o Centro de Convenções, uma barreira física e visual entre o Gaslamp e a baía; o pós-moderno *shopping* Horton Plaza, próximo ao Gaslamp; e o pseudo-histórico Seaport Village, *shopping* à céu aberto e à beira-mar cujo desenho faz um pastiche dos estilos *neo-espanhol* e *vitoriano*, para representar dois momentos de ocupação da região. Além destes, a inauguração recente do estádio de baseball – Petco Park – entre o Gaslamp e East Village vêm alterando drasticamente a configuração físico-espacial e social do Centro (Fig. 74).

San Diego é uma cidade jovem, se comparada ao Rio de Janeiro, mas possui um longo e distinto legado de planejamento e vêm se beneficiando por alguns planos urbanísticos que influenciaram seu desenvolvimento e suas transformações (Bunnell, 2003). A cidade de San Diego obteve, nas décadas de 1970 e 1980, grande suporte da prefeitura nas questões de planejamento urbano.

San Diego é um dos mais antigos assentamentos humanos da Califórnia, iniciado com as missões espanholas no século XVII, mas a cidade começou a se estabelecer apenas em meados do século XIX. Alonzo Horton – indivíduo pioneiro e empreendedor de San Francisco – foi o responsável pelo planejamento e posterior desenvolvimento de San

Diego, iniciado com a corrida do ouro. Após sua primeira visita à região sul da Califórnia, Horton adquiriu 324 ha (300 acres) de terra – a preços irrisórios na região então castigada pela guerra e pela pior seca daquele século – no lugar onde hoje se localiza o centro da cidade. Subdividiu sua enorme propriedade em lotes que formavam uma malha regular com blocos de 200" x 300" (60,96m x 91,44m) divididos em doze lotes de 50" x 100" (15,24m x 30,48m), assegurando um ótimo suprimento de lotes de esquina, obtendo assim maior lucro nas transações imobiliárias. As ruas foram numeradas (First Street, Second Street, Third Street, etc) a partir do início de sua propriedade na direção oeste-leste e nomeadas por ordem alfabética da faixa costeira sul até o limite do Balboa Park. Ao norte, árvores e flores denominam as ruas também em ordem alfabética (Ash, Beech, Ceddar, Date, etc), designação que permanece até nossos dias.



Figura 74

Vista aérea de Downtown San Diego e principais limites: a baía de San Diego à sudeste e a sinuosa e intrusiva rodovia Interstate 5 à nordeste. Esta foto recente (2002) mostra a ainda rarefeita presença de torres no centro. Note-se ainda a mancha verde do Balboa Park no topo à direita e a forma em diamante do estádio de beisebol em construção (edição em Photoshop sobre foto aérea cedida por Howard Blackson)

Horton continuou investindo tempo e dinheiro na formação da cidade vislumbrada, inaugurando um grande hotel, construindo um cais na baía de San Diego, além de outras ações menos importantes mas ainda visionárias – como a troca de lotes por serviços, doação para igrejas, caiação das fachadas sul e oeste para embelezar a visão de quem chegava por mar. Uma de suas mais importantes contribuições, entretanto, foi a delimitação de uma área de 566 ha (1400 acres) reservada para se tornar um parque público onde hoje se localiza o Balboa Park.

No início do século XX, o primeiro gerente do hotel construído por Horton tornou-se dono da loja de departamentos Marston e sucedeu-o 30 anos depois como um dos cidadãos mais proeminentes da cidade. Sob a influência de George Marston, a cidade contratou o arquiteto paisagista John Nolen, em 1908, para elaborar o primeiro estudo regional de San Diego e o primeiro plano urbanístico para a região central e arredores da cidade. Em seu plano Nolen citava as belezas naturais da região:

“Descrever o clima é um desafio. Seco, fresco, homogêneo, total sem grandes extremos entre frio e quente... O cenário é variado e belo... As grandes, largas, quietas mesas, os cânions pitorescos, a linha forte das montanhas distantes, as amplas e duras praia oceânicas, a grande Baía, sua beleza coroada pela Ilha de Cononado, as cavernas e enseadas de La Jolla, a distinta Torrey Pines, o adorável Mission Valley – estes são apenas alguns atributos da paisagem que devem ser cuidadosamente tratados como bens preciosos a serem preservados e melhorados.” (apud Bunnell, 2003:393) ⁹⁸

O ambiente construído, porém, não impressionou John Nolen e seu plano vislumbrou aquela que seria a “maravilhosa cidade de San Diego” no futuro, propondo quatro princípios de desenho da paisagem que serviriam como guias do planejamento: (1) respeitar, tanto quanto possível, a topografia; (2) adequar usos conforme a adequação dos lugares; (3) conservar, desenvolver e utilizar tanto os recursos naturais e estéticos, quanto os comerciais; (4) assegurar o belo pela concordância orgânica e não pelo mero embelezamento.

Em 1926, um novo período de auge econômico, o mesmo arquiteto foi contratado para rever e atualizar o plano, que enfatizava as belezas naturais do Centro e determinava a localização de centros cívicos, praças e bulevares, abrindo espaço para uso público na frente marítima e definindo o centro financeiro e administrativo de San Diego.

Outras recomendações específicas sugeriam que, para o equilíbrio da frente marítima urbana, esta deveria ser mantida aberta e livre, com recursos de lazer para a população. Largas avenidas e bulevares deveriam estar perpendiculares ou paralelos à linha d’água. Os edifícios públicos deveriam configurar uma praça pública entre a Front Street e a Broadway no sentido de criação de um centro cívico, conforme os princípios do movimento *City Beautiful*⁹⁹, em voga na época. O Plano, entretanto, não foi adotado em sua totalidade (Fig. 75 e 76).

⁹⁸ Tradução da autora

⁹⁹ Movimento de planejamento urbanístico e arquitetônico do final do século XIX que advogava o embelezamento e a monumentalização, além do controle social, dos centros das cidades americanas como contraponto à decadência e miséria do ambientes urbanos de então.

Após a Segunda Guerra, com as instalações militares e da marinha implantadas na região, por sua localização estratégica ao sul da Califórnia e junto à fronteira, houve um acelerado crescimento da população. As novas famílias se instalaram definitivamente na cidade, criando uma onda de desenvolvimento suburbano, inicialmente nas franjas das áreas já urbanizadas e, depois, em áreas mais remotas como o Mission Valley.



Figura 75

Aspecto do Centro de San Diego na primeira metade do século XX com os primeiros arranha-céus (Fonte: San Diego Historical Society)



Figura 76

Rua do Gaslamp District no início do século XX, sem as praças planejadas as ruas eram o lugar do contato social e da interação, antes do abandono do Centro pelos subúrbios distantes (Fonte: San Diego Historical Society)

Com a mudança de direção das elites e o crescimento residencial e comercial para os subúrbios, entre 1950 e 1970, o centro entrou em profunda decadência e abandono. Somente resistiam alguns serviços institucionais e residentes de baixa renda na área central, além dos edifícios e armazéns ligados às atividades portuárias e à Marinha, muitos deles em estado precário de conservação ou vazios, quando não em ruínas. O único trecho que resistia com uma certa vitalidade era o distrito conhecido como *Gaslamp District* – zona de baixo meretrício e de diversão para os marinheiros que aportavam na cidade, que abrigava prostíbulos, casas de massagens, bares, hotéis, clubes de *strippers*, cinemas e teatros pornográficos – que era evitado pela burguesia suburbana de San Diego. Vários quarteirões do centro já haviam sido transformados em

estacionamento ou tiveram demolidos seus antigos casarões ou armazéns, à espera da renovação modernista.

A recessão nos anos 1960 acarretou a desvalorização dos processos de planejamento e, conseqüentemente, menos regulamentações. O plano de 1926 de Nolen ainda vigorava e, graças às pressões de uma organização não-governamental e sem fins lucrativos denominada *Citizens Coordinate for Century Three (C3)*, que advogava por planejamento e maior interação do poder público e da comunidade, um novo plano foi preparado. Enfatizava uma maior definição de uso do solo e controle de desenvolvimento nas franjas da cidade, além do uso de fundos federais para desenvolver e revitalizar o centro de San Diego. Este plano, entretanto, não foi adotado e outro foi preparado com maior participação de cidadãos e de grupos comunitários, cuja pressão acabou por gerar um referendo público que votou duas questões distintas: a adoção do novo plano e a criação de um departamento de planejamento independente – e isolado de pressões políticas diretas vindas do conselho municipal, do prefeito e da administração pública. Ambos foram majoritariamente aprovados em 1967.

Em meados da 1970, houve um grande impulso nas atividades de planejamento – coincidentes com as primeiras preocupações de preservação histórica e resgate da cidade tradicional, assim como ocorrido no Rio de Janeiro. O então prefeito tinha como programa de governo redefinir o centro de San Diego como pólo de atração principal da região, recuperar a atividade comercial, estimular os negócios no centro criando mais empregos, repovoar a cidade estimulando o uso residencial e criar um sistema de transporte que ligasse o centro aos outros bairros e cidades vizinhas.

Outro incentivo às ações de planejamento se deu com a contratação dos urbanistas Kevin Lynch e Donald Appleyard que realizaram um novo estudo da região. Impactados pelas belezas naturais e pelas qualidades e atributos existentes na cidade propuseram várias diretrizes de desenvolvimento no relatório *“Temporary Paradise?” (APPLEYARD; LYNCH, 1974)*. O texto era uma versão condensada e popular do Plano Geral realizado paralelamente pelo Departamento de Planejamento da Prefeitura e, apesar de nunca ter sido implementado, seus princípios e conceitos proporcionaram muitas das justificativas e razões das políticas de uso do solo incorporadas em 1979.

5.1.1 Plano de Desenvolvimento do Centro de San Diego

Pelos idos de 1970, as atividades comerciais e o uso residencial eram praticamente inexistentes do Centro. As exceções eram as cerca de mil unidades habitacionais de baixa renda e a presença de trabalhadores que vinham ao centro para seu expediente

diário, logo retornando às suas casas. A população de classes mais altas seguia na direção oposta, em busca da segurança e do sonho americano nos distantes subúrbios. As áreas disponíveis ao longo da baía eram destinados às instalações navais ou militares e havia, ao sul da Broadway, entre a Quarta e a Sexta Avenidas, um distrito ocupado por atividades de entretenimento para os marinheiros.

Como estratégia de revitalização do Centro e inspirado nos trabalhos dos técnicos da Prefeitura, como Max Schimdt, e também na proposta do relatório *Temporary Paradise?*, o prefeito Pete Wilson vislumbrou como as cinco ações principais: (1) a recuperação da atividade comercial; (2) o estímulo às atividades de negócios com a construção de edifícios comerciais e corporativos; (3) a expansão da oferta de empregos com a construção de um centro de convenções; (4) a introdução de novas unidades habitacionais na área central; (5) a criação de um sistema de transportes integrado.

O planejamento, mais uma vez, ganhou importância nesta época. Tempo e esforço foram gastos na ação de planejar e realizou-se um diagnóstico para a definição do tipo de desenvolvimento almejado, antes de qualquer decisão ou ação. As maiores qualidades da estratégia proposta relacionavam-se à sua natureza multifacetada e compreensiva das condições existentes e à busca pela diversidade de usos em áreas relativamente pequenas.

O CCDC representa, através de seu corpo de diretores, a Agência de Desenvolvimento de San Diego, em projetos comerciais, habitacionais, institucionais, turísticos, culturais e educacionais. Por sua vez o órgão se enquadra na Lei de Desenvolvimento da Califórnia para a mitigação do declínio de áreas urbanas. Provendo os municípios com autonomia, alcance e suporte financeiro e determinando os instrumentos financeiros, o suporte legal e a participação comunitária, seu principal objetivo é a obtenção de sucesso nos planos adotados, na criação de um ambiente em nível de bairros seguro e no engendramento do orgulho comunitário.

- **Processo e Instrumentos de Implementação**

Uma das chaves para o sucesso da estratégia foi a criação de uma entidade institucional responsável pelo planejamento e implementação do processo de desenvolvimento do Centro – o CCDC (Centre City Development Corporation)¹⁰⁰. Oficialmente criado em 1975 como uma empresa pública sem fins lucrativos, assumiu a responsabilidade que antes

¹⁰⁰ Disponível em < www.ccdc.com:> (consulta realizada em 15/03/2006)

estava sob jurisdição do Departamento de Planejamento. O CCDC tornou-se o órgão responsável pelo planejamento estratégico, pela implementação de infraestrutura urbana, pela revisão e permissão de empreendimentos e projetos, enquadramento dos processos à legislação, desenho urbano, programas de aquisição e re-locação de bens imobiliários, melhorias públicas e financiamento de projetos de desenvolvimento.

Como instrumentos de financiamento, o CCDC dispunha de empréstimos antecipados previstos pelo aumento da arrecadação de impostos que seriam coletados com o aumento do valor imobiliário e da propriedade, produzidos por investimentos públicos e pelo desenvolvimento de atividades no bairro.

Max Schimdt, um dos principais articuladores do plano que de 1956 até 1977 havia trabalhado para o município no departamento de planejamento, transferiu-se para o CCDC, por vislumbrar a possibilidade de efetivar muitos dos planos e estudos não realizados até então.

A jurisdição do CCDC inicialmente estabeleceu o desenvolvimento prioritário de três distritos: Marina, Columbia e Horton Plaza. Posteriormente uma quarta área foi incorporada, o Gaslamp Quarter. Somente em 1992 a jurisdição do CCDC ampliou-se para a totalidade da área central, que hoje abrange 586,81 ha. Seus limites podem ser facilmente visualizados na foto aérea (Fig. 74): ao norte e a leste limitado pela rodovia I-5 (Interstate-5) e ao Sul e oeste, pela baía de San Diego. A área central compõe-se de oito *distritos* – cada um com especificades e características próprias – com diretrizes de desenvolvimento específicas para cada caso (ANEXO V).

O Plano foi concebido pelo CCDC para agenciar e catalizar parcerias público-privadas e facilitar projetos para o desenvolvimento do Centro. Buscava assegurar o desenvolvimento complementado pela vitalidade urbana através de estratégias como a criação de parques e centros comunitários e diversificação de usos e funções, com ênfase no domínio público. As linhas mestras e ideais do plano visavam:

- a. Criar uma metrópole mundial com um centro distinto e atraente, tomando partido de sua inserção geográfica única.
- b. Tornar o centro o ponto de atração físico e simbólico de toda a região e sua principal identidade.
- c. Diversidade de usos e habitantes; intensificação do uso habitacional, com qualidade de vida, vitalidade e aproximação do trabalho, do transporte e da cultura.

- d. Um centro de atividades econômicas, com acesso pelo sistema de transporte públicos, bicicleta ou a pé; interligação a outros centros regionais por meio de um sistema de transportes integrado.
- e. Vizinhanças diversificadas e interligadas por distâncias peatonais e complementares pela mistura de usos, com fácil acesso ao espaço aberto, lojas, serviços, amenidades, lazer, cultura, etc, criando um ambiente urbano realmente vital.
- f. Celebrar o clima e a situação privilegiada junto à baía, com atividade intensa nos espaços públicos e vias projetadas para o conforto do caminhar e a permanência.
- g. Contextualizar o centro com seu entorno, restabelecendo as perspectivas e as conexões físicas e visuais, especialmente o Balboa Park e a frente marítima.
- h. Criar um ambiente diferenciado, diversificado e complexo que possa ser explorado através das especificidades de suas comunidades, das diferenças de escalas e características da paisagem urbana e da textura de lugares e experiências, estreitamente ligado à arte e à cultura.

Com relação a preservação histórica, o Plano contém um capítulo específico cujas premissas são preservar os sítios e marcos históricos como âncoras da revitalização integrando-os no tecido da cidade, e promover a dinâmica evolutiva do Centro contemporâneo de atividade intensiva. Os três níveis de preservação – nacional, estadual e municipal – são direcionados a edifícios isolados e monumentos históricos significantes, com exceção de dois conjuntos urbanos históricos que são protegidos em nível nacional: o Distrito do Gaslamp Quarter e o Distrito Temático Asian-Pacific. Os dois se localizam na mesma região central e, de certa forma, se interconectam e se confundem. Nossa atenção se voltará apenas ao Gaslamp Quarter neste estudo.

- **Uso Residencial**

O Centro da Cidade de San Diego historicamente nunca abrigou o uso residencial. O repovoamento do Centro foi um ponto chave para a estratégia de revitalização, porém grandes obstáculos e desafios tiveram que ser enfrentados para estimular a construção de unidades residenciais e atrair moradores. A idéia, apoiada tanto pelo primeiro grande empreendedor que atuou no centro quanto pelo município, era que o desenvolvimento residencial fosse anterior à construção do *shopping* Horton Plaza. Dois condomínios horizontais com casas geminadas – Marina Park e Park Row – foram concluídos em 1983 com subsídios do CCDC. Como era imprevisível o resultado das vendas, foram necessários cinco anos até que todas as unidades fossem ocupadas.

Os empreendimentos seguintes tiveram outra sorte, sendo vendidos ainda na planta. Assim, os terrenos vazios ao sul e a oeste do Horton Plaza foram sendo rapidamente ocupados, no distrito conhecido como Marina. Diversificadas tipologias residenciais eram oferecidas – unidades geminadas, apartamentos tipo casa, edifícios de apartamentos em altura com maior densidade e estruturas condominiais – mas apesar da variedade, uma forte unidade e coesão caracterizavam os empreendimentos na área central.

Em 1998, havia vinte mil novos residentes no centro em quase 5000 novas unidades residenciais construídas num período de quinze anos. A paisagem do centro se alterou rapidamente com as mais recentes torres residenciais e institucionais. Apesar de a maior parte das edifícios residenciais serem novos, um número significativo de unidades vêm sendo produzido pela transformação de uso e pela revitalização de edifícios históricos, como o El Cortez – antigo hotel de 1920 protegido pelo patrimônio histórico nacional – que hoje abriga 85 apartamentos. Novas tipologias também surgiram, especialmente os *lofts*, com a conversão de antigos edifícios e armazéns, especialmente em East Village.

A mudança do século trouxe um novo boom especulativo ao centro, que ocorreu de forma violenta. Dezenas de torres residenciais pós-modernas foram erguidas e inúmeras encontram-se em fase de projeto ou construção em todos os distritos do centro, sendo a maioria condomínios de luxo direcionados à classe alta, razão da considerável *gentrificação* que vem ocorrendo na área central de San Diego.

5.1.2 Experiência e Interação

Apresento um breve relato sobre minha experiência e engajamento, inicialmente como observadora, e depois como coordenadora de uma das mesas de um workshop sobre o destino de um importante sítio na área central junto à frente marítima. A interação com um grupo ativista que organizou o workshop e os participantes foi intensa e rica, no sentido de apreensão de suas opiniões, desejos e expectativas sobre uma enorme área que está prestes a se tornar mais um conjunto de hotéis e torres comerciais desprovido de um sentido de lugar. Esta foi uma experiência curiosa e enriquecedora que permitiu uma aproximação mais intensa com a vida pública e política da cidade. Me permitiu vislumbrar um sentido de identidade e de coletividade que, até então, me parecia inexistente.

Introduzida por Mike Stepner, participei de algumas reuniões do 'Broadway Complex Coalition - BCC' – coalisão que integra forças de diversas entidades não governamentais¹⁰¹ de San Diego, cujos membros são voluntários, sem interesses político-partidários, profissionais de diferentes áreas, e todos possuem enorme apreço e carinho pela cidade que escolheram para viver. Estes grupos lutam há vários anos pelas melhorias da qualidade ambiental da cidade, acreditando na ação comum e não aceitando a submissão passiva em relação a assuntos que dizem respeito ao domínio público e à coletividade. Estava em preparação um *workshop* com o engajamento da população, a partir de um exercício perceptivo – ou 'primal cognitive exercise'¹⁰² – de modo a se pensar pública e coletivamente o destino de uma grande área no centro, de forma despolitizada e não tendenciosa. A idéia foi gerada a partir do descontentamento deste grupo com a negociação da uma área pública central entre um forte grupo incorporador e a Marinha, concessionária do terreno. A proposta era substituir suas antigas instalações por um novo edifício institucional e novas torres comerciais, cuja venda e repasses gerariam enormes lucros ao incorporador¹⁰³.

O sítio abrange quatro super-blocos no coração da cidade em um dos pontos mais privilegiados ao pé da principal avenida da cidade – Broadway – e é ocupado há quase cem anos pela Marinha (Fig. 77). O BCC questionava: (1) as bases do projeto proposto, que seguiam um acordo firmado em 1992 entre o CCDC e a Marinha, quando a cidade vivia uma realidade de recessão; (2) a inadequação da proposta do incorporador ao sítio; (3) a privatização de um espaço público; 4) a qualidade do projeto, que não agregaria valor à cidade.

Desde o primeiro contato, percebi a importância daquele movimento e engajei-me no processo. Fui então convidada a colaborar como coordenadora de uma das mesas do evento – que contou com a presença de 75 pessoas. A coordenação da mesa redonda sobre *espaço público*¹⁰⁴ e esta experiência interativa trouxeram significativa contribuição à minha pesquisa doutoral (Fig. 78).

¹⁰¹ Citizens Coordinate for Century 3 (C-3); Partners for Livable Places/San Diego; Harborfront Coalition; e Sierra Club; entre outros

¹⁰² Exercício cognitivo primário, citado por Vonn Marie May em uma das reuniões de organização do workshop.

¹⁰³ Para maiores detalhes e visualização da proposta vencedora da concorrência e o projeto desenvolvido visite <http://www.ccdc.com/index.cfm/fuseaction/projects.navycomplex>.

¹⁰⁴ Outros grupos de trabalho trabalharam os temas: *perspectiva regional, perspectiva do centro, frente marítima*.

Após sua realização, os resultados do *workshop* comprovaram a tendência de que a área deveria retornar a população como um espaço público, com equipamentos culturais, infraestrutura de lazer, esportes e entretenimento e, principalmente, por ser algo autêntico para a cidade. A coalisão insistiu, em uma carta direcionada ao conselho municipal, que mais tempo era necessário para definir seu destino. Reuniões do corpo de conselheiros que votaria a aprovação ou não do projeto foram agendadas, os diversos pontos de vista analisados – inclusive os resultados do *workshop* - e a votação postergada várias vezes. O BCC entrou com um processo questionando a validade do relatório de impacto ambiental de 1996, ainda não concluído.



Figura 77

Área alvo do Complexo comercial-hoteleiro proposto pela marinha e questionado pela população



Figura 78

Participação da autora como coordenadora em uma das mesas de trabalho do *Workshop* organizado pelo BCC (foto: Howard Blackson)

As decisões ainda não foram tomadas e o processo se arrasta em meio a ações e recursos legais e à forte pressão do capital, até este momento. Penso que se o projeto proposto vier a ser construído, San Diego poderá perder talvez a última chance de concretizar algo que coroe suas qualidades e atributos urbanos e a transforme em uma cidade real.

Feita esta breve contextualização sobre o Centro da Cidade de San Diego, passamos agora a interpretação dos relatos das observações incorporadas realizadas pela autora como primeiro passo para o conhecimento mais aprofundado do objeto de estudo.

5.2 INTERPRETAÇÃO DOS RELATOS – GASLAMP QUARTER

O lugar me era completamente estranho e desconhecido e sua cultura, muito distinta da minha. Mas o olhar o olhar estrangeiro e de total estranhamento em relação à cidade

de San Diego¹⁰⁵, os sentidos e o coração estavam atentos e abertos à nova experiência; foi assim a minha primeira aproximação com o centro de San Diego. Assim também tentei percorrer e vivenciar suas ruas, avenidas e lugares públicos ao longo dos meses de minha experiência na cidade. Da mesma forma, a cidade se mostrou, se deixando explorar, demonstrando suas potencialidades e expondo seu caráter.

Foram realizados percursos experienciais nos oito distritos que subdividem o Centro. Para o aprofundamento da observação cognitivo-experiencial selecionei o distrito histórico do Gaslamp Quarter por seus aspectos históricos-evolutivos, por sua localização no coração da cidade, pelos atributos morfológico-espaciais presentes e pelo processo de planejamento direcionado à revitalização do lugar (Fig. 79).

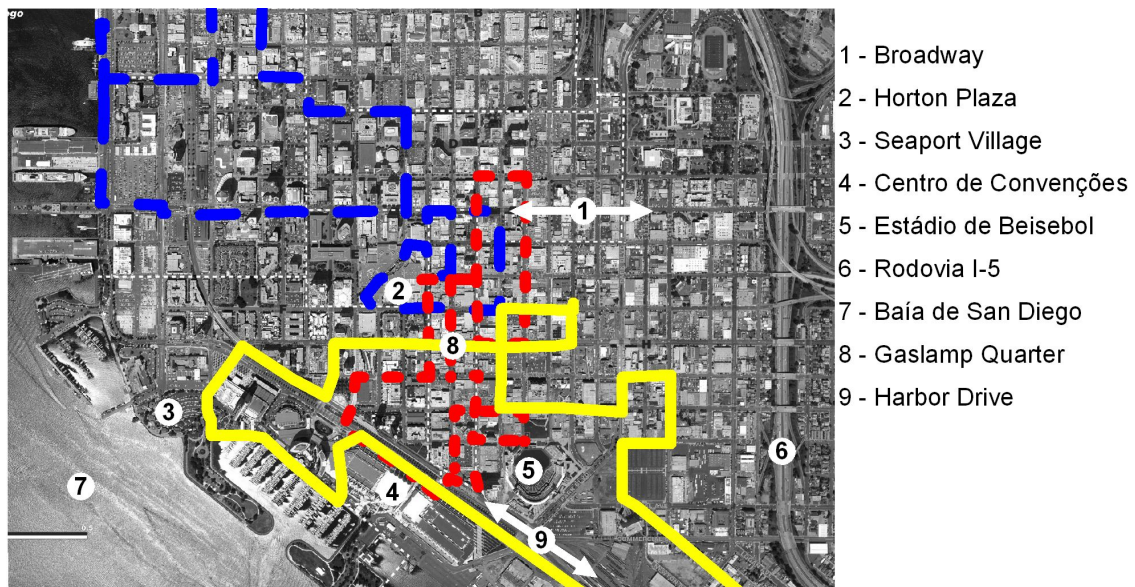


Figura 79

Algumas derivas realizadas em San Diego durante o período de estágio doutoral para conhecimento do Centro (Digitalização em Photoshop sobre ortofoto – fonte: CCDC)

Os procedimentos para a realização das *percursos experienciais* – ou *derivas* – seguem a mesma lógica explicitada na interpretação dos Relatos do Rio de Janeiro (Seção 4.2). O principal instrumento é o olhar atento, aberto e consciente de sua interação com o lugar. Integramos ainda o olhar técnico e objetivo sobre os aspectos físicos e espaciais do ambiente urbano, na tentativa de delimitar os recortes que seriam aprofundados.

¹⁰⁵ Conforme mencionado na Introdução, a pesquisa em San Diego foi o desdobramento de meu estágio doutoral realizado em 2006 naquela cidade.

5.2.1 Relatos sobre o Gaslamp

“É a primeira vez que venho ao Centro da Cidade. Chego de ônibus, depois de uma viagem, tranqüila e nem tão demorada e chego à Broadway, a principal avenida do Downtown. Não trago mapas ou planos, só a intenção de seguir ao sabor do vento ou das ondas. Olho em volta e vejo torres altas e envidraçadas em meio a edifícios antigos mais baixos. Muitos ônibus e alguns carros cruzam a avenida, sem causar congestionamento. As ruas e calçadas são bem pavimentadas, sinalizadas, muito limpas e não apresentam obstáculos ou desníveis, com rampas em cada esquina. Não vejo muitas pessoas circulando e os edifícios parecem todos fechados, sem nenhum movimento, apesar da hora. Quase uma cidade fantasma sem alma viva.” (12/03/2006)

Para um observador estrangeiro e de outra cultura, à primeira vista, o Centro de San Diego parece uma maquete na escala 1:1. Foi necessário conhecer o todo da região central para, então, ir aumentando gradativamente a aproximação com suas partes, com os diferentes setores observados. Os relatos apresentados referem-se apenas a uma pequena amostra do que realmente foi visto e experienciado naquela cidade.

*“A largura da avenida, a lufada de **vento frio e o fluxo de pessoas** que aumenta à medida que desço a avenida, me guiam para a beira da baía, onde encontro uma área de porto com vários navios atracados. Percorro o passeio estreito ao longo da linha d’água, paralela a uma larga avenida sem muito movimento que, junto com uma faixa contínua de estacionamento e a linha do trem e do trolley¹⁰⁶, do outro lado da via, separam a frente marítima do resto da cidade. Me parece um grande **espaço vazio e sem graça**. Os únicos atrativos, além dos navios-museu – o porto foi transformado em atração turística – são instalações escultóricas simulando árvores que dão alguma cor e dinamismo àquele ambiente” (12/03/2006).*

*“Retorno ao coração da área central por uma outra avenida larga e me vejo numa área mais **densamente ocupada** por edifícios e torres modernas, algumas demolições e várias construções em andamento. Os edifícios são todos fechados ao nível da rua, sem comércio visível por perto e são raros as pessoas nas ruas, o que me faz **sentir só e insegura**, como se fosse a última ser vivente naquele lugar. E já são 10:30h da manhã! Somente alguns carros passam de quando em vez.” (Figs. 80, 81 e 82)*

Centro de cidade impecável, com ruas bem sinalizadas, bem pavimentadas, arranha-céus que recortam sua silhueta a partir da baía, indicando que aquela concentração de torres modernas e altas demarca o CBD¹⁰⁷. Fica uma impressão de que tudo aquilo foi construído para que a cidade tivesse uma centralidade bem marcada, uma referência

¹⁰⁶ O Trolley é um sistema de transporte público por trilhos, como um bonde moderno, que passa pelo Centro, interligando bairros e distritos à leste com a fronteira com o México ao sul.

¹⁰⁷ Central Business District ou Área Central de Negócios.

para a região que se desenvolveu sob o signo da fragmentação e da horizontalidade, formada por subúrbios dispersos ligados por freeways e alimentados por shopping malls.

“Depois de percorrer várias partes do lado norte do Centro – inclusive uma rua interessante de um lugar chamado Little Italy – resolvo voltar e procurar o Gaslamp. Sigo caminhando pela 5ª. Avenida, bem **mais movimentada**, com pessoas de vários tipos, executivos, trabalhadores, mendigos e adolescentes. Algum comércio começa a aparecer, e finalmente retorno à Broadway (Fig. 83). Deço uma quadra e uma ampla praça, também vazia, com palmeiras e uma espécie de fonte no meio, se abre entre a Broadway e o famoso Horton Plaza. Como todo o resto, a praça me parece sem graça e sem vida. Canteiros a ocupam quase toda sua área deixando só uma passagem em cruz com uma fonte no centro. Ela fica bem em frente a um suntuoso hotel histórico do outro lado da avenida. Imagino que deva também ser um **espaço histórico**. No seu terceiro lado há um enorme arranha-céu em vidro negro, que me faz lembrar com tristeza a Praça Quinze.” (12/03/2003) (Fig.84)



Figura 80
Broadway às 10:00h da manhã de um dia de semana – tranquilidade, limpeza e sensação de vazio



Figura 81
Island Street nas proximidades do Gaslamp – edifícios residenciais substituem galpões e armazéns



Figura 82
Torre em Marina – signo da modernidade em contraponto com a história da cidade



Figura 83
Broadway, entre a 5th e a 4th Avenue. Note-se a limpeza e a qualidade da pavimentação das vias e calçadas



Figura 84
Praça Horton Plaza – espaço livre, vazio e não convidativo ao uso e apropriação com o NBC Building ao fundo.

“Finalmente cruzo a Broadway e chego ao Gaslamp Quarter, onde tudo parece ganhar **nova cor**. Edifícios **antigos e históricos** com aparência de **novos** em folha. Nas calçadas existem mesas e cadeiras, em áreas delimitadas pelos nightclubs,

bares e restaurantes, onde pessoas almoçam. Aquele ambiente colorido e arrumado me passa uma sensação estranha de coisa falsa" (14/03/2006) (Figs. 85 e 86).

O pequeno trecho do Centro conhecido por Gaslamp é, na verdade, o único remanescente de um passado relativamente recente na história de San Diego. Em relação a outros distritos, distingue-se e destaca-se por apresentar um conjunto muito bem preservado de construções antigas que hoje funcionam como o centro de diversões, de atrações e de turismo, com muitos serviços voltados para este fim. Os outros distritos ou estão consolidados em zonas específicas, ou estão em processo de transformação – zonas institucionais, zonas residenciais de alta renda ou zonas residenciais de baixa renda. Tudo no seu devido lugar.

"É domingo. Estaciono numa ruazinha com prédios baixos e novos. Começo a caminhar pela área denominada Marina ao sul do Gaslamp, uma região nova com edifícios residenciais. As ruas são **limpas**, os edifícios **novos** ou **recém-pintados**, as árvores ainda pequenas em seus canteiros, mas não vejo quase **ninguém nas ruas**, apesar do domingo ensolarado. Mesmo as janelas dos edifícios ou estão fechadas ou não tem nenhum movimento. Aquele ambiente parece **não ter vida**. Caminho em direção ao Gaslamp e passo em frente de vários edifícios **antigos e históricos** – do final do século XIX - que contém placas metálicas em suas fachadas e contam um pouco de sua **história**, como o Horton Grand Hotel, que, conforme diz a placa, foi completamente demolido e reconstruído tijolo por tijolo em outro local. Observo um interessante **edifício de duas torres**: a placa informa que abrigou o mais famoso bordel da cidade. Passo por uma loja de ferramentas que funcionou por quase um século e foi fechada recentemente por falta de consumidores" (02/04/2006) (Figs. 87 e 88).

"Esta já é a quarta ou quinta vez que venho ao Gaslamp e permanece a sensação de **limpeza e vazio**. Caminho pelas ruas sempre com **pouco movimento** diurno. Cruzo com turistas que caminham devagar e com trabalhadores contratados nos estabelecimentos comerciais. Observo também, como já havia notado antes, **mendigos** percorrendo as ruas com carrinhos de compras carregando seus pertences. A presença dos mendigos não é ameaçadora, talvez devido à minha vivência tão direta com o problema da miséria no Brasil. É um lugar **tranquilo, agradável**, mas sem grandes acontecimentos ou sobressaltos. O **movimento aumenta** na hora do almoço. Cruzo com vários grupos de congressistas portando crachás, vindos do Centro de Convenções, que enchem os restaurantes e bares da cidade. Durante todo o dia este foi o maior **evento** observado" (17/5/2006).

Caminhar pelas ruas do Gaslamp, assim como de quase todo o centro, é uma atividade tranquila, sem sobressaltos, sem impactos, sem perturbações. O ambiente é homogêneo, uniforme, pouco estimulante. Seus usuários parecem não pertencer àquele lugar.

"Noto um edifício novo na 5ª Avenida. Parece que seu desenho tenta **copiar** os antigos, nas proporções, volume, fachadas multifacetadas e detalhes. Vários outros me passam essa mesma impressão. Me pergunto se é novo mesmo ou foi reciclado para abrigar as salas de cinema. Observo melhor e tenho a certeza de sua **juventude**. Quase me engana por **parecer antigo!**" (29/7/2006) (Fig. 89).

*“Luzes coloridas, **movimento**, música no ar, **muita gente** pelas calçadas, em grupos, sozinhas, engarrafamento nos cruzamentos! Vejo até um pastor desses tipo testemunhas de Jeová pregando seu sermão numa esquina **movimentada**. Ninguém pára ou lhe dá atenção, mas ele continua, incólume à indiferença alheia. Passo também por um solitário guitarrista ensaiando umas notas e tentando recolher uns trocados. As varandas dos bares nas calçadas estão **lotadas**! À noite tudo muda e o distrito **fervilha** com um **espírito festivo** que toma conta dos quarteirões. Jovens lotam os bares e parecem ser os principais clientes das atrações oferecidas pelo Gaslamp, que se entrega e se transmuta em cenário favorito da nightlife” (31/10/2006) (Fig. 90).*

A existência de inúmeros estabelecimentos voltados para a alimentação e o entretenimento transforma o Gaslamp. A sensação de vazio dá lugar à uma plenitude de sensações. Suas ruas, sempre vazias durante o dia – exceto nos dias de jogos de baseball –, ao cair da noite se enchem de gente e de vida, de luzes e cores que a humanizam, como se fosse um lugar de festa.

Apresentados os relatos das observações incorporadas e da deriva, passamos agora à análise dos aspectos físicos e morfológicos que complementarão o estudo do ambiente em sua configuração formal e espacial, pemeados pela atitude incorporada da observação.



Figura 85

5th Avenue em dia útil. Edifícios históricos como novos, ou novos edifícios como antigos?



Figura 86

Bares ao longo da 5th Avenue. As varandas cheias de turistas e congressistas avançam sobre as calçadas.



Figura 87

Horton Grand Hotel no Gaslamp: relocado e reconstruído tijolo por tijolo para a construção do Horton Plaza



Figura 88

Última loja de materiais de construção do Centro, fechada pela concorrência das grandes cadeias do segmento.



Figura 89

Edifício pós-moderno no Gaslamp: competindo com as edificações históricas significativas

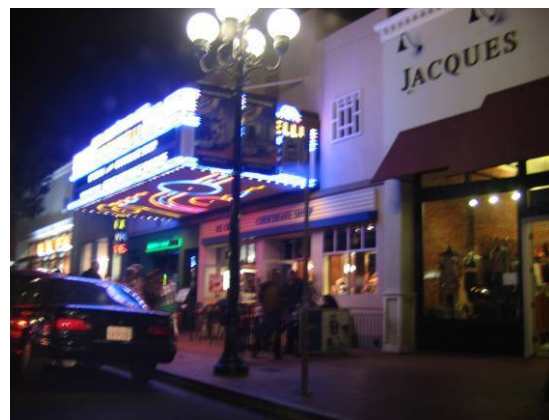


Figura 90

Vida noturna no Gaslamp: agito e badalação que transformam suas ruas em lugar de festa

5.3 ASPECTOS FÍSICOS E MORFOLÓGICOS – GASLAMP QUARTER

Nesta seção apresento os levantamentos de aspectos físicos e morfológicos do Gaslamp Quarter, cujos procedimentos seguem a lógica aplicada nos casos da Praça Quinze e do SAARA. Ao final, os resultados serão entrelaçados com as demais descobertas.

Com base das descobertas das *observações incorporadas*, dois lugares públicos com características específicas e diferenciadas entre si foram selecionados para a análise comparativa: as **ruas do Gaslamp Quarter** – principais espaços públicos como espaço de fruição ou apropriação e cujo aspecto geral é homogêneo e harmônico – e o **Horton Plaza Park**, a praça histórica situada entre a 4th Avenue e a Broadway. Enfatizamos mais uma vez o caráter qualitativo da pesquisa e a assunção de que as análises sofreram a influência, não apenas de nosso olhar técnico e objetivo, mas também de nosso *background* pessoal em conjunto com as sensações e emoções que emergiram na interação com o ambiente, conforme o pressuposto da *abordagem experiencial*.

A análise evidenciou as mesmas dualidades encontradas nos casos cariocas: a) uso diurno x uso noturno; b) cheios x vazios; c) escala monumental x escala humana; d) permanência x transitoriedade; e) tipo x função. O produto gráfico é apresentada na forma de uma prancha-resumo – mapas: *fluxos e acessibilidade; usos e funções; gabarito; figura x fundo e fundo x figura; áreas livres e conexões* (Fig. 91, 92, 93, 94 e 95).

A análise formal e organizacional da estrutura do Gaslamp, antes de mais nada, considerou sua história e evolução urbana. O Centro foi marcado pela herança modernista de arrasa-quarteirão, pela renovação urbana calcada no capital e no mercado imobiliário, pela crescente e contínua verticalização com a construção acelerada de novas torres de vidro residenciais e corporativas.

O *Gaslamp* foi o único dos distritos que conseguiu manter sua estrutura edilícia, definindo um conjunto urbano contínuo e homogêneo de edifícios históricos. Sua transformação foi um marco na revitalização do centro. A área configurada pelos quarteirões entre a Broadway, a 4th Avenue, a 6th Avenue e o Centro de Convenções ao sul, contém a maior concentração de edifícios comerciais históricos da virada do século XX na cidade. Apesar da visão pessimista que previa seu arrasamento e renovação, os quarteirões, as ruas, os edifícios históricos e seu principal símbolo, as antigas luminárias à gás, permaneceram graças à atenção dos movimentos de preservação histórica nos anos 1970 e às ações dos proprietários conscientizados do valor do patrimônio edificado (Fig. 96 e 97). Assim, juntamente com a prefeitura, eles iniciaram um processo de proteção e preservação das estruturas que resistiram ao imperialismo modernista e ao rodoviarismo.

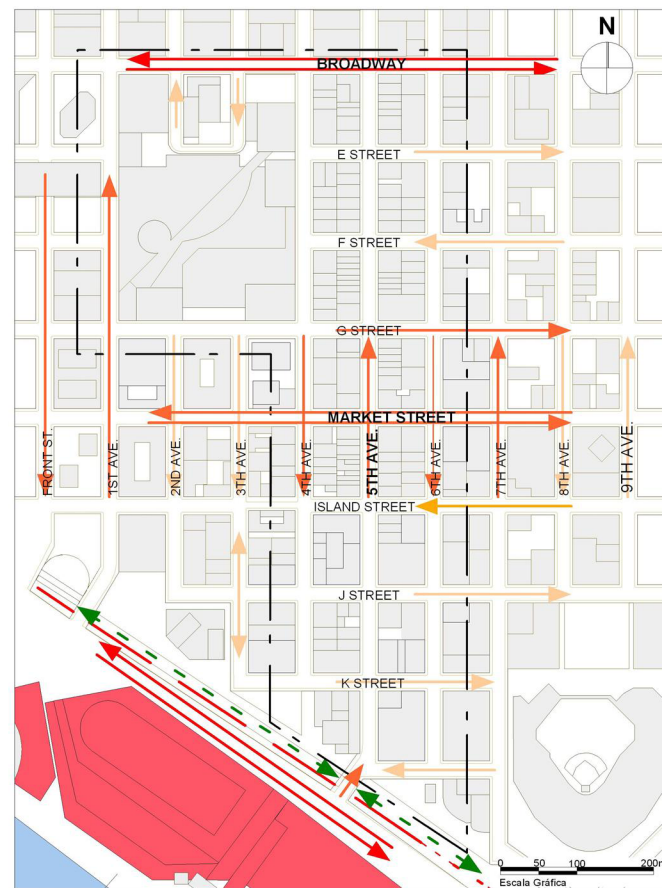


Figura 91 - GASLAMP - FLUXOS E ACESSOS

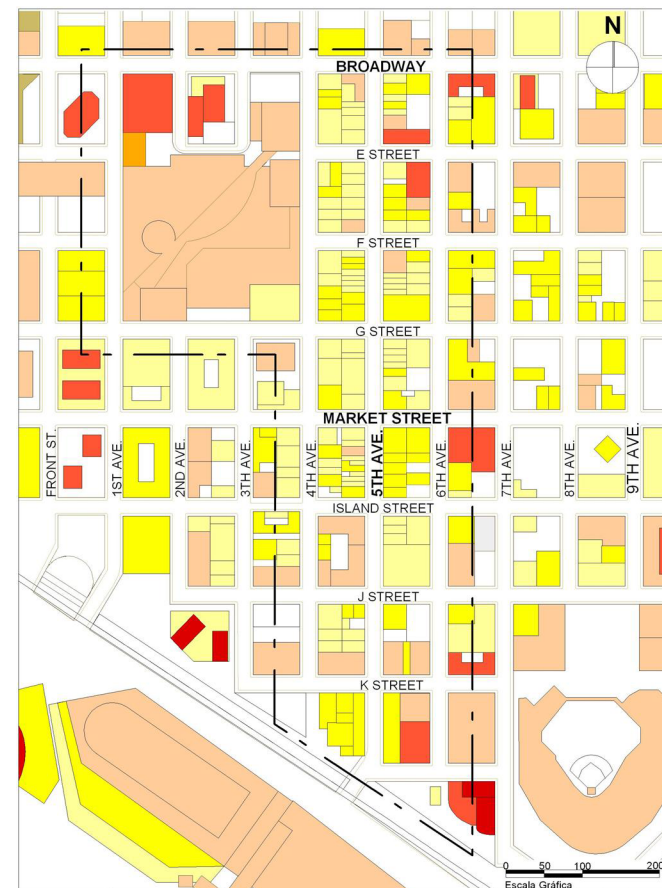


Figura 92 - GASLAMP - GABARITO

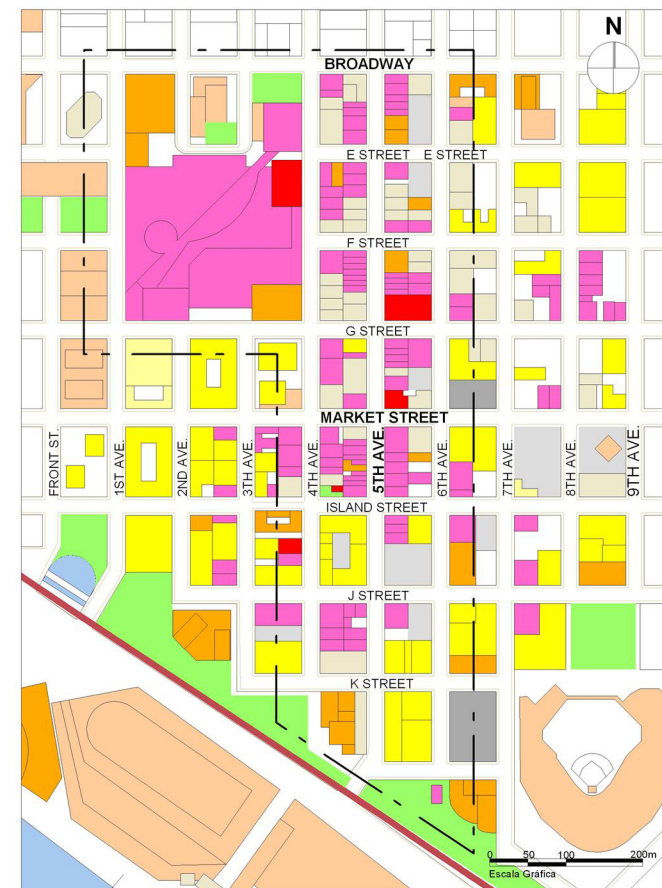


Figura 93 - GASLAMP - USOS E FUNÇÕES

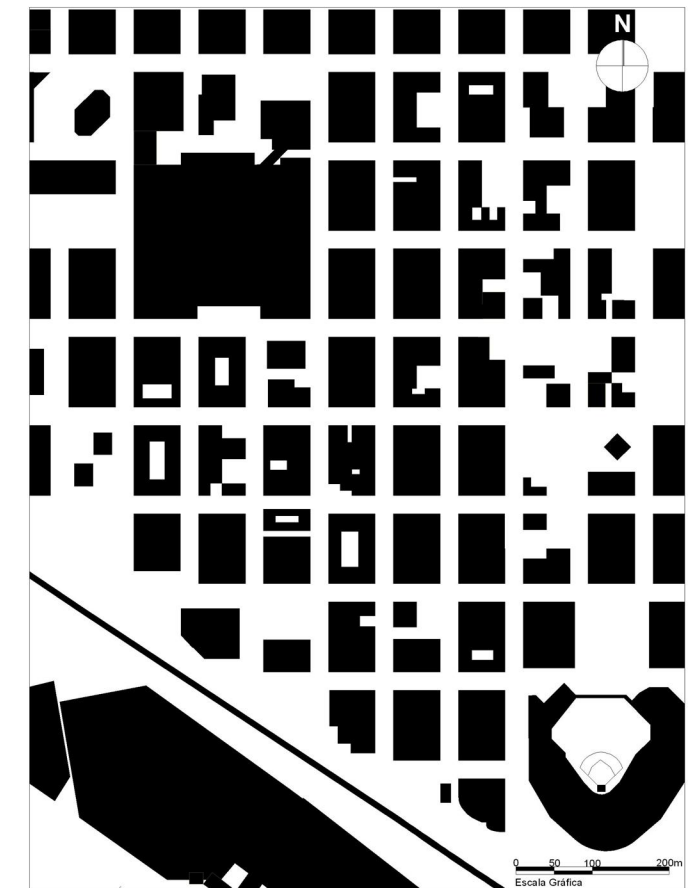


Figura 94 - GASLAMP - FIGURA E FUNDO

Aspectos Físicos e Morfológicos

O Gaslamp Quarter hoje se configura uma das mais ativas e atraentes partes de toda a grande San Diego. Ponto turístico e lugar de movimentada vida noturna, seu maior atributo são os edifícios históricos preservados, graças à atuação conjunta do governo e da iniciativa privada. Hoje os edifícios abrigam estabelecimentos comerciais voltados quase que exclusivamente aos turistas e congressistas e aos jovens em busca de diversão e bebida. Também as poucas lojas existentes são voltadas ao segmento de turismo e à habitação temporária (hotéis e apartamentos de férias). Atua como um parque temático e, com a exclusão de seus antigos e indesejados habitantes e usuários, e com a excessiva 'purificação' e limpeza dos edifícios, sua história e sua memória deixam de ter significância e sua ambiência perde em qualidade e autenticidade. Seus edifícios e sua arquitetura restam apenas como cenário da celebração e do consumo.

Quadro 4 - Principais dualidades e dicotomias entre os trechos Gaslamp e Praça Horton Plaza

GASLAMP	HORTON PLAZA
<ul style="list-style-type: none"> Permanência do suporte físico - traçado, casario histórico preservado e recuperado. Reciclagem e transformação de usos e funções. Expulsão dos antigos usuários. 	<ul style="list-style-type: none"> Permanência da praça histórica, traçado e elementos formais; inexistência de atrativos para apropriação e permanência
<ul style="list-style-type: none"> Principais atividades: comércio com forte apelo ao lazer e turístico 	<ul style="list-style-type: none"> Não observadas atividades na praça; falta de dinamismo e apropriação
<ul style="list-style-type: none"> O principal marco do lugar é o conjunto urbano diferenciado e homogêneo que permanece 	<ul style="list-style-type: none"> A praça em si configura um marco referencial e histórico da cidade, apesar de não usada
<ul style="list-style-type: none"> Fluxos de pedestres baixo, aumenta à noite com o movimento boêmio de bares e restaurantes 	<ul style="list-style-type: none"> Baixíssima intensidade de fluxos de pedestres; presença de mendigos e desocupados no interior da praça
<ul style="list-style-type: none"> Casario histórico de estilo eclético original mesclado com novos edifícios pós-modernos que 'copiam' elementos 	<ul style="list-style-type: none"> Traçado neo-barroco da praça com fonte central e canteiros protegidos com pesadas grades repelem usos
<ul style="list-style-type: none"> Diversidade de elementos e cores: ambiência sensorial e perceptiva agradável e sossegada 	<ul style="list-style-type: none"> Homogeneidade, monocromia: ambiência não provoca grandes perturbações ou estímulos
<ul style="list-style-type: none"> Prioridade ao veículo, calçadas estreitas com elementos que dificultam a livre circulação ou permanência na via 	<ul style="list-style-type: none"> Usada apenas como passagem, ainda assim periféricamente
<ul style="list-style-type: none"> Intensa relação funcional do edifício com as ruas 	<ul style="list-style-type: none"> Baixa relação funcional dos edifício que configuram a praça
<ul style="list-style-type: none"> Sensação de segurança pela intensa relação funcional 	<ul style="list-style-type: none"> Sensação de vazio e abandono

GASLAMP QUARTER

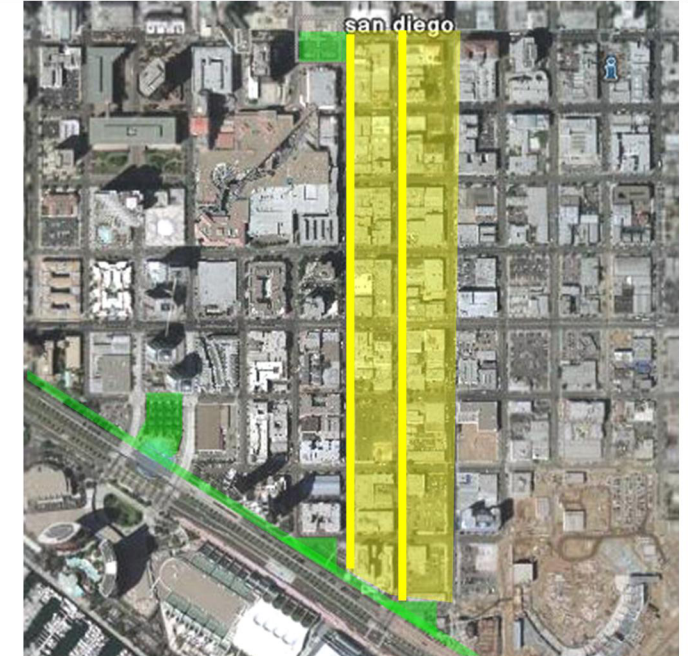


Figura 95 - GASLAMP - ÁREAS LIVRE E CONEXÕES

O Gaslamp District localizava-se contíguo ao sítio destinado a um novo mega empreendimento a ser construído – o *shopping center* Horton Plaza¹⁰⁸ (Fig. 98) – cujas pré-condições do incorporador previam a renovação daquele deteriorado distrito. Além da sua "limpeza" e revitalização para a construção do *shopping center* numa *superquadra*¹⁰⁹, outras exigências incluíam: a construção de um novo centro de convenções, o estímulo ao uso habitacional para classes de maior renda e a implementação de um sistema de transporte público, em correspondência às aspirações do então prefeito e ao Plano de Desenvolvimento do Centro (Seção 5.2).

Em 1976, o plano para o Gaslamp Quarter foi concluído e colocado em prática. Seus maiores componentes – o *Planned District Ordinance and Urban Design and Development Manual*¹¹⁰ – determinavam as regras para o desenho e desenvolvimento no distrito. Antes que qualquer obra fosse realizada no distrito, teria que ser obtida uma permissão especial. O CCDC e o Departamento de Planejamento Urbano inventariaram e documentaram cada um dos edifícios históricos do Gaslamp por sua significância histórica. A Fundação Histórica Gaslamp Quarter passou a publicar um folheto com um mapa arquitetônico e turístico ilustrativo deste trabalho¹¹¹ (Anexo VII).

Michael Stepner, em entrevista concedida à autora, considerou como um processo de aprendizado o esforço e a tentativa de revitalizar o Gaslamp Quarter. Foram experimentados vários tipos de instrumentos, ao longo do qual muito se aprendeu sobre a comunidade e seu desenvolvimento econômico. Inicialmente, foram alterados o zoneamento bem como foi iniciado o controle de sinalização, letreiros e cartazes dos estabelecimentos comerciais. Com o tempo surgiram novas demandas. Foram criados incentivos financeiros, como empréstimos a juros baixos para financiar a reforma de fachadas e para a implementar pequenos negócios. O primeiro *Distrito de Negócios* de San Diego, representado pelo Gaslamp Quarter, tornou-se modelo para outras partes da cidade e posteriormente, em nível nacional, modelo para o *National Trust's Main Street*

¹⁰⁸ Denominado Horton Plaza, o shopping, projetado por Jon Jerde, levou treze anos para ser erigido, desde as primeiras negociações até sua inauguração. Considerado hoje um dos principais pontos turísticos de San Diego o shopping incorporou a linguagem pós-moderna em sua concepção e se definiu um novo marco e pólo de atração para o centro

¹⁰⁹ Cf. LOUKAITOU-SIDERIS (1998), um *superblock* ou *superquadra* é o termo em inglês que designa o remembramento de quarteirões, com o conseqüente fechamento e integração das ruas neles contidas.

¹¹⁰ Regulamento de Planejamento Distrital e Manual de Desenvolvimento e Desenho Urbano (Tradução da autora)

¹¹¹ O *Architectural Guide and Walking Tour Map* é publicado pela *Gaslamp Quarter Historical Foundation*. E está disponível em < www.gaslampquarter.org >. Consulta realizada em 09/12/07.

*Program*¹¹² (Bunnell, 2003). Em 1980, os 16 quarteirões foram oficialmente designados como Distrito Histórico Nacional pelo *National Register of Historic Places*¹¹³.

A recente construção do estádio de beisebol denominado Petco Park – vulgarmente conhecido como Ball Park¹¹⁴ –, em um sítio de East Village contíguo ao Gaslamp, configurou, juntamente com a ampliação do linear e maciço Centro de Convenções, outro grande pólo de atração para a área (Fig. 99). O Gerente de Marketing da *Gaslamp Quarter Association*¹¹⁵ chegou a garantir, em entrevista concedida à autora, que a sobrevivência e dinamismo da atividade econômica no Gaslamp Quarter deve-se exclusivamente a estes dois empreendimentos.

O Gaslamp Quarter é um dos lugares mais ativos e animados da cidade e são poucos os resquícios dos tempos de outrora. Existem ainda alguns edifícios com unidades para aluguel a baixo custo (SOR¹¹⁶) remanescentes da época em que marinheiros e operários ainda eram seus principais usuários (Fig. 100). Hoje, suas ruas, além de local de badalação da juventude de San Diego, fervilham com visitantes, congressistas e turistas – muitos deles provenientes dos navios de cruzeiros e do Centro de Convenções – e torcedores à espera da próxima partida de beisebol, lotando as mesas dos bares, restaurantes e cafés que se apropriaram do passeio público (Fig. 101).

¹¹² Programa americano de preservação da Mainstreet, desenvolvido a partir de 1970 de forma pioneira para a revitalização de distritos comerciais utilizando uma metodologia inovadora que combina a preservação histórica com o desenvolvimento econômico para recuperar a prosperidade e a vitalidade de centros de cidade e centros de bairro.

¹¹³ Autorizado pelo Ato Nacional de Preservação Histórica em 1966, o National Register é parte de um programa federal para coordenar e dar suporte a esforços públicos e privados na identificação, avaliação e proteção de recursos históricos e arqueológicos.

¹¹⁴ Dado fornecido por Dan Flores, gerente de marketing da associação, em entrevista concedida à autora em Outubro de 2006.

¹¹⁵ Associação Comercial do Gaslamp Quarter

¹¹⁶ Cf. Dan Flores, Gerente de marketing da Gaslamp Quarter Association, as unidades Single Occupancy Room (SOR) eram destinadas à moradores solteiros que trabalhavam no Centro ou nas imediações e não podiam arcar com os altos custos dos subúrbios. Sua função foi também, inicialmente repovoar a área central (entrevista concedida à autora em 23/10/2006).



Figura 96

Luminária símbolo do Gaslamp e o Louis Bank of Commerce: um dos edifícios neo-barrocos mais antigos do distrito, de 1888, na 5th Avenue



Figura 97

Keating Building na esquina da 5th Avenue com F Street, o edifício em estilo romanesco de 1880 foi recentemente reformado seguindo o conceito 'retrofit'



Figura 98

Acesso principal do Horton Plaza Mall – shopping center pós-moderno que rompe a sintaxe com o histórico Gaslamp e que foi um dos primeiros elementos de atração da classe média ao Centro de San Diego.



Figura 99

Centro de Convenções de San Diego – estrutura linear pós-moderna paralela a uma via de alto tráfego e à linha férrea que interrompem a circulação entre o Gaslamp e a baía, impedindo sua vista e fruição.



Figura 100

Calçada da Market Street, ainda apropriada por antigos moradores e mantendo alguns usos atualmente indesejados pela associação comercial – hotel de solteiros



Figura 101

Calçada da 5th Avenue apropriada pelas varandas dos bares e restaurantes, suportes de jornais, sinalização, que disputam espaço com os pedestres

5.3.1 Hierarquia do Tecido Urbano

Diferentemente dos outros distritos centrais de San Diego, e apesar do arco com sua denominação ao pé da 5th Avenue, as ruas do Gaslamp diferem-se absolutamente de outras ruas do entorno, pela configuração formal dos seus edifícios. Suas ruas seguem a malha regular e ortogonal característica do Centro e a largura da caixa de rua segue esta homogeneidade – cerca de 24 metros (Fig. 102). A circulação viária é em mão única, à exceção da Broadway e da Market Street, nas quais também circulam transportes coletivos. Estas distinguem-se hierarquicamente das demais e configuram-se como as principais vias coletoras. O fluxo principal das ruas ocorre no sentido norte-sul, provavelmente em função das conexões com a limítrofe e serpenteante rodovia Interstate-5 (I-5), e por acompanhar o comprimento das quadras com intensa relação funcional, como será visto adiante. No outro sentido, a G Street e a Market cumprem o mesmo papel de vias coletoras.

Apesar da existência de uma via de tráfego intenso ao sul do distrito – a Harbor Drive (Fig. 99), paralela à linha d'água, à ferrovia e ao Centro de Convenções – não há conexões desta com as ruas do Gaslamp, com exceção da 5th Avenue, como pode ser observado no mapa de **Fluxos e Acessos**. Nesta faixa limítrofe, encontra-se a única via exclusivamente de pedestres, configurada por um parque linear que interliga toda a frente marítima – o Martin Luther King Promenade – entre o tecido tradicional e a ferrovia. Nele, o percurso peatonal se alarga formando uma praça, como no caso da Gaslamp Plaza na 5th Ave (Fig. 103).

Há um fluxo de pedestres nas calçadas que se intensifica a partir do meio-dia, chegando ao pico no horário noturno, principalmente no verão. As calçadas são estreitas, comparativamente à larga faixa de rolamento, variando entre 3,50m e 5,00m, e parte de sua largura é tomada pelas varandas dos inúmeros bares e restaurantes que avançam sobre as mesmas, numa apropriação permitida e estimulada pelo poder público. O que sobra para circulação dos pedestres, em torno de 2,00m é dividido, ainda, com árvores, postes e incontáveis suportes de jornais e revistas, que se espalham por todas as ruas da cidade. Em praticamente todas as vias o estacionamento, controlado por parquímetros, é permitido ao longo dos meios-fios, o que não garante estacionamento fácil em nenhum ponto do Centro.

5.3.2 Função e Programa

Na área do Gaslamp as atividades comerciais são predominantes e, em sua maioria, ligadas ao turismo e entretenimento. A maior parte das edificações foi reciclada e reformada para abrigar atividades de alimentação e diversão noturna e se concentram principalmente na 4th Avenue e na 5th Avenue. Estas atividades ocorrem no nível térreo, se abrindo para as ruas, e quando não ocupam todo o edifício, os demais pavimentos são subdivididos em salas comerciais e de serviços ou mesmo em habitações permanentes ou temporárias. São ainda numerosos as pequenas lojas especializadas em venda de produtos turísticos ou de artesanato e boutiques sofisticadas dividem o espaço com os bares e restaurantes do Gaslamp. As áreas livres dos terrenos vazios são normalmente destinadas às vagas rotativas, apesar de não atender suficientemente a carência de vagas, uma vez que o principal meio de transporte é o carro particular.

Há maior incidência de **uso residencial** nos distritos contíguos ao Gaslamp – Marina e East Village. O uso residencial encontrando-se consolidado no primeiro, já adensado e com as edifícios residenciais ocupados. O segundo ainda está em fase de consolidação, com muitos lotes ainda vazios, mas apresentando diversos projetos e obras de edifícios residenciais. Este processo de consolidação ganhou força após a inauguração do estádio de beisebol Ball Park, nos limites do Gaslamp e de East Village (Fig. 104).

As áreas livres – parques e praças – são periféricas, destacando-se a praça Horton Plaza (Fig. 105), em frente ao *shopping* homônimo, cuja significância remonta à própria fundação da cidade (ver Contextualização – Seção 5.1). Mantém suas características originais, como a fonte central e o desenho barroco de seus canteiros, complementado por palmeiras tropicais. Não possui, entretanto, quaisquer equipamentos ou mobiliário urbano e seus maiores usuários são os mendigos que vagueiam pela cidade. O Gaslamp Plaza – um dos alargamentos do boulevard Martin Luther King na porção sul da área – e a praça Horton Plaza são os dois únicos espaços livres do lugar. Nenhum dos dois conta com uma frequência de usuários nem possuem atrativos que estimulem à permanência, configurando apenas pontos de conexão e de passagem na rede urbana.

5.3.3 Características Tipológicas

As edificações do Gaslamp, como pode ser visto no mapa de **gabarito** (Fig. 92) têm em média 4 pavimentos e ocupam a totalidade dos lotes, estando alinhadas ao passeio. Os poucos exemplares que ultrapassam esta altura situam-se na porção sul a partir da Island Street, onde o gabarito foi alterado para estimular a ocupação residencial. Os demais

estão localizados mais próximos à Broadway e configuram os primeiros arranha-céus da cidade.



Figura 102

5th Avenue, principal via do Gaslamp: a avenida mantém o traçado da área central com ruas largas, calçadas comparativamente estreitas, e estacionamento dos dois lados para veículos, que têm total prioridade de circulação.



Figura 103

Gaslamp Plaza ao pé da 5th Avenue: praça pública sem atrativos para a permanência, além dos blocos de pedra em torno da “dancing fountain”



Figura 104

Cruzamento da 5th Avenue com Harbor Drive em dia de jogo de beisebol com o estádio Ball Park ao fundo.



Figura 105

Praça Horton Plaza no início do Gaslamp – 4th Avenue. Sem bancos ou outros atrativos para o público, a praça, sempre vazia e desconectada das funções do entorno, acaba sendo apropriada por mendigos

A homogeneidade no Gaslamp é garantida pela principal característica de seus edifícios, em sua maioria, do período eclético da virada do século XX. Alguns remontam

a meados do século XIX – como a Davis House de 1850 – podendo ser observados ainda exemplares da arquitetura romanesca, do neo-barroco, do neo-clássico, do renascimento espanhol, e até mesmo do art déco, entre outros estilos históricos (ver Anexo VII). Mas, mais importante do que as características individuais de cada edifício, é o conjunto urbano que torna o lugar único. A escala dos edifícios, seus volumes, o ritmo de seus vãos e aberturas, a composição da fachada com ornatos e detalhes rebuscados, a textura rica e as cores vivas, enfim, a linguagem arquitetônica contribui para criar a ambiência singular do lugar. Mesmo as edificações mais recentes são projetadas de modo a não interferir de forma significativa neste ambiente histórico, nem sempre logrando êxito quanto às intenções projetuais.

5.3.4 Relação Formal e Funcional

Ao contrário dos demais distritos centrais e mesmo dos subúrbios californianos, a movimentação de pedestres nas ruas é intensa e favorecida pela forte relação funcional dos espaços comerciais que se abrem para a rua. Um grande número de visitantes – congressistas, torcedores, turistas, em sua maioria – costumam percorrer suas ruas durante o dia. À noite a maior atração é de jovens em busca de bebidas e diversão.

Já a relação formal dos edifícios com a ruas é desfavorecida pela largura da caixa das vias (24m) e a altura das edificações com em média 3 pavimentos (9m), o que causa uma sensação de falta de limites e conseqüentemente de desconexão (Fig. 106).

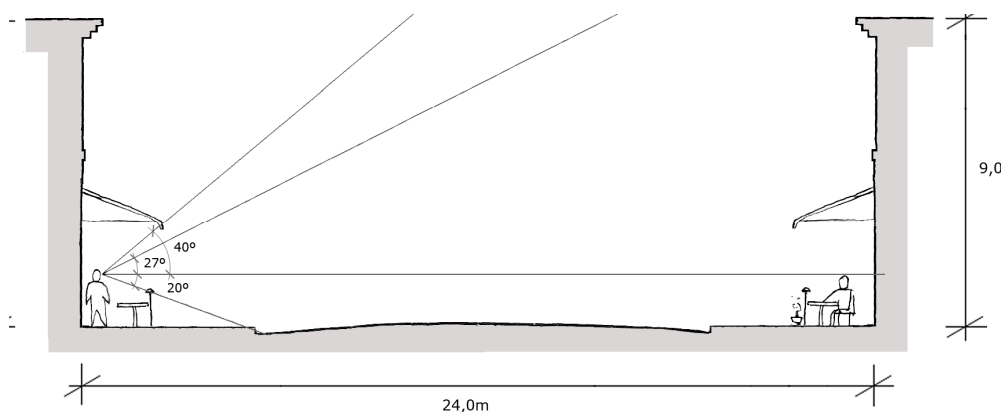


Figura 106

Relação formal da rua com os edifícios do Gaslamp – a relação L/H = 2,7 aumenta a sensação de afastamento ou desconexão, segundo Ashihara (1980) para a criação do sentido de proteção e acolhimento (Croquis: Alexandre Barbosa)

A análise dos aspectos físicos e morfológicos, realizados normalmente com uma postura técnica, objetiva e distanciada do pesquisador, foi suavizada pelo olhar incorporado ao ambiente. Neste sentido, contribuíram os percursos experienciais e derivas pelas ruas do Centro de San Diego, realizados a priori e com uma atitude aberta na apreensão de

sensações e impressões subjetivas para um entendimento mais aprofundado das relações homem-ambiente. Sem deixar de lado este olhar incorporado nas etapas subsequentes, foram aplicadas as entrevistas semi-estruturadas com os usuários da área central que são comentadas a seguir.

5.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Apresentamos nesta seção a análise das respostas dos usuários do Centro de San Diego, realizada durante o período de estágio doutoral na cidade. A aplicação das **entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas** realizadas na cidade americana, seguiu a abordagem experimental, tanto no sentido de adequação do roteiro básico de perguntas para posterior aplicação do Rio de Janeiro, quanto no sentido do aprendizado adquirido na interação empática e incorporada com o usuário.

Por terem sido realizadas durante os meses de agosto (segunda quinzena) a novembro de 2006 – anteriormente às do Corredor Cultural, – e por configurarem um pré-teste de aplicação do instrumento, apresentam algumas diferenças na ordem e seqüência das perguntas. Da mesma forma, o roteiro básico é mais extenso, pois incluiu algumas perguntas que, posteriormente, foram mescladas entre si ou até mesmo descartadas, por sua redundância ou por sua falta de relevância para a pesquisa (ver Anexos II e III).

A análise das entrevistas segue a mesma estruturação e formatação das efetuadas sobre as da Praça XV e SAARA apresentadas capítulo anterior (Seção 4.4). Os mesmos grupos-foco definidos para as entrevistas do Rio, também foram aplicados em San Diego, ou seja, moradores, trabalhadores e visitantes, além das pessoas-chave envolvidas com processos de revitalização urbana do Centro de San Diego.

5.4.1 Grupos de entrevistados

Diferentemente do Rio de Janeiro, San Diego vive um processo de repovoamento do centro, com intenso incremento no uso habitacional¹¹⁷. O maior número de respondentes, portanto, foi o de residentes do Gaslamp Quarter ou das áreas centrais próximas, sendo que grande parte daqueles que compuseram o grupo de trabalhadores também são residentes do Centro. Por outro lado, as entrevistas com visitantes foram menos

¹¹⁷ A população da área central é de 26.150 hab com previsão de aumento para 90.000 hab em 2030 (Fonte: 2006 Downtown Community Plan. <http://www.ccdc.com/index.cfm/fuseaction/planning.community_plan>).

numerosas em função de algumas limitações a própria pesquisadora na abordagem com pessoas desconhecidas e das diferenças culturais descritas na seção seguinte.

Foram realizadas 26 entrevistas com os usuários do lugar, sendo 13 moradores (3 com atividades profissionais no Centro), 9 trabalhadores (5 deles moradores do centro) e 5 visitantes. Neste caso, a aplicação foi realizada exclusivamente pela autora com a faixa etária dos respondentes de ambos os sexos, variando entre 25 e 60 anos, particularidades que podem ser melhor visualizadas nos gráficos abaixo (Figs. 107 a 110):

Local de habitação

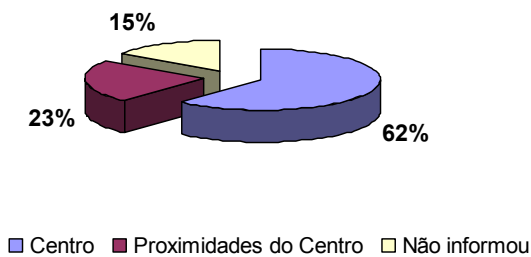


Figura 107

Faixa etária

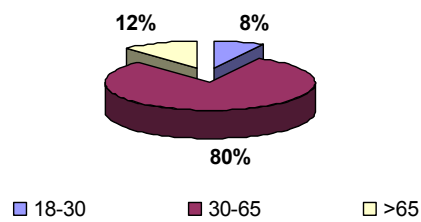


Figura 108

Relação Morador/Trabalhador/Visitante

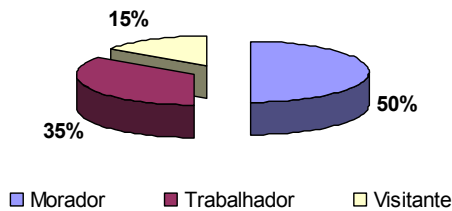


Figura 109

Nível de escolaridade

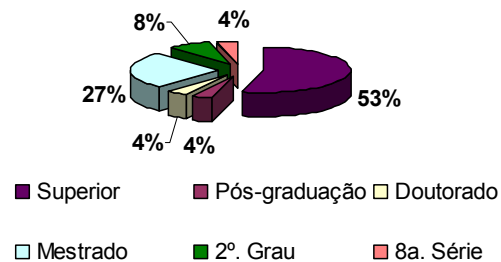


Figura 110

Gráficos de pizza indicando as principais características dos respondentes que colaboraram com as entrevistas semi-estruturadas aplicadas no Centro de San Diego. Os gráficos demonstram a diversidade e heterogeneidade dos grupos de entrevistados.

5.4.2 Procedimentos Adotados e Limitações

Todas as entrevistas seguiram o roteiro básico, elaborado com perguntas abertas. Elas foram gravadas na íntegra em fitas magnéticas, e posteriormente transcritas no idioma inglês, na tentativa de reproduzir com a maior fidelidade possível, tanto o discurso construído pela fala dos respondentes (linguagem verbal), quanto as diferentes

entonações, exclamações, gestos, expressões e não-ditos dos mesmos (linguagem não-verbal) apreendidos durante a interação¹¹⁸.

Inicialmente, foi necessário um contato mais aprofundado com as pessoas-chave por se tratar de assunto inteiramente novo para a autora. Assim, as entrevistas foram iniciadas com acadêmicos ligados ao desenho urbano¹¹⁹, técnicos da prefeitura local e urbanistas envolvidos com a região a ser explorada. Nestas entrevistas, além das perguntas do roteiro básico, normalmente a conversa transcorria por um tempo mais longo (não menos que trinta minutos, se prolongando por até 2:00h) e abarcava questões não previstas nos roteiros específicos para cada caso.

Inicialmente a área de atuação da pesquisa deveria abarcar dois distritos considerados "históricos" da área central de San Diego – *Little Italy* e o *Gaslamp Quarter*. Pelas dificuldades logísticas e orçamentárias mencionadas no capítulo introdutório, concentrei-me ao final do estudo somente no segundo caso – o *Gaslamp*. Porém nesta análise foram consideradas todas as entrevistas realizadas, inclusive as obtidas em outros distritos centrais, por estarem muito vinculados a todo o processo de revitalização da área central de San Diego.

Os obstáculos encontrados nas primeiras entrevistas estão relacionados com a abordagem direta aos usuários nos lugares públicos de San Diego. As hesitações naturais causadas pela língua e, principalmente, pelas diferenças culturais, foram sendo vencidas na medida em que aumentava a familiaridade com o lugar. Assim, a solução encontrada para a seleção dos respondentes foi a utilização do método de bola-de-neve (*snow-ball*), no qual cada pessoa entrevistada indica uma ou mais pessoas interessadas em colaborar com a pesquisa. Devido à homogeneização de respostas de um mesmo grupo social que este procedimento pode gerar, uma vez que os respondentes indicavam pessoas conhecidas e de seu próprio grupo, busquei garantir a maior heterogeneidade dos grupos. Assim, os primeiros contatos foram realizados com pessoas de diferentes contextos econômicos, profissionais e sociais indicados (ou apontados) por colegas da Universidade, ou pelo contato com o grupo ativista BCC¹²⁰, ou

¹¹⁸ As transcrições das gravações das entrevistas estão arquivadas no laboratório do ProLUGAR e poderão ser disponibilizadas aos interessadores por um período de 5 anos.

¹¹⁹ Neste sentido, a colaboração dos professores Nico Calavita, Larry Ford e Lawrence Herzog foram de fundamental importância no processo de aprofundamento teórico da cidade de San Diego, e na indicação de pessoas para serem entrevistadas.

¹²⁰ Junto ao grupo ativista Broadway Complex Coalition (BCC), atuei voluntariamente como coordenadora de mesa de um workshop sobre o destino de uma área de renovação no Centro de San Diego, tendo tido contado com os participantes, vários residentes da área.

ainda por amigos de amigos, entre outros, numa rede de contatos que redundou em entrevistas diversificadas e ricas em significados.

Ao final, devido à maior confiança no método e na minha própria atuação como pesquisadora em país estrangeiro, foram realizadas algumas abordagens com passantes na rua, ou em estabelecimentos comerciais, mas que se evidenciaram pouco proveitosas: duas irmãs proprietárias de um tradicional café, um visitante proveniente de outro Estado e um trabalhador de rua (engraxate). Este resultado pode ser culturalmente explicado, pela desconfiança natural do americano em situações de interação com pessoas estranhas. Em contrapartida, nos contatos feitos por indicação pessoal, os respondentes se mostraram, sem exceção, solícitos e colaborativos, especialmente após tomarem conhecimento do tema de pesquisa.

A análise das entrevistas seguiu o proposto nos Materiais e Métodos (Capítulo 3) e foram adotados os mesmos procedimentos da análise das entrevistas realizadas no Rio de Janeiro, quanto à sistematização dos dados e ao uso de categorias de análise (Capítulo 4 – seção 4.4). Após transcritos no idioma inglês, os achados e descobertas foram traduzidos e sistematizados na língua portuguesa, e interpretados seguindo a lógica da abordagem experiencial utilizando o método da análise por categorias: busco interpretar o discurso como um todo a partir da leitura atenta e compreensiva de suas partes indissociáveis.

Assim como nos casos do Rio de Janeiro, as descobertas das entrevistas de San Diego foram organizadas e as respostas relativas a cada pergunta tabuladas de modo a facilitar a identificação das categorias de análise e dos resultados do instrumento (ver ANEXO VII). Os respondentes falavam livremente, muitas vezes citando vários aspectos que no final não puderam ser sistematizados em termos numéricos absolutos, assim as porcentagens são apenas referenciais ao aparecimento das categorias nas respostas.

5.4.3 Entrevistas com usuários

Pergunta 1. Você mora no Centro? Há quanto tempo?

Depois de realizada a caracterização dos usuários no que diz respeito ao nível de escolaridade, ocupação, sexo e idade, a primeira pergunta visava determinar o local de residência, relevante no sentido de guiar o rumo da conversa e, eventualmente, adequar e mesmo aprofundar as perguntas. Nas 26 entrevistas realizadas, 16 respondentes disseram residir no Centro por opção, seja no Gaslamp ou em um dos distritos contíguos, ou seja, 61% dos entrevistados são moradores do Centro da Cidade. Morar no Centro foi

a opção natural de quem busca uma vida social e cultural mais intensa, como a artista plástica R1 que diz *“Sou solteira, minha vida social melhorou após minha vinda para o centro... Morava há 10 milhas da cidade mais próxima e tudo era muito fragmentado... Me sinto parte da comunidade... Mudar é bom, é vibrante”*. Esta também foi a opção da dona de casa R8 com dois filhos pequenos nascidos no Centro: *“escolhemos morar em um ambiente mais urbano, com lugares para onde você pode andar... Tem mais cultura aqui”*. O planejador financeiro T2, optou em mudar *“para o centro para me livrar da viagem para o trabalho e para estar perto de coisas excitantes que não existem no subúrbio”*.

Entre aqueles que disseram trabalhar no Centro, 12% são também residentes. Dos que residem, 30% têm sua ocupação principal localizada na área central, caso da agente imobiliária R1, que possui seu negócio imobiliário ali desde os anos 1970: *“vi o Centro crescer”*. Alguns mencionam o alto custo de morar na área central, como a assessora do senado T7, - *“realmente queria morar no Centro mas não tive condições financeiras para morar perto do Gaslamp, então moro há poucas quadras de lá.”*

A visão dos usuários mais antigos, com mais de dez anos, resgata uma visão nostálgica como a do arquiteto T1: *“Tinha meu escritório no Gaslamp, antes de o distrito estar completamente morto, e hoje trabalho e dou aula no East Village. Tenho estado por aqui há muitos anos... O bairro de então era muito diferente; um tipo de cidade diferente”*. As comerciantes inglesas T4, que residiram no Gaslamp Quarter entre 84 e 92, lembram saudosas *“dez anos atrás era divertido, não mais... A atitude das pessoas era diferente, elas eram mais legais; agora é assim: ‘saia do meu caminho’... muito egoístas, cabeças estreitas, não-inclusão, exclusão... Mudou, definitivamente”*. Esta é também, de certa forma, a opinião do arquiteto R10, que morou no Gaslamp antes de virar atração turística, e comenta sobre a assim chamada “decadência” da época: *“Agora está tudo muito diferente em relação há 13 anos atrás. No final dos anos 90, poucas pessoas queriam mudar para o Centro; eles achavam perigoso, tinham medo...”*.

Os demais respondentes são residentes antigos de bairros tradicionais da cidade, não muito afastados do centro – cerca de 10 quilômetros – e têm fortes relações com a área central, seja profissional, política ou afetivamente. O arquiteto V3, que mudou para a cidade há muitos anos, deixa transparecer um certo tom melancólico ao lembrar que *“há trinta anos atrás eu realmente gostava do Centro. Não era um verdadeiro centro. Era mais espelunca, quer dizer, era mais para os militares e tinha um monte de livrarias e cinemas pornográficos... tinha um certo sabor que ainda não havia sido purificado...”*

Pergunta 2. O que vem fazer aqui? Com que frequência?

Para a maioria dos respondentes, sejam eles residentes ou trabalhadores, o centro figura como o local preferido para as atividades relacionadas com a categoria *Lazer* (84%), que inclui freqüentar os inúmeros restaurantes, bares e cafés localizados nas proximidades do Gaslamp e de Little Italy; e passear nos parques e espaços públicos da frente marítima. Outras atividades realizadas com freqüência foram as relacionadas com a categoria *cultura* (27%), tais como: assistir a peças teatrais, shows musicais, cinema e eventos artísticos; e *compras*, sendo esta categoria mais relacionada com as compras de bens de primeira necessidade realizadas no único supermercado existente no Centro e no *shopping* Horton Plaza, também único da área central. Na categoria *esportes*, com 23% dos respondentes dizendo assistir a jogos de *baseball* no estádio recentemente inaugurado, e fazer jogging ou caminhar pela orla marítima. A agente imobiliária R1, não perde nenhum jogo da temporada e chega a afirmar que “o *baseball* é parte da razão pela qual mudei para o centro”. A facilidade e proximidade com diversas atividades são algumas das maiores vantagens de morar no Centro, como afirma o planejador R11 “assistimos aos jogos de *beisebol*, peças teatrais, shows musicais. Aproveitamos o que está bem aqui”.

A atividade de caminhar pelas ruas mais centrais e pelos parques, ainda dentro da categoria *lazer*, foi mencionada por 46% dos respondentes, como a artista plástica R2: “Adoro caminhar pelo centro, caminho só pra me divertir”. A estudante R13 repete “eu adoro caminhar, faço tudo à pé” e o arquiteto T1 que faz “tudo pelo centro, adoro andar pelas ruas e toda tarde... vou até um bar aqui perto para tomar um café e conversar com as pessoas conhecidas”.

Este é um dado relevante para a cultura americana, especialmente a da costa oeste, que prioriza o uso do automóvel e, em geral, cultua a vida sedentária, os subúrbios e os *shopping malls*. As pessoas não têm o hábito de caminhar pelas ruas. Aqueles que optaram por morar no centro, em um ambiente mais denso e diversificado, também optaram pelo uso mínimo do automóvel particular e por uma locomoção à pé, mais saudável e que possibilita maior interação social.

A opção da assessora T7 pela permanência no Centro, onde realiza todas as suas atividades, é enfática: “muito raramente eu saio do centro”. A dona de casa R5 manifesta a preferência da família, que não possui carro: “pego o *ônibus* e o *trolley* para ir a outros parques e outras lojas... ficamos no centro a maior parte do tempo”. A imagem descrita no relato do planejador financeiro T2, resume este apreço e opção

pela área central: *“todas as atividades são feitas nos centro. Eu chamo isto de bolha e não gosto muito de sair da bolha”*.

Pergunta 3. Em que lugar nós estamos?

A investigação da legibilidade e da estruturação formal em relação a um lugar específico não se viabilizou nesta pergunta pois as entrevistas foram realizadas em diferentes distritos e as respostas variaram em função do local em que nos encontrávamos. Assim, decidi por eliminar a pergunta 3 no caso San Diego.

Pergunta 4. Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando pensa no Centro da Cidade? e Pergunta 5. E quando pensa no Gaslamp Quarter?

A pergunta 4 foi elaborada com o propósito de conhecer as primeiras impressões ambientais dos respondentes sobre o Centro de San Diego, antes de obtermos sua visão específica sobre a área do Gaslamp. Como as entrevistas foram obtidas nos diversos distritos que subdividem o Centro da Cidade e não apenas no Gaslamp, e pelo fato de termos focado nosso estudo neste distrito, a pergunta 5 leva em conta apenas as respostas obtidas em relação ao mesmo. O fato das respostas, em sua maioria, evidenciarem a uma visão coincidente sobre o lugar corrobora esta decisão.

Sobre o Centro, foi possível identificar, principalmente, a categoria *transformação* – que relacionamos com as palavras *crescimento, desenvolvimento, recuperação-revitalização, mudança* – que emergiu em 34% das respostas. Conforme mencionado anteriormente, o Centro de San Diego passa por um processo de intensa e rápida transformação da paisagem urbana, com a construção de novas torres comerciais e edifícios de apartamentos em todos os seus distritos, à exceção da já consolidada Marina,. Esta transformação, voltada para a especulação e o lucro, vem causando transtornos e inconveniências, nem sempre é percebida pelos usuários como um fato positivo pois, como citam as comerciantes T3, há *“construção por todo lado... não é um sentimento bom. É a antecipação, a expectativa... (e complementa) ... muitas pessoas dizem que vai ser ótimo, mas estamos tão cansadas de fechamentos de ruas, da poeira, da falta de estacionamento”*. A visão de T1 é realista quando diz que *“há uma promessa de Centro, é por isso que as pessoas continuam comprando imóveis aqui, não pelo que é agora, mas pelo que será possivelmente no futuro... mas aqui ninguém sabe o que será ou como parecerá”*. Ao usar não uma palavra mas a expressão *“o Centro de San Diego está lutando para encontrar uma identidade”* a aposentada V4 demonstra a consciência de que apenas a transformação física não reforçará o caráter e a cultura locais pois é *“a arquitetura original de nosso passado que nos mostra que isto é San Diego”*

e não outro lugar, como alguns dos novos arranha-céus que poderiam estar em qualquer parte”.

As outras duas categorias identificadas nas respostas referem-se às impressões ambientais relativas à centralidade e às opções de lazer proporcionadas pelo Centro (23%). Tais categorias se aproximam quando emergem as palavras *animação* e *diversão* que podem ser relacionadas a outras, tais como *centro de atividades*, *diversidade*, que reverberam nas palavras de R4 “*concentração de pessoas, lugares, atividades*” e de R7 “*centro de todas as atividades ao Sul do Campo de Pedleton¹²¹... tudo está aqui, os edifícios governamentais, as óperas... a sinfônica está aqui. O Centro é aqui!*”

Com respeito ao Gaslamp Quarter a categoria de *centro de atividades* se manifesta mais uma vez, aqui entretanto revelando um certo excesso como quando R10 considera o lugar como uma *party-town*, ou nas palavras *agitação*, *vida noturna* e *pessoas bêbadas* de outros respondentes. A visão romântica que emerge em palavras como *lugar bonito* e *luz amarela dos lampiões* se torna ambígua quando V4 diz que suas “*emoções são misturadas*” a respeito do Gaslamp.

Pergunta 6. Em sua opinião, o que melhor representa ou identifica o Centro?

Apesar de inespecífica, considerando o Centro como um todo, a pergunta tornou-se válida na pesquisa sobre o Gaslamp em função de sua importância relativa nas respostas obtidas. O Gaslamp foi citado por 23% respondentes como a melhor representação do Centro de San Diego. Se considerarmos as referências à história, à arquitetura antiga e aos edifícios históricos, todos concentrados no Gaslamp, como na resposta de R10 “*Acho que é o mais antigo... lado de San Diego, as construções e os edifícios antigos comparados com o resto da cidade*”, este se torna ainda mais relevante (34%). Apesar de sua importância relativa, não é visto de modo positivo por todos. T1, por exemplo, é crítico sobre sua transformação: “*O Gaslamp, apesar de ter se tornado muito turístico, quase um clichê... O aspecto histórico está se tornando superficial... Há muita história lá mas é realmente muito ‘cenário’. Por um longo tempo foi o playground dos marinheiros... este tipo de história tem sido varrida e esterilizada*”. A crítica permanece na resposta de T3 que resume em uma palavra sua escolha: “*Homogeneizado... não há distinção. Não há a originalidade de dez anos atrás*”. T4 reforça esta crítica ao observar que “*eles limitaram o Gaslamp a um único tipo de negócio que pode se instalar, então, agora é só um distrito de diversão*”.

¹²¹ O Camp Pedleton é uma grande área militar que limita ao Norte a região de San Diego.

Os arranha-céus que marcam a paisagem da cidade – contrastante com a ocupação suburbana de San Diego, que é horizontal e dispersa – e, também, a escala urbana, agradam à segunda maior porção de respondentes (32 %) como R11, que diz ser “a escala dos edifícios... os edifícios e as ruas, os edifícios definem as ruas e definem sua atmosfera (ambiência). É urbano! Cria lugares...”

A resposta de T6 cita a “Broadway, tendo sempre representado o Centro para o bem ou para o mal... é a principal rua da cidade. Vai até a baía, você pode ver a paisagem urbana ao longo da Broadway e ela tem a suavidade do novo centro e a aspereza do centro velho”. Suavidade aqui significando o liso, o reflexivo, o antiaderente, das pós-modernas torres de vidro, e aspereza, o sujo, o que está aos pedaços, a mendicância, o aderente, do passado que ainda se faz presente em fragmentos na cidade.

Pergunta 7. Você poderia listar cinco elementos físicos que mais lembram o Centro?

O Gaslamp Quarter foi o mais citado elemento físico do Centro de San Diego (53%), seguido pelo estádio de beisebol *Petco Park* (50%) – elemento arquitetônico de proporções monumentais que representou uma grande transformação de usos e na atração de pessoas de toda a região para a área central. A proximidade com o porto, a baía e a frente marítima revelam uma forte pregnância do elemento água (46% das menções) na imagem mental dos respondentes. O shopping center *Horton Plaza* foi o quarto elemento físico mais citado (42%) e, finalmente com o mesmo número de menções empataram o aspecto histórico do Centro – edifícios antigos, casa históricas – e o novo Centro de Convenções (23% cada). À exceção da água, que limita toda a região central pelo lado oeste, todos os outros elementos citados estão diretamente relacionados com o Gaslamp Quarter, que representa uma certa centralidade para os objetos arquitetônicos que estão muito próximos de seus limites (estádio à leste, shopping center ao norte e centro de convenções a sul) ou que o configuram (edifícios históricos).

Pergunta 8. Você poderia listar cinco elementos físicos que mais lembram o Gaslamp Quarter?

Previsivelmente, em função do marcante caráter histórico do distrito, os elementos mais citados do Gaslamp se enquadram na categoria *edifícios históricos* (46%), na qual incluímos tanto as menções ao conjunto urbano preservado, quanto as menções a alguns exemplares reconhecidos como os mais relevantes e significativos para os respondentes. R1 citou o “antigo edifício com duas torres, muito atraente, e com cores fortes de arquitetura maravilhosa”, que foi também comentado por T8: “o edifício *Louis Bank of Commerce* [1888] que todo mundo conhece porque é fotografado todo o tempo, há duas pequenas torres no topo”. Outros edifícios de arquitetura singular foram

mencionados por R1: “a Casa Pete Davis, a mais antiga estrutura residencial do Centro; a San Diego Hardware Store [1910] a qual infelizmente nós perdemos porque está fechada agora”. T8 lembrou o “atraente Edifício Yuma” [1888] e V3, o “Edifício Backesto” [1873] e o conhecido edifício que abriga o restaurante Croce's [Keating Building, 1890]. Ainda dentro da categoria edifícios históricos foi comentada por V2 “a linha irregular de coroamento dos edifícios, que mudam de um pavimento para dois, de dois para cinco, muito facilmente – a paisagem urbana desigual”, tão característica daquele distrito.

Diversos outros elementos foram citados de forma esparsa, como o trolley (15%); as varandas dos restaurantes sobre as calçadas, assim como os aquecedores sobre as mesmas (11%), e, não menos importante, o elemento humano – as pessoas, os turistas e os visitantes – (11%), que enchem as ruas conferindo vitalidade ao lugar.

Pergunta 9. Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?

As respostas positivas atingem 57% e representam aqueles usuários realmente engajados e participantes de atividades comunitárias. Além destes, 11% disseram que ainda não estão, mas têm interesse no engajamento e na participação mais ativa e ainda não o fizeram por serem moradores recentes. A participação é variada conforme os interesses de cada respondente, tendo sido os mais citados o *Gaslamp Quarter Association*¹²², o *Broadway Complex Coalition*¹²³, o grupo cultural *Ambassadors for Mozart*, ligado à música clássica, a aliança comunitária do centro, o *Rotary Club*, o grupo *Mamães com Carrinhos (Moms with Strollers)*, até o envolvimento com grupos alternativos ligados à arte e à cultura, como T1 que tende “a fazer coisas mais ligadas às raízes culturais... me envolvo com coisas locais. Estive na comunidade artística por um bom tempo, tive uma galeria de arte [no centro] que apoiava trabalhos alternativos locais que não seriam expostos em nenhum outro local por serem muito marginais, não comerciais”.

Mesmo os não moradores (trabalhadores e visitantes) manifestaram um forte engajamento e atuação nas questões relativas ao Centro, como V3 que esteve “muito envolvido com o centro há uns 7 a 10 anos atrás, quando ainda não existia uma base residencial. Mesmo não morando no centro, queríamos melhorá-lo... porque pensávamos que havia boas coisas lá”. Da mesma forma V4 continua “envolvida, não como um

¹²² Associação comercial do Gaslamp Quarter

¹²³ A Coalisão luta contra a privatização de uma grande área pública n na confluência entre a frente marítima e a Broadway.

membro da comunidade em si, mas como alguém de fora. Sou muito ativa com assuntos do centro da cidade".

Pergunta 10. O Centro da Cidade é um lugar bom para se viver/trabalhar?

Dentre os respondentes, 92% – quase unanimidade – consideram o Centro um bom lugar para trabalhar, viver ou se divertir. Mesmo os 8% restantes evidenciaram possuir uma perspectiva positiva. R12, por exemplo, diz *"Ainda não, mas estou encorajando as pessoas para aumentar a densidade"*.

Apesar de majoritariamente positivas, duas questões principais emergem das respostas: o problema de transporte público e falta de estacionamento, que aparecem em 25% das respostas. A aposentada V4 é sábia e coerente em sua reflexão: *"se você mora em outro lugar e trabalha no centro, há um problema de estacionamento real. É muito caro e não há transporte público adequado para se chegar ao trabalho em um tempo razoável... Além disso, a maioria que trabalha no centro não tem dinheiro suficiente para morar aqui."* Com o mesmo argumento R5 afirma que *"quando você mora e trabalha aqui é muito bom. Qual é a vantagem em estar no Centro da Cidade e ter que dirigir todos os dias?"*

Os respondentes demonstram uma visão aberta à realidade que enfrentam. R11, por exemplo, afirma que *"Sim, sim... É diferente... não é para qualquer um. Uma das minhas coisas favoritas é deixar o carro para trás. É um desafio também! É barulhento, algumas vezes; muitas construções fazendo muito barulho"*. Da mesma forma, R5 responde *"Absolutamente, mas você tem que ser uma pessoa da cidade. A cidade não é quieta... (E faz um retrato falado do centro)... Tudo faz barulho: a sirene do Corpo de Bombeiros, a polícia atrás de motoristas bêbados, os trens cruzando e soando seu apito às 2 da manhã, os navios deixando o porto..."*.

De forma também marcante (42%), valoriza-se a acessibilidade e a possibilidade de se caminhar por toda a região central, deixando de utilizar o automóvel, tão valorizado na cultura norte-americana.

Pergunta 11. O Centro da Cidade tem uma boa ambiência?

A maioria das respostas foi positiva (73%) e houve grande ênfase sobre a impressão ambiental atribuída à cidade como um todo, com expressões como *"absolutamente"*, *"eu adoro!"*, e *"eu gosto daqui"*.

Foram identificados dois atributos principais – *beleza e segurança* – por meio de expressões e palavras recorrentes: *"acho um dos Centros mais bonitos da America!"* (R4) ; *"aqui é muito bonito, além de seguro e amigável"* (R5); *" muito seguro e bonito"* (R9) ; *"é*

limpo, seguro e bonito" (T2). A moradora R13 valoriza a presença humana no ambiente urbano: "as pessoas o fazem bonito. As multidões, o movimento, o excitamento que você não vê em outras partes de San Diego, especialmente nos subúrbios".

A possibilidade de discorrer sobre o tema, não se limitando a respostas do tipo sim ou não, permitiu aos respondentes expressarem uma opinião menos parcial, mais reflexiva e mais aprofundada. Na complementação das respostas, denotavam várias das virtudes do centro mas também relacionavam questões consideradas ainda não resolvidas para que a ambiência seja ainda melhor.

Houve hesitação de 23% dos respondentes que condicionaram sua opinião à uma perspectiva futura ou temporal daquele ambiente urbano, como V3 que titubeou *"Talvez. Bom ambiente, mas não muito cultural, social ou arquitetônico"*. A opinião de T3 retoma o tema das transformações pelas quais o centro passa: *"é um lugar bonito de estar. Só que parece não ter a alma, a vida que um dia teve. É muito mono-dimensional agora."*

Um sutil sarcasmo pode ser percebido no discurso de T1 – que reside e trabalha no centro há mais de quatorze anos – sobre como vislumbra o futuro da cidade: *"É agradável. Um pouco genérico com os novos edifícios desenhados de um mesmo tipo pelo mercado, para fazer muito dinheiro e atrair um tipo único de pessoa. Não há diversidade. Se tornará um lugar 'muito bonito e agradável' com pessoas relativamente ricas."*

Com um tom mais otimista, T6 acha que *"está melhorando. É legal, mas não excepcional. Tem mudado tanto e a maioria das mudanças tem sido para o melhor... Coletivamente a mudança tem sido positiva."* A mesma argumentação reflete a expectativa de R11: *"Está se recuperando. Partes são legais e partes são mais ásperas nas beiradas. Está melhorando. São necessários mais espaços comunitários onde você possa sair da rua, se sinta confortável e seguro, e ainda assim estar ao ar livre"*. Neste sentido, as respostas denotam as diferenças entre os distritos do Centro, alguns ativos e animados como o Gaslamp, e outros considerados ainda decadentes e abandonados como East Village e sobre o qual T7 manifesta seu preconceito: *"precisam limpar East Village e muitas pessoas querem isto. A prefeitura tem feito esforços para evitar a vagabundagem nas esquinas."*

Já em sua resposta, V2 considera que *"depende do momento, da hora e do lugar em que se esteja. Não é uma cidade controlável... (e complementa)... O centro é bonito mas é um grande único bairro apesar de tentarem dizer que há todos estes pequenos distritos... Ainda não chegou lá... é recente, ainda é muito recente."*

Pergunta 12. Quais seus melhores aspectos e o que mudaria?

O aspecto ambiental mais valorizado pelos respondentes é a *peatonalidade*¹²⁴ (46%). As ruas do Centro, em geral planas, com quarteirões não muito extensos, facilitam os percursos a pé entre os diversos destinos e a percepção dos aspectos dimensionais e espaciais – escala urbana; a malha viária de fácil leitura e orientação.

A *proximidade* do Centro (54%) revelou-se um importante atributo da área central. No Centro os respondentes se sentem próximos tanto de pessoas – senso de comunidade; comunidade segura e boa, facilidade de encontrar os vizinhos – quanto das diversas atividades existentes – de serviços, culturais ou sociais – (27%) e também com a água – a frente marítima e as atividades relacionadas à água (27%).

O atributo *diversidade* (42%) é avaliado positivamente pois há muitas atividades e opções e há conveniência. Ambos são aspectos diretamente relacionados à facilidade do pedestre em caminhar pelo Centro.

Vários fragmentos de discursos explicitam esta inter-relação entre os aspectos – peatonalidade, proximidade e diversidade – como o de R8: *“Os melhores aspectos do Centro são, mais uma vez: tudo está disponível para você aqui – comprar, sair, comer, produtos de consumo, lavagem à seco. Estas coisas estão disponíveis em uma distância percorrível a pé... Eu também sinto que há um sentido de comunidade nos edifícios residenciais, como o meu, onde as pessoas se encontram na portaria, nas áreas comuns; você pode encontrar seus vizinhos rapidamente”*.

A comerciante T3 refere-se ao *“fato de que pequeno é bom; o Centro de San Diego é razoavelmente compacto. O sistema viário é bom... Aqui é como uma malha, é muito fácil de andar por aí, seguir e achar o caminho. É fácil entender.”*

A residente e trabalhadora T7 diz que *“é muito fácil viver aqui, as pessoas são amigáveis. E eu tenho que enfatizar isso: as pessoas andam para toda parte, usam o transporte público se necessário. Tudo está aqui: shopping, cinemas, teatros, academia, mercado. Está se tornando uma cidade real!”*

¹²⁴ O termo utilizado pelos respondentes - *walkability* – não consta dos dicionários de língua inglesa consultados, nem tampouco existe correspondente na língua portuguesa. O termo que mais se aproxima, originário da língua espanhola é *peatonal*, relativo a pedestre, que também não consta nos dicionários de português mas que vem sendo utilizado por alguns autores de desenho urbano no Brasil. Dessa forma, utilizaremos a expressão *peatonalidade* para caracterizar em uma palavra a atividade do pedestre de caminhar a pé sem esforço ou obstáculos.

Quanto aos aspectos negativos – ou aspectos a serem modificados – os relatos indicaram melhorias no ambiente público e urbano como a principal demanda (XX ou 30%): conserto dos buracos nas ruas; manutenção das ruas e calçadas; melhorias nos espaços públicos; mais parques públicos; mais praças. Ainda relacionado ao domínio público, houve uma pequena, demanda por uma melhor acessibilidade e ligação (peatonal) entre o Centro – especialmente o Gaslamp – e a frente marítima (11%), hoje completamente bloqueada por uma avenida (Harbor Drive) e o maciço e linear complexo do Centro de Convenções e hotéis. T1 é enfático quando reclama que “o Centro virou as costas ao seu melhor atributo, o porto. O Centro de Convenções foi construído como um muro... agora você tem que ir à praia para ver a água”.

Pergunta 13. Quando pensa em espaço público, o que vem à sua mente? e

Pergunta 14. Poderia listar três lugares públicos do Centro ou próximos ao Gaslamp?

Por estarem diretamente relacionadas ao mesmo tema – espaço público – e em função de que muitas vezes os respondentes já listavam na pergunta 13 seus lugares públicos preferidos, as perguntas 13 e 14 foram analisadas em conjunto.

Em termos conceituais, 46% das respostas consideram a cidade carente de espaços públicos. R1 é taxativa “Carecemos, muito extremamente. Precisamos de mais espaços públicos, mais verde... Se você quiser um lugar para andar, para sentar, somos carentes deles”. Alguns respondentes não se limitam aos espaços livres enquanto espaços de domínio público e R9 diz que “*faltam museus, centros de arte, parques, lugares ao ar livre. Faltam todas as amenidades públicas!*”. Esta carência está relacionada também com a inacessibilidade à frente marítima e aos seus parques e T4 complementa que “*faltam parques públicos que não tenham sido tomados por indigentes; faltam espaços de parada o que significa faltam lugares para parar, permanecer, sentar...*”

Ainda conceitualmente, 40% consideram as ruas e calçadas como o espaço de domínio público por excelência, como R3 que assume “*francamente, a rua é o espaço público. Eu adoro andar na rua que eu uso tanto porque eu encontro pessoas em todo lugar*”, assim como R8 que considera “*realmente nossas calçadas como nosso espaço público*”. “As ruas primeiro” foi a resposta simples de R10, que quase ecoou nas palavras de R11 “*eu penso nas ruas! É a primeira coisa, as ruas e calçadas*”. O conceito foi resumido por R13 em poucas palavras “*As calçadas não são apenas espaços, mas experiências sociais*”.

O espaço público mais lembrado por 42% dos respondentes, não levando em conta ruas e calçadas, foi a praça original homônima ao Horton Plaza – delimitada por este, pela Quarta Avenida e pela Broadway, ou seja, às margens do Gaslamp Quarter. Foram

unânimes as críticas à sua disfunção como lugar público, usado no máximo como passagem: não há bancos para sentar, os canteiros cercados por grades pesadas e hostis, não é atraente, foi tomada por indigentes, foi deixada como um resíduo do shopping. Ainda assim, sua pregnância é revelada pela memória dos respondentes é mais valorizada mais por seu caráter histórico e como marco simbólico do que por suas qualidades ambientais ou estéticas.

O Pantoja Park foi outro espaço público citado com frequência (38%). É uma praça gramada no distrito residencial de Marina, muito próxima ao Gaslamp Quarter. Seus maiores usuários são as mães com bebês e crianças pequenas, que entretanto reclamam da falta de equipamentos infantis (brinquedos, playground, etc) e da falta de outros atrativos no parque. Sua existência precede a todas as transformações pelas quais passou o centro sendo assim valorizada por seu caráter histórico.

Várias menções foram feitas ainda aos parques da frente marítima (Embarcadero Norte e Sul - 31%) e ao Seaport Village (23%). Apesar de muito valorizados por suas qualidades ambientais e estéticas e por seu caráter público, não foram considerados relevantes na pesquisa por existir uma forte barreira física e segregadora – o Centro de Convenções – entre os mesmos e o Gaslamp Quarter, área de nosso interesse maior.

Não poderíamos deixar de destacar as menções ao parque do estádio de beisebol (23%), um espaço de uso público, porém cercado, vigiado, carente de atividades e atrações e não franqueado em dias de jogos. Devido a sua recente inserção em uma área renovada próxima ao Gaslamp, o parque se encontra em processo de apropriação de uso, não sendo utilizado por nenhum respondente.

Pergunta 15. Você se sente seguro nas ruas da área central? Caso negativo, por que?

Praticamente a totalidade das respostas obtidas foi positiva: 96% das pessoas se sentem muito seguras no Centro de San Diego. Algumas respostas destacam esta qualidade, como a de T9: *"Acho uma das cidades mais seguras do mundo!"*, assim como a de R7 *"Provavelmente temos a menor taxa de criminalidade dos 50 Estados Unidos"*.

A única negativa absoluta pode ser explicada pela origem asiática da respondente R12 que está há pouco tempo na cidade: *"Não! Porque não conheço as pessoas... mas não só por isso, não conheço meus vizinhos... Sinto-me insegura principalmente nas ruas"*.

Apesar da quase unanimidade, os discursos revelaram alguns problemas relacionados à segurança, como a presença de indigentes e de traficantes, principalmente na parte leste da cidade. Em seu relato T6 lembra que *"a única parte a evitar é a leste de East Village, onde ficam os albergues para os moradores de rua, não por causa deles, mas*

pelos traficantes que lhes vendem drogas". A sugestão de T7 (residente em East Village) é de "colocar mais policiais na esquina da 12th com Market por que vejo muita atividade do tráfico e muita vagabundagem".

Por outro lado, alguns respondentes disseram sentir-se mais seguros em determinados lugares mais movimentados e em certos horários, como R13 que prefere "durante o dia e mais perto do Gaslamp, onde há sempre muitas pessoas na maior parte das vezes", e também como R8 que diz haver "certas ruas que eu não andaria à noite desacompanhada" ou V2: "me sinto inseguro em alguns lugares, mas não em todos".

Pergunta 19. Quais as suas expectativas para os próximos 5 anos?

A maioria dos usuários entrevistados demonstraram um grande apreço pelo Centro da Cidade onde nasceram ou que escolheram como local de residência e têm expectativas positivas sobre seu futuro (80%).

A categoria identificada como *parques e lugares públicos* foi a que recebeu maior número de menções dos respondentes (50%) que esperam que os parques e equipamentos públicos planejados saiam do papel e que sejam feitas melhorias nos espaços públicos existentes, nas ruas e calçadas.

Há grande demanda por mais lojas especializadas e comércio de rua mais comércio e serviços para os residentes; mais equilíbrio entre o número de bares e restaurantes e o de varejo e comércio local. Estas demandas foram agrupadas na categoria *comércio* mencionada por 38% dos usuários entrevistados. Esta expectativa nem sempre leva em conta as dificuldades de implantação de comércio local pois como lembra T1 "um dos grandes problemas... é que nessas novas construções os aluguéis são muito altos e as únicos que podem pagar são as cadeias de lojas... não o comércio local que tem estado aqui há mais de cem anos... muitas coisas interessantes, lojas de chapéus, pequenas boutiques, você não tem isso mais". Com respeito ao equilíbrio de comércio e serviços V2 inclui os atores sociais dizendo que "o Gaslamp tem tantas pessoas que precisava 'sangrar' algumas delas para as ruas próximas". De fato, a grande concentração de comércio no Gaslamp contrasta com as ruas do entorno próximo.

Questões relacionadas ao *sistema viário* também foram levantadas por 30% dos respondentes que esperam mais transporte de massa, menos tráfego de veículos nas ruas e mais ruas de pedestres. O relato de V3 revela a imagem idealizada, mas coerente, de "acabar com o tráfego e tornar todas as ruas de pedestres, ou bloquear mais ruas ao tráfego... assim as pessoas iriam andar mais, iriam ver mais as lojas, a arquitetura. Eles dirigem três blocos quando poderiam andar! Eles perdem tanto neste intervalo!"

Com respeito à categoria identificada como *diversidade imobiliária*, 27% dos respondentes disseram esperar uma maior disponibilidade de unidades habitacionais à preços mais acessíveis, mais diversidade de tipos e opções de apartamentos, e a estabilização do mercado imobiliário até 2006 em crescente alta.

Esta expectativa alinha-se à categoria identificada como *diversidade social* na qual também 27% dos relatos revelaram um anseio por maior diversidade de residentes e mais moradores da área central. Isto inclui serviços públicos como reclama T7 “os impostos sobre a propriedade são pagos e incluem estes serviços, então eles tem que trazer mais escolas para as novas famílias que estão crescendo”.

Esta não é, entretando, a opinião dos comerciantes do Gaslamp, revelada em tom irônico por T8: “Não acho que mais residentes aqui traria algum benefício. Isto ocasionaria maiores problemas porque nós devemos ser uma área de vida noturna, com restaurantes, então nós somos barulhentos e este não é um lugar para residentes morarem. Eles podem visitar, não morar.” Como se tivesse ouvido esta afirmativa, V1 sabiamente reflete “temos que ter cuidado para não tirar o sal da comida, porque no momento que você começa a limpar demais, não é mais o mesmo. Agora há dinheiro e política, a população está mudando e tudo é comercial demais aqui no Gaslamp”.

5.4.4 Comentários sobre o capítulo

Apresentei neste capítulo o estudo levado a cabo durante o estágio doutoral em San Diego que, como já mencionado, contribuiu significativamente para o desenvolvimento e a consolidação dos procedimentos apresentados na Estratégia Metodológica – Capítulo 3, por ter servido como laboratório para pré-teste dos mesmos.

Após analisados pormenorizadamente os três estudos de caso, passamos agora ao sexto e último capítulo da tese. Nele serão entrelaçadas as descobertas dos procedimentos aplicado em cada caso específico, de modo a confirmá-las, a partir do olhar compartilhado dos pesquisadores e dos usuários.

6 ENTRELAÇANDO AS DESCOBERTAS

Chego à parte final da pesquisa e me deparo com uma dificuldade e uma questão a solucionar: de que forma tornar as descobertas visíveis, organizadas, sistematizadas, quando a abordagem qualitativa e subjetiva gerou tantas informações, a um primeiro olhar desconexas, fragmentadas? Num processo de *aprender-fazendo*, somente após concluídas as etapas anteriores – que foram ‘mastigadas’, ‘deglutidas’, ‘digeridas’ e desconstruídas – finalmente, na interação e atuação únicas entre mente e corpo, obtive as respostas necessárias para reconstruir a partir do entrelaçamento de tantos fios e linhas, esta rede de significados.

Neste capítulo apresento o entrelaçamento – ou a tentativa de entrelaçar – das descobertas relativas à aplicação dos instrumentos nos três estudos de caso – Praça Quinze, SAARA e Gaslamp. Busco aprofundar a compreensão dos lugares por meio da comparação dos dados e informações coletados ou apreendidos em cada um dos estudos de caso separadamente. Os olhares compartilhados – dos pesquisadores envolvidos e dos usuários do lugar – e os procedimentos aplicados – observações incorporadas, análise morfológica e entrevistas semi-estruturadas – foram da mesma forma cruzados e entrelaçados de modo a enriquecer a avaliação do lugar, como uma rede ou, ao modo arquitetônico-urbanístico, um tecido de informações significantes.

Este entrelaçamento remete à idéia de *redes*, tão em voga atualmente. As redes virtuais da contemporaneidade, formada de pontos, nós ou cruzamentos, e por linhas que conectam estes inúmeros pontos. Todos os pontos têm a mesma importância ou, ainda, nenhuma importância se considerados de modo unitário, pois se não estiverem conectados, não configuram uma rede (COSTA, 2004). Milton Santos menciona a substituição das regiões geográficas, pelos territórios de redes sócio-técnica-informacionais e afirma que, mais que virtuais, “as redes são realidades concretas, formadas de pontos interligados que, praticamente, se espalham por todo o planeta, ainda que com densidade desigual, segundo os continentes e países” (SANTOS, 1997: 1).

O que realmente importa ou faz sentido nesta rede são as conexões, ou seja, as linhas que conectam os pontos. Através dos nós, todos os pontos podem estar conectados e a rede se torna aberta e dinâmica.

Assim, a intenção inicial e principal foi resgatar os atributos e fatores que emergiram em cada um dos instrumentos, qualitativos ou quantitativos, e relacioná-los, um a um, a cada estudo de caso. Neste sentido, tornou-se possível traçar algumas comparações na

avaliação de cada um dos lugares específicos. Torna-se importante enfatizar, mais uma vez, que não é a intenção desta pesquisa comparar as cidades, mas sim os resultados que emergiram da aplicação dos instrumentos em cada uma delas, para validar a abordagem experiencial e a proposta metodológica da observação incorporada.

Observar e interagir com o ambiente “de dentro para fora”, percorrê-lo à deriva e relatar a experiência foram os primeiros passos na re-descoberta do lugar. Análisa-lo de “fora para dentro”, técnica e objetivamente por meio de mapas, de outros textos e outras fontes, complementou as descobertas que geraram os primeiros *insights* sobre os significados do lugar. Entrevistar seus usuários, conhecer suas percepções e imagens, suas ações, suas experiências, seus anseios e expectativas, configurou-se nos passos finais para o entendimento e a compreensão do lugar, re-integrando suas partes, conforme proposto por Latour, num *coletivo*¹²⁵ entre objetividade e subjetividade, entre humanos e não-humanos, entre natureza e cultura.

Como já mencionado na introdução, não pretendo negar a objetividade inerente à pesquisa clássica e característica das ciências modernas. A intenção é ampliar os horizontes da compreensão do lugar por meio da incorporação da subjetividade das emoções e impressões do observador sobre o ambiente observado (e sobre sua experiência de observar) e da impossibilidade de dissociação entre objetos, saberes e experiências. Assim, de acordo com o exposto no capítulo 3 – *Estratégia Metodológica*, a análise e o entrelaçamento dos dados objetivos e subjetivos gerados fez emergir categorias e/ou atributos relacionados à cada recorte estudado.

De modo a facilitar sua leitura, os resultados foram analisados um a um, com base em um procedimento comum de análise, com a identificação das principais categorias a partir da aplicação dos instrumentos. Estas foram: *acessibilidade e permeabilidade, proximidades e centralidade, barreiras físicas e/ou psicológicas, ambigüidades, experiência ambiental, dualidades* (desmembradas em diversos atributos) e *usos e apropriações*.

Início assim, seguindo a ordem por sub-área, a avaliação da Praça Quinze, seguida pelo SAARA e pelo Gaslamp Quarter. Lembro que estas análises não são fechadas em si, nem se esgotam aqui, permitindo novas conexões e vários arranjos possíveis e tão legítimos

¹²⁵ Cf. Latour (2001), refere-se às muitas conexões possíveis entre as dualidades tomadas opostas pela concepção “modernista” de futuro, onde a ciência ou a razão desempenham importante papel na ordem política da sociedade, por sua vez, considerada artefato do acordo modernista que separa humanos e não-humanos.

quanto os aqui apresentados. Ao final deste capítulo proponho uma revisita aos instrumentos utilizados, que tornaram possível a construção deste entrelaçamento, no sentido de avaliá-los criticamente, propondo ainda algumas possíveis aplicações e outros desdobramentos.

6.1 RECORTE PRAÇA QUINZE

O entrelaçamento das descobertas da Praça Quinze se ateve aos dois lugares selecionados no recorte para uma avaliação pontual: a Praça Quinze – doravante denominada *Praça* – e as ruas que se conectam à Travessa do Comércio – denominada *Travessa* – a partir do Arco do Teles – *Arco*.

Acessibilidade e Permeabilidade

No que concerne à acessibilidade e permeabilidade, quaisquer dos acessos que levam o caminhante à *Praça*¹²⁶ apresentam uma intensa e perceptível mudança de ambiência, seja a partir de uma das grandes avenidas próximas – Presidente Antonio Carlos, Rio Branco ou Pres. Vargas –, seja através das pequenas ruas transversais da *Travessa*. Transpõe-se ambientes ruidosos, congestionados, tumultuados, dinâmicos, e descortina-se uma ambiência agradável, um lugar acolhedor, bonito e com uma constante brisa marítima – aspectos apontados positivamente pelos relatos dos observadores e pelas entrevistas. As grandes avenidas com suas torres e edifícios modernos dão lugar a um tecido menos denso e mais atraente, com suas tipologias históricas e monumentais – como demonstraram os levantamentos físicos e morfológicos.

Numa analogia com a linguagem de padrões de Alexander, o significado destes ambientes diferenciados são relacionados às distinções entre a prosa e a poesia – “a diferença entre prosa e poesia não está no uso de diferentes linguagens, mas no uso distinto da mesma linguagem” (ALEXANDER et al 1980: 27). Do mesmo modo, a linguagem visual também possibilita a geração de ambientes prosaicos ou poéticos¹²⁷.

A chegada à *Praça* é sempre surpreendente para os sentidos e nunca indiferente para a razão. Mas, ainda mais surpreendente é o percurso pelo conjunto histórico da *Travessa*.

¹²⁶ A chegada pelas Barcas não foi contemplada neste estudo.

¹²⁷ Esta abordagem mostra-se congruente com o viés experiencial e com a assertiva “somos seres linguagantes” de Maturana (2001).

Percorrer o casario, suas vielas estreitas, deixar-se guiar pelo traçado das ruas, ouvir o silêncio que conta histórias, até encontrar o Arco que marca a passagem para o ambiente amplo, claro e aberto da *Praça*, torna a experiência ainda mais rica e cheia de significados.

Neste sentido, nas entrevistas emergem as mesmas impressões identificadas nos relatos: a paisagem urbana da cidade prosaica cede espaço para a densa arborização da *Praça*, para a história impregnada nos seus edifícios antigos, para a poesia de seus becos e vielas. O caminhar das pessoas parece desacelerar naquele ambiente diferenciado (Figs. 111 e 112).

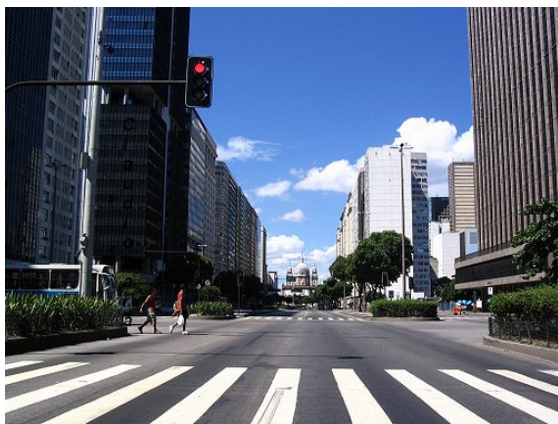


Figura 111



Figura 112

Exemplos de arquitetura prosaica (moderna) e poética (não-moderna): Avenida Presidente Vargas com sua rigidez formal, retilinearidade, racionalidade em contraponto com a leveza, angulação e riqueza de texturas da Travessa do Comércio.
Foto 1: Claudio Lara - fonte: < <http://www.flickr.com/photos/claudiolara/161324863/> >

Proximidades e Centralidade

As proximidades foram observadas nas derivas, reveladas na análise de morfologia e legitimadas pelos usuários entrevistados. O lugar está próximo das ofertas e diversidades de comércio, serviços e empregos, bem como as de entretenimento, gastronomia e cultura, presentes na própria área de estudo ou nas ruas do entorno imediato – Rua do Ouvidor, Rua da Alfândega, Rua Sete de Setembro. A ampla disponibilidade de meios de transportes públicos – ônibus, barcas, vans – que ligam a *Praça* a todas as partes da cidade foi valorizada pelos usuários. Todo o lugar está muito próximo da água, mas desta apenas sentimos a brisa e a maresia, já que não é possível usufruí-lo com o corpo, nem visualizá-lo através do olhar, bloqueados que são pelos vários elementos físicos existentes, que serão mencionados adiante. Finalmente, a proximidade com o Centro da Cidade, ou sua própria sobreposição, foi reconhecida como um aspecto altamente positivo e simbólico do lugar.

A centralidade torna-se, assim, um aspecto relevante do lugar, tanto física quanto historicamente, pois além de fazer parte do Centro da Cidade, participa de sua evolução desde os tempos do Brasil-Colônia. Com a chegada da Família Real, em 1806, a cidade começou a crescer a partir dali, na região entre o Morro do Castelo e o Morro de São Bento. Neste traçado inicial as principais ruas do Centro eram a Primeiro de Março (antiga Rua Direita), e a Rua do Ouvidor, que fazia a ligação deste o cais até a área ainda rural da Quinta da Boa Vista. Os fatos e acontecimentos que tiveram lugar na Praça são amplamente divulgados pelos meios de comunicação e, conseqüentemente, reconhecidos pelos usuários. Transcrevo um dos relatos de uma respondente que evidencia a importância histórica do lugar:

“a primeira palavra que me vem a mente quanto falo em Rua do Ouvidor é uma frase que os literatos usavam muito: “artéria principal do Brasil”. O Rio de Janeiro era a capital e era a cidade mais importante, onde tudo acontecia,... a Rua do Ouvidor,... era a principal rua porque tinha as livrarias, os jornais, os cafés, as lojas de moda, e era onde as pessoas circulavam para mostrar sua roupa, para panfletar, para distribuir um jornal. ... o lugar onde as coisas aconteciam, onde o que se fazia na Rua do Ouvidor reverberava em outros lugares. ...a gente está do lado da Praça XV, que é um lugar importantíssimo. ...o Paço Imperial, o Chafariz do Mestre Valentim... é um lugar importante culturalmente por que tem lá a Casa França Brasil, o CCBB, museus ... mas o entorno para mim, historicamente, é muito representativo, muito! A primeiro de Março é uma rua muito representativa para a história da cidade, o Paço Imperial, a Praça XV, todos esses elementos que estão aqui do lado da gente são muito significativos. ... Tem uma coisa de história muito forte nessa região. (respondente T17, 19/06/2007)

A permanência do caráter de centralidade fortemente marcado pelo simbolismo do Centro do Rio em relação à sua região metropolitana, ficou evidenciado na pesquisa. Comprova ainda o que já havia sido evidenciado por Villaça (1998), que este caráter provém da tradição e da monumentalidade de suas estruturas históricas que permanecem.

Barreiras Físicas e Psicológicas

As barreiras físicas são várias, representadas pelo mergulhão, pela perimetral, pelo edifício da CONAB, num sentido estritamente espacial, e todas relacionadas à água tão próxima. Estes elementos interefem na paisagem [visual] e na circulação [física] (Figs. 113 e 114). Os usuários demonstraram indiferença a este aspecto inibidor da visão e da circulação, que não foram nem mesmo relacionados como elementos físicos, seja positiva ou negativamente. Por outro lado, para estes mesmos usuários uma outra barreira – intransponível porque configura-se uma barreira psicológica – produz-se, neste caso, na ‘insegurança’ sentida pela presença de indivíduos ‘estranhos’ – mendigos, pivetes, desocupados – à seu meio sócio-cultural, ainda que os respondentes sejam

provenientes de diversas origens e classes sociais. O medo de atravessar a Praça faz com que as pessoas evitem o lugar, especialmente em momentos de menor movimento e ao cair a noite. Como já visto nas *Entrevistas com Usuários – Praça Quinze* (Seção 4.4.3), *segurança* é um conceito complexo e paradoxal que foge ao âmbito deste trabalho. Ainda assim, retomaremos esta questão relacionada à dualidade *seguro x inseguro* adiante.



Figura 113

Elevado da Perimetral na Praça Quinze. Construído para interligar o Aterro à Avenida Brasil, o viaduto divide o ambiente da praça



Figura 114

Saída do Mergulhão na Av. Alfred Agache. A demolição do Edifício da CONAB, prevista mas não efetivada na remodelação da Praça Quinze, gerou conflitos e criou barreiras de circulação entre a Travessa e a baía.

Ambigüidades

Sentimentos de intederminação e imprecisão, ou seja, ambigüidades, foram identificados nos relatos das derivas, bem como no dos respondentes em situações distintas. A principal ambigüidade relaciona-se, como já visto acima, com a sensação de grande insegurança, especialmente na área da *Praça*, e, ao mesmo tempo, ao sentimento de grande apreço pelo lugar histórico, considerado pelos respondentes e pelos observadores “abandonado pelo poder público” – falta de policiamento, de manutenção, de conservação, de mobiliário urbano – o que torna seu uso inconstante e pouco atraente e sua permanência, não estimulada.

Já na visão dos observadores – e com base em seus relatos e nos aspectos morfológicos – a ambigüidade surge na forte pregnância dos edifícios históricos, muitos deles com escala monumental, em contraposição às novas e modernas estruturas que proliferaram nos anos 70, 80 e 90 – o Edifício da Bolsa é um exemplo recente –, cujo presença é ainda mais marcante por suas fachadas lisas e reflexivas em vidro escuro – como a torre Cândido Mendes. Mesmo a presença da Perimetral, literalmente ‘cortando’ a Praça ao meio, causa um impacto determinante sobre a paisagem histórica. Os relatos deixam

clara esta sensação ambígua de atração do lugar, e ao mesmo tempo de repulsa, causadas por essas presenças indesejáveis, mas que já fazem parte de sua paisagem.

Experiência Ambiental

Com relação à experiência ambiental, *agradável, bom lugar, tranquilo, calmo, boa ambiência*, são as palavras de ordem expressadas tanto nos relatos dos observadores, quanto nas respostas das entrevistas. A imagem ambiental geral é positiva tanto na *Praça* quanto na *Travessa*. Com relação à *Praça* ela vem acompanhada por sentimentos ambíguos, já comentados na seção anterior como, por exemplo, a sensação de insegurança. A ambigüidade verificada não chega a significar uma inconsistência em suas avaliações pessoais e subjetivas, mas esclarecem algumas razões destas incertezas.

O conhecimento pleno sobre os processos de revitalização levados à cabo pelo Projeto Corredor Cultural não é partilhado por todos os respondentes. Os usuários que participaram das entrevistas, em sua visão negativa da atuação da prefeitura, demonstraram que intervenções mais intensivas para a melhoria, quanto à conservação e manutenção do ambiente histórico continuam sendo necessárias. Esta afirmativa se baseia nas respostas que enfatizam especialmente a preservação e valorização do patrimônio histórico da *Praça* e da *Travessa* e a demanda por mais programação e gerenciamento de atividades culturais no lugar, de modo a atrair mais usuários.

Dualidades

As dualidades emergiram a partir da comparação das descobertas entre os dois lugares públicos – *Praça* e *Travessa*. Com base nos aspectos objetivos levantados na análise morfológica, identificamos diversos outros aspectos duais, subjetivos, a partir dos relatos das observações incorporadas e do ponto de vista do usuário. Mais uma vez buscamos entrelaçar os olhares compartilhados que fizeram emergir os principais significados do lugar. Dentre as dualidades emergentes podemos citar:

- *Cheios x vazios* – enquanto no mapa visualiza-se uma ampla área livre, sujeita a apropriações e usos vários, os olhares compartilhados demonstram que ela permanece vazia, sem usos permanentes, sem apropriações, à exceção daqueles que, sem ocupação, sem família, sem casa, buscam abrigo sob suas sombras e sua quietude. O espaço livre carece de atividades e equipamentos que favoreçam a permanência dos usuários, especialmente aqueles que ali trabalham, que ali

gostariam de estar mas se sentem inseguros. Dos que por ali passam e não ficam, por não terem razão para ficar. A ampla *Praça* mantém-se como uma imagem congelada – como o espaço vazio que é – e não como um lugar de interação, de trocas e de apropriação (Fig. 115).

Por outro lado, o Arco marca a passagem para um outro ambiente que é o oposto: há movimento de pessoas, não só as que passam, mas as que ficam, que interagem com os comerciantes, com os vizinhos, com os amigos de bar. O lugar é estreito, linear, mas suas portas e janelas – ou seus olhos, como diria Jacobs (2000) – se abrem para a rua, mantendo uma vigilância sutil, não ameaçadora, e criando uma ambiência acolhedora. A *Travessa*, pequena, baixa, permite que se visualize o céu e que o pedestre tenha vontade de vagar por ali, ou sentar em uma das mesas de bar, observando o movimento de pessoas, ouvindo a música que surge de qualquer lado, se apropriando daquele lugar público e popular (Fig. 116).



Figura 115

A quase sempre vazia Praça Quinze, em frente ao Paço Imperial. Apesar de seu ambiente tranquilo e de seu caráter histórico, não estimula a permanência



Figura 116

Travessa do Comércio num sábado à tarde. As atividades comerciais vêm se ampliando, assim como o movimento de pessoas, consolidando este eixo de entretenimento entre os centros culturais e museus.

- *Monumental x humano* – as tipologias dos edifícios históricos que conformam a Praça – em plantas lineares em torno de pátios centrais e fachadas com elementos coloniais ou ecléticos – são caracterizados pela escala monumental, como já visto nos aspectos morfológicos (capítulo 4 - seção 4.2). Para o caminhante que a percorre, a cobertura vegetal que cria um ‘teto’ verde permitindo apenas o alcance visual dos níveis mais baixos dos edifícios, impedindo a visão das torres que se sobrepõem às edificações históricas (Convento do Carmo, edifícios modernistas sobre o Arco do Teles), o que torna este teto verde um dos melhores atributos da Praça. Históricos ou modernos, e conforme evidenciado nas entrevistas e relatos, os edifícios se adequam às funções que neles se realizam: desde as atividades culturais no Paço Imperial, as atividades religiosas nas igrejas históricas – que até hoje mantém sua importância e caráter simbólico, ligado à centralidade urbana, e

celebram casamentos das classes mais abastadas e tradicionais da cidade –, ao movimento político e econômico que se mantém nos edifícios corporativos, institucionais ou comerciais (Bolsa, Cândido Mendes, IBAMA, Palácio Tiradentes). O espaço físico da Praça, apesar de seu grande potencial para as atividades culturais, tais como shows e eventos que lá se realizam esporadicamente, mantém sua função básica de porta de entrada pela baía e corredor de acesso ao centro, além de cumprir o importante papel de ambiente para contemplação com forte relevância simbólica e imagética.

O Arco e a Travessa, com seu casario composto por sobrados do período eclético, de gabarito baixo e alinhados em ruas estreitas, formam um tecido permeável e protetor, mais próximo à escala humana. Apesar de sua ligação intrínseca com a Praça, o lugar possui vida própria que atrai as pessoas e estimula a apropriação e a permanência. Nestes quatro anos de observações e análises, percebemos que o lugar vem ampliando suas atividades e programações, que novas atividades surgem, que mais portas e janelas antigas se colorem e se abrem, e que a dinâmica e o engajamento sócio-cultural se consolidam.

- *Amplitude (desproteção) x fechamento (acolhimento)* – Esta é uma dualidade que alia o objetivo ao subjetivo, já que é determinado tanto pela configuração formal e espacial dos dois lugares públicos quanto pelos aspectos psicológicos produzidos na interação dos usuários com o ambiente. As grandes dimensões da Praça suscitam uma sensação de desamparo e insegurança, por suas dimensões e relações formais em desacordo com o recomendado (Ashihara, 1980), conforme visto na análise morfológica (Seção 4.3.1). Por outro lado, e também como verificado, as ruas e becos do Arco estão plenamente de acordo com as relações que propiciam fechamento, proteção e intimidade. As coerências dos pressupostos do desenho urbano tornam-se aqui óbvias, mas não são suficientes para dar conta da produção do lugar significativo.
- *Seguro x inseguro* - Esta dualidade presente nos ambientes da Praça e da Travessa se confirma pelos relatos dos respondentes que, em sua quase totalidade, manifestam um sentimento de grande insegurança em sua experiência cotidiana na Praça. Por outro lado, os mesmos respondentes dizem se sentirem seguros nas ruas da Travessa. Esta descoberta se torna explícita, não apenas na pergunta que remete diretamente à questão, mas nos comentários e ambigüidades manifestas nas respostas dos questionários relativas à esta dualidade já tratados anteriormente. Confirma ainda o pressuposto do desenho urbano mencionado no item acima

sobre a sensação psicológica de proteção gerados por ambientes mais acolhedores.

- *Colorido (diversificado) x monocromático (homogêneo)* – Estes aspectos duais não foram observados como relevantes pelos pesquisadores, nem relatados pelos respondentes nas entrevistas.
- *Silencioso x ruidoso* – Tanto a Praça quanto a Travessa são lugares que normalmente remetem à sensações de contemplação e calma. Os locais mais ruidosos ficam junto à Rua Primeiro de Março, de tráfego intenso, e se concentram nas ruas e becos da Travessa, a partir da *happy-hour*, com a música alta nos bares, ou quando acontece algum evento musical ou cultural que agrega pequenas multidões. As demais sonoridades vivenciadas (e apreciadas) – gaivotas, apito das Barcas, *blues* sob o viaduto – criam uma ambiência sossegada e agradável, propiciando a desaceleração do intenso ritmo urbano.
- *Limpo x sujo* – Houve apenas uma menção a problemas de limpeza urbana nos relatos dos respondentes. Porém o olhar incorporado dos observadores detectou que este é um problema existente e perceptível – tanto visual quanto olfativo – especialmente na Travessa. A apropriação das ruas pelos bares e restaurantes – tema abordado a seguir – gera conseqüências negativas que se tornam aparentes, durante ou após estas atividades. Nas ruas e vielas da Travessa, pavimentadas com paralelepípedos, restos de tampas de garrafas e anéis das latas de cervejas e refrigerante vêm se entranhando e se acumulando nas juntas do piso; os becos mais ermos transformam-se em mictório público. Outro contra-censo observado foi que, ao início das atividades noturnas, a água usada na limpeza interna dos bares é lançada na via pública ao mesmo tempo em que o local é preparada para receber a clientela. Este procedimento usual encerra o paradoxo da complexa questão que ultrapassa o âmbito desta tese: a falta de conscientização com relação à própria produção de lixo e esgoto e a crença de que haverá sempre alguém para catar os resíduos e vestígios deixados para trás (como acontece nas praias, nos parques, nas ruas, enfim, em todos os lugares públicos das cidades brasileiras).

Usos e Apropriações

Quanto aos usos e apropriações, as análises morfológicas (Capítulo 4 – seção 4.2) evidenciaram como as principais funções e usos permanentes dos edifícios que configuram a Praça e a Travessa, especialmente as ligadas ao lazer – ócio, descanso,

entretenimento, diversão – e à cultura – exposições, artes, teatro, cinema, música, representadas pelos bares e restaurantes que ocupam o eixo dos centros culturais e museus. Da mesma forma, a análise das entrevistas identificou o lazer como a principal atividade de atração transitória, que está diretamente relacionada com a ocupação profissional dos respondentes, em sua maioria trabalhadores da proximidades que buscam o lugar para se divertir e relaxar das tensões do dia de trabalho, ou para aguardar a diminuição do intenso fluxo de veículos que saem do centro na hora do *rush*.

Neste sentido, o trabalho é um forte componente de atração ao lugar. Antes mesmo da implementação do Corredor Cultural, funcionavam ali o Lloyd Brasileiro¹²⁸, a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro¹²⁹, entre diversos outros edifícios institucionais, corporativos e sedes de empresas, cujos funcionários almoçavam nas redondezas na Praça. As primeiras *happy-hours* surgiram nestes mesmos estabelecimentos que, estimulados pela atuação do Corredor, ampliaram seu horário de atividades e buscaram nos jovens trabalhadores seus principais clientes.

Outras atividades não permanentes ocupam os lugares públicos – praça, ruas e calçadas – conforme verificado nos relatos e entrevistas. A transitoriedade é um aspecto intrínseco do lugar. Ao abrigar eventos, shows, bailes de carnaval – que se apropriam da Praça e seus arredores como palco de celebrações – e até *skatistas*, que usam seu piso para evoluções radicais, o lugar se transforma e se atribui uma nova identidade. A apropriação comercial observada na Praça com a instalação das barracas de uma feira de artesanato exemplifica este caráter camaleônico. A feira que colore a Praça, às quintas e sextas feiras, não chega a atrair um público específico e não possui um caráter de permanência, apesar de um dos organizadores ter afirmado, em seu relato, que os artesãos se estabeleceram ali há mais de vinte anos.

Quanto aos usos diurno e noturno, as funções e atividades na Praça concentram-se nos horários comerciais, exceto o uso como corredor de acesso às barcas, que circulam toda a noite e todos os dias da semana. Nos dias úteis podem estender-se até o final da noite, especialmente às quintas e sextas-feiras, em extensão ao movimento dos bares nas proximidades do Arco. Nos fins de semana, o movimento na Praça resume-se às visitas turísticas e aos percursos culturais. Entretanto, o movimento aos sábados vem se

¹²⁸ Empresa estatal de navegação extinta em 1997 por decreto presidencial, que ocupava o edifício na esquina da Rua do Mercado com Rua do Rosário.

¹²⁹ O atual Edifício da Bolsa foi construído para abrigar o pregão que, em 2000, foi transferido para São Paulo. Atualmente a suntuosa edificação mantém alguns setores do mercado de valores, mas concentra principalmente atividades privadas, também relacionadas ao setor.

ampliando por conta das atividades programadas pelos estabelecimentos comerciais e pelos centros culturais, como relatado nas entrevistas e observado *in loco*.

A Praça e a Travessa: paisagem ou cenário?

A conjunção dos três procedimentos de análise contribuiu com a identificação dos atributos e distinções entre os vários aspectos observados, percebidos e vivenciados da Praça e da Travessa. A valorização da paisagem e do patrimônio histórico e a expectativa de garantia de sua integridade pelo poder público se evidenciaram a partir das interações com os usuários, desde o mais modesto artesão até o alto executivo. Eles também revelaram seus medos e dificuldades na apropriação da praça vazia, que admiram mas não usufruem.

Também foi evidenciado nos relatos, nas ações e nas formas de engajamento e participação em assuntos relativos à coletividade, o afeto de comerciantes que se estabeleceram no lugar histórico por sua vocação de trabalhar em prol do grupo, e não apenas pelo retorno financeiro.

O uso fortemente direcionado à cultura e ao entretenimento no entanto pode gerar algumas conseqüências negativas, como a falta de compromisso com o lugar por outros comerciantes que, ao contrário dos anteriormente mencionados, não evidenciam possuir laços ou criar vínculos. Por serem os usos quase todos transitórios, seja temporal ou espacialmente, o coletivo tende a se anular, restando apenas esforços individuais isolados no sentido da valorização do bem público.

Por fim, a integração da experiência ao lugar na identificação de seu suporte físico, por meio da análise morfológica e da interação empática com seus principais usuários e ocupantes, foi fundamental no estabelecimento de uma vertente conclusiva: tanto a Praça, quanto a travessa transformaram-se em cenário e palco de apropriação transitória. Isto não traz, necessariamente, uma carga negativa, pois tanto sua história quanto sua configuração formal possuem um alto valor simbólico e são lugares pregnantes pelo significado construído e valorizado por todos. Fica implícita, entretanto, a carência de uma filiação ou de uma identificação mais forte e emocional com o lugar por parte de seus usuários.

6.2 RECORTE SAARA

A análise do SAARA manteve a mesma sistematização da realizada sobre a Praça Quinze. Foram analisadas e entrelaçadas as descobertas relativas aos dois lugares selecionados no estudo de caso, as ruas internas da S.A.A.R.A.¹³⁰ – aqui denominada SAARA – e as ruas externas à associação, a partir da Praça dos Mascates até a Rua da Constituição (denominada Mascates). Os dois trechos do recorte fazem parte da sub-área SAARA do Projeto Corredor Cultural.

Acessibilidade e Permeabilidade

É grande a acessibilidade e a permeabilidade no SAARA, que pode ser acessado de várias formas. Os transportes públicos são diversificados e fartos – ônibus, metrô, trem, vans – mas para quem já se encontra no Centro, caminhar é a melhor alternativa. As grandes avenidas 'alimentam' este pedaço antigo do Rio, mas não penetram suas estreitas ruas de pedestres, nem chegam a interferir visual ou acusticamente em seu cotidiano. A via de maior tráfego – que não chega a ser muito intenso – é a Rua Buenos Aires, disputada com os pedestres, que circulam em número muito maior do que os carros. Estacionar no Centro é difícil e caro e naquele trecho não é diferente. Há inúmeros estacionamentos nas redondezas mas com preços proibitivos em relação aos praticados no SAARA – área de comércio popular com grande afluxo de moradores de todas as partes da cidade – mas estes atendem, principalmente, aos executivos que trabalham nas torres próximas ou aqueles com maior poder aquisitivo.

Os percursos e levantamentos evidenciaram que os pedestres dominam aquele ambiente com acesso fácil por todas as vias, seja pela Rua dos Andradas, seja pelo Campo de Santana, seja por um dos vários passagens de pedestres a partir da Av. Pres. Vargas. Não há um fluxo único nessas vias: são inúmeras as conexões possíveis entre os diversos pontos desta rede urbana, mas são especialmente os pedestres os maiores beneficiados neste jogo de circulação. Na medida em que avança, o caráter único e distinto das atividades comerciais que acontecem neste trecho histórico do Centro é indicativo de que o caminhante está penetrando no SAARA.

¹³⁰ Sigla da associação comercial Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega

Proximidades e Centralidade

As categorias proximidade e centralidade não foram mencionadas pelos observadores e pelos respondentes, apesar de sua localização próxima ao centro financeiro da cidade, conforme pode ser visualizado nos mapas e levantamentos dos aspectos morfológicos. As únicas menções ao significado da palavra 'centro' foram feitas pelos respondentes que consideram o SAARA o "maior centro de compras a céu aberto do Rio, ou ainda, o maior centro de comércio popular". O termo citado não indica, entretanto, um atributo, mas sim, uma função. Como visto no item anterior, o SAARA não se configura como um centro, mas como uma rede repleta de conexões comerciais, étnicas e sociais que, em benefício de seu caráter e particularidade mantém-se, parafraseando Afonso Arinos¹³¹, "ativa, interligada, comunicante, bem diversa daquela, fragmentária, isolada e pasmada..." presente, por exemplo, nas áreas centrais corporativas ou nos CBD's.

Barreiras Físicas e Psicológicas

Na área de abrangência do SAARA, os procedimentos de análise utilizados não identificaram quaisquer barreiras físicas ou psicológicas. Ao contrário, a permeabilidade e a interconexão são a tônica desta rede de fluxos peatonais. No que concerne à acessibilidade universal – preocupação inerente à nossa área de atuação – na análise morfológica foram identificados obstáculos no piso entre o nível da rua de pedestres e as calçadas e entre estas e as entradas das lojas. Não foram encontradas rampas acessíveis, que facilitam o acesso e a circulação de cadeirantes, idosos com dificuldade de locomoção, entre outros portadores de necessidades especiais.¹³²

Ambigüidades

Um aspecto que pode ser definido como uma ambigüidade observada no SAARA, não diz respeito ao área do recorte em si, mas a uma de suas fronteiras – o camelódromo. A existência de produtos 'de marca', cd's 'piratas', e inúmeros outros objetos ali expostos

¹³¹ Extraído de MELO FRANCO (1961:74).

¹³² Esta afirmativa se baseia em nossas observações e, também, na experiência dos alunos de pós-graduação da disciplina Seminários de Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído que, em grupos, fizeram percursos de Observação Incorporada. Cada componente tinha um dos sentidos obstruídos fisicamente seja por vendas, seja por protetores auriculares, enquanto outros guiavam os colegas. O intuito era estimular o observador a se deixar guiar por suas sensações e estímulos do lugar, se abrindo para a experiência cognitiva. Seus resultados podem ser acessados em <www.fau.ufrj.br/prologar/trabalhos_academicos.htm>.

gera uma incerteza sobre sua procedência, mas as vendas a preços incrivelmente baixos destes produtos continuam em alta ¹³³.

Experiência Ambiental

A experiência ambiental do SAARA, em termos gerais, pode ser considerada positiva, tanto na visão dos usuários assíduos quanto na dos trabalhadores permanentes cujas lojas encontram-se na área de atuação da associação. Na opinião dos observadores, este caráter positivo não surgiu de antemão, ou a partir da avaliação de um objeto externo à sua experiência. Foram muitas as inquietações que emergiram durante as derivas. Mas na medida em que crescia a intimidade com o SAARA, por meio da experiência vivenciada e da empatia, as inquietações foram gradativamente diminuindo, enquanto aumentava o entrosamento e o afeto com o lugar.

Quanto à experiência das ações do Projeto Corredor Cultural na área, proprietários e comerciantes compreendem esta mediação, que estimula a recuperação e transformação os edifícios históricos. Deixam implícito, entretanto, que, por vezes, as exigências dos técnicos não são bem recebidas ou são vistas como exageradas. A restauração de um sobrado do grupo de preservação, por exemplo, pode significar gastos excessivos que muitos proprietários não têm condições de arcar. Por outro lado, uma das propostas do Projeto é fazer este trabalho de conscientização, pois

“já há um entendimento do valor do projeto e do valor intrínseco que se colhe, não há mais vergonha daquele eclético que um dia foi tido como velho, decadente... Ainda há muito o que se trabalhar, mas já é meio caminho andado, um reconhecimento, uma segunda, terceira geração em algumas áreas, com escolaridade maior, imbuídos de um entendimento de sensibilização do pai, do avô para que façam as obras” ¹³⁴.

Já nas áreas 'externas' ao SAARA, tanto observadores quanto comerciantes reconheceram um ambiente diferente: deteriorado, decadente, com menos lojas, menos atividades – como o trecho Mascates. Como isto ocorre apesar de suas estruturas, seu tecido e suas tipologias serem similares às da SAARA, é possível reconhecer ou até

¹³³ Esta é uma questão que pode ser transposta para o próprio âmbito do SAARA. Recentemente foram veiculadas reportagens sobre a apreensão de brinquedos "importados" da China, sem o selo do INMETRO (Odia Online: 25/06/07 < http://odia.terra.com.br/rio/html/geral_106534.asp >); sobre a existência de uma máfia chinesa que atua como centro de distribuição de produtos falsificados para os camelôs em todo o Centro e até de cópias piratas de produtos do PAN2007 (FolhaOnline – 29/03/2007 – disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u133500.shtml> >)

¹³⁴ Relato de Maria Helena McLaren em entrevista com a autora em 06/08/2007.

mesmo comprovar que somente os atributos de desenho não são suficientes para garantir a vitalidade de um lugar.

Dualidades

Dualidades objetivas e subjetivas puderam ser identificadas nos relatos das observações incorporadas, nas visões pessoais dos respondentes e também nas análises morfológicas, que, em concordância com a abordagem experiencial, tiveram suas descobertas entrelaçadas.

- *Cheios x vazios* – no sentido físico-espacial, e a partir da leitura do mapa de figura e fundo (Fig. 62), pode-se visualizar a densidade do SAARA em termos de espaços construídos (cheios) em relação aos espaços livres de edificações (vazios). Este padrão se repete em termos sociais: o lugar é cheio, por vezes quase transbordante, de pessoas, especialmente consumidores vindos de todas as partes; de produtos que, empilhados ou pendurados, superlotam as lojas e fachadas (Figs. 117 e 118); de etnias e diversidades culturais, que integram as várias origens e nacionalidades. As ruas do SAARA são, ainda, repletas de um espírito de harmonia e coletividade, conforme relatos dos respondentes sobre os laços que unem árabes, judeus e orientais¹³⁵ em prol de um objetivo comum; e pelas observações incorporadas dos pesquisadores que sentiam a simpatia e percebiam a interação entre os comerciantes que, em geral, conhecem uns aos outros. Este sentimento de coletividade, que preenche todo o ambiente do SAARA, pode ser associado ao *genius loci* ou *espírito do lugar* (NORBERG-SCHULZ, 1979) e também à alma das ruas preconizada por João do Rio para quem a rua não é apenas um alinhado de fachadas, pois “ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma! ... a rua é agasalhadora da miséria. ...é generosa” (RIO, 1975: 4). A experiência de outros olhares etnográficos lançados sobre o SAARA (RIBEIRO, 1998; CUNHA, MELLO, 2005) corroboram a avaliação deste ambiente complexo, repleto de diversidades e etnicidades.

¹³⁵ Em recente reportagem no Bom Dia Brasil, na Globo, sobre o SAARA, informa que há 120 lojas de produtos chineses ou pertencentes à comunidade chinesa, que vem ocupando cada vez mais o SAARA. As boas vendas deste ano inspiraram os comerciantes a criarem a Chinatown Carioca. Disponível em < <http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1666555-3682,00-CHINATOWN+CARIOCA.html> > acesso em 26/12/2007.

- *Tipo x função* – No SAARA as características predominantes, tanto das tipologias existentes – gabarito em média com três pavimentos, edificações estreitas e longas, pés-direitos altos –, quanto do traçado das vias é a escala humana do casario eclético. Não foram observadas edificações em escala monumental. Sua escala se adéqua e se harmoniza com as atividades que os sobrados abrigam. As testadas alinhadas e suas portas abertas para a ruas estreitas formam verdadeiros corredores comerciais, cujas mercadorias expostas nas calçadas mesclam-se às multidões, desinibindo a clientela que acaba entrando nas lojas e consumindo sem nem perceber, em uma espécie de deriva. O entrelaçamento dos relatos e as respostas das entrevistas – especialmente as que caracterizam o lugar e as que solicitam ao entrevistado uma primeira palavra sobre o mesmo – não mentem: o comércio atacadista e varejista e os usuários estão ali para um único fim – consumir. Tem sido assim por mais de cem anos, desde que os primeiros portugueses ali se estabeleceram. Essa vocação para o consumo não implica em excluir outros fatores preponderantes para sua existência e permanência – como, por exemplo, a cultura. A diversidade de etnicidades e de culturas acabam por produzir uma convivência harmônica, pacífica e colorida.



Figura 117

Loja do SAARA com produtos diversos sobre a calçada.
(Foto: Pedro Paulo de Mello disponível em
<<http://ipaco.multiply.com/photos/album/21>>



Figura 118

Rua Buenos Aires em um dia de dezembro. Às vésperas do Natal as ruas literalmente transbordam de pessoas
(Foto: Pedro Paulo Thiago de Mello Disponível em
<<http://ipaco.multiply.com/photos/album/21>>

Já no trecho Mascates, o ambiente se altera. O comércio sai das calçadas e o público já não ocupa as ruas. O casario mantém as mesmas características, mas não o mesmo estado de conservação. A 'proteção' da associação ainda não atua sobre aquele trecho e nem é da alçada dos técnicos do Corredor Cultural 'forçar' sua revitalização.

- *Amplitude (desproteção) x fechamento (acolhimento)* – Esta é uma dualidade presente somente na contraposição entre o trecho SAARA e o Mascates e não diz respeito à configuração física dos dois lugares, bastante similares. O sentido de

fechamento no SAARA é garantido tanto pelas relações formais do seu tecido urbano (que serão analisadas adiante), quanto pela sua rica e densa ocupação humana e social. Este valor se agrega a todos os espaços, conferindo-lhes um significado de acolhimento e de proteção, o mesmo não ocorrendo no trecho Mascates, mais vazio e menos vital, como já mencionado.

- *Seguro x inseguro* – Complementando o item anterior, na área de abrangência da associação há uma concordância entre os respondentes que sentem-se seguros e protegidos no lugar. Vários sabem que há um serviço de segurança à paisana contratado pela associação, que atua dia e noite. A falta de policiamento ostensivo (e uniformizado) gera apreensão entre alguns visitantes quanto à insegurança no lugar, mas que não se cumpre. Foram relatados pequenos furtos aos passantes mais distraídos, principalmente quando as ruas estão apinhadas em períodos de pico no comércio – como no Natal e no Carnaval. A própria quantidade de pessoas e o barulho nas ruas, por vezes, amedronta e causa transtornos aos menos familiarizados com o lugar mas, conforme os respondentes e as observações realizadas nas derivas, andar pelo SAARA nos horários comerciais não significa um risco maior do que qualquer outro lugar da cidade.

Para além dos domínios da associação, contudo, o medo e a insegurança passam a dominar e nos relatos surge a preocupação em passar pelas ruas do entorno, especialmente à noite, quando tudo se torna ainda mais ermo e amedrontador.

- *Colorido (diversificado) x monocromático (homogêneo)* – equiparado pelos respondentes com um circo ou com um mercado persa, o SAARA pode ser considerado como um mundo de cores, formas, movimentos, ritmos e texturas que fazem emergir as mais diversas sensações na medida de sua interação. A reprodução do trecho de um dos relatos das observações resume esta característica de um lugar nunca homogêneo: “A **homogeneidade**, a **monotonia** e a **monocromia**, são conceitos que não estão presentes no universo do SAARA”. Este aspecto multicolor e diversificado, não se repete no lado Mascates que, por sua vez, tem uma aparência monocromática, opaca e sem vida.
- *Silencioso e ruidoso* – Desde a abertura até o fechamento da última loja o ambiente do SAARA é extremamente ruidoso. Caixas de som se espalham por todas as ruas emitindo o sinal da rádio local, que anuncia produtos e serviços, faz propaganda das lojas, e toca todo tipo de música popular de forma estridente. Mais que tudo, a rádio compete com os berros dos vendedores que tentam, por sua vez, atrair a atenção dos clientes. Aliados ao burburinho normal das vozes

humanas, estes dois fatores geram uma ambiência ruidosa e, por vezes, irritante, conforme relatado por um dos observadores. Entretanto, isto não parece incomodar seus usuários, que esperam que o lugar permaneça do jeito que está, pois "isso aqui é bem popular, a cara do povão. E se mudar, não vai ficar legal" (T5, em 17/04/2007). Lembramos que esta é uma característica marcante do SAARA – único e rico em diversidades – e, portanto, parte indissociável de sua unicidade.

- *Limpo x sujo* - Esta característica não configura, propriamente, uma dualidade. O excesso de lixo e de sujeira, a falta de limpeza e a falta de lixeiras, juntamente com a pouca manutenção e conservação das vias públicas são os principais defeitos apontados pelos usuários, bem como, observados nas derivas. A carência de banheiros públicos é outro problema relacionado com a limpeza pública que ficou evidente, pois as ruas e recantos mais escondidos acabam por se tornar mictórios públicos, especialmente em dias de eventos realizados depois do horário comercial (como, por exemplo, o Dia de São Jorge). Além disso, o fechamento das lojas deixa para trás os vestígios do dia intenso e, no início da noite, até que a limpeza pública execute seu serviço, as ruas se tornam imensos acúmulos de lixo. Portanto, podemos considerar que as ruas do SAARA são sujas, pela mesma questão cultural observada na Praça Quinze.

Usos e Apropriações

Quanto aos usos e apropriações no SAARA, a principal e praticamente única atividade é a comercial. A grande maioria das edificações têm seu uso ligado a alguma atividade do comércio, e outras tantas dão suporte a estas atividades, como os inúmeros restaurantes – especialmente os árabes e sírios –, bares e lanchonetes, que alimentam a clientela e os trabalhadores. Estes são usos permanentes, cotidianos e plenamente consolidados. Como atividades transitórias as únicas observadas foram as apresentações de artistas de rua, mesmo assim, muito ocasionais.

As ruas são a extensão das lojas, assim como as calçadas maiores, são a extensão dos bares, como observado na única praça do lugar. Esta forma de apropriação é fortemente direcionada para a atividade comercial. O consumidor não é ali um mero coadjuvante, mas atua e participa ainda que inconscientemente do desenrolar das atividades do lugar. São os consumidores, de todas as camadas sociais, que mantêm a vitalidade e o comércio no SAARA.

Apesar da prioridade ao consumidor e ao pedestre, que domina as ruas, não foram observados equipamentos ou mobiliário urbano que proporcionassem mais conforto ao

consumidor. À exceção da pequena praça, não existem bancos para descanso durante as jornadas de compras, não existem banheiros públicos; as vias não são acessíveis para todos – apesar do piso em placas de concreto que recentemente substituiu o de paralelepípedos. Da praça em diante, a atividade comercial permanece, porém menos intensa, menos vibrante, e divide espaço com as oficinas e sobrados vazios.

A grande dualidade do lugar aparece quando o sol se põe. Não existem usos noturnos. Toda vibração e energia característicos dos usos diurnos, desaparece no fim do expediente. Como os residentes são cada vez mais raros, não há comércio ou serviço local que permaneça funcionando, com exceção dos bares no entorno da Faculdade Morais Junior, na Praça dos Mascates, único local de apropriação noturna, mesmo assim limitada ao funcionamento da faculdade.

SAARA – Harmonia na complexidade

Assim como a pesquisa realizada na Praça Quinze, também no SAARA a aplicação da abordagem experiencial por meio da observação incorporada fez emergir diversos aspectos subjetivos que uma análise tradicional possivelmente deixaria escapar. Conhecer a visão do usuário sobre o ambiente que usa, que dele se apropria, e com o qual possui ligações sentimentais, torna-se importante na análise sobre a qualidade do lugar.

Dentre as principais descobertas, a mais significativa foi nossa própria transformação enquanto observadores. Ao nos incorporarmos ao lugar, passamos a interagir com ele com nosso corpo e com nossa mente de forma integrados e atentos para seus estímulos e influências sobre nós, ao mesmo tempo em que mudamos o ambiente com nossa presença e interação. Assim, nas primeiras incursões tínhamos consciência de nosso olhar preconceituoso e cheio de receios. Aos poucos, os aspectos que nos incomodavam iam se tornando familiares e percebíamos que nossos medos e repulsa eram infundados.

Chegamos a esta etapa com a (in)certeza de que o SAARA constitui-se de um mundo rico em multiplicidades, etnicidades e complexidades, por conta de suas contradições e polifonias. Conhecemos histórias de vida que lá se fizeram e ouvimos o choro triste do lojista octogenário que se desencantou com as amigadas, com as intrigas e com a decadência de um lugar antes, significativo. Ouvimos nas entrelinhas ou a meio-tom, para que o gravador não captasse, as insatisfações sobre a atuação impositiva do Corredor Cultural. Observamos e experienciamos as harmonias nas relações comerciais e coletivas e, ao mesmo tempo, as ambigüidades do lugar. O suporte físico-espacial do

casario eclético favorece este entrelaçamento social, comercial, étnico e cultural que acontece no SAARA.

A avaliação final é que o SAARA se transforma em um verdadeiro emaranhado de atributos, sentidos e significados, que apenas puderam ser diagnosticados em função da apreensão do cotidiano do lugar. As experiências vivenciadas, o contato direto com usuários e comerciantes, as visitas exploratórias que geraram tantas sensações e emoções, contribuíram para a sedimentação do afeto em relação a este lugar diversificado, complexo e ao mesmo tempo harmônico em sua polifonia.

6.3 RECORTE GASLAMP

No entrelaçamento das descobertas do Gaslamp, são destacadas as mesmas categorias e atributos que emergiram na análise da Praça Quinze e do SAARA, de modo a facilitar a leitura, a comparação e análise dos resultados. No Gaslamp Quarter predominaram dois lugares característicos e duais que foram estudados com maior profundidade: as três ruas principais – 4th Avenue, 5th Avenue e 6th Avenue – denominadas *Gaslamp*, em sua relação física, contextual e social com a praça pública em frente ao shopping homônimo e localizada na diagonal noroeste do Gaslamp – denominada *Horton Plaza*.

Acessibilidade e permeabilidade

A acessibilidade e permeabilidade no Gaslamp Quarter são intensificadas pelo traçado formado por uma malha ortogonal (*grid*), homogênea característica de todo o Centro de San Diego. A penetração ao Gaslamp pode ser feita por todos os lados desta malha hierarquicamente indefinida. Apesar disso, e da inexistência de elementos delimitadores consistentes, torna-se evidente reconhecer quando adentramos o distrito, por meio, da leitura incorporada tanto de suas características formais e tipológicas diferenciadas – o conjunto de edifícios históricos preservados – , mas também da distinção de usos, de atividades e pelo número de pessoas nas ruas, muito superior em relação aos distritos contíguos – Marina e East Village. Para quem chega, a pé ou de carro, são perceptíveis as mudanças de um para outro ambiente. Neste sentido, a prioridade é dada aos veículos e o estacionamento é permitido em ambos os lados de todas as vias, inclusive as de maior tráfego.

Proximidades e Centralidade

No que diz respeito às proximidades e centralidade, e como pode ser inferido pelas entrevistas, um dos principais atributos levantados pelos respondentes foi a proximidade do Centro com as atividades sociais, culturais, comerciais, institucionais e recreativas, em contraposição aos subúrbios distantes e esparsos. A proximidade com a baía também foi indicado como uma vantagem, principalmente pela possibilidade de fruição do elemento água por meio dos parques e bulevares ao longo da frente marítima – Embarcadero Norte e Sul – da marina e do Seaport Village – ainda que nas observações realizadas, esta relação não tenha se evidenciado nitidamente em função das barreiras encontradas, que serão comentadas a seguir. Nas interações empáticas da autora com moradores, ficou clara a importância da proximidade das relações sociais, dos encontros com as pessoas na rua, da vida social e comunitária mais intensa, das trocas e interações entre vizinhos, como as principais razões da escolha do Centro como lugar de moradia.

Alguns respondentes valorizaram a centralidade como uma de suas qualidades, em relação a outros subúrbios em franco crescimento que tentam suplantar o Centro de San Diego. Esta é uma visão parcial daqueles que valorizam apenas alguns aspectos direcionados às classes mais abastadas, as quais podem arcar com os custos de moradia e vida da área central. Neste sentido, a interação com o lugar por meio da observação incorporada, permitiu observar, por meio de diferentes grupos de usuários, sistemas de trocas, redes e outras mediações, e inferir que sua atratividade se dá, não apenas por suas qualidades habitacionais atuais. Permanecem ainda vivas sua história e a memória de um Gaslamp do início do século XX – quando era o centro de comércio da cidade, ou mesmo tomado por marinheiros, prostitutas e traficantes – como um lugar com atividades diversas e movimento que produziam um lugar autêntico e espontâneo.

Barreiras Físicas e Psicológicas

São significativas tanto as barreiras físicas quanto as barreiras psicológicas encontradas no Gaslamp. A existência do linear, maciço e intransponível Centro de Convenções, situado entre o Centro – especialmente o Gaslamp – e a baía, configura a principal e visual do recorte. A decisão de sua localização, em um período de tentativa de reabilitação da área central, não levou em conta a permeabilidade física e visual perdida com sua construção e expansão. Sua imagem é negativa perante os respondentes que o consideram um erro de planejamento, mesmo os próprios

planejadores que participaram do processo de decisão¹³⁶. Representa um contra-senso no sentido em que a população – e também os próprios congressistas e turistas que visitam a cidade – são atraídos tanto para a frente marítima quanto para o Gaslamp em função de suas qualidades recreativas e sociais, mas não podem circular livremente de um para o outro sem contornar sua enorme e volumosa estrutura. Além disso, não existe qualquer relação funcional entre a edificação linear e a avenida Harbor Drive que, juntamente com a ferrovia, compromete ainda mais a circulação e a permeabilidade.

Uma outra questão é a barreira psicológica representada pelo grande número de mendigos e sem-teto espalhados por toda área central, como identificado nas derivas, principalmente no Gaslamp e em East Village. Eles permanecem circulando com seus carrinhos de supermercados ou ocupam as áreas livres dos parques e praças que não usadas regularmente pela população – como, por exemplo, a praça Horton Plaza – que pode ser considerada uma barreira psicológica, tão sutil quanto problemática, conforme pode ser inferido pelos relatos de alguns dos respondentes. A mendicância na área central é considerada pelos respondentes como uma opção em função do clima e das amenidades da cidade. Consideram ainda que deveria ser solucionada por meio da exclusão destes elementos indesejados de seu Centro exclusivo. Novos edifícios e o ingresso de classes mais altas, a eliminação dos serviços de atendimento social existentes em East Village ou o treinamento para o trabalho destes indivíduos, foram algumas sugestões dadas pelos próprios respondentes, sem levar em conta a questão social mais ampla, além das causas e das origens de sua existência (Fig. 119 e 120).

Ambigüidades

Não foram identificadas ambigüidades, incertezas ou imprecisões nos relatos dos respondentes, nem no relato das derivas. No primeiro caso, isto pode ser explicado pela própria estrutura da língua inglesa, mais direta e objetiva do que o português. Assim, os relatos e respostas deixaram clara sua intenção e não deram margem para dúvidas ou duplos sentidos.

¹³⁶ Em entrevista com o Prof. Mike Stepner, o mesmo assumiu esta incongruência ocorrida na época de sua construção por questões políticas. O projeto previa uma via-parque no meio da estrutura, larga o bastante para esta ligação, mas as pressões para suas alterações foram muitas e hoje há um único beco estreito e murado por paredes de mais de 10 metros, entre o Centro de Convenções e o embasamento dos hotéis que fazem parte do complexo. O professor complementa que, por mais que se discuta o assunto, parece não haver uma intenção real quanto à criação de espaços públicos nem uma vontade política de agregar pessoas nas áreas públicas.

**Figura 119**

Children's Park, nas proximidades do Gaslamp. Inadequada ao uso e apropriação por crianças, apesar do nome, é ocupada por sem-teto e mendigos que ali encontram abrigo.

**Figura 120**

Portal de acesso ao Gaslamp, na 5th Avenue, junto à Harbor Drive. O homem com o carrinho é um 'sem-teto' impedido pela polícia de 'estacionar' nas ruas.

Experiência Ambiental

Para a maioria dos respondentes, a experiência ambiental do Centro de San Diego é positiva e é valorizado pelos respondentes como um bom lugar para moradia e trabalho. Esta avaliação está condicionada à possibilidade de realização das duas atividades cotidianas no mesmo lugar, mencionada por vários respondentes. Mas eles têm consciência de que nem todos os trabalhadores têm condições de arcar com os pesados aluguéis ou os preços proibitivos das unidades disponíveis.

Quanto ao processo de revitalização, foi evidenciada uma certa divisão de opiniões. Os que chegaram recentemente vêm a renovação da área central como uma vantagem e têm expectativas positivas quanto às melhorias nos espaços públicos, a mais ofertas de comércio direcionado ao uso residencial, a geração e fortalecimento do sentido de vizinhança e coletividade.

Os que já se encontram há mais tempo – e neste caso entrevistamos residentes ou trabalhadores que estão nas proximidades do Gaslamp há mais de dez anos – manifestam um sentimento nostálgico sobre um caráter, não necessariamente positivo, que vem se perdendo com as renovações, entrada de novos grupos sociais e o direcionamento comercial e especulativo. Como evidenciam as entrevistas, o centro era divertido e tinha uma personalidade própria, mesmo com todas as atividades ilícitas e proibidas relacionadas à prostituição, ao jogo e à bebida. Para estes usuários, em um pensamento que se alinha ao que emerge nos relatos e nas experiências de observação feitas pela autora, hoje o Gaslamp pode ser considerado como um lugar de fruição, consumo e diversão. É um ambiente urbano purificado e disneyficado, voltado aos

turistas e aos visitantes ocasionais. Um ambiente que não favorece sua apropriação pelos habitantes que almejam uma cidade real.

Dualidades

O recorte do *Gaslamp* por si só não apresentou dualidades, sendo aquele ambiente bastante homogêneo como um todo. Entretanto estas puderam ser percebidas e identificadas ao analisarmos o *Gaslamp* comparativamente com a Horton Plaza, bem como em relação a outros distritos da área central. As dualidades que emergiram neste caso foram relacionadas na mesma ordem dos outros estudos.

- *Cheios x vazios* – a visualização dos mapas de análise morfológica indica que a área construída no recorte é densa, com as construções ocupando a quase totalidade dos lotes e com poucos espaços livres de edificações, à exceção das ruas. A densidade de edificações no *Gaslamp*, atípica na maioria das cidades americanas, pode ser considerada uma de suas qualidades, pois aliada aos seus usos, cria uma intensa relação funcional com a rua conforme será visto no item a seguir. Os vazios correspondem, em sua maioria, a lotes que tiveram suas edificações demolidas, ainda durante o período do estágio doutoral em 2006, e encontram-se em processo de ocupação por novas torres e edifícios residenciais (Fig. 121)
- *Tipo x função* – As tipologias existentes no *Gaslamp* são históricas, de arquitetura neo-barroca ou neo-romanesca da virada do século XX, ocupam a totalidade dos lotes e são coladas às divisas e ao alinhamento frontal. Têm no máximo quatro pavimentos e texturas e cores vivas e incomuns (Fig. 122). Suas proporções têm uma relação mais próxima com a escala humana e o ritmo de vãos e aberturas proporcionam inúmeros olhos voltados para as ruas, ainda que em nenhuma das inúmeras derivas ou visitas ao lugar tenham sido observadas pessoas debruçadas às janelas.

A escala monumental fica por conta das três estruturas monolíticas, maciças e desconectadas do tecido circundante – o shopping Horton Plaza, o Centro de Convenções e o Ball Park. Ainda que externos aos limites da área em estudo, estas estruturas monumentais que ocupam superquadras e configuram interrupções no tecido viário, são fortes atratores de usuários flutuantes ao *Gaslamp*.

- *Amplitude (desproteção) x fechamento (acolhimento)* – Conforme visto na análise morfológica, os edifícios tem uma relação formal pouco intensa com as ruas em função da largura destas, não configurando um ambiente protegido e íntimo. Ao

contrário e apesar da densidade de ocupação dos lotes, a sensação é de um ambiente aberto, amplo e desprotegido (Fig. 123).

- *Seguro x inseguro* – O Centro é considerado, de modo geral, um ambiente seguro, com exceção de alguns trechos de East Village, especialmente mais à leste, onde se localizam os Centros de Atendimento aos Sem-Teto. A presença destes, apesar de indesejada, não chega a representar medo ou limitações de circulação, pois a maioria dos respondentes relatou que caminham pelo Centro para realização de praticamente todas as suas atividades. Em função do maior número e movimento de pessoas nas ruas e das relações sociais e comunitárias mais intensas, a área do Gaslamp foi considerado ainda mais segura. Os espaços livres e públicos, como as praças e parques, não são muito utilizados pela população. Esta não apropriação pelas pessoas faz com que os lugares sejam ocupados pelos sem-teto e mendigos e passam a representar lugares inseguros e de exclusão, o que, como um círculo vicioso, faz com que sejam ainda menos visitados. A praça Horton Plaza, com seu desenho barroco e canteiros cercados por pesadas correntes de ferro, é um exemplo clássico. Além de não ser mobiliada e não possuir quaisquer atrativos para os usuários, a inexistência de relação funcional com as edificações e ruas que a configuram em três lados (torre em vidro negro, hotel 5 estrelas do outro lado da via de mão dupla, fachada cega do shopping center) isolam-na ainda mais, não favorecendo sua apropriação. Os únicos ocupantes são exatamente os mendigos que acabam por determinar seu caráter como lugar inseguro a ser evitado.
- *Colorido (diversificado) x monocromático (homogêneo)* – A cor e as texturas, tanto das construções, quanto dos toldos sobre as calçadas e dos letreiros dos estabelecimentos comerciais, dão a tônica deste lugar considerado diversificado e intenso – às vezes intenso demais – pelos próprios usuários. A dualidade existe em comparação com as ruas próximas contíguas, cujos relatos dos respondentes e as observações, identificam como vazias, sem vida e homogêneas em suas funções, especialmente no distrito de Columbia que concentra o maior número de edifícios corporativos com suas fachadas envidraçadas, lisas e monocromáticas.



Figura 121

Edifício institucional do Centro de San Diego, próximo ao Gaslamp. Note-se a inexistência de janelas e a relação funcional inexistente com a rua.



Figura 122

Rua transversal do Gaslamp com sua tipologia rica em vãos, cores e texturas e a intensa relação funcional com a via pública.



Figura 123

Cruzamento da 5th Avenue com Market Street. Amplitude, espaço aberto e contínuo e sensação de desamparo nas ruas em malha ortogonal e homogênea.

- *Silencioso x ruidoso* – A área do Gaslamp durante o dia é silenciosa e tranqüila. Mesmo o tráfego de veículos não representa uma grande alteração deste quadro. Entretanto, vários respondentes assumiram essa faceta de qualquer centro de cidade: é barulhento em função do trem que circula a noite toda e soa seu apito nos horários mais ingratos; é ruidoso por conta das máquinas ininterruptas e das construções; mas é principalmente barulhento à noite, durante o período de maior atividade do lugar, como será visto no item 6.3.7 Usos e Apropriações.
- *Limpo x sujo* – Limpeza total e irrestrita é uma das maiores qualidades tanto na área do Gaslamp, quanto em todas as outras partes do Centro de San Diego, do ponto de vista da observação incorporada. A dualidade inexistente, da mesma forma que a sujeira, o lixo e a falta de consciência das pessoas, tão comuns nas cidades brasileiras. Suas ruas, calçadas e lugares públicos são mantidos limpos e bem conservados. Os edifícios, mesmo os mais antigos, parecem sempre recém pintados e renovados, talvez até com um certo exagero, o que elimina suas marcas e apaga muito de sua história. Esta 'purificação' é vista tanto por usuários como pela autora como prejudicial à manutenção do sentido do lugar, pois, repetindo a

analogia feita por um dos respondentes, "deve-se ter cuidado ao tirar demais o sal da comida".

Usos e Apropriações

Mencionar o comércio e os serviços como as principais atividades realizadas no Gaslamp, como indicam os mapas de usos e funções, seria incorrer em uma simplificação e um erro de leitura e avaliação. Os levantamentos físicos em si, não seriam suficientes para revelar todas as nuances e especificidades que a observação atenta e a interação empática com os usuários permitiu-nos inferir. Sim, o Gaslamp é uma área marcadamente comercial, mas os tipos de comércio e serviços que se ali se manifestam precisam ser olhados com maior profundidade, bem como a forma com que são apreendidos pelos usuários. O lugar concentra o maior número de bares, restaurantes e casas de entretenimento da cidade, incluindo aí as atividades culturais, também vendidas como mercadorias. Algumas lojas de souvenirs e produtos turísticos e poucas boutiques e lojas de vestuário puderam também ser observadas. Seu funcionamento é voltado intencionalmente¹³⁷ para visitantes e turistas, congressistas de passagem pela cidade ou ainda para os torcedores de beisebol – paixão esportiva nacional – que vêm ocasionalmente ao Centro para assistir ao jogos no Ball Park.

O uso residencial – apesar do incremento desta função em todos os distritos e dos novos edifícios sendo erguidos na parte sul do Gaslamp, junto ao Ball Park – é desestimulado pelos comerciantes que acreditam que a chegada de novos residentes criará conflitos de usos, pois aquela não é uma área residencial ou familiar. De fato, durante o dia o silêncio e a tranquilidade reinam. Os **usos diurnos** se restringem aos restaurantes que abrem para almoço e algumas das lojas que abrem na parte da tarde. Durante as manhãs no Gaslamp só se avistam poucos turistas que se interessam pela arquitetura histórica. Ao contrário, entre o cair da noite e a alta madrugada, especialmente nos finais de semana e durante todo o verão, os **usos noturnos** se intensificam: as ruas engarrafam com a quantidade de carros em marcha lenta procurando vagas para estacionar; as calçadas ficam apinhadas de pessoas ainda indecisas sobre qual bar entrar; as varandas sobre as calçadas, cercadas e agradavelmente protegida por toldos lotam, assim como os interiores dos restaurantes, bares e boates, com um público jovem, que busca na bebida seu principal divertimento. As madrugadas são relatadas como momentos a se evitar no Gaslamp, em função do grande número de pessoas bêbadas,

¹³⁷ Como relatado pelo gerente de marketing da associação comercial local.

inconvenientes e barulhentas que ainda circulam a pé ou de carro. Conforme relatam os usuários entrevistados, aquele não é um ambiente direcionado à famílias.

Gaslamp – de Distrito Proibido à Distrito Hedonista

Quanto à impressão primeira sobre o Gaslamp, advinda das derivas e das primeiras observações, permanece aquela noção de coisa falsa e sem identidade. Posso afirmar, após um ano de afastamento e consolidação de minhas reflexões, que os edifícios novos, e mesmo os históricos 'purificados', que abrigam bares, cafés, restaurantes e lojas, mais parecem uma caricatura historicizada dos exemplares originais que permaneceram sob mais uma nova camada de tinta.

A noção de centralidade – ou “ponto de atração físico e simbólico de toda a região e sua principal identidade” – vislumbrada por seus planejadores e visionários, como já visto (seção 5.1.1.1), e explicitada por respondentes mais entusiasmados, chego à conclusão que ainda não foi alcançada. Diversos elementos de atração existem, efetivamente, no Gaslamp e cumprem um papel relevante, contribuindo para atrair as pessoas ao Centro. Entretanto ainda não pode ser identificada a função integradora, dos níveis funcional e social, e a simbólica, nos níveis imagéticos e lúdicos, inerentes e fundamentais para o estabelecimento de sua identidade.

O Gaslamp Quarter, de distrito 'proibido' (*redlight district*) passou a setor turístico e de lazer. Podemos dizer que manteve, afinal, sua vocação de lugar de entretenimento e comércio, a única e drástica mudança foram os atores sociais. Se, em sua fase anterior, era o lar de prostitutas, cafetões, traficantes e marinheiros, hoje o lugar está repleto de garçonetes *hooties*¹³⁸, jovens burgueses, turistas e congressistas – hedonistas para os quais o fim é um só: o simples prazer individual e imediato – além dos poucos usuários locais.

Neste sentido, podemos diagnosticar uma distorção de ideais e um desequilíbrio no atual jogo de forças político e social¹³⁹. De um lado da corda, a prefeitura, pressionada pela força dos grandes empreendedores – e a associação comercial do Gaslamp – insistem em simular um Centro – o Gaslamp estando incluído aí – perfeito, ideal, puro, exclusivo, elitizado, direcionado a consumidores seletos e cuja identidade eles buscam copiar de

¹³⁸ A designação é proveniente dos bares homônimos, nos quais as garçonetes atendem ao público majoritariamente masculino trajando shorts e camisetas que supervalorizam seus dotes físicos.

¹³⁹ A experiência com o BCC, relatada no capítulo 5, seção 5.1.6, foi fundamental para a interação com diferentes grupos que atuam no Centro, inclusive residentes, e para a apreensão deste olhar mais amplo sobre aquele determinado momento de San Diego.

outros Centros notáveis, sem atentar para as diferenças em suas realidades. A falta de visão do planejamento aliada a força do capital que homogeniza a paisagem, esteriliza os sentidos e massifica as mentalidades, poderá contribuir com a manutenção de um centro da cidade desprovido dos atrativos indispensáveis que mantém a vitalidade, a energia e a vibração urbanas. A proposta do capital é consolidar a disneyficação de uma cidade que ainda não construiu seu caráter, que ainda está na busca de sua re-significando como um lugar.

De outro lado, antigos e novos residentes almejam a produção de ambientes de interação, de lugares públicos e cívicos, a criação de um sentido de vizinhança e coletividade e de uma identidade calcados em sua própria cultura e caráter, ou seja, desejam uma cidade real e significativa, que possa ser habitada e usufruída em sua plenitude.

Muitos avanços e retrocessos ainda ocorrerão neste jogo sem fim da questão urbana, mas os passos que são dados, ou os movimentos estratégicos do jogo, podem determinar a construção de um lugar ou a criação de mais um parque temático.

6.4 INSTRUMENTOS REVISITADOS – ANÁLISE CRÍTICA

A exemplo de Maturana (2001), de Varela et al (2003), e coerente com os fundamentos da abordagem experiencial, acredito que a realidade é dependente de quem a observa, assim como a experiência vivenciada deve ser parte integrante da explicação e que nossas emoções atuam legítima e constitutivamente do domínio de ações pelo qual geramos nossas perguntas.

Neste sentido, concordo com a rejeição às alegações de objetividade e independência emocional dos cientistas que crêem na realidade objetiva e independente de suas existências, pois "a poesia da ciência é baseada em nossos desejos e interesses" e seu curso é guiado por nossas emoções" (Maturana: 2001: 147). A incorporação das emoções e subjetividades ao olhar objetivo torna necessária a re-avaliação dos procedimentos aplicados no estudo do ambiente urbano, no sentido de validar a estratégia metodológica proposta perante a comunidade científica.

Assim, nesta seção, retomamos o pressuposto na Introdução de que o homem, a arquitetura e a paisagem urbana, da mesma forma que mente-corpo-meio, atuam conjunta e constitutivamente na produção de nosso mundo a partir da experiência vivenciada coletivamente. O objetivo é analisar criticamente os procedimentos aplicados nos estudos de caso – a observação incorporada, a análise dos aspectos

morfológicos e as entrevistas semi-estruturadas – levantando suas vantagens ou inconsistências, e avaliar sua contribuição, considerando, ainda, alguns pontos que mereceriam um desenvolvimento mais aprofundado.

6.4.1 Observação incorporada

A Observação Incorporada evidenciou ser útil e válida, não apenas na delimitação da área de estudo, mas especialmente para o enriquecimento dos dados levantados por meio dos relatos dos observadores e dos relatórios de campo. O aprofundamento dos estudos sobre a *abordagem experiencial* e a decisão de assumirmos a postura de observadores incorporados, interagindo com o lugar e seus usuários de modo recíproco e indissociável, possibilitou que o ambiente urbano fosse visto com um *olhar* mais significativo e compreensivo, além de impregnado de subjetividade.

As derivas ou errâncias urbanas integradas ao olhar incorporado foram especialmente úteis na definição de recortes específicos para o estudo de cada caso – áreas históricas de grande extensão e diversidade. Suas características e especificidades – físicas, sensoriais, imagéticas ou ambientais – foram sendo incorporadas, facilitando as escolhas dos *lugares* mais representativos do todo.

A apropriação do procedimento pelos pesquisadores envolvidos foi um processo lento e gradual, desde a fase mais abstrata da teorização até a etapa concreta de sua aplicação. Inicialmente, ainda presos às raízes técnico-acadêmicas, víamos o ambiente mais pela sua forma física e seus elementos construídos do que pelos eventos, acontecimentos e ações que se desenrolavam à nossa frente. Na medida em que procedíamos às releituras dos relatos gerados após cada observação, percebíamos que a atitude de incorporação ao ambiente se ampliava e nos sentíamos mais confortáveis e seguros com as interações seguintes, num processo de aprender fazendo, alinhado com a idéia de que o caminho se faz ao caminhar.

Uma das questões levantadas pela Banca de Qualificação, comparava a atitude proposta da Observação Incorporada à análise etnográfica, cujos procedimentos de campo se assemelham. De fato, na busca pela distinção entre os dois procedimentos, encontramos diversos pontos em comum do método etnográfico, advindos da Antropologia, com a proposta experiencial que pressupõe a indissociabilidade homem-ambiente-outro e a dupla implicação da circularidade na qual o ambiente muda a pessoa e a pessoa muda o ambiente (MATURANA; VARELA, 1995).

Laplantine (2006: 26) afirma que a Antropologia é a “ciência dos observadores suscetíveis de se observarem a si mesmos” buscando uma situação de interação a mais consciente

possível. Considera que a etnografia é uma experiência física de imersão total e que devem ser deixados de lado a neutralidade absoluta e incorporados os traços da implicação pessoal do observador com relação ao objeto e sua integração no próprio campo da observação, não apenas socialmente mas também subjetivamente.

Da mesma forma, para Genzuk (1993), a experiência pessoal e a participação subjetiva do antropólogo são as bases do olhar mais aproximado sobre o objeto no método etnográfico. Este *olhar de perto e de dentro* da pesquisa de cunho etnográfico determina a compreensão do fenômeno urbano, especialmente para o entendimento da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas (Magnani, 2003).

Podemos considerar entretanto uma distinção sutil entre o método etnográfico e a abordagem experiencial. Enquanto o primeiro é um método com uma estrutura e organização previamente determinados, **a segunda pretende-se uma mudança de atitude do pesquisador que deverá permear todos os outros instrumentos de pesquisa sobre o ambiente construído** - inclusive aqueles de cunho mais objetivo e pragmático, como já enfatizado no Capítulos 2 e 3 (Abordagem Experiencial e Materiais e Métodos) - e, por tratar-se de uma relação dinâmica e recursiva, está sempre sendo produzida e reproduzida durante o processo.

A atitude experiencial no processo de interação do observador com o ambiente se configura parte integrante e fundamental na "criação de *um mundo*". Integrar as experiências, percepções e expectativas do observador presentes na investigação mais subjetiva dos eventos e estímulos que ocorrem no meio urbano observado – que inclui objetos e artefatos sócio-técnicos, ou humanos e não-humanos – torna-se, assim, essencial aos métodos e procedimentos de avaliação tradicionais e consolidados de avaliação da qualidade do lugar.

6.4.2 Levantamentos de aspectos físicos e morfológicos

A interação com o ambiente durante os percursos experienciais – a Observação Incorporada – evidenciou aspectos relevantes que apenas a análise bi-dimensional e objetiva, com base nos mapeamentos, provavelmente não indicaria.

A análise dos aspectos físicos e morfológicos integrado ao olhar incorporado foi capaz de relacionar algumas das ações que ocorrem nos ambientes distintos e relacioná-los aos seus aspectos formais característicos. Assim, foi possível confirmar algumas das recomendações sobre o desenho urbano que favorecem ou desfavorecem certos usos e apropriações, como a relação formal e a relação funcional de seus elementos

construídos. Os levantamentos, na medida em que agregaram o olhar atento e consciente dos pesquisadores, tornaram-se mais ricos e compreensivos sobre o lugar, pois não bastaram apenas a simples inscrição nos mapas dos aspectos objetivos e formais, como gabarito, usos ou hierarquia viária. Aos mapeamentos acrescentava-se a experiência vivenciada no dia do levantamento, que geraram relatos e anotações complementares. Ao serem comparados os relatos dos pesquisadores em outros momentos da pesquisa, eles indicavam diferentes pontos de vista que eram então cruzados e analisados para a identificação do real sentido do ambiente observado.

Um exemplo foi a identificação do comércio como principal atividade do SAARA, mas não apenas da atividade em si. Outros aspectos não óbvios foram verificados e passaram a fazer parte das análises: como a atividade se insere na relação do edifício com a rua; como ocorrem as ricas interações entre os comerciantes e a clientela; como se distribuem os diversos segmentos comerciais; que tipo de objetos são comercializados; e, ainda, porque aqueles grupos étnicos tão diversos se consolidaram naquele ambiente específico.

Assim, é possível reconhecer que, nos estudos de caso apresentados, a observação incorporada contribuiu significativamente para a análise morfológico-espacial e para elucidar os aspectos subjetivos, cuja medição ou quantificação é complexa e difícil de realizar com base no olhar estritamente objetivo.

6.4.3 Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas com os usuários buscaram apreender sua experiência no lugar, além de seus anseios, expectativas e desejos. A tarefa tornou-se possível com a decisão de aplicar um roteiro de perguntas abertas, não direcionadas, deixando o respondente à vontade como que guiando o rumo da conversa, muito embora este controle estivesse, de forma não evidente, nas mãos do entrevistador.

A interação que ocorre neste tipo de contato é intensa e, por vezes, inibidora. De modo a vencer este obstáculo, foi de absoluta valia o entendimento e aplicação da empatia cognitiva, considerando que a relação empática aproximou entrevistadores e respondentes. Isto não quer dizer que todas as entrevistas foram um total êxito, muito pelo contrário, por vezes, a empatia não ocorreu, ou porque o entrevistado estava distraído ou apressado, ou porque sentiu-se ameaçado em sua privacidade. Nesses momentos tentávamos quebrar este bloqueio, desviando o assunto, buscando uma outra forma de aproximação. Ainda assim, na aplicação das entrevistas foi possível verificar que a empatia cognitiva favoreceu a interação do observador com os respondentes e com o ambiente.

Quanto ao universo de usuários do lugar, seja em San Diego, seja no Rio, nos critérios de seleção dos respondentes busquei, na medida do possível, uma maior heterogeneidade, como visto nos estudos de caso (Capítulos 4 e 5). Em função dos objetivos desta pesquisa, é possível considerar o número de entrevistas adequado e diversificado o bastante para testar a apreensão da visão dos grupos de respondentes. A perspectiva qualitativa do trabalho, o foco na experiência e a intenção de interagir com pessoas efetivamente envolvidas com os lugares pesquisados, direcionou o contato com os usuários de cada lugar: trabalhadores e visitantes na Praça Quinze e no SAARA, e residentes e trabalhadores do Centro de San Diego. A quantificação ou equalização dos grupos não foi a questão mais importante, mas sim a capacidade dos observadores interagirem com estas pessoas, de modo a apreender empaticamente suas experiências.

Quanto ao roteiro de perguntas, após a aplicação nos três estudos de caso, é possível chegar à conclusão de que poderia ter sido mais direcionado ao olhar pontual do usuário local, especialmente no Gaslamp, local de aplicação do pré-teste. A assumida não estruturação da pesquisa – por se configurar um processo em experimentação –, bem como o método de aprender-fazendo, tornaram esta questão visível somente quando já havíamos concluído a fase de aplicação das entrevistas. Ainda assim, em função da riqueza dos relatos e da qualidade e da quantidade das informações coletadas foi possível contornar esta inconsistência. Cito como exemplo o aproveitamento dos relatos sobre o Gaslamp em entrevistas cujas respostas se referiam à todo o Centro de San Diego.

Finalmente, cabe mencionar a dificuldade encontrada no momento da leitura, sistematização e análise das respostas discursivas às perguntas abertas. Por ser este trabalho a primeira aplicação prática da abordagem experiencial em ambiente urbano, a análise produziu momentos de avanços e de retrocessos, e demandou uma investigação mais aprofundada sobre como proceder e sistematizar a análise dos dados subjetivos. Acredito que o resultado final foi apenas satisfatório no sentido de minha pouca familiaridade com a análise de conteúdo e, especialmente, com a análise de discurso que demanda um profundo conhecimento de Linguística – como visto em *Estratégia Metodológica* (Capítulo 3 – Seção 3.3), como as formas possíveis para o tratamento dos dados.

Com base na análise crítica e na auto-avaliação dos procedimentos apresentadas, tenho hoje a convicção de sua contribuição para a pesquisa sobre a qualidade do lugar. A interpretação e análise entrelaçada dos relatos das observações incorporadas, dos aspectos físicos e morfológicos e das entrevistas forneceram as pistas e evidências sobre a importância do entrelaçamento estrutural e recíproco dos usuários com os ambientes

urbanos revitalizado observados – suas impressões, os usos, a apropriação – e a necessária reintegração do coletivo – humanos, não humanos, natureza, sociedade, artifício – na compreensão sobre a experiência destes lugares urbanos.

6.5 DESDOBRAMENTOS

Uma vez consolidada a estratégia metodológica e validados seus procedimentos, conforme apresentado na seção anterior, sugerimos alguns desdobramentos possíveis e possibilidades de sua aplicação em outros contextos, urbanísticos ou arquitetônicos.

Apesar de que nesta pesquisa a escolha dos recortes ter sido feita com base em seu significado histórico, nos processos de revitalização e nas intervenções urbanas, tais aspectos não se baseiam no pressuposto de uma seleção de lugares considerados bons a priori. A escolha dos estudos de caso – o centro histórico do Rio e o Centro de San Diego – corroboram esta decisão pelas próprias dimensões e pela abrangência das duas áreas centrais, cujos recortes ainda não haviam sido determinados. Estes somente foram delineados na medida em que interagíamos e experienciávamos os lugares. Foram identificados recortes aparentemente melhores em termos ambientais e sociais – como por exemplo o recorte Andradas-Largo de São Francisco cuja pesquisa avançou até a análise morfológica – que foram descartados, enquanto outros – como por exemplo o SAARA – foram incorporados. Ainda que descartado como estudos de caso nesta pesquisa, as observações e levantamentos de campo realizados no trecho Andradas-Largo de São Francisco geraram artigo apresentado em evento acadêmico (ALCANTARA et al, 2006). Outro recorte do Corredor Cultural descartado, foi o trecho Rua do Lavradio, em função das limitações de tempo, que chegou a ter inclusive as entrevistas semi-estruturadas realizadas. Os resultados parciais foram utilizados para elaboração de artigo apresentado em evento acadêmico internacional (ALCANTARA, RHEINGANTZ, 2007).

Mesmo em San Diego, foram realizadas derivas, uma vez iniciado o processo de levantamentos, e aplicadas as entrevistas no lugar denominado Little Italy, que iria configurar o segundo estudo de caso na cidade americana. Por limitações de tempo e de recursos orçamentários, acabei optando por concentrar os esforços no Gaslamp, apesar de Little Italy possuir qualidades intrínsecas que o transformaram, aos olhos da população, no melhor lugar do Centro.

Cabe enfatizar que o nosso interesse, em princípio, não era o suporte físico bom ou ruim dos recortes selecionados, ou a experiência boa ou má de sua população sobre os mesmos. O que nos interessou foram as inconsistências, incompatibilidades e

diversidades materiais e populacionais que somente puderam ser diagnosticadas com o desenrolar da pesquisa, especialmente após as derivas e as observações incorporadas.

Outrossim, meu interesse em lugares revitalizados foi gerado pela própria natureza e área do conhecimento no qual me insiro – arquitetura e urbanismo. Analisar, avaliar e identificar qualidades e atributos gerados pelo desenho urbano fazem parte indissociável de minha formação acadêmica que não tenho como e nem desejaria desconsiderar.

Feitas estas considerações, atendendo sugestão da Banca Examinadora da Qualificação, sugiro que esta estratégia seja aplicada em outros contextos, tais como favelas, subúrbios e periferias, lugares abandonados ou decadentes da cidade. Desta forma, poderá ser melhor avaliada e/ou validada a estratégia proposta, bem como seus fundamentos - a *abordagem experiencial* e a *observação incorporada*.

Outro possível desdobramento desta pesquisa, bem como dos estudos realizados pelos pesquisadores do ProLUGAR, seria uma maior aproximação com as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Arquitetura, Subjetividade e Cultura¹⁴⁰ (ASC), que se baseiam na inter-relação homem-espço construído. Estes estudos incluem fatores de ordem subjetiva e cultural na construção do lugar, da memória e da identidade espacial, no conhecimento dos mecanismos que moldam o lugar e na geração dos afetos em relação ao ambiente.

A exemplo do interesse do ProLUGAR pela produção de ambientes construídos mais responsivos e sustentáveis, o trabalho do Grupo ASC vem se mostrando fundamental na geração de estratégias de promoção do bem estar do homem no ambiente urbano, com repercussão em projetos de arquitetura e urbanismo. Sugere-se, assim, uma maior interação e colaboração entre os grupos ProLUGAR e ASC. Por meio do ASC, tomamos conhecimento do interessante trabalho desenvolvido pelo grupo francês CRESSON¹⁴¹, que lida com a integração da experiência sensitiva no ambiente. Com foco na ambiência perceptiva arquitetônica e urbanística – fenômenos relacionados à luz, calor, cheiro, sensação háptica e movimentos corpóreos – o CRESSON busca uma abordagem qualitativa que contribua e influencie na estratégia e nos processos projetuais¹⁴².

¹⁴⁰ Disponível em www.asc.fau.ufrj.br (consulta realizada em 20/12/2007)

¹⁴¹ Disponível em www.cresson.archi.fr (consulta realizada em 20/12/2007)

¹⁴² Um recente encontro no Rio de Janeiro entre os três Grupos de Pesquisa – ACS, CRESSON e ProLUGAR – objetivou estabelecer um convênio de pesquisa conjunta para aplicar as metodologias relacionadas às experiências cognitivas, sensitivas e perceptivas em estudos de caso no Rio e em Grenoble.

CONCLUSÕES

Uma pesquisa de doutorado é um processo longo, sujeito a revezes, retrocessos e mudanças de rumo. Durante todo o seu desenvolvimento dediquei tempo e esforço que, hoje, sinto plenamente compensados pelo trabalho ora apresentado. Não o considero finalizado, pois a pesquisa não finda. Ela apenas passa para um outro estágio. Não o considero tampouco esgotado em suas infinitas possibilidades de integração entre a experiência humana e a cidade. Seria muita pretensão tentar concluí-la com palavras definitivas ou verdades únicas. Ao contrário, ela se abre para novos desdobramentos e outros aprofundamentos, conforme mencionado no capítulo 6.

Com o foco na experiência humana no ambiente construído – no caso o ambiente urbano histórico revitalizado – no capítulo 1 foi realizada *uma* revisão das mais recentes teorizações sobre os conceitos de cognição que viabilizaram a abordagem experiencial apresentada no Capítulo 2. Por conta da escolha do ambiente urbano, especificamente os lugares públicos do centro histórico revitalizado, também foi necessário, fazer *uma* revisão conceitual de *espaço público* e de *revitalização urbana*, incluindo os aspectos envolvidos nos processos de intervenção que integram ações coletivas, políticas, sociais e culturais.

No capítulo 2, além da Abordagem Experiencial, foram abordados os conceitos de *entrelaçamento estrutural*, *empatia* e *deriva* que fundamentaram sua aplicação prática – a Observação Incorporada. Os procedimentos foram explicitados no Capítulo 3, bem como os demais instrumentos utilizados – análises morfológico-espaciais e entrevistas semi-estruturadas – sempre com o foco na experiência e na interação indissociável homem-ambiente.

A definição do Corredor Cultural como estudo de caso (Capítulo 4) foi uma escolha pessoal precedente às definições conceituais e metodológicas que nortearam a pesquisa. Escolha decorrente do envolvimento acadêmico com o (apaixonante) tema da revitalização histórica do Centro do Rio. O conhecimento do processo, de seus principais articuladores e de alguns de seus resultados instigaram o aprofundamento na compreensão das interações entre homem e aqueles ambientes, impregnados de história e de vida urbana.

A inclusão do caso de San Diego, com o processo já iniciado, se configurou como uma deriva natural e representou importante contribuição para a pesquisa. Ela também

possibilitou a aplicação da estratégia metodológica em um ambiente cujas diferenças culturais e contextuais geraram novas indagações e demandaram estudos específicos.

Alinhados ao pensamento de Milton Santos (1997) apresentado na Fundamentação Teórica (Capítulo 1), podemos considerar que as duas cidades são lugares globais por se configurarem como nós nas redes hegemônicas regionais. Entretanto seu cosmopolitismo se garante pelo fato de conterem elementos com diversas origens e idades assegurando o aumento da variedade e da multiplicidade, aspectos que tornam possível o desenvolvimento de diversos tipos de capital, trabalho e cultura.

Na busca pela reintegração do homem com uma realidade arquitetônica – em termos estéticos, ergonômicos e ecológicos com seus ambientes socioculturais e naturais, retomo a questão proposta por Guattari (2004) no *caput* do capítulo 2 – articular a subjetividade, o *socius* e o meio ambiente para responder às crises de nossa época. Em minha releitura torna-se necessária a articulação entre a incipiente **subjetividade** – que reconheço como uma nova forma de construir nosso entendimento de mundo por meio de um olhar mais suave, mais afetuoso e menos amarrado aos rigores metodológico-científicos –; o **coletivo social** – cujo estado de constante mutação integra humanos e não-humanos (LATOURETTE, 2001), - e o **ambiente** – neste caso, o Centro, que acredito ser ainda possível reinventar, ou ao qual ainda é possível retornar.

O estudo de lugares urbanos centrais e revitalizados a partir do entrelaçamento dos olhares compartilhados sobre estes ambientes, conforme apresentado no Capítulo 6, sugere que as formas urbanas tradicionais ainda cumprem um papel relevante e significativo na apreensão, na leitura, na imagem e na pregnância simbólica e cultural do Centro por seus habitantes.

Finalmente, se torna necessário enfatizar que a preservação ou a permanência destes conjuntos históricos na cidade não deve deixar de lado sua dinâmica urbana, e muito menos as necessárias transformações geradas pelo fenômeno urbano contemporâneo. Vivemos o presente nas metrópoles que guardam verdadeiros tesouros de sua história e de sua memória. Intervenções como as implementadas pelo Projeto Corredor Cultural devem conciliar estes aspectos interdependentes, de modo a não caminhar para a espetacularização – tendências da sociedade contemporânea – ou à transformação em cenário estático e sem vida. Buscar os caminhos da renovação com respeito ao lugar e à preservação de sua história e de seus símbolos, reinterpretando-os e conferindo-lhes novos significados e identidades, deve ser uma das premissas para o desenvolvimento urbano sustentável.

Atendimento aos objetivos propostos

Considerando os argumentos apresentados nos Capítulos 1 e 2 – Fundamentação Teórica e Abordagem Experiencial – e os resultados dos estudos de caso apresentados nos Capítulos 4 e 5 – Praça Quinze e SAARA, no Rio de Janeiro e Gaslamp Quarter, em San Diego – é possível concluir que foram atendidos os objetivos desta pesquisa no que diz respeito à ampliação do estudo da qualidade dos lugares com ênfase na experiência e na interação do homem com o ambiente urbano.

Nos estudos relativos à qualidade dos três lugares urbanos revitalizados, foram aplicados os fundamentos da abordagem experiencial e os procedimentos da observação incorporada. A análise dos processos de revitalização considerou a experiência e a interação dos observadores e dos atores engajados no processo – planejadores urbanos com suas idéias e ideais sobre a cidade; homens públicos interessados nos retornos políticos alcançados com a transformação dos centros decadentes; empreendedores com força e poder de “renovação” da cidade para a obtenção de lucro financeiro; ativistas cujas ações se direcionam à coletividade em prol do ganho social; e, finalmente, a população que, engajada ou não, deveria ser a maior beneficiária do processo. É justamente no equilíbrio destas forças de atuação que puderam ser verificados os êxitos e desacertos dos processos levados à cabo nos estudos de caso.

A análise dos mecanismos e instrumentos de concepção, planejamento e implementação dos processos de revitalização, visou conhecer as intenções e objetivos dos planejadores, bem como as interfaces e agenciamentos político-sociais necessárias para sua consecução. Foi possível avaliar as interações produzidas nos ambientes revitalizados quanto à fruição e apropriação dos usuários e quanto à construção do sentido de lugar. Os estudos da Praça Quinze e do SAARA, apesar da mesma base conceitual e dos mesmos critérios, definidos pelo Projeto Corredor Cultural, apresentam características sócio-culturais específicas e distinções quanto às formas de apropriação e de interação coletiva, resultando em diferenças significativas conforme evidenciado no capítulo 6 (Entrelaçando as Descobertas).

A Praça Quinze, lugar dotado de forte pregnância simbólica e histórica, foi beneficiada com aportes financeiros públicos e privados para recuperação e instalação de diversos equipamentos culturais, tais como o Paço Imperial e o Centro Cultural do Banco do Brasil. Hoje estes equipamentos se converteram nos principais atrativos de visitantes e turistas para toda a área e estimulam usos complementares, como bares, restaurantes e espaços de arte, cultura e entretenimento. Ainda assim, a Praça Quinze constitui-se em um ambiente de apropriação transitória, ainda que com forte viés cultural, cujos vínculos afetivos não são significativos para a construção do lugar.

Já o SAARA, com sua consolidada vocação para centro de comércio popular, possui um caráter de permanência fundado na diversidade cultural e social da população que por gerações mantém seus pequenos negócios comerciais. O lugar histórico e o casario eclético foram redescobertos pelos próprios donos após as reformas. Suas ruas estreitas e acolhedoras seguem garantindo o suporte necessário às atividades e interações cotidianas. O lugar se configura como base existencial para diversos cidadãos que ali iniciaram suas vidas, formaram suas famílias e edificaram suas relações, e que seguem corporificando seu complexo, plural e significativo lugar.

O Gaslamp Quarter em San Diego, por sua vez, pode ser considerado um resultado das forças políticas e de mercado atuantes sobre a cidade nos últimos anos. A 'limpeza' do lugar e as intervenções urbanísticas decididas unilateralmente pelos detentores do poder, resultam em um ambiente efêmero voltado ao ócio e ao prazer, ainda que cercado por distritos residenciais ainda em processo acelerado de consolidação. As velhas estruturas do Gaslamp vêm perdendo sua significância e se tornando receptáculos de novos usos comerciais. Ainda assim, na visão dos respondentes, configura um importante símbolo do Centro e sua relativa vitalidade se deve a esta transformação, pois, de outro modo, os usuários não seriam atraídos pelo inseguro e proibido lugar que costumava ser.

O último objetivo previa o entrelaçamento das descobertas provenientes dos procedimentos aplicados em cada estudo de caso, considerando a re-significação dos instrumentos a partir da *Abordagem Experiencial*. Este entrelaçamento (Capítulo 6) buscou – em meu entendimento, com sucesso – validar a estratégia metodológica proposta, sua aplicabilidade nos estudos homem-ambiente e a contribuição qualitativa da *Observação Incorporada* na avaliação do ambiente urbano.

As observações que incorporam as interações homem-ambiente em sua experiência de viver permitiram incorporar ao processo dados subjetivos e qualitativos mais precisos e mais próximos da realidade dos lugares vivenciados do que aqueles produzidos apenas com base no olhar técnico e em dados quantitativos. A identificação dos atributos e fatores geradores da qualidade do ambiente estão diretamente ligadas à relação intersubjetiva do observador com o lugar. Neste sentido, e como visto no capítulo 6, os resultados do sistema de múltiplos métodos da pesquisa qualitativa gerou grande soma de dados subjetivos e cruzá-los numa rede de significados demandou grande esforço e determinação.

Inicialmente, estava prevista a inclusão de mais um instrumento de análise da percepção ambiental – o mapeamento cognitivo. Apesar de sua aplicação ter sido efetuada em complementação às entrevistas – e do material coletado fazer parte do acervo documental da pesquisa, com ricas informações sobre as imagens mentais dos usuários –

optei por não aproveitá-lo. Sua inclusão demandaria um novo processo de análise e entrelaçamento, também de cunho qualitativo, que extrapolaria o tempo limite para a finalização desta Tese.

A subjetividade dos resultados - em sua maior parte, relatos textuais - pode ser considerada a principal dificuldade para a sistematização e análise do material produzido. Os dados subjetivos que emergiram no desenrolar da pesquisa demandaram um aprofundamento de conceitos provenientes de outras áreas do conhecimento - psicologia, antropologia, lingüística - que, apesar do esforço e dedicação, não foram plenamente trabalhados. Mesmo assim, é possível considerar que, por sua condição de experiência exploratória piloto, o entrelaçamento dos dados e descobertas (Capítulo 6) possibilitou resultados suficientemente abrangentes para uma validação preliminar da abordagem.

Outrossim, cabe enfatizar que o compartilhamento e entrelaçamento das visões dos observadores - um doutorando e três bolsistas de iniciação científica - contribuiu para a superação de bloqueios e pré-concepções bem como para o refinamento da compreensão da experiência vivenciada nos ambientes em uso. Desse modo, os recortes urbanos estudados passaram a fazer parte de suas vidas ao mesmo tempo em que passaram a ter um significado determinado pela incorporação consciente de nossas ações (objetivas) e emoções (subjetivas).

Abordagem Experiencial na avaliação e na construção do lugar

Retomamos aqui a idéia proposta por Maturana (2001) da reciprocidade entre o observador e o ambiente, considerando que no processo de observar um não pode acontecer sem a existência do outro. Ou seja, no caso da observação do ambiente urbano, o sistema estrutural 'homem' - mente-corpo-cérebro - deve se integrar ao sistema estrutural 'coletivo' (LATOIR 2001) - humanos, não-humanos, natureza, cultura e artifício - o que implica na interação ou entrelaçamento destes dois sistemas estruturais na experiência de observar.

A incorporação dos sentidos, das sensações e das emoções - parte indissociável do racional (MATURANA, 2001; DAMÁSIO, 1996) na observação, tornou possível assumirmos nossa condição de sujeitos no processo de avaliação cognitiva e roteiristas da explicação fundamentada na experiência vivenciada e consciente e nas interações produzidas com o ambiente. O observador não pode se referir a entidades independentes de si na construção de sua explicação e neste caminho explicativo existem muitas realidades possíveis e todos os domínios da realidade são legítimos.

Diante desta argumentação, que me guiou por toda a pesquisa, foi possível, como sugerido por Rheingantz (2004), aprofundar a compreensão sobre a influência das dimensões espontâneas e reflexivas da interação com o ambiente. Fez com que minha capacidade de observar e experienciar o ambiente urbano se desse de forma atenta, precisa e desapaixonada. Fez com que aprendesse a, simplesmente, prestar atenção no pensamento e a direcioná-lo para processo da experiência. Fez com que incorporasse assumidamente minha própria experiência de vida e minha bagagem sócio-cultural à explicação.

Os argumentos e evidências apresentados possibilitam reconhecer a efetiva contribuição da *abordagem experiencial* para o campo das relações homem-ambiente, especialmente na avaliação do desempenho do ambiente urbano, quer na relação do observador com os usuários e os ambientes observados, quer na avaliação da qualidade do lugar.

A partir das descobertas produzidas nos três estudos de caso, entendemos que é possível validar a contribuição desta pesquisa para a consolidação das bases teóricas da *abordagem experiencial* e da *observação incorporada*: (a) por estimular os pesquisadores envolvidos com a pesquisa – com os exercícios baseados em técnicas de atenção (Capítulo 3 – Materiais e Métodos) – a ter uma postura mais aberta na interação com cada um dos lugares; as dificuldades iniciais da mudança de atitude necessária à sua aplicação, decorrentes de práticas de pesquisa mais centradas na racionalidade e no rigor metodológico, puderam ser superadas, tornando o olhar mais espontâneo, afetivo e consciente que geraram inferências mais significativas e ricas; (b) por romper o paradigma da visão tradicional da racionalidade científica – que pressupõe uma postura distanciada e imparcial do observador – ao integrar o emocional com racional e ao resgatar o papel da experiência na contemplação e compreensão do ambiente urbano; (c) ao incorporar a aplicação da *atitude incorporada* aos demais instrumentos utilizados, foi possível verificar que sua eficácia na apreensão dos aspectos qualitativos e subjetivos dos estudos de caso foi potencializada (ou amplificada, ou ampliada).

Assim, é possível considerar que os resultados da pesquisa reforçam o argumento sobre a indissociabilidade entre a experiência (que é subjetiva e emocional) e a compreensão objetiva (e racional) no processo de explicar e de compreender as interações (ou relações) homem-ambiente. A observação atenta (e incorporada) do ambiente urbano e de suas influências sobre nossa própria experiência foram fundamentais na avaliação qualitativa e significativa dos três ambientes urbanos analisados.

Confirmando a Hipótese

Esta tese buscou demonstrar a validade dos procedimentos metodológicos desenvolvidos pelo ProLUGAR, por meio de sua aplicação prática na avaliação da qualidade de lugares centrais que passaram por processos de revitalização. Ela indica que a atitude de *Observação Incorporada* – fundamentada na *abordagem experiencial*, na *empatia* e na *deriva* – confere novo significado ao entendimento do lugar.

Com base nos resultados apresentados acima, é possível reconhecer a co-dependência entre homem e ambiente e, assim, confirma-se a hipótese inicial do trabalho: a *Abordagem Experiencial* contribui qualitativamente para fazer emergir as descobertas produzidas na interação entre os humanos e os ambientes urbanos – neste caso, centros históricos revitalizados. Ela também se configurou, neste estudo, como uma re-qualificação e um refinamento do conjunto de técnicas e instrumentos para a Avaliação do Ambiente Construído utilizados neste trabalho.

Chego ao final desta experiência com a sensação de ter alcançado uma importante etapa na busca de superação das amarras behavioristas que limitam a atitude do observador na pesquisa acadêmica relacionada com a avaliação de desempenho do ambiente construído. Mas, ainda há muito a ser feito considerando que o processo de compreensão da experiência vivenciada no ambiente urbano – seus lugares, seus habitantes, sua face objetiva, suas nuances subjetivas, suas multiplicidades, suas complexidades, seus significados – deve ser dinâmico e contínuo, como deve ser todo e qualquer artefato urbano. Torna-se necessária a produção de uma relação íntima entre o observador e o ambiente observado, conforme a *Abordagem Experiencial* pressupõe.

Para finalizar e melhor caracterizar a mudança de olhar, de atitude e de compreensão do artefato urbano, uma sábia reflexão:

“Boa é a cidade que nos acalanta e afaga a cada passo. Após uma intensiva e íntima pesquisa de três [quatro] anos, repito o que já disse o antropólogo social Canevacci: depois de se mergulhar num estudo não se pode continuar o mesmo; o pesquisador muda sua própria interioridade, porque se assim não for, a pesquisa não terá sido cumprida”. Eduardo Yázigi (2006: 13).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. IPLANRIO. Jorge Zahar Ed: Rio de Janeiro, 1987.
- ALCANTARA, Denise. **Projeto, Desempenho Urbano e Construção do Lugar** – Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)
- _____. Reflexões sobre o Centro Histórico do Rio de Janeiro: Uma Abordagem Filosófica da Cidade Contemporânea. In: **Anais do II Seminário Arquitetura e Conceito**, 2005, (CD-ROM). Belo Horizonte: NPGAU-UFMG, 2005.
- _____. O Largo e a Travessa – Dicotomias Pontuais e Harmonias Contextuais no Centro, Rio de Janeiro. In: **Revista Paisagem e Ambiente** n. 25. São Paulo: FAU/USP (publicação prevista para Dezembro/2007).
- ALCANTARA, Denise; RHEINGANTZ, P. A Cognição Ambiental na Avaliação da Qualidade do Lugar - Conceitos e Métodos para o Aprimoramento do Desenho Urbano. In: **Anais do NUTAU'2004**. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. (CD-ROM)
- _____. Embodied Observation and Quality of Place. In: **Architecture & Phenomenology International Conference Book of Abstracts** (p. 23) and CD-Rom. Technion, Haifa/Israel: 2007.
- ALCANTARA, Denise; BARBOSA, A., RHEINGANTZ, P. Percursos à Deriva na Investigação do Lugar – o Caso do Corredor Cultural no Rio de Janeiro. In: **Anais do NUTAU'2006**. São Paulo: NUTAU/USP, 2006. (CD-ROM)
- ALCANTARA, Denise; RHEINGANTZ, P.; BARBOSA, A.; LAUREANO, A.; AMORIM, F. Rua Pires De Almeida: *Observação Incorporada de um Lugar Público Particular*. In: **Revista Paisagem e Ambiente** n. 22. São Paulo: FAU/USP, 2006 (p. 30-40).
- ALEXANDER, Christopher. **A Pattern Language/Un Language de Partrones**. Barcelona: G.Gili, 1980. [publicado originalmente em 1977]
- AMORETTI, Maria Suzana Marc. **Manual ergonômico: teoria e prática do discurso de instrução**. Porto Alegre: Vozes, 2002.
- APPLEYARD, Donald. Why Buildings are known – a Predictive Tool for Architects and Planners. In: Broadbent, G. at al. **Meaning and Behavior in the Built Environment**. Londres: John Wiley and Sons, 1980
- APPLEYARD, Donald; LYNCH, Kevin. Temporary Paradise? – a Look at the Special Landscape of The San Diego Region. (relatório de avaliação regional financiado pela família Marston) Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1974.
- ARANTES, Otília F. Cultura e Transformação Urbana. In **Cidade e Cultura – esfera pública e transformação urbana**. Pallamin, Vera (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ARANTES, Otília F. *A cidade como não-lugar*. in AU no 58, fev/mar 1995. São Paulo: Pini; pp. 83-85.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ASHIHARA, Yoshinobu. **El diseño de espacios exteriores**. Barcelona: G. Gili, 1982.
- AUGÉ, Marc. **Los No Lugares, Espacios del Anonimato**. Barcelona: Gedisa Ed, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACON, Edmond. **Design of Cities**. New York: The Vicking Press, 1968.

- BARCELLOS, Paula. A Cidade que Expulsa – Rio de Janeiro: Caderno Idéias e Livros, Jornal do Brasil artigo publicado em 29/01/2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BARREIROS, Eduardo C. **Atlas da Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1965)
- BARTHES, Roland. **Empire of Signs**. New York: Noonday Press, 1992
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000
- _____. **Community: Seeking Safety in an Insecure World**. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2001
- _____. **Identity: Conversations with Benedetto Vecchi**. Malden, MA: Polity Press 2004
- BECHTEL, Robert B. **Environment and Behavior: An Introduction**. Thousand Oaks (California): Sage Publications, 1997.
- BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Haussmann Tropical**. (1953) Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.
- BORBA, Jordi. Espaço público, condição da cidade democrática. A criação de um lugar de intercâmbio. Disponível em:
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/ara072/ara072_03.asp > (consulta realizada em maio de 2006)
- BOYER, M. *Cities for Sale: Merchandising History at South Street Seaport*. In: SORKIN, M., (Ed). **Variations on a theme park: the new American city and the end of public space**. New York: Hill and Wang, 1992
- BRANDÃO, Ludmila. **A Casa Subjetiva**. São Paulo: Perspectiva 2002
- BRONSTEIN, Laís. *A Cidade como Artefato. Derivações Urbanas da Crítica ao Movimento Moderno*. Artigo apresentado no 7º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador, Bahia, 2002.
- BUNNEL, Gene. **Making Places Special**. Washington DC: APA/Planners Press, 2002.
- CANEVACCI, M. **A cidade Polifônica** - Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CANTER, David. **The Psychology of Place**. London: Architectural press, 1977.
- CANTER, D.; STRINGER, P. **Interaccion Ambiental**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1978.
- CANTINHO, Maria João. Modernidade e Alegoria em Walter Benjamim. *Espéculo- Revista de estudos literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2003. Disponível em <http://www.ucm.es/info/especulo/numero24/benjamim.html> (consulta realizada em 29/11/2007)
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- _____. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- _____. **Sabedoria Incomum**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- _____. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAREGNATO, Rita; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. In Revista Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis: UFSC, 2006, Out/Dez 15 (4): 679-684. Disponível em <http://www.textoecontexto.ufsc.br/viewarticle.php?id=227> (consulta em 28/08/2007)

- CARR, Stephen; FRANCIS, M.; RIVLIN, L.; STONE, A. **Public Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **The Urban Question: a Marxist Approach**. London: E. Arnold, 1977.
- _____. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CCDC - Centre City Development Corporation. **San Diego Downtown Community Plan – Rising on the Pacific – Final Public Hearing Draft**. Jan/2006.
- CERTEAU, Michel de. **L'invention du Quotidien**. Paris, Union Générale d'Éditions: 1980.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- COHEN, Regina. **Cidade, Corpo e Deficiência: Percursos e Discursos Possíveis na Experiência Urbana**. 2006. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- COSTA, Larissa (coord.). **Redes – Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Brasília: WWF-Brasil – World Wildlife Foundation, 2004
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Ed. 70, 1996 [edição original de 1971]
- CUNHA, Neiva; MELLO, Thiago. Saara: Reinventando etnicidades e ambiências urbanas num mercado popular carioca. In: LeMetro – Laboratório de Etnografia Metropolitana - IFCS/UFRJ. Disponível em < <http://lemetro5.blogspot.com/2005/08/saara-reinventando-etnicidades-e.html> >, Agosto de 2005 (consulta realizada em 14/12/07).
- DAMÁSIO, Antonio. **O Êrro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- _____. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- DAVIS, Mike. *The Next Little Dollar: The Private Governments of San Diego*. In: DAVIS, M., MAYHEW, K and MILLER, J. **Under the Perfect Sun – The San Diego Tourists Never See**. New York: New Press, 2003. p:17-144.
- DEBORD, Guy. **The Society of the Spectacle**. New York : Zone Books, 1995
- DEL BRENNA, Giovanna Rosso (org). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos**. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1987.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- _____. **Desenho Urbano e Revitalização da Área Portuária do Rio de Janeiro: A Contribuição do estudo da Percepção Ambiental**. Orientador: Lauro Birkholz. São Paulo: FAU/USP, 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo).
- _____. Cidade da Mente, Cidade Real. In: **Percepção Ambiental**. DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L.(orgs.) São Paulo: Studio Nobel, 1996. p: 3-22.
- _____. *Percepção Ambiental e Desenho da Cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. [Relatório Final de Pesquisa]
- _____. *Projeto e Qualidade do Lugar: Avaliação de Desempenho de Quatro Lugares na Cidade do Rio de Janeiro Através da Cognição e do Comportamento Ambiental*. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2001. [Relatório de Pesquisa]
- DEL RIO, V.; HORNE, S.; RHEINGANTZ, P. *The Evolution of Environment-Behaviour Studies and Architectural Education in Brazil*. In EDRA 32 Plenaries. Edinburgo: Escócia, 2001. Disponível em < <http://www.rgu.ac.uk/subj/search/EDRA/.html> >
- DEL RIO, V. DUARTE, C, RHEINGANTZ, P. **Projeto do Lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- DEL RIO, V.; SIEMBIEDA, W. **Beyond Brasilia: contemporary Urban Design in Brazil**. Miami: University Press of Florida, 2008 (no prelo).

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1995
- ERMAKOFF, George. **Rio de Janeiro – 1900-1930: uma crônica fotográfica**. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2003.
- FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da Cultura** – Globalização, Pós-modernismo e Identidade. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.
- FEITOSA, Vera C. **Redação de Textos Científicos**. Campinas: Papyrus, 1991.
- FERREZ, Gilberto. **O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez**. Rio de Janeiro: João Fortes/Ex Libris, 1984.
- FORD, Larry. **America's New Downtowns: Revitalization or Reinvention?** Baltimore: John Hopkins University Press. 2003.
- _____. **San Diego: How Geography and Lifestyle Shape a New Urban Environment**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- FREITAG-ROUANET, Bárbara. Vida Urbana e Cultura. In PALLAMIN, V. (org.). **Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002. (p. 36)
- GARCIA, Fernanda. O Planejamento no Centro de Cena: Cultura e Comunicação na Construção da Imagem Urbana in **Cidade Espetáculo, Política, Planejamento e City Marketing**. Rio de Janeiro: Editora Palavra, 1997.
- GARDNER, H. **A Nova Ciência da Mente**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- GEERTZ, Clifford. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001.
- GENZUK, M. A Syntesis of Ethnographic Research. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.) Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California, 1993.
- GIBSON, James. **The senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
- GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **L'Espace Urbain en Méthodes**. Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme]
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. São Paulo: Papyrus Ed., 2004.
- GUIMARAENS, C. **Paradoxos Entrelaçados** – As torres para o futuro e a tradição nacional. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- HABERMAS, Jurgen. **The Structural Transformation of the Public Sphere**. Cambridge: MIT Press, 1989.
- HACKLEY, Chris. **Doing Research Projects in Marketing, Management and Consumer Research**. London: Routledge, 2003
- HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1977. [publicado originalmente em 1966]
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993
- HASSENPLUG, Dieter. Sobre Centralidade Urbana. in: **Arquitextos - Portal Vitruvius**. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_00.asp>, ISSN 1809-6298. Junho/2007. Consulta realizada em 29/07/2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002

- HENRIQUES NETO, Afonso. **Cidade Vertigem**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005
- HERZOG, Lawrence. **Return to the Center: Culture, Public Space and City Building in a Global Era**. Austin: University of Texas Press, 2006.
- HISS, Tony. **The Experience of Place**. New York: Vintage Books, 1990.
- JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes Ed., 2000 [publicado originalmente em 1961]
- JACQUES, Paola B. **A Apologia da Deriva – Escritos Situacionistas sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003
- _____. Elogio aos Errantes: A arte de se perder na cidade. in: JEUDY, H.P.; JACQUES, P.B. (org.) **Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, PPG-AU/FAUFBA, 2006: 117-139.
- JAMESON, Fredric. **Espaço e Imagem**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Redescobrimo o Outro: Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. in: ARRUDA, A. (org). **Representando a Alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998: 69-82
- KAYZAR, Brenda Ann. **Analysing Revitalization Outcomes in San Diego**. University of California Santa Barbara and San Diego State University. 2006. Tese (Doutorado em Geografia).
- KOHLSDORF, Maria E. *Breve Histórico do Espaço Urbano como Campo Disciplinar*. In FARRET, Ricardo L. **O Espaço da Cidade**. São Paulo: Projeto, 1985).
- LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. (3ed) São Paulo: Atlas, 1991.
- LAMAS, J. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000. 2ª Ed.
- LANG, Jon et al.(org.) **Designing for Human Behavior: Architecture and Behavioral Sciences**, Stroudburg: McGraw Hill /Dowden-Hutchinson & Ross, 1974.
- _____. **Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design**, N. Iorque: Van Nostrand Reinhold, 1987.
- LAPLANTINE, Francois. **La Description Ethnographique**. Ed. Armard Colin, 2006.
- LATOURET, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994
- _____. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. **A Esperança de Pandora**. Bauru/SP: EDUSC, 2001
- LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG: Artmed, 1999
- LAY, Maria C.; REIS, Antonio T. *Métodos e Técnicas para Levantamento de Campo e Análise de Dados: Questões Gerais*, in: **ANTAC/NUTAU**. São Paulo: NUTAU-USP 1994: 28-49.
- LEE, Terence. **Psicologia e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- LIPPARD, Lucy. **The Lure of the Local – Senses of Place in a Multicentered Society**. 1998, p. 22-31.
- LOCKWOOD, Charles. What makes a Great Public Realm? In: **Urban Land Magazine**, March 2006.
- LOPEZ, Guillermo. Public Space Design – Design can Create and connect Public Spaces to Help Transform Underperforming Economies. In: **Urban Land**, March 2006

- LOW, Setha. **On the Plaza** – The Politics of Public Space and Culture. Austin: University of Texas Press, 2000.
- LOUKAITOU-SIDERIS, Anastasia; BANERJEE, Tridib. **Urban Design Downtown** - Poetics and Politics of Form. Berkeley: University of California Press, 1998.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982 (originalmente publicado em 1960).
- LYNCH, Kevin. **A Theory of Good City Form**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1981.
- MACHADO, Ernani; SANTOS, Helga, FIGUEIREDO, Juliana. Observação Incorporada no SAARA: Relatório Final da Disciplina Seminários de Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído. Rio de Janeiro: Prolugar, 2007. Disponível em www.fau.ufrj.br/prolugar/trabalhos_academicos.htm (acessado em jan/2008)
- MAFFESOLI, Michel. No Fundo das Aparências. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MAGNANI, José Guilherme C. De dentro e de Perto: Notas para uma Etnografia Urbana. In: NAU-USP, 2003. Disponível em < <http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDEDENTRO.html> > Consulta realizada em 01/02/2008).
- MARINOFF, Lou. **Mais Platão, Menos Prozac**: A filosofia aplicada ao cotidiano. (7ª Ed) Rio de Janeiro: Record, 2004
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- _____. **A Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MATURANA, F.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- _____. **De Máquinas e Seres Vivos**: autopoiese - a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MELO FRANCO, Afonso Arinos. **A alma do tempo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1961. p. 74
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. [editado originalmente em 1945]
- MICHELSON, William (edit.) *Behavioral Research Methods*, in: **Environmental Design**. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross, 1975.
- MNBA (Museu Nacional de Belas Artes). **Registro Fotográfico de Marc Ferrez da Construção da Av. Rio Branco 1903-1906**. Rio de Janeiro: 1982
- MONTEIRO, C.; LOUREIRO, C. *Métodos e Técnicas para Levantamento de Campo e Análise de Dados: Avaliação de Lugares – O enfoque da teoria das facetas*, in **ANTAC/NUTAU**, 1994: 53-72.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965.
- NESBITT, Kate (Org.) **Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995**. New York: Princeton Archit. Press, 1996
- NÓBREGA, Cláudia. **São Sebastião do Rio de Janeiro: a construção de uma cidade-capital**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2003. Tese de Doutorado [Planejamento Urbano e Regional]
- NORBERG-SCHULZ, C. **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Madrid: H. Blume, 1975
- _____. **Genius Loci**: Towards a Phenomenology of Architecture. Londres: Academy Press, 1979.

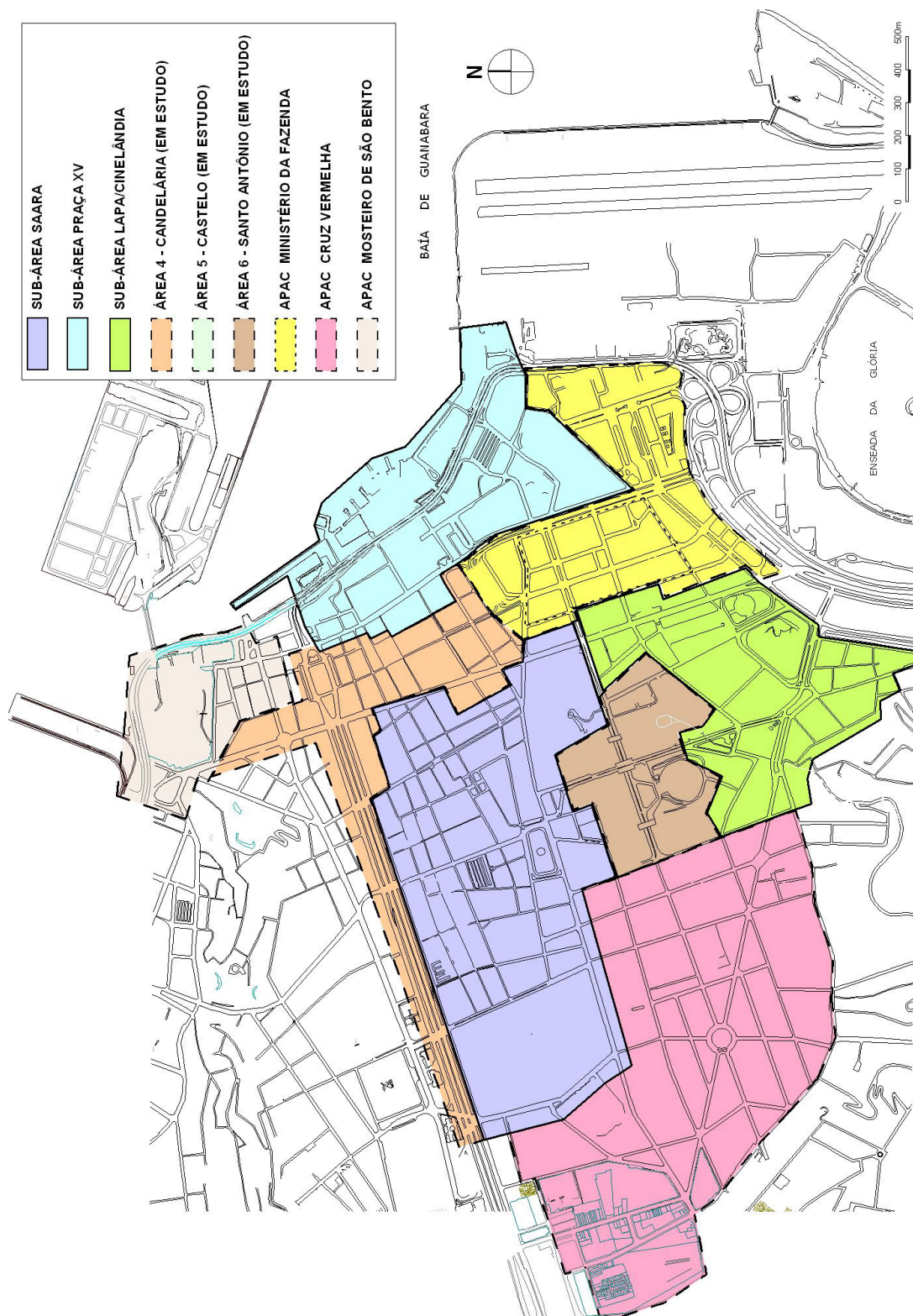
- _____. *The Phenomenon of Place (1974)*. In: NESBITT, Kate. **Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995**. New York: Princeton Archit. Press, 1996. p. 412-428.
- _____. *Heidegger's Thinking on Architecture (1983)*. In: NESBITT, Kate. **Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995**. New York: Princeton Archit. Press, 1996. p. 429-439
- OLIVEIRA, Livia de. Percepção e representação do Espaço Geográfico. In: **Percepção Ambiental**. DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L.(orgs.) São Paulo: Studio Nobel, 1996. p: 187-212.
- ORLANDI, Eni P. *Cidade dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2004
- _____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005
- ORNSTEIN, S.; BRUNA, G.; ROMÉRO, M. **Ambiente Construído e Comportamento: Avaliação Pós-Ocupação e a Qualidade Ambiental**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2006.
- PECHMAN, Robert M. (Org.) **Olhares sobre a Cidade**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994
- PEDRO, Rosa M.L.R. **Cognição e Tecnologia: Híbridos Sob o Signo do Artífício**. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 1996. Tese [Doutorado em Comunicação]
- _____. Reflexões sobre os processos de subjetivação na Sociedade Tecnológica. In: Machado, J. Trabalho, Economia e Tecnologia: **Novas Perspectivas para a Sociedade Global**. São paulo: Tendenz, Bauru: Praxis, 2003a
- _____. As Redes da Atualidade: refletindo sobre a produção de conhecimento. In: **Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social**. NETO, M.I e PEDRO, R. (orgs.). Coleção EICOS, Rio de Janeiro: Mauad/Bapera Ed., 2003b (p. 29-46).
- PINHEIRO, A. Corredor Cultural, um projeto de preservação para o Rio de Janeiro. In: **Anais do II SEDUR – Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**, p.187-201. Ed. PINI, São Paulo, 1986.
- _____. Preservar, conservar e modernizar: um novo paradigma para a reabilitação do centro do Rio. Coleção Estudos da Cidade. Rio Estudos nº 52, maio, 2002 (Estudo 273) Disponível em < <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/indice/flanali.asp?codpal=376&pal=LAZER> >. (consulta realizada em novembro de 2007).
- _____. Rio 1900. Instituto Light: Rio de Janeiro, 2002 Disponível em <<http://www.light.com.br/foster/web/aplicacoes/documentos/instituto/artigos/documentolist.asp>>. Consulta realizada em 19/05/2002.
- PINHEIRO, A., DEL RIO, V. Corredor Cultural: Um distrito de preservação no centro do Rio de Janeiro, Brasil. **Traditional Dwellings and Settlements Review**, vol. 4 # 2, Spring, 1993.
- PINHO, Claudia M. M. de. **Uma Passarela para a Modernidade: Da Avenida Central à Avenida Rio Branco, o Desfile do Século**. Rio de Janeiro: IPPUR/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989
- PREUSS, Miriam R.G. **Emprego Doméstico e Domínio Simbólico**. Rio de Janeiro: PUC-RJ. 1995. Tese [Doutorado em Psicologia].
- _____, M. A Abordagem Biográfica – história de vida – na pesquisa psicossociológica. In **Série Documenta** – ano VI, no. 8. Rio de Janeiro: EICOS-UFRJ, 1999.
- PRIGOGINE & STENGERS. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. (4ed.) Brasília: Editora da UNB, 1997. [primeira edição publicada em 1984]
- RAPOPORT, Amos. **Human Aspects of Urban Form – Towards a Man-Environment Approach to Urban Form and Design**. New York: Pergaman Press, 1977.

- _____. **The Meaning of the Built Environment: A Non-Verbal Communication Approach**, Beverly Hills: Sage, 1982.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso. *Centro Empresarial Internacional Rio – RB1: Território de Conflitos de Percepções, Imagens e Expectativas*, in DEL RIO (Org.). **Arquitetura – Pesquisa e Projeto** - Coleção PROARQ Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 1998, p. 183-200.
- _____. **Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica COPPETEC-COSENZA na Avaliação de Edifícios de Escritório**, Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2000. Tese (Doutorado)
- _____. *De Corpo Presente - Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído*. In: **Anais do NUTAU'2004**. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. (CD-ROM)
- RHEINGANTZ, P.A.; COSENZA, C.; LIMA, F. e AZEVEDO, G. Avaliação Pós-Ocupação do Edifício de Serviços do BNDES/RJ (EDSERJ) in **Anais do NUTAU'98** (1998). [art. 048/CD-Rom]
- RHEINGANTZ, P.; DEL RIO, V.; DUARTE, C. *Fatores Culturais: Uma Nova Categoria para a POE*. In: **EDRA Proceedings 33/2002**. Philadelphia: Peter Hetch, 2002
- RHEINGANTZ, P.; SAMPAIO, M.C.; PEÇANHA, M.. *Análise visual da qualidade ambiental: estudo de caso de edifício reciclado no centro do Rio de Janeiro*. In: **Anais do NUTAU'2002**. São Paulo: FAU USP. 2002. [CD Rom].
- RHEINGANTZ, P; ALCANTARA, D.; del RIO, V. A influência do Projeto na Qualidade do Lugar – Percepção da Qualidade em Áreas Residenciais no Rio de Janeiro, Brasil. In: **Sociedade e Território – Revista de Estudos Urbanos e Regionais**. número 39. Porto: Edições Afrontamento, Dez 2005.
- RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D. *Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos*. In: **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.7, n.1, p. 35-46, jan-mar 2007.
- RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D.; BARBOSA, A. *Pires de Almeida: Reduto da Alma Encantadora das Ruas do Rio de Janeiro*. In **Anais do III Seminário Projetar**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- RIBEIRO, Paula. *Multiplicidade Étnica no Rio de Janeiro - Um estudo sobre o "SAARA"*. Revista do Arquivo Nacional - Acervo. V.10, n.2. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1998.
- RIEWOLDT, Otto. **Intelligent Spaces: Architecture for the Information Age**. London: Lawrence King, 1997, p. 7-11; 56
- RIO, João do. **A alma encantada das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
- RIOARTE/IPLANRIO. **Corredor Cultural: Como Recuperar, Reformar ou Construir seu Imóvel**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1985.
- RODRIGUES, D. **O Uso Extra-Fiscal da Tributação do Ordenamento Urbano**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- RYPKEMA, D. **The Dependency of Place**. in Places vol. 10 no 2, 1996.
- SANNOFF, H. **Visual research methods in design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- _____. **Integrating Programming, Evaluation and Participation in Design - A Theory Z Approach**. Raleigh: Henry Sanoff, 1992.
- SANTOS, Boaventura S. **Um Discurso sobre as Ciências**. (7ed) Lisboa: Afrontamento, 1995. (1ª edição em 1987)
- SANTOS, Milton. *Geografia*, in Mais! - Folha de São Paulo, São Paulo, 13/abr/1997.

- _____. **O espaço dividido**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1979
- _____. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- SANZ, Juan Luis de las Rivas. **El Espacio como Lugar** – Sobre la naturaleza de la Forma Urbana. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992.
- SENNETT, Richard. *The use of disorder: personal identity and city life*, London: Faber, 1996.
- SERRES, Michel. **Os Cinco Sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- SMU-IPP. *Macrofunção: Habitar o Centro*. Coleção Estudos da Cidade: Rio Estudos nº 105 (Estudo nº 101). Junho/2003. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>> (acessado em novembro/2007)
- SHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo**. Porto Alegre: ArtMed, 2000
- SISSON, Raquel. *Marcos Históricos e Configurações Espaciais, Um Estudo de Casos: Os Centros do Rio de Janeiro*. **Arquitetura em Revista**, 2º Sem./86, pp. 57-81. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. **Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades**. Barcelona: G.Gili, 1996
- SOMMER, Robert. **A Conscientização do Design**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.
- SOMMER, Robert e SOMMER, B. **A Practical Guide to Behavioral Research** – Tools and Techniques. New York: Oxford Press, 1997.
- SORKIN, M., (Ed). **Variations on a theme park: the new American city and the end of public space**. New York: Hill and Wang, 1992
- SOUZA, Fabiana de Santos. **A Qualidade do Espaço Construído da Creche e suas influências no comportamento e desenvolvimento da Autonomia em crianças entre 2-6 anos**. Estudo de Caso: Creche UFF. Rio de Janeiro: PROARQ-FAU-UFRJ, 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)
- SPRADLEY, James P. **Participant observation**. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1980
- STEWART, Thomas A. *Capital Intelectual*. Rio de Janeiro: Campus, 1998
- THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **Regards en Action : Ethnométhodologie des Espaces Publics**. Marseille: Éditions Parenthèses, 2001
- _____. *La compréhension de l'expérience sensible*. **l'Habilitation à Diriger les Recherches : La ville à l'épreuve des sens**. Université Pierre Mendès France, Grenoble, 2003, p. 71-86
- THIBAUD, Jean-Paul ; AMPHOUX, Pascal ; CHELKOFF, Grégoire [Org.]. **Ambiances en Débats**. À la croisée, 2004
- THOMPSON, Evan. *Human Consciousness: from Intersubjectivity to Interbeing*, Nova York: Fetzer Institute, 1999. Disponível em <<http://www.philosophy.ucf.edu/pcs/fetz1.html>>, Acessado em maio/2005.
- _____. *Empathy and consciousness*, **Journal of Consciousness Studies** 8(5-7), 2001: 1-32. Disponível em <<http://individual.utoronto.ca/evant/Articles.htm>> (acessado em out /2007).
- _____. *Sensorimotor Subjectivity and the Enactive Approach to Cognition*. In: **Journal of Phenomenology and Cognitive Sciences**, Vol 4, n. 4, ISSN 1572-8676, Springer Netherlands, Dez 2006. Disponível em <<http://springerlink.metapress.com/content/n2215w091335206r/?p=5309b0731a51478a85cb8a130321f623&pi=2>> (acessado em outubro/2007)

- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. **Espaço e Lugar** - a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TULKU, Tarthang. **Conhecimento da liberdade** – Tempo de Mudança (2ª Ed.) São Paulo: Instituto Nyingma do Brasil, 1997
- VAZ, Lilian Fessler. Planos e Projetos de regeneração cultural: notas sobre uma tendência urbanística recente. In: **Anais VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Niterói – RJ. 2004.
- VAZ, Lilian Fessler, JACQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. **Anais do IX ENAMPUR**, Rio de Janeiro, 2001. p. 664-674.
- _____. A cultura na Revitalização Urbana – Espetáculo ou Participação?. In: **Espaço e Debates Revista de Estudos Regionais e Urbanos** – v. 23 n. 43-44 São Paulo: PW Graf.e Ed. Assoc., 2003 (p. 129-140)
- VARELA, F. **Sobre a Competência Ética**. Lisboa: Ed. 70., 1992.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
- VASCONCELLOS, Patrícia. **Interiores – Corredor Cultural: Centro Histórico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002
- VENTURI, R. **Complexidade e Contradição em Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes Ed., 1995 [publicado originalmente em 1966]
- VIANNA, Lidia Quiéto; CAVALCANTI, Patrícia. Observação Incorporada no SAARA: Relatório Final da Disciplina Seminários de Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído. Rio de Janeiro: Prolugar, 2007. Disponível em www.fau.ufrj.br/prolugar/trabalhos_academicos.htm (acessado em jan/2008)
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, Nobel, 1998
- VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- YÁZIGI, Eduardo. **Deixe sua Estrelha Brilhar: criatividade nas ciências humanas e no planejamento**. São Paulo: CNPq/Edit. Plêiade, 2005.
- _____. **Esse Estranho Amor dos Paulistanos: Requalificação urbana, cultura e turismo**. São Paulo: Global; Brasília: CNPq, 2006
- WALTER, E. **Placeways: A Theory of the Human Environment**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988.
- WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. [13ª ed.] Vozes, Rio de Janeiro, 1982
- WELWOOD, John. **Em Busca de Uma Psicologia do Despertar**. São Paulo: Rocco, 2003
- WHYTE, William F. **Street Corner Society: the social structure of an Italian Slum**. Chicago: University of Chicago, 1955
- WHYTE, William H. **The Social Life of Small Urban Spaces**. 3ed. Washington: The Conservation Foudation, 2004 [originalmente publicado em 1980]
- _____. **City: Rediscovering the Center**. New York: Doubleday, 1988
- ZEISEL, John. **Inquiry by Design - Tools for Environment-Behavior Research**. Monterey: Brooks/Cole Publ. 1981.

MAPA DA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DO CORREDOR CULTURAL EM 2007



Fonte: Informações obtidas no 1º. ETCC-Centro (edição no aplicativo Vectorworks sobre planta cadastral por Alexandre Barbosa)

ANEXO II

QUESTIONÁRIO BÁSICO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

No. _____ Local: _____ Data: ____/____/2007 Hora: _____

Este é um estudo acadêmico, parte da pesquisa de doutoramento que visa avaliar os impactos dos processos de revitalização na fruição, apropriação e sentido de lugar e obter as opiniões, imagens, sentimentos e expectativas dos usuários que usam, trabalham ou vivem no Centro. Obrigada por sua colaboração!

1. Em que lugar nós estamos?
2. Qual a primeira palavra que vem a sua cabeça quando pensa neste lugar?
3. O que acha deste lugar?
4. Em sua opinião, o que melhor caracteriza ou identifica este lugar?
5. Você poderia listar cinco objetos ou elementos físicos que mais lembram este lugar?
6. Poderia listar qualidades e/ou defeitos deste lugar?
7. O que acha que está faltando neste lugar? O que deveria ser modificado?
8. Quais suas expectativas sobre este lugar?
9. Você considera este lugar seguro? Por quê?
10. Em que bairro ou cidade você reside?
11. O que vem fazer aqui?
12. Costuma freqüentar as ruas e arredores do centro? Poderia listar alguns? Com qual freqüência? ____/mês; ____/semana; ____/dia.
13. Que acha destes lugares?
14. Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?
15. Você sabe o que é o Corredor Cultural?
16. Qual a sua opinião sobre a contribuição do Corredor Cultural para a revitalização da área central?

Ocupação _____ Nível de escolaridade _____

Faixa etária _____ Sexo _____

Por favor desenhe um croquis de memória sobre o lugar no verso, mostrando elementos físicos/atributos, como um mapa para alguém que não conhece esta área ou sua vizinhança.

Obrigada por sua colaboração!
Denise de Alcantara - Doutoranda PROARQ-FAU-UFRJ - deal.rk@terra.com.br

QUESTIONÁRIO BÁSICO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (INGLÊS)

QUESTIONNAIRE MODEL FOR SEMI-STRUCTURED INTERVIEW

Location: _____ **Date:** ____/____/2006 **Time:** _____

This is an academic study on Downtown users' perception and cognition. It is part of my doctorate research on Downtown revitalization and aims to capture dwellers' and users' experiences, opinions, perceptions, images, feelings and expectations about living, using and working in Downtown. Thank you for your collaboration!

Name:		Education level:	
Occupation:		Gender:	Age:

1. Do you live in Downtown? For how long?
2. What do you do here? How frequently do you come to Downtown? ____/month; ____/week; ____/day.
3. Which neighborhood are we in?
4. What is the first word that comes to your mind when you think about Downtown as a whole?
5. And what is the first word that comes to your mind when you think about this neighborhood?
6. What better represents Downtown for you?
7. Could you tell me five elements - buildings, streets, landmarks, places – that you remember most from Downtown?
8. Could you tell me five elements that you remember most from Gaslamp?
9. Are you engaged in Downtown community activities? Why?
10. Is Downtown a good place to live or work?
11. Has Downtown a nice environment?
12. What are its best features and what would you change?
13. When you think about Downtown public spaces, what does come to your mind?
14. Could you list three public or civic spaces in Downtown? Are they good public places?
15. Do you feel safe in Downtown public places? If not, why?
16. What would you do to improve your neighborhood? What is missing?
17. What do you think about housing availability in Downtown?
18. Do you think there should be more retail and commercial activities? Where?
19. What are your expectations for the next 5 years?

Could you made a sketch or drawing by memory in the space below, showing some physical elements of features, as you would make a map to someone who does not know Downtown or your neighborhood?

THANK YOU FOR YOUR COLABORATION!
 Denise de Alcantara, Architect Ms, Visiting Scholar SDSU
 Email: deal.rlk@terra.com.br

¹ O modelo original de duas páginas com espaço para respostas e para o desenho do mapa mental, foi reduzido aqui para uma folha.

ANEXO IV

PRINCIPAIS DESCOBERTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NO RECORTE PRAÇA XV

PRAÇA QUINZE - Pergunta 1 - Em que lugar nós estamos?		
<i>Respondente</i>	<i>Resposta</i>	<i>Complementos</i>
T1	Praça Quinze	
T2	Praça Quinze	
T3	Paço Imperial	
T4	Praça Quinze	
T5	Corredor Cultural	
T6	Rua do Ouvidor, Praça XV	
T7	Praça Quinze, RJ	
T8	Praça Quinze	
T9	Praça Quinze	Chegada da Família Real
T10	Praça Quinze	
T11	Praça Quinze	
T12	Praça Quinze	
T13	Praça Quinze	
T14	Praça Quinze	
T15	Praça Mauá	Somente depois de questionada corrigiu para Praça XV
T16	Praça XV, 48 – Paço Imperial	
T17	Rua do Ouvidor	Famosa Rua do Ouvidor
T18	Praça Quinze	
T19	Praça Quinze	
T20	Praça Quinze	
V1	Arco do Teles	
V2	Praça Quinze	
V3	Praça Quinze	
V4	Praça Quinze	

PRAÇA QUINZE - Pergunta 2 - Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando pensa neste lugar?		
<i>Respondente</i>	<i>Resposta</i>	<i>Complementos</i>
T1	trabalho	Melhor lugar para trabalhar (há 10 anos)
T2	mar	
T3	barcas	
T4	barcas	
T5	tranquilidade	
T6	própria vida	
T7	Rua 1º. de Março	Paço Imperial, Barcas, Arco do Teles e monumento do Chafariz
T8	-	Não gosta do lugar, só vem a trabalho
T9	amor	Que todos se unissem.
T10	Largo do Paço	
T11	esperança	
T12	feira de artesanato	
T13	pioneirismo	Foi onde o Rio começou.
T14	trabalho	
T15	praça	O movimento e o comércio de uma praça
T16	tranquilidade	
T17	"artéria principal do Brasil"	
T18	barcas	
T19	movimento de pessoas	
T20	paz	
V1	Almoço, lazer	
V2	árvores	
V3	Espaço público	
V4	mulher	[sem nenhuma convicção]

PRAÇA QUINZE - Pergunta 3 – O que acha deste lugar?		
<i>Respondente</i>	<i>Resposta</i>	<i>Complementos</i>
T1	Bom	proximidades a comércio e serviços; centralidade
T2	Maravilhoso	brisa; grande praça; história
T3	Bom	Pessoas diferentes; shows variados
T4	Adequado ao trabalho	
T5	Muito bom	Freqüenta há 50 anos
T6	Adora	Freqüenta há 37 anos
T7	Nobre	Presença de prédios imponentes e históricos
T8	não gosta	Sujeira; assalto
T9	Bom	Todo o planete é bom
T10	Tranquilo	Em certos momentos
T11	Gosta muito	
T12	Lindo	Maravilhoso; essência magnífica
T13	Muito bom	Mal cuidado e abandonado
T14	ótimo	
T15	Bonito mas perigoso	Arquitetura; valor histórico
T16	tranquilo	corredor cultural, edifícios históricos, cultura, lazer, turismo
T17	Adora; privilégio estar lá	
T18	Lugar histórico	
T19	Apazível	Poderia ser mais limpo e seguro
T20	Tranqüilidade; descanso	
V1	Muito agradável	Arquitetura antiga
V2	Apazível; histórico	abandonado
V3	Espaço aberto	Ambiente de trabalho; variedade; pessoas; turistas; feira
V4	Tranquilo	<i>Sem muita convicção</i>

PRAÇA QUINZE - Pergunta 4 – Em sua opinião, o que melhor caracteriza ou identifica este lugar?								
<i>Categ.</i>	<i>museus</i>	<i>marcos</i>	<i>barcas</i>	<i>centros culturais</i>		<i>arquitetura histórica</i>	<i>turismo</i>	<i>outros</i>
<i>respond</i>								
T1	Paço	Arco Teles						
T2			Estação barcas					
T3				Centros cult				
T4						Edif. históricos		
T5				eventos		Edif. históricos		
T6						Edif. históricos /arquitetura	turismo	
T7		Arco Teles						Igr. Carmo
T8								
T9						história		
T10						Local histórico	Ptos. turísticos	
T11						arquitetura		
T12							Ptos. turísticos	
T13				Centros cult	praça			
T14	Museu Paço							Bolsa valores
T15						monumento		
T16	Paço		Barcas					Assembléia
T17	Paço				Praça XV			
T18	Museu Paço							
T19								movimento
T20						monumento		
V1		Arco Teles						
V2								excesso abandono
V3						história	turismo	
V4								mendigos

PRAÇA QUINZE - Pergunta 5 - Poderia listar 5 elementos físicos que mais lembram este lugar?																									
Respondente		T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12	T13	T14	T15	T16	T17	T18	T19	T20	V1	V2	V3	V4
Elementos e totais																									
Arco do Teles	6	1									3							1	3	1					4
Paço Imperial	13	2			4		1			4	1	2	3	1	2		3	1	3		3				
Museu da Marinha	2	3																	5						
CCBB	4	4	2		2								4												
Espaço Cultural Correios	3	5			1													5							
Bolsa	6		1	3		2	4								2					2					
Barcas/ Est. Barcas	12		2	1	1				2			4	5	3	5				2	4	1		1		
Edif. Históricos	3		3																			4		1	
MAM	1			3																					
Museu Histór. Nac	1			4																					
Igrejas	5			5	3					5						1								2	
Palácio Tiradentes	3			2										5									2		
Largo Paço	3				5			1	1																
Conjunto Arquitetônico	1					1																			
Igr. Sta Cruz Militares	1					3																			
Igreja N.S.Lapa dos Mercadores	1					4																			
Candelária	1					5																			
Chafariz	4							2					1				2				3				
Igreja Carmo	3							3			2												4		
Rua Alfândega	1								2																
Árvores	4									3	1	4													3
Amigos	1									4															
Monum. Gen.Osório c/ cavalo	7										2	3		2		3							3	3	4
Castelo	1												1									2			
IBAMA	3												3		4	4									
Turistas	1												5												
Centros culturais	1																	4							
Tribunal	1																		4						
Mergulhão	2																			5		1			
Vista de Niterói	1																					2			
Tabacaria Africana	1																							5	
Sol	1																								1
Sombra	1																								2
Banco de pedra	1																								5

PRAÇA QUINZE - Pergunta 6 – Poderia listar qualidades e/ou defeitos do lugar?			
Qualidades		Defeitos	
Proximidade com Niterói; proximidade com o Centro	III	Insegurança – moradores de rua, pivetes; ladrão; assaltos	IIIIII
Vista bonita; beleza; espaço físico bonito	IIII	Falta orelhão	II
Comércio local; centro comercial	IIII	Falta estacionamento; estacionamento ilegal	I
Gastronomia;	III	Falta policiamento, segurança pública e guarda municipal	IIIIIIIIII
Arco do Teles	I	Falta atuação da prefeitura; abandono pelas autoridades; descaso de conservação e do urbanismo; conservação dos edifícios precária, aparência desgastada	IIIIIIIIII
Diversidade de ofertas de comércio e serviços; empregos	III	Falta maior liberdade para os comerciantes	I
Calor humano	I	Calçamento sem manutenção	I
Lugar tranquilo; tranquilidade	III	Apropriação indevida do espaço público	II
Boas boates; bares; diversão; lazer	IIII	Arandelas antigas sem manutenção; falta iluminação	IIII
Shows ao ar livre na praça	I	Monumento descuidado	I
Nenhuma	I	Todos	I
Praça ótima; ambiente agradável	II	Falta fiscalização para impedir novos feirantes	I
Amplitude; lugar amplo	II	Falta união entre os feirantes	I
Diversidade de pessoas; pessoas interessantes	II	Faltam bancos na praça	I
Mulheres bonitas	I	Falta suporte da prefeitura para atrair público no fim de semana	I
Árvores; natureza	II	Falta infraestrutura: lixo, sujeira, cabos expostos, esgoto	I
Boa oferta de transportes	III	Barulho de música muito alto	I
Edifícios bonitos; arquitetura do lugar, edifícios bonitos	III		
História do lugar; importância histórica; volta ao passado	IIII		
Ponto de encontro	I		
lugar de cultura	II		

PRAÇA QUINZE - Pergunta 7 – O que acha que está faltando, o que poderia ser modificado?	
Diminuir a praça e colocar mais vagas	I
Manutenção no viaduto	I
Viaduto bloqueia a visão	I
Estacionamento subterrâneo sob a praça	I
Deveria ter mais eventos; maior divulgação de eventos; patrocínio da prefeitura para eventos; mais eventos culturais	IIII
Mais policiamento; investimento em segurança	IIIIIIIIII
Menores impostos e taxas	I
Investimento em iluminação	III
Mais investimentos em conservação, manutenção e limpeza urbana	IIII
Fiscalização da prefeitura sobre os feirantes	I
Quiosques padronizados	I
Manter a consciência na história e no passado, não mexer mais no espaço físico	I
Maior cuidado dos comerciantes com os elementos arquitetônicos e urbanísticos do lugar;	I
Mais conservação do patrimônio histórico	I
não mexeria em nada	II
Instalação de banheiros públicos	I
Instalação de mobiliário urbano: bancos, mesas para jogos	I

PRAÇA QUINZE -Pergunta 8 – Quais suas expectativas em relação a este lugar?		
Respostas	Positivas	Negativas
Cercamento da praça para melhorar a segurança; melhorias na segurança	IIII	
Mais estacionamento	I	
Mais eventos culturais; mais shows	II	
Sem expectativas; dependem do governo; não tem essa preocupação		
Maior atuação do estado e prefeitura	I	
Maior divulgação dos eventos após a instalação do Pólo Gastronômico	I	
Positivas, mas o Corredor Cultural não cuida da praça	I	
Maior visitação; maior frequência de público consumidor	II	
Maior organização da Feirarte	I	
Tecnologias mais avançadas	I	
Melhorias em limpeza urbana	I	
Espera melhorias urbanas e em segurança que atraiam mais pessoas para conhecerem a história do lugar	I	
Melhores estabelecimentos comerciais, uso mais racional do ambiente	I	
Vai piorar em termos de segurança		I
Que continue existindo integrando o individual e o coletivo na preservação da história	I	
Mesmo que haja reformas, a atmosfera não deveria mudar	I	
Não vê boas perspectivas no quadro político e econômico para que resulte em melhorias		I

PRAÇA QUINZE - Pergunta 9 – Considera este lugar seguro? Por que?			
Sim	Não	indef	Comentários
		I	A segurança está dentro de nós
	I		Vejo assaltos, pivetes atrás de idosos, correm muito rápido
	I		Policimento insuficiente
	I		Depende do horário, vejo muitos assaltos da janela, a idosos, roubos de celulares.
I			Muito seguro
I			Trabalha com tranqüilidade, nunca teve a loja assaltada ou arrombada (há 37 anos no lugar)
	II		Há assaltos, não há policiamento.
		I	Já foi pior, hoje não tem tanto ladrão, mas muitos roubos de celulares
	I		Testemunhou alguns assaltos
	I		Há muitos furtos e violência; a polícia militar diz que a responsabilidade é da guarda municipal
I			Apesar dos assaltos, é tranqüilo
	II		Não há policiamento
	I		Nenhum lugar é seguro
	I		A presença do jogo de bicho impõe uma certa segurança; na Praça XV há batedores, mas violência.
		I	Relativamente, mais durante o dia que à noite.
	I		No final da tarde não e há noite muito perigoso; conhece estórias de assaltos; é um problema da cidade como um todo
		I	Nenhum lugar na cidade é; mas há policiamento
		I	Sim durante o dia e não durante a noite
	I		Principalmente a noite, muito perigoso
	I		A segurança é precária, há muito mendigo, pivete, assaltos

PRAÇA QUINZE - Pergunta 10 e 11 - Costuma freqüentar as ruas e arredores do centro? Poderia listar alguns? Com que freqüência?						
Resp.	local resid.	lugares	finalidade	Freqüência		
				vezes/mês	vezes/sem	fim de semana
T1	Niterói	Rua Uruguaiana Barcas	Compras Ida e volta ao trabalho	1	5	
T2	Tijuca	Bolsa de Valores	Só para trabalhar		5	
T3	Nova Iguaçu	Arco do Teles R.do Ouvidor Rua Uruguaiana	Lazer, diversão compras	2	1	
T4	Vila Isabel	Centros Culturais	Teatro e shows com família			X
T5	Castelo, Centro	Na área há 50 anos e Na Rua Ouvidor há 7	Trabalhar e lazer		7	
T6	Rio Comprido	Rua do Ouvidor há 37 anos	Trabalhar Lazer		6 3	
T7	Catete	Praça XV	Trabalhar		2	
T8	Campo Grande	Praça XV Rua da Alfandega	Conversar Trabalhar		2 5	
T9	Niterói	Praça XV	Trabalhar		2	
T10	Glória	Praça XV SAARA	Trabalhar Comprar material artesanato		2 2	
T11	Bonsucesso	Largo da Carioca Praça XV	Trabalhar Paquerar		5 2	
T12		Praça XV	Trabalhar		2	
T13	Município RJ	Praça XV Centros Culturais	Trabalhar Exposições, eventos culturais	2	2	
T14	Niterói	Praça XV SAARA	Trabalhar Comprar material artesanato	2	2	
T15	Jardim América	Praça XV	Só para Trabalhar		2	
T16	Glória	Praça XV e entorno Rua do Lavradio	Trabalhar, Lazer Lazer, shows	3	5	
T17	Botafogo	Ruas do centro	Lazer, shows, exposições		2	
T18	Grajaú	Praça XV Centros culturais	Trabalho Lazer, cultura	3	5	
T19	Grajaú	Praça XV Arco do Teles	Espalreecer Lazer, happy hour	4	3	
T20	Ilha do Governador	Praça XV	Espalreecer, descansar Percurso para as barcas		3 5	
V1	Tijuca	Cândido Mendes Arco do Teles	Estudar Lazer, happy hour		5 3	
V2	-	Praça XV	De passagem	2		
V3	Miguel Pereira	Praça XV – feira	Trabalhar		2	
V4	Jacarepaguá	Praça XV	Descansar do almoço		5	

PRAÇA QUINZE - Pergunta 14 - Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?			
<i>Respond.</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>quais</i>
T1		X	
T2		X	
T3		X	
T4		X	
T5	X		Associação dos Amigos da 1° de março e Adjacências
T6	X		Polo gastronômico da Praça XV
T7	X		Conhece o SAARA
T8		X	
T9	X		Coordena a Feirarte que é uma associação de artesãos
T10		X	
T11		X	
T12		X	
T13		X	
T14		X	
T15		X	
T16		X	
T17	X		Polo gastronômico da Praça XV, sob a orientação do SEBRAE
T18		X	
T19		X	
T20		X	
V1	X		A FUCAM atende a população das questões de direito legal
V2		X	
V3		X	
V4		X	

PRAÇA QUINZE - Perguntas 15 e 16 - Você sabe o que é o Corredor Cultural? Qual a sua opinião sobre a contribuição do Corredor Cultural para a revitalização da área central?				
resp	sim	não	como define...	como contribui para a revitalização do centro
T1	X		centros culturais que são visitados por turistas.	
T2	X		eventos de cultura que têm por aqui, shows, teatros...	
T3		X		
T4	X		A preservação do patrimônio histórico e dos edifícios com fins culturais	
T5	X			Acha que o Corredor Cultural atua pouco, deveria ter mais eventos próximos a Rua do Ouvidor
T6	X		A preservação do Patrimônio aliada a cultura, mas não sabe da atuação do projeto, nem de sua abrangência	Deveria ter isenção ou incentivos de impostos para os comerciantes
T7	X		Existe Corredor Cultural na Lapa. "É importante preservar o lugar por que senão se apaga a história deste."	"Muito importante o Corredor Cultural para história, por que tudo transpira cultura a Praça XV, o Morro do Castelo. Verdadeiros marcos históricos"
T8		X		
T9	X		São as propriedades do governo	
T10	X		São espaços onde há teatros, exposições de arte, leitura, cinema e atividades culturais	Contribui para preservação das áreas antigas para restauro, para a cidade ficar mais bonita e com isso o centro passa a ser mais usado.
T11	X		Para fazer restauro.	O lugar velho não fica bonito senão for restaurado
T12	X		CCBB, o Paço Imperial e os Correios.	
T13	X		Um projeto que tem por finalidade revitalizar o centro da cidade.	Contribui para o trabalho de algumas pessoas sem apoio da prefeitura.
T14		X		
T15	X			Parece que tem exposição; tem coisas bonitas lá "pra" vê, "né?", mas eu não sei nem direito do que se trata.
T16	X		Corredor Cultural porque a Praça XV é um berço de cultura, desde o início na época de D. João XVI, tinha o chafariz do mestre Valentim e onde as embarções abasteciam com as águas que vinha de Santa Teresa, mas ao mesmo tempo desembarcavam aqui grandes culturas: a comissão francesa, quando chega ao Brasil, chega por aqui. (...)Mas hoje com o Corredor Cultural temos o Arco do Teles, a casa de Carmem Miranda que foi incendiada e não existe mais. As casas culturais da sua época: Paço Imperial, CCBB, Casa França Brasil, Museu do Correios, do outro lado o Museu Histórico. Considero um corredor cultural. Há outras etnias. Você toma um chopinho, conversa. Universitários e estudiosos vêm ao local bebem e discutem arte e cultura de um modo geral.	Pra revitalizar, digamos assim: eu acho que "tá" bonito, "tá" bom, "tá" legal, agora... existe já os shows, "né?" de grandes artistas, como eu já assisti vários, entendeu, de alto nível "né?" que a prefeitura "tá" patrocinando e gratuito.
T17	X		órgão que foi criado e está subordinado à prefeitura e que cuida da parte arquitetônica de uma região do centro que eles delimitaram que se chama Corredor Cultural. São a quem você se dirige para pedir permissão para uma obra e enquadrarem sua obra dentro das normas daquela região.	Eu adoro o projeto do Corredor, eu só acho que eles são muito poucos(...) eles precisavam de uma injeção de gente mesmo, gente capacitada...(...) Eles não tem como controlar, eles não tem nem como fiscalizar as obras que estão acontecendo, como vão fazer essa política de conscientização das pessoas do uso... (...)Eu acho a idéia legal, mas acho que eles precisavam de uma injeção de dinheiro mesmo, (...), poder político. (...)Você vai fazer uma política de conscientização das pessoas, que vai funcionar em meia dúzia e as outras duzentas não vão estar nem aí, tudo bem, porque isso vai se multiplicando... tem que começar de algum lugar.
T18		X		
T19		X		
T20		X		
V1		X		
V2	X		Eu acho excelente. Eu acho que foi feito na... a não ser que eu esteja "redondamente" enganado, na Rua da Carioca.	A preservação dos edifícios, a reurbanização, a conservação, ou seja, da nossa memória. Mas só fazem algo quando algumas marquises caem, que sempre ocorre nesses edifícios antigos.
V3		X		
V4		X		

ANEXO V

PRINCIPAIS DESCOBERTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NO RECORTE SAARA

SAARA - Pergunta 1 - <i>Em que lugar nós estamos?</i>		
respondente	lugar	Complementos
M1	Centro da Cidade	Rua Buenos Aires, 171
M2	Centro, SAARA	
T1	Centro do Rio, SAARA	Maior comércio popular do Centro
T2	Centro do Rio, SAARA	Onde tem uma concentração de comércio popular.
T3	Centro da Cidade	Rua Buenos Aires
T4	Centro	Acho que aqui é o Centro
T5	SAARA	
T6	SAARA	
T7	SAARA	
T8	SAARA	No maior centro comercial a céu aberto do país
T9	Loja, Centro	
T10	Rua Buenos Aires, Rio de Janeiro	
T11/M3	SAARA	
T12	SAARA, Centro do Rio	
T13	SAARA	
T14	SAARA	
V1	Centro da Cidade	Lugar histórico
V2	SAARA	
V3	SAARA	
V4	SAARA	
V5	Centro do Rio	Rua da Alfândega, perto do Camelódromo.

SAARA - Pergunta 2 – <i>Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando pensa neste lugar?</i>		
respondente		complementos
M1	comércio	O SAARA para mim é o comércio
M2	comércio	
T1	comércio popular	
T2	fácil acesso e clientes	
T3	comércio, movimento e tumulto.	
T4	Lojas	
T5	Pessoas	
T6	Trabalho	
T7	Trabalho	
T8	Crescimento	Vejo que o SAARA cresce cada dia mais.
T9	Trabalho	
T10	Declínio	Declínio de tudo, na segurança, comércio, organização, limpeza, lei social.
T11/M3	Comprar	
T12	Lojas e novidades	
T13	Harmonia	Harmonia entre os comerciantes e os preços baratos.
T14	Comércio	lugar de vendas
V1	Estudo e faculdade	Metrô da Presidente Vargas.
V2	Tumulto	
V3	Preço	Preços mais em conta
V4	Loja em que estava no momento.	(nos não anotamos o nome da loja)
V5	Multidão	Grande movimentação de pessoas. Calor no verão, desconforto, sujeira

SAARA - Pergunta 3 - O que acha do lugar?		
respondente	resposta	complementos
M1	Gosto, nada a reclamar	A noite silêncio.
M2	compras, igreja	Variedade de mercadorias
T1	Uma fonte interminável de descobertas	Variedade de produtos e preços em conta
T2	Comércio muito bom	
T3	Bom	Um lugar bom
T4	Legal	Porque as pessoas vêm comprar as coisas mais baratas. Tem um montão de "coisa" boas e baratas.
T5	Gosto	Gosto de trabalhar aqui.
T6	Legal	
T7	Gosta	Ficou muito tempo desempregada, como conseguiu emprego neste lugar passou a gostar.
T8	É a nossa vida, nossa sobrevivência	Isto da uma grande satisfação
T9	Agradável	Antigos e bons clientes.
T10	Ótimo	(emocionou-se com a pergunta e chorou)
T11	Legal	Bom pra passear, conhecer mercadorias novas.
T12	Muito divertido	O colorido das mercadorias das lojas.
T13	Muito inseguro	
T14	Um bom lugar	Bom relacionamento entre os comerciantes; diversidade cultural e étnica
V1	Bonito, interessante e histórico cultural	Gosto de caminhar por aqui. O lugar mostra um pouco da nossa cultura.
V2	Tem bom comércio	Esse lugar é muito vantajoso, as mercadorias são muito baratas
V3	É divertido.	Tem "altas" figuras aqui. Você se diverte muito.
V4	Lugar de bons negócios	
V5	Desestruturado	Poderia ser aprazível bonito, mal tratado e com muita sujeira proveniente das proximidades da saída do metrô da Uruguaiana.

SAARA - Pergunta 4 - O que melhor caracteriza este lugar?							
categoria respond.	comércio	aspectos sociais	aspectos negativos	mercadorias	história/cultura	dinheiro	preços baixos
M1	Comércio						
M2	Comércio						
T1							Preço popular
T2	Comércio	Interação com cliente					
T3	Comércio						
T4	Comércio						
T5		Pessoas/povão					
T6	Compras						
T7							
T8	Comércio						
T9	Compras						
T10		Companherismo/ Amigos	Decepções				
T11	Lojas						
T12	Lojas			Mercadorias Coloridas			
T13	Grande comércio, shopping a Céu aberto						
T14				variedade de mercadorias			preços baixos
V1		Pessoas			Centro Histórico/ Cultura		
V2				Diversidade de mercadorias			
V3	Comércio						
V4	Lojas					Dinheiro/ Renda	
V5		População					

SAARA - Pergunta 5 - Poderia listar 5 elementos físicos que mais lembram este lugar?																							
Respondente	M1	M2	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12	T13	T14	V1	V2	V3	V4	V5	Tot.	
Movimento	1																						1
Correria	2																						1
Barulho	3																						1
Confusão	4																						1
Lojas		1				1	2							1							1		5
Mercadorias; comércio diferenciado; baixos preços		2			1		1	2			12		3			3				2			10
Antigas lojas, hoje demolidas				1																			1
Tudo					2																		1
Lata de lixo					3																		1
Praça				4																			1
Passear								1															1
ruas com a mesma identidade									1	4		1				2							4
Av. Passos, R. Buenos Aires									2	2		2			3								4
Campo de Santana									3						1						4		3
Casario antigo												3				1							2
Roupa; Bijuteria													12						3	4			4
Calçadas													4										1
Bancos													5										1
Carros														2								2	2
Pessoas															3								1
Turista															4								1
Av. Presidente Vargas																2		3					2
Central do Brasil																4				5			2
Faculdade Moraes Júnior																	1						1
Espaços de cultura, teatros																		2,5					2
CIEE																		3					1
Bancas de produtos nas calçadas																		1					1
Chineses																		2					1
Produtos Falsificados																		4					1
Comida Árabe																		5	1				2
CD, DVD; som/ áudio																			2	3			2
Miudeza																			4				1
Rádio SAARA																				1			1
Camelô																					3		1
Sistema de Segurança																4							

SAARA - Pergunta 6 – Poderia listar qualidades e/ou defeitos do lugar?			
Qualidades		Defeitos	
Segurança; sistema de segurança privada	IIII	Falta de comércio e serviços para residentes	I
Receptividade dos comerciantes, bom atendimento	III	Pouca segurança; falta de segurança pública	II
Comércio com bons preços e diversificado	IIIIIIIIII	Ruas sem conservação e manutenção; Infraestrutura urbana: alagamentos	IIIIII
Diversidade social; mistura de pessoas, união entre judeus, árabes e recentemente orientais	III	Casario velho e maltratado,	I
Gastronomia: restaurantes árabes, sírios, portugueses, etc	I	Inexistência de programa de isenções e incentivos para os interiores das lojas	I
Nenhuma	I	Presença de pivetes, trombadinhas e mendigos	II
Arquitetura antiga	I	Lixo e sujeira; falta de limpeza, falta de lixeiras	IIII
		Nenhum	II
		Falta de banheiros públicos	IIII
		Falta de estacionamento	III
		iluminação pública precária	I
		Falta de segurança nas ruas do entorno do SAARA e à noite	II
		Apropriação das calçadas pelas lojas	I
		mistura de pessoas	I
		lojas precisando de reformas Lojas feias e desarrumadas	II

PRAÇA XV - Pergunta 7 – O que acha que está faltando, o que poderia ser modificado?	
Áreas de lazer	I
residentes	I
Praças mais limpas;	I
Falta coordenação na preservação do casario antigo; revitalização de algumas áreas; ambiente mais urbanizado e bonito	III
Mais colaboração e participação entre os lojistas com relação à associação	I
Faltam mictórios	I
Falta policiamento; falta segurança, mais segurança no entorno do SAARA	IIII
Não falta nada; não mudaria nada;	II
Preços mais baixos	I
Falta uma boa iluminação	I
A instalação de um bonde/palco para eventos na Praça dos Mascates	I
Estacionamento	I
Lixeiras nas ruas	I
Mudaria tudo em toda parte	I
Serviço de informação turística	I
Reforma das lojas	II
Eliminar os produtos das calçadas	I
Melhorias na circulação de pessoas e veículos; alargamento das ruas	II
Cobertura das ruas para proteção do pedestre	I
Mudança da decoração de natal	I
Faltam bancos e mesinhas para as pessoas descansarem enquanto compram	I

SAARA - Pergunta 8 – Quais suas expectativas em relação a este lugar?	Positivas	Negativas
Expectativas negativas; tendência a piorar		I
Melhoria dos edifícios	I	
A permanência do lugar como é, tradicional e popular	III	
Melhoria geral	I	
Haverá mais segurança; colocar mais segurança nas ruas e lojas; aumento das vendas	III	
Sem expectativas	IIII	
Mais horas de lazer	I	
A construção do Portal do SAARA: edifício comercial na Presidente Vargas já aprovado pelo Governador	I	
Mais tecnologia nas lojas	I	
Declínio total		I
Setorização das lojas por tipo de produtos	I	
Melhorias na circulação	I	
Adquirir mais imóveis	I	
Mais limpeza das ruas	I	
Abertura de novas lojas	I	
Depende da prefeitura em atuar no tombamento e na preservação do patrimônio		

SAARA - Pergunta 9 – Considera este lugar seguro? Por que?			
sim	não	indef	comentários
I			Para quem não conhece parece que não, mas como moro há muito tempo eu considero o SAARA um lugar seguro.
I			Tem segurança, mas deveria ter mais policiamento. Essa loja já foi assaltada.
I			Com certeza. Nós temos uma equipe de segurança.
II			
	I		Por que o policiamento é insuficiente.
	I		Por que tem muito assalto.
I			Muito. Porque aqui tem vários seguranças e profissionais que foram treinados para isso. Acho que é o único lugar seguro do Rio de Janeiro.
	I		Tem pouco policiamento na rua.
I			Afirma não ter violência e fala que o lugar tem uma boa segurança
I			Pela segurança particular que os comerciantes pagam
I	I		Mais ou menos, faltam policiais uniformizados.
	I		De forma alguma. Acontece assalto constantemente.
I			Mas o restante do Centro não é.
		I	A segurança depende da época. Próximo as "festas" o policiamento é insuficiente.
I			Aqui é seguro, mas o policiamento é insuficiente nas ruas próximas.
I	I		Pela manhã acho segura, mas a noite acho mais perigoso.
		I	Falta policiamento nas ruas – "Todo cuidado é pouco". Nas lojas parece existir policiamento.
			<i>Reflexo da cidade</i>
I			Muito seguro, pois tem de 2 a 3 seguranças em cada esquina
	I		É necessário ficar sempre atento a bolsa, eu nunca fui assaltada, mas conheço pessoas que foram.

SAARA - Pergunta 11 - Costuma freqüentar as ruas e arredores do centro? Poderia listar alguns? Com que freqüência?						
Resp.	local resid.	lugares	finalidade	Freqüência		
				vezes/mês	vezes/sem	Fim semana
M1	SAARA, Centro	Arredores do SAARA	Compras		7	
M2	SAARA, Centro	SAARA, Camelódromo				
T1	Tijuca	Alfândega, Senhor Passos	Trabalhar		6	
T2	Flamengo	Diversos	Compras		5	
T3		R. Rosário, Av. Presidente Vargas, Av. Rio Branco, Praça Mauá, Cinelândia, R. Alfândega	Lazer		1	
T4	Ramos	Uruguiana Lapa/Praça Tiradentes	Comprar Dançar pagode		5 estuda e 1 lazer	
T5	Inhaúma	Senhor Passos, Buenos Aires Av. Passos e Camelódromo	Comprar e comer		5	
			Comprar e comer		5	
			Comprar e comer		5	
			Comprar e comer		5	
T6	Nova Iguaçu	Avenida Rio Branco Praça Tiradentes	Não é para lazer		6	
			Não é para lazer			
T7	Nova Iguaçu		Trabalho		5	
T8	Copacabana	Todos os lugares da região há 44 anos	Presidente da associação comercial há 18 anos		6	
T9	Copacabana	Não freqüenta	Apenas trabalho		6	
T10	Copacabana	Não mencionou os lugares	Apenas para ver como está a venda do comércio.		6	
T11	Centro, Rua Gonçalves Ledo	Praça XV, Camelódromo Uruguiana Lapa	(apenas durante o dia) (apenas durante o dia) (apenas uma vez)		Às vezes Às vezes Às vezes	
T12	Nova Iguaçu	Não freqüenta				
T13	Rio Comprido, Centro	Não freqüenta, Elogiou a Lapa				
T14	Jacarepagua	Rua Senhor dos Passos Ruas do entorno	Trabalhar Passear, descansar		5 4	
V1	Recreio	Não freqüenta				
V2	Vila da Penha	Camelódromo			Às vezes	
V3	Ramos		De passagem; freqüenta a 20 anos	6		
V4	Paciência	Não freqüenta				
V5	Teresópolis	CCBB, Casa França Brasil Centro Cultural da Caixa	Lazer	2		

SAARA - Pergunta 14 - Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?			
resp.	sim	não	quais
M1		X	
M2		X	
T1	X		Associação Comercial do SAARA.
T2	X		Associação Comercial do SAARA.
T3		X	
T4		X	
T5		X	
T6		X	
T7		X	
T8	X		Presidente da Associação dos comerciantes do SAARA.
T9		X	
T10		X	A igreja que frequento.
T11		X	
T12		X	
T13	X		Ultimamente não. Não está pagando ao SAARA, pois as vendas estão muito ruins. (ele conhece, mas não está associado no momento)
T14	X		Associação comercial do SAARA
V1		X	
V2		X	
V3		X	A rádio comunitária em Bangu. Rádio Bangu FM. (apesar dele ter respondido que sim, considero que deveríamos considerar não)
V4		X	
V5		X	

SAARA - Perguntas 15 e 16 - Você sabe o que é o Corredor Cultural? Qual a sua opinião sobre a contribuição do Corredor Cultural para a revitalização da área central?				
resp.	sim	não	como define...	como contribui para a revitalização do centro
M1	X		O Corredor Cultural cuida das fachadas dos prédios e impede que coloquem nas varandas coisas penduradas que não são permitidas	Com certeza, sem dúvida. Se não fosse o Corredor Cultural isso aqui seria igual à uma favela, porque as pessoas penduravam o que quisessem nos prédios.
M2		X		
T1	X		Sei que é um instrumentos que cobra dos lojistas que deixam de pagar o IPTU em troca de manter as lojas, o imóvel dentro das condições de época.	Contribui. Eu tenho uma opinião divergente... <i>(Com o gravador desligado ela citou as imposições feitas pelo Escritório Técnico na pessoa de principal cargo que decide sobre as reformas e fiscaliza as execuções de forma um tanto autoritária. Que às vezes a reforma é feita ligeiramente fora dos padrões de exigência do CC e que estas pequenas diferenças tem que ser corrigidas sob o risco de não renovarem as isenções do IPTU. Que deveria haver maior flexibilidade até porque muitos dos lojistas não possuem muitos recursos financeiros para atender ao 'gosto' pessoal (exigências sem critérios) do Corredor Cultural. Se não houvessem estas exigências tão rígidas, o SAARA como um todo já poderia estar quase todo 'legal' (reformado)</i>
T2	X		Sei. É preservar as coisas antigas das casas como era antigamente.	Tem, porque quem tem casa mais antiga e conserva ela tem a isenção do IPTU.
T3		X		
T4		X		
T5		X	Não. Mas já ouvi falar. Acho que é alguma coisa ligada a cultura, teatro, cinema e jornal	Bom! Aqui tem pessoas de várias culturas, de vários países. Aqui agrega árabes, chineses, portugueses. Então tem diversas culturas. Tem "nós" os brasileiros. Acho que sim, é um corredor cultural sim.
T6		X		
T7		X		
T8	X		Sim , conhece a dona Maria Helena McLaren, diz ser uma exímia arquiteta, administradora e conhecedora profunda da cultura do Rio de Janeiro.	O considera muito bom e organizado , e afirma ter um bom uso dos impostos para realização dos projetos do Corredor Cultural, ainda mencionou um projeto para limpeza de fachadas para tornar o Saara um verdadeiro Pelourinho do Rio de Janeiro, preservando sempre a cultura carioca.
T9	X		Um pouco , sabe que o Corredor Cultural visa preservar o patrimônio público, tomba imóveis históricos e não permitir a poluição no aspecto visual nas fachadas.	Considera positivas as normas e regras para do Corredor Cultural, porque a cidade fica mais bonita, agradável aos olhos com belas fachadas.
T10	X		Sim , conhece a Maria Helena q diz ser uma boa pessoa embora tenha tido problemas com ela.	Acha importante o trabalho do Corredor Cultural mantendo a organização e limpeza do Saara.
T11		X		
T12		X		
T13	X			Acha muito boa a atuação do corredor cultural. Falou que é muito importante reformar as edificações históricas, pois existem muitas que estão em péssimas condições, como por exemplo, o prédio da Polícia Federal, na Rua da Relação.
T14	X			Muito importante para a recuperação deste casario antigo e bonito que tem por aqui. Mas ainda tem muito cabo pendurado pelo lado de fora das fachadas. Eles têm feito um trabalho sério, mas as exigências são muitas e vários proprietários ou donos de negócios que não vão tão bem sentem dificuldade em atender o que eles pedem.
V1		X		
V2		X		
V3		X		
V4		X	um local com várias culturas reunidas.	
V5		X	Mais ou menos. Um conglomerado de espaços com todo tipo de atividades culturais, música, poesia, dança, enfim, tudo que se refere à arte e a cultura.	Indispensável porque o centro como um todo está muito abandonado, à excessão da Lapa que está sendo revitalizada, o resto ainda está muito abandonado e deveria haver mais cuidado das autoridades de oferecer todo tipo de atrativo para a população.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS DISTRITOS CENTRAIS DE SAN DIEGO



Fonte: CCDC – Downtown Community Plan (Disponível em < www.ccdc.com >)

ANEXO VII

PRINCIPAIS DESCOBERTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NO RECORTE GASLAMP

SAN DIEGO - Caracterização dos respondentes					
respondente	nome	ocupação	nível escolaridade	sexo	faixa etária
R1	Caryl Iseman	agente imobiliária	superior	feminino	30-65
R2	Ann Garrett	designer de jóias	pós-graduação	feminino	30-65
R3	Sandra Simmons	editora de web-news	superior	feminino	30-65
R4	Jeff Herscovitz	aposentado	superior	masculino	>65
R5	Marie Ruth	dona de casa	superior	feminino	30-65
R6	Jeff Hoskins	consultor	superior	masculino	30-65
R7	Gary Smith	aposentado da marinha	doutorado	masculino	>65
R8	Nancy Winfield	psicóloga	mestrado	feminino	30-65
R9	Nasrim saberi	corretora imobiliária	mestrado	feminino	30-65
R10	George Gillie	arquiteto	superior	masculino	30-65
R11	Dan Weary	planejador urbano	superior	masculino	30-65
R12	Kathy	arquiteta	superior	feminino	18-30
R13	Meghan Siddal	arquiteta	superior	feminino	18-30
T1	Petar	arquiteto	mestrado	masculino	30-65
T2	Dave McQuade	Planej. financeiro e consultor	mestrado	masculino	30-65
T3	Verena and Vivienne	comerciantes	2º. grau	feminino	30-65
T4	Richard Kurylo	geógrafo	mestrado	masculino	30-65
T5	Julio Ramos	diretor de escola de línguas	superior	masculino	30-65
T6	Kathy Garcia	paisagista	mestrado	feminino	30-65
T7	Jennifer Bubenick	assessora do senado	superior	feminino	30-65
T8	Dan Flores	gerente senior do gga	superior	masculino	30-65
T9	Joey	sapateiro	8a. série	masculino	30-65
V1	Kojo Sam	engenheiro elétrico	superior	masculino	30-65
V2	Howard Blackson	urbanista	mestrado	masculino	30-65
V3	Charles Kaminski	arquiteto	superior	masculino	30-65
V4	Diane Coombs	aposentada	funcionária pública	feminino	>65

SAN DIEGO Pergunta 1 - Você mora no Centro? Há quanto tempo?					
resp	sim	não	local	tempo	comentários
R1	T		Marina	8 anos; trabalha no Centro desde 70	Eu vi o Centro crescer...
R2	X		East Village	2 anos	minha vida social melhorou após a vinda para o centro... Morava há 16km da cidade mais próxima e tudo era muito fragmentado... Me sinto parte da comunidade... Mudar é bom, é vibrante.
R3	T		Marina	14 anos	Eu sei o que é mudar para um lugar e não conhecer ninguém.
R4	X		Marina	3 anos e meio	
R5	X		Marina	3 anos	
R6	X		Columbia	cerca de 3 meses	
R7	X		Marina	início dos anos 70	Comprei um apartamento quando ainda na Marinha e aluguei outro enquanto a obra seguia; me aposentei e mudei definitivamente em 1996.
R8	X		Little Italy	quase 2 anos	Escolhemos morar em um ambiente mais urbano, com lugares para onde você pode andar... Tem mais cultura aqui.
R9	T		Columbia	3 anos	
R10	T		East Village	1 ano e Gaslamp há 13 anos	Agora está tudo muito diferente em relação há 13 anos atrás. No final dos anos 90, poucas pessoas queriam mudar para o Centro; eles achavam perigoso, tinham medo...
R11	T		Cortez Hill	2 anos e meio	
R12	T		East Village	5 meses	Morou em Bankers Hill
R13	T		Gaslamp	1,5 ano	
T1	X		Cortez Hill	Trabalho e moro aqui há 14 anos	Tinha meu escritório no Gaslamp antes de o distrito estar completamente morto, e hoje trabalho e leciono em East Village. Estou por aqui há muito anos. O bairro de então era muito diferente; um tipo de cidade diferente.
T2	T		Columbia Marina	2 anos / 5 anos Trabalha e mora	Mudei para o centro para me livrar da viagem para o trabalho e para estar perto de coisas excitantes que não existem no subúrbio.
T3		X	North Park	De 84 a 92 moramos no Gaslamp	Dez anos atrás era divertido, não mais... A atitude das pessoas era diferente, eram mais legais; agora é assim: 'saia do meu caminho'... muito egoístas, cabeças estreitas, não-inclusão, exclusão... Mudou, definitivamente.
T4		X	North Park		
T5		X	Linda Vista		
T6		X		morei no centro em 88	Na época, um dos poucos lugares que haviam para morar no centro era Park Row... Sempre gostei de morar em torno do centro. Gosto de morar a três milhas do Centro.
T7	X		East Village	2 anos e 2 meses Trabalha e mora	Eu trabalho no centro... eu realmente queria morar no Centro mas não tive condições financeiras para morar perto do Gaslamp, então moro há poucas quadras de lá
T8		X		Trabalho há 5 anos	Trabalho na Associação do Gaslamp Quarter
T9		X	Trabalha	há 4 anos	Estou neste ponto há 1 ano, antes eu ficava dentro do Mall, mas prefiro aqui na rua.
V1		X			Fico hospedado perto do Gaslamp, no Sheraton. The um pouquinho do sabor que me fala da multicultural e me lembra o Village de Nova York.
V2		X	Golden Hill		Fica perto do centro
V3		X	Talmadge	mudei para San Diego há 30 anos	Quando mudei para San Diego há 30 anos atrás eu realmente gostava do Centro. Não um verdadeiro Centro. Era mais espelunca, ..., mais para os militares e tinha um monte de livrarias e cinemas pornos... tinha um certo sabor que ainda não havia sido purificado...
V4		X	Del Cerro		Trabalhei no Edif. da Administração do Condado por 15 anos... então trabalhei no Centro.

SAN DIEGO - Pergunta 2 – O que vem fazer aqui? Com que frequência?			frequência		
resp	atividades	finalidade	vezes/ mês	vezes/ semana	Fim semana
R1	lazer esportes cultura	Antes daqui eu tinha o escritório no Gaslamp onde o aluguel era maior e o espaço era menor. Assisto a jogos de baseball – o baseball é parte da razão pela qual mudei para o centro. Restaurantes, teatros, shows, encontro pessoas. Caminho muito pela frente marítima		7	
R2	compras lazer cultura	Caminho até o mercado, até a livraria; tudo está a poucos quarteirões. Pertencem ao University Club, vou a restaurantes. Adoro caminhar pelo centro, caminho só pra me divertir		7	
R3	trabalho lazer social	Caminho para toda parte. Meu jornal eletrônico é baseado em acontecimentos sobre o centro, então freqüento reuniões e workshops comunitários e cívicos. Estou aqui, todos os aspectos da minha vida relacionam-se ao centro... Eu raramente saio daqui. Vou a restaurantes com amigos e tenho uma estrutura social.		7	
R4	esportes cultura	Come fora, jogos de baseball, cinema, teatros, sempre caminhando.		7	
R5	lazer compras cultura	Caminho até o parque, ao supermercado, à biblioteca. Pego o ônibus e o bonde para ir a outros parques e outras lojas. Ficamos no centro a maior parte do tempo. Saímos para caminhar.		7	
R6	compras lazer esportes	Vou às compras. Caminho até a Quarta e a Quinta avenidas (Gaslamp) para ir a restaurantes. Corro ao longo da frente marítima até o aeroporto e também ao Seaport Village.		7	
R7	lazer	A maior atração é ir a um restaurante diferente a cada noite sem ter que repetir. No Gaslamp ou em Little Italy, eles duram cerca de seis meses, se tiverem êxito, durarão seis ou sete anos.		7	
R8	lazer cultura social	Tenho um filho e vamos caminhando até os parques. Vou a restaurantes e cafés pelo Centro, e também à biblioteca. Temos um grupo de brincar com outros pais daqui do centro e normalmente nos encontramos nos parques.		7	
R9	lazer compras	Eu me divirto, eu faço compras, tudo aqui.		7	
R10	lazer esportes	Tudo eu faço aqui. Tenho um carro que raramente uso, somente para ir encontrar clientes ou reuniões fora do centro... Passo muito tempo aqui.		7	
R11	lazer esportes cultura	Assistimos aos jogos de baseball, peças teatrais, shows musicais. Aproveitamos o que está bem aqui. Não vamos muito ao Gaslamp; é uma área turística demais. Às vezes passamos perto para ir à livraria e a vida noturna parece animada, mas está mais para bebida pesada e restaurantes caros.		7	
R12	compras estudar	Eu trabalho part-time no centro. Faço compras aqui de roupas e comida e estudo na New School of Architecture.		7	
R13	compras estudar	Normalmente saio para comer fora pelo centro e vou à feira que acontece na Marina para comprar verduras, frutas e legumes. Como eu adoro caminhar, faço tudo à pé.		7	
T1	habitar lazer social	Faço tudo pelo centro, adoro andar pelas ruas e toda tarde faço um break e vou até uma cafeteria aqui perto para tomar um café e conversar com as pessoas conhecidas. Meu escritório sempre foi por aqui e dou aula da New Scholl of Architecture. Eu sempre caminhei muito por aqui e continuo fazendo isso.		7	
T2	habitar lazer esportes cultura	Moro em Columbia e tenho um barco na Marina. A baía é como meu quintal, eu pesco, velejo, jogo tennis, faço jogging, vou aos eventos de arte e lazer, janto e danço. Todas as atividades são feitas no centro. Eu chamo isto de bolha e não gosto muito de sair da bolha.		7	
T3	lazer	O que mais fazemos aqui é trabalhar; nós fazemos compras algumas vezes e saímos para jantar.		5	
T4		Eu trabalho no centro há 1 ano e 3 meses		5	
T5		O trabalho está no centro. Não ando muito por aqui, basicamente 6 quarteirões para ir almoçar.		5	
T6	lazer cultura	Trabalho aqui todo dia e alguns sábados. Vamos ao teatro e a restaurantes depois do trabalho ou nos finais de semana, não muito. Muitas vezes durante o dia, faço uma caminhada pela frente marítima. Algumas vezes, na hora do almoço vou à praça do outro lado da rua para um intervalo.	2	5	
T7	habitar trabalhar lazer	Eu trabalho no centro, vou a ginástica, vou ao cinema, saio para jantar. Muito raramente eu saio do centro.			
T8	trabalhar	Meu trabalho é estar na rua, na comunidade representando a associação (GQA), então vou à muitas reuniões no centro, converso e ouço o que a comunidade está fazendo sobre o Gaslamp e trazer estes dados de volta para tomarmos as decisões baseados em como nos marketeamos.		5	
T9	trabalhar lazer	Eu ando por aí, vou dançar de vez em quando.		5	
V1	trabalhar lazer social	Estou aqui em um serviço temporário. Eu ando por aí, eu faço compras, vejo como as coisas acontecem, como a comunidade é formada.		5	
V2	trabalhar lazer compras	Vou ao centro jantar, fazer compras. O centro é fácil. Paro na Rua B, a poucas quadras e ando direto para o centro. Tenho vários negócios e trabalhos de consultoria... Leciono na NSA, então também estou lá a trabalhar. Minha esposa e eu saímos à noite... nos finais de semana, ela gosta de fazer compras no Ralph's e também tem uma feira onde compramos frutas e legumes frescos.		5	2
V3	lazer cultura	Fui a um passeio de barco promovido para que se possa ver o centro de uma perspectiva completamente diferente. Nós esquecemos que podemos ver a cidade a partir da água! É uma vista bonita! Vou ao teatro, e muito raramente, a restaurantes.		3	
V4	trabalho lazer	Vou ao centro na maioria das vezes para participar de reuniões relacionadas ao meu trabalho voluntário. Saio para jantar e levo visitantes de fora para passeios turísticos no centro.		3	

SAN DIEGO - Perguntas 4 e 5 - Qual a primeira palavra quando pensa no Centro da Cidade? Em quando pensa no distrito de...?

<i>respond.</i>	<i>Centro</i>	<i>Marina</i>	<i>East Village</i>	<i>Columbia</i>	<i>Little Italy</i>	<i>Gaslamp</i>	<i>Cortez Hill</i>	<i>Horton Plaza</i>
R1	estilo de vida	horton plaza, frente marítima						
R2	diversão		jovialidade					
R3	excitamento	linda, prestigiada						
R4	concentração, diversidade	lugar tranquilo						
R5	caminhar	caro						
R6	lindo lugar			muito novo				
R7	centro de atividades	tranquilo demais						
R8	desenvolvimento				comunidade			
R9	lugar maravilhoso			disneylândia				
R10	lar					party town		
R11	recuperação, revitalização						mais quieto	
R12	separado, pequenos bolsões					agitação		
R13	muito tráfego					peessoas bêbadas		
T1	crescimento, promessa de centro						lar	
T2	excitamento			em desenvolvimento				
T3	construção, poeira		construção					
T4	sem gerenciamento							triste
T5	arranha-céus							
T6	mudança			trabalho				
T7	crescimento		expansão					
T8	conveniente					divertido, ativo		
T9	trabalho					um lugar bonito		
V1	caldeira de misturas					vida noturna		
V2	gaslamp					luz amarela dos lampiões		
V3	mais urbano, mais denso							
V4	em busca de identidade					emoções misturadas		

SAN DIEGO - Pergunta 6 - O que melhor representa o Centro?											
	paisagem urbana	arquitetura comercial	estilo de vida	diversidade comercial	água	Gaslamp	história	parques	dinamismo	crítica	ruas
R1	Arranha-céus							Ballpark			
R2			Vida social, energia	Ativid. variadas, conveniência							
R3			vida urbana								
R4			Cheio de vida								
R5		Seaport Village			Baía, água						
R6	Paisagem urb.				Fr. Marít.						
R7		Horton Plaza				Gaslamp					
R8	Arranha-céus		Vida noturna								
R9	Arranha-céus			lojas							
R10							Lado mais antigo da cidade				
R11	Escala edifícios/rua										
R12		Horton Plaza, weird mall				Gaslamp					
R13								parques			
T1						Gaslamp				pseudo-histórico	
T2			verdadeira cidade								
T3										homogenizado	
T4							Edifícios históricos				
T5								crescimento			
T6											Broadway
T7	Arranha-céus			Lojas, mercados							
T8						Gaslamp					
T9						Gaslamp					
V1							Edifícios históricos				
V2						Gaslamp					mão única
V3							Frente marítima				
V4							Frente marítima				

SAN DIEGO - Pergunta 7 - Poderia listar cinco elementos físicos que mais lembram o Centro de San Diego para você?																											
respondente	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	V1	V2	V3	V4	total
Ball Park/Petco	1	2		3	4		3		5	5	1				4			1		1		1			4		13
Centro Convenções	2											4	1								4			2	3		6
Gaslamp Quarter	3	4		1	1				4		4			2	3	1	1		5	3	1			4			14
El Cortez	4							4																			
Edif.hist./casas antigas	5							5			3											2	2	1			6
Parques		1						2																			
Embarcadero		3																		2					1		
Simphony Tower		5																									
One America Plaza			1																								
Horton Plaza		2	4	2						4				3	3			4	2	2		5	3				11
NBC Studio			3																								
Baía/frente marítima			4	2			1	1		5			2	1	1			4	3		2					2	12
Trolley				5																						2	
Panjoja Park					3																						
Balboa park								2						5													1
Edif. Administr.								4											3								
Arvores-palmeiras								5											1					3			
Arranha-céus									3	1		2															
Navios de cruzeiros										2																	
Little Italy										3																	3
Cafes e restaur.											1												3				
Minha casa											2																
NSA											3																
Caixas elétr. pintadas												1															
Ghirardelli												2															
Antigos lampiões												3															
Ruas de mão única												5															
Seaport Village													4					5			3						
East Village													5														
Civic center plaza														4					4								
Paisagem urbana															2							1					
Negócios															5												
Pouco estacion.																2											
Santa Fe Depot																	3										
The Pannikin																	4										
Broadway																		5								4	

SAN DIEGO - Pergunta 8 - Poderia listar cinco elementos físicos que mais lembram o Gaslamp para você?																										
respondente	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	V1	V2	V3	V4
Edif. históricos/ Arquitetura*	1/2/ 3																2				3/4/ 5	1/3	1		1	1
Pequenas lojas	5																									
Ball park		1																					2			
Trolley		2		1	1					3																
Bulevar MLK			1																							
Praça MLK					2																					
Café Lulu/ Starbar										1/2																
Broadway										4																
Restaurantes tradicionais	4									5		2														
Arco do Gaslamp											1										1					
Aquec /varandas dos restaurantes											2													2	3	
Estudantes/Visit/pessoas/ turistas											3													4	5	
Shopping Horton Plaza											4						1									
Condomínios em construção											5										3					
Interseção 5th-Market												1									2					
Estética/escala Homogênea e sem graça												3														
Praça Horton																	3									
Caixas elétricas pintadas																					1					
Varandas metálicas																					2					
Gabarito irregular/cores																								3/5		
Ball Parq																							2			
Calçadas tijolos																									2	
Marquises																									4	

SAN DIEGO - Pergunta 9 - Você tem algum envolvimento com associações ou atividades comunitárias no Centro? Quais?			
<i>respond</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>comentários</i>
R1	X		San Diego Downtown Partnership, Gaslamp Quarter Association - Muito atuante com comerciantes, envolvimento em atividades artísticas no Centro, com os parques e a frente marítima e sobre o que acontece com o Navy Broadway Complex
R2	X		Downtown Ambassadors para Mozart (relacionado a música), Comitê de Construção Social, e um grupo chamado Conversations que se encontra uma vez por mês para discutir um assunto específico
R3	X		Sou membro da câmara de diretores de Little Italy e do movimento Clean and Safe (PBID - property base improvement district); com taxas anuais para limpar as ruas e pagar seguranças em bicicletas para manter as ruas do centro seguras. É uma atividade sem fins lucrativos e não governamental mas é para a comunidade e o conselho da cidade faz parte dela.
R4	X		Estou envolvido com a Aliança das Associações e proprietários do Centro e com a associação dos proprietários no meu condomínio.
R5		X	Mas meu marido é muito engajado.
R6		X	Não ainda, mas pretendo me engajar mais.
R7	X		Sou presidente do Grupo de Residentes do Centro, formado em 1987, pouco antes da criação do CCDC, para pressioná-los a fazer coisas que prometeram, como colocar bancos nas praças, plantar árvores, consertar ruas, etc. Como presidente, tenho que estar em todas as reuniões, o que é positivo, pois me mantém longe dos bares.
R8	X		Participo de um grupo de atividades de brincar com base no centro chamado Mamães com Carrinhos de Bebês; quando há alguma reunião sobre um assunto específico, como o barulho, eu participo, mas não de uma forma regular.
R9	X		Conheço meus vizinhos
R10		X	
R11		X	Estou tentando participar mais; vou a algumas reuniões, mas ainda não sou membro de nenhum grupo ainda.
R12		X	
R13		X	
T1	X		Tendo a fazer coisas mais ligadas às raízes culturais... me envolvo com coisas locais. Estive na comunidade artística por um bom tempo, tive uma galeria de arte que apoiava trabalhos alternativos locais que não seriam expostos em nenhum outro local por serem muito marginais, não comerciais. Também fui diretor artístico de um grupo de arte pública e outros grupos, comitês e associações diversas.
T2	X		Rotary do Centro, Clube University, Parceria Centro de San Diego, Aliança Comunitária do Centro, Mozart para as artes e cultura.
T3		X	Estamos com muita raiva e com muita paixão. As pessoas nos expulsariam das reuniões comunitárias porque seríamos muito ruidosas.
T4		X	Estagiei por 15 meses no CCDC mas na época não me interessava pelas questões do centro. Depois de meus estudos, vi que estão fazendo muita coisa errada e me desencantei com o Centro.
T5	X		Câmara de Comércio de San Diego
T6		X	Não formalmente. Estive envolvida com o C-3, mas não mais.
T7	X		Estou na Rede Comunitária do East Village, no CCAC, e também em um grupo chamado Mama's Kitchen, uma organização de AIDS.
T8	X		I work with many of them
T9		X	
V1		X	Not yet
V2	X		Até demais! Com o Comitê Técnico do Corredor da Rua C que está tentando revitalizá-la; com a Coalisão do Complexo Broadway e com parte do Concurso de Projetos para o Porto Histórico.
V3	X		Estive muito envolvido com o centro há uns 7 a 10 anos atrás, quando ainda não existia uma base residencial. Mesmo não morando no centro, queríamos melhorá-lo, fazendo diferente mais que melhorá-lo, porque pensávamos que havia boas coisas lá.
V4	X		Estou envolvida, não como um membro da comunidade em si, mas como alguém de fora. Sou muito ativa com assuntos do centro da cidade e não só com o Broadway Complex [BCC]. Eu também estou em Câmaras Conselheiras do Porto, e na Câmara de Planejando da nova Sede da Polícia. Ao longo dos anos eu servi em diversos comitês de planejamento para o centro da cidade.

SAN DIEGO - Pergunta 10 - O Centro da Cidade é um bom lugar para se viver/trabalhar?			
respond	sim	não	comentários
R1	X		Excelente, tem transporte público que infelizmente não atende àqueles que moram em lugares sem o mesmo. Mas se você viver e trabalhar aqui, terá o melhor dos dois mundos.
R2	X		
R3	X		É o lugar perfeito porque você pode andar para qualquer parte.
R4	X		
R5	X		Quando você mora e trabalha aqui é muito bom. Qual é a vantagem em estar no Centro da Cidade e ter que dirigir todos os dias?
R6	X		É fantástico, estou feliz aqui.
R7	X		Absolutamente, mas você tem que ser uma pessoa da cidade. A cidade não é quieta. Tudo faz barulho: a sirene do Corpo de Bombeiros, a polícia atrás de motoristas bêbados, os trens cruzando e soando seu apito às 2 da manhã, os navios deixando o porto...
R8	X		Definitivamente! Trabalho em casa e é um lugar ótimo para morar. Escolhemos bem e meu marido pode tomar o trolley para o seu trabalho...
R9	X		Muito! Tenho estilo de vida aqui.
R10	X		
R11	X		É diferente, não é para qualquer um. Uma das minhas coisas favoritas é deixar o carro para trás. É um desafio também! É barulhento algumas vezes, muitas construções fazendo muito barulho. Está mudando e estou perdendo muitas de minhas vistas.
R12		X	Ainda não, mas estou encorajando as pessoas para aumentar a densidade.
R13	X		Para pessoas da minha idade. Para mim, é uma experiência temporária...
T1	X		É diferente da maioria dos Centros que já visitei. É como uma cidadezinha em uma cidade grande porque l conheço quase todo mundo.
T2	X		É muito bom!
T3	X		Na maior parte do tempo... Primeiro veio minha irmã para visitar e ficou, depois eu vim para visitá-la e fiquei. Somos de uma cidade Inglesa, New Castle. Minha irmã ficou inicialmente num subúrbio que era mais um dormitório, a não ser que você tivesse muito dinheiro. Ela não gostava de lá, veio visitar uma amiga, decidiu que ali era onde ela queria estar e mudou para o coração do Centro, na 5ª Avenida, para um lugar sobre um cinema pornô, como eram quase todos... Ela adorou! Era animado! Havia traficantes, prostituição, mas eles se mantinham na deles. Era mais cheia de energia, mais uma cidade real... Não tenho mais este sentimento...
T4	X		É bom ser capaz de deixar o carro para trás e tomar o ônibus.
T5	X		
T6	X		Adoro trabalhar no Centro.
T7	X		O Centro é ótimo para morar! É muito acessível, eu posso andar para toda parte.
T8	X		É muito interessante, mas os que trabalham aqui tem que passar pelo seu estacionamento, e isso é um problema atual.
T9	X		
V1	X		Um bom lugar para trabalhar; vários negócios, tudo por perto a distâncias peatonais;
V2	X		Eu moraria no centro se não tivesse duas crianças pequenas, um lugar que elas pudessem abrir a porta e correr sem supervisão o tempo todo. Neste ponto ainda precisamos do modelo suburbano. O Centro de San Diego é o lugar mais bonito do mundo, só poderia ser muito melhor, deveria ser incrível! A nova onda de desenvolvimento será diferente desta nova onda... nós não teremos a arquitetura ou a história ou o sentido de lugar ou beleza porque nos movemos muito rápido!
V3	X		Se você quiser ter o sentido urbano... se tiver uma família ou filhos não sei se seria tão bom pois pelo Centro não há escolas suficientes, parques por perto, serviços médicos...
V4	X	X	Se você mora em outro lugar e trabalha no centro, há um problema de estacionamento real: é muito caro e não há transporte público adequado para se chegar ao trabalho em um tempo razoável. Eu acho que há alguns problemas para os trabalhadores do centro por conta do tráfego, estacionamento e transporte. Além disso, a maioria que trabalha no centro não tem dinheiro suficiente para morar aqui.

SAN DIEGO - Pergunta 11 - O Centro da Cidade tem uma boa ambiência?			
<i>respond</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>comentários</i>
R1	X		Sim, eu adoro!
R2	X		Absolutamente!
R3	X		
R4	X		Acho que é um dos mais bonitos Centros da America!
R5	X	X	Depende do setor. Há certamente lugares que não me sinto confortável de passar. Se for além de certo ponto é mais inseguro, mas aqui é muito bonito, além de seguro e amigável.
R6	X		Eu ouvi dizer que o Centro era uma espécie de favela há uns 10 anos atrás.
R7	X		A Oeste da 6ª. Avenida sim, nas proximidades até a nona sim, dali em diante será em breve, a medida em que novos residentes cheguem. A medida em que os olhares se multiplicam, fica mais e mais seguro. Além do mais, nosso povo se envolve e acho que é algo inerente à California. Os marginais sabem que se algo acontecer, alguém vai chamar os tiras, então eles vão agir em outros lugares onde a população não se envolve tanto.
R8	X		Há pontos positivos e negativos como em qualquer cidade, mas sim, eu considero.
R9	X		Muito seguro e bonito.
R10	X	X	Depende da hora do dia, porque é mais um lugar de beber para as pessoas. Gosto daqui durante o dia, mas aos sábados à noite fica muito maluco com multidões de pessoas de fora. Nos dias de Jogo de Basebal o tráfego aumenta muito.
R11	X	X	Está se recuperando. Partes são legais e partes são mais ásperas nas beiradas. Está melhorando. São necessários mais espaços comunitários onde você possa sair da rua, se sinta confortável e seguro, e ainda assim estar ao ar livre.
R12	X		Não é mal...
R13	X		As pessoas o fazem bonito. As multidões, o movimento, o excitamento que você não vê em outras partes de San Diego, especialmente nos subúrbios.
T1	X		É agradável. Um pouco genérico com os novos edifícios desenhados de um mesmo tipo pelo mercado, para fazer muito dinheiro e atrair um tipo único de pessoa. Não há diversidade. Se tornará um lugar "muito bonito e agradável" com pessoas relativamente ricas.
T2	X		É limpo, seguro e bonito.
T3	X		É um lugar bonito de estar. Só que parece não ter a alma, a vida que um dia teve. É muito mono-dimensional agora.
T4	X		Poderia ser melhor. Tem um bom ambiente e 99% das pessoas acham que estão fazendo um excelente trabalho, mas se eu estivesse no comando eu poderia fazer um trabalho muito melhor, poderia ser um lugar realmente excitante. É bonito, mas não é excitante.
T5	X	X	Tem seus desafios e o maior deles são os mendigos. Não necessariamente perigoso mas estranho!
T6	X		Está melhorando. É ok, mas não excepcional. Tem mudado tanto e a maioria das mudanças tem sido para o melhor. Não acho que nada tenha sido em detrimento do Centro em termos de mudanças. Coletivamente a mudança tem sido positiva.
T7	X		Precisam limpar East Village e muitas pessoas querem isto. A prefeitura tem feito esforços para evitar a vagabundagem nas esquinas.
T8	X		Muito bonito, muito seguro e muito divertido. Acho um lugar lindo! Eu gosto daqui.
T9	X		Eu gosto daqui.
V1	X		É ambiente muito conduzivo. É um ambiente muito bom para fazer as coisas certas, como negócios públicos.
V2	X	X	Talvez. Bom ambiente, mas não muito cultural, social ou arquitetônico. A luz do sol é bem espetacular e a frente marítima, maravilhosa!
V3	X	X	Depende do momento, da hora e do lugar em que se esteja. Tem muita construção e a infraestrutura e a condição das ruas está aos pedaços. Não é uma cidade controlável... O centro é bonito mas é um grande único bairro apesar de tentarem dizer que há todos estes pequenos distritos... Ainda não está lá, mas é recente, ainda é muito recente.
V4	X	X	Partes sim e outras não. A C Street com o trolley está ladeira abaixo com calçadas estreitas... não é um lugar para pedestres. Tanto pode ser feito para melhorar isto! A Broadway é ainda um lugar peatonal, larga e com uma paisagem urbana e muita variedade em termos de edifícios de usos múltiplos com alguns pequenos restaurantes... A Market Street está se tomando uma área de segregação de alto nível. Fizeram um bom trabalho com a mistura de usos e comércio no nível da rua, larga e peatonal, mas o lado negativo é que de lugar forte, tornou-se um lugar de alta renda e expulsou muita gente.

SAN DIEGO - Pergunta 12 - Quais são seus melhores aspectos e o que mudaria?			
qualidades		o que mudaria...	
Peatonalidade		É barulhento; pararia o barulho do trem	II
Diversidade de atividades e opções; muitas atividades; conveniência; tudo está aqui; proximidade com tudo		Uma nova escola	I
Acessibilidade aos lugares dentro e fora da cidade; bons acessos as rodovias	II	maior diversidade de residentes e crianças.	II
Proximidade com aeroporto; proximidade com estação de trem	II	Um novo mercado; pequeno comércio especializado e pequenos restaurantes; mais comércio para não ter que dirigir para fora do centro	II
Proximidade com pessoas e atividades; contato com a comunidade; as pessoas; senso de comunidade; comunidade segura e boa; pessoas amigáveis		Terminaria a construção do novo edifício para afastar os mendigos	I
Relativamente limpo	I	Conserto dos buracos nas ruas; manutenção das ruas	
Denso mas nem tanto	I	Promoveria mais eventos teatrais; mais arte pública	I
Proximidade com a água, a baía; o porto; frente marítima		Maior envolvimento da população nos assuntos do Centro	I
Arranha-céus	I	Quadras de esportes nos parques da frente marítima; mais atividades	II
Transporte público; trolley	III	Meios-fios inadequados para carrinhos ou cadeira de rodas	I
Boa escala; pequeno, compacto; malha urbana de fácil leitura e orientação		Problema de estacionamento	I
Gaslamp quarter	II	Acesso do Gaslamp à baía demolindo o Centro de Convenções e abrindo o espaço para a população; bloqueio a baía; conexão com a baía	III
Equilíbrio entre comércio e vida noturna	I	Melhorias nos espaços públicos; mais parques públicos; mais praças	
Proximidade com o Balboa Park	II	Reduzir o número de ônibus	I
Edifícios históricos	II	Parar as construções e as demolições; reabilitar edifícios antigos	II
Atividades culturais	I	Melhorias do fluxo do tráfego e na sincronicidade dos sinais; eliminaria as ruas de mão única	II
Geografia; sentido de lugar	I	Não haver estacionamento na frente marítima	I
		Melhorar a fiscalização para o respeito aos códigos edilícios	I
		Mudaria a tipologia dos edifícios na frente marítima	I
		Mudaria o regulamento da paisagem urbana, menos árvore e mais ritmo	I
		Capturar a experiência do shopping e trazê-la para as ruas	I

SAN DIEGO - Pergunta 13 – Quando pensa em espaço público, o que vem à sua mente? e Pergunta 14 – Poderia listar três lugares públicos que use do Centro ou do Gaslamp?

resp.	resposta	Seaport Village	Pantoja Park 10	Embarcadero	Biblioteca Central	Ruas e calçadas	Praça do Centro cívico	Horton Plaza	Horton Square	Ballpark	Gaslamp Plaza	MLK park
	menções	6		8		10	4		11	6	3	
R1	Faltam esp. púb. e verdes	Bom	Bom	Bom								
R2	mais parques seria melhor			Bom	Bom							
R3	a rua é o espaço público.					Senso de comunidade						
R4			vizinhança	maravilhoso			não convidativo					
R5	deveriam ser para toda a família	Ótimo lugar	Bom; sem brinquedos		espaço público							
R6	ruas de pedestres					bom		bom				
R7	falta sist. transp. local interlig. centro		Sem amenidades	escondido p/ CC			único da cidade		sem bancos			
R8	estão criando novos parques	Bom p/ todos	Terá brinquedos							marido usa		
R9	carência de amenidades públicas	público								único		
R10	ruas em primeiro lugar					Usa muito			histórico		não usa	Toca o Gaslamp
R11	as ruas e calçadas			belas vistas falta atração		Gaslamp é salão de festas						
R12	não suficiente; calçadas					Passa por elas		privado; não bom				
R13	ruas e calçadas do Gaslamp					Espaço e experiências sociais						
T1	cercas de privatização					uso muito				cercado contra indigentes		
T2	ruas para interação social, p/vagar			Não usa		por onde ando muito				Ver jogos		
T3	não muitos e não atraentes	triste						compras	mendigos			
T4	falta lugares p/ parar, ficar, sentar					usa muito as ruas			s/bancos não atraente	Não é EP real	Sem bancos	
T5	faltam áreas para relaxar		Bom					Única opção				
T6	grande praça cívica						Sombreado escorregadio		Historico; s/bancos			
T7	falta criá-los		Passa por lá	jogging								jogging
T8	não muitos; mais as ruas e calçadas					Interseção 5ª. c/Market					simbólico	
T9	seaport village	Queria ir mais							histórico	Mudou o centro		
V1	não muito espaço físico						teatro					
V2	Muito peq., insignificantes		Não pode sentar sob árvores						Historico; sem uso			
V3	frente marít.								histórico	alguém usa?		
V4	muito poucos; frente marítima		histórico	Murado p/ CC					histórico			
V5			Simbólico, local			Principal EP			relegado			

SAN DIEGO - Pergunta 15 – Você se sente seguro no Centro da Cidade? Caso negativo, por que?			
respond	sim	não	comentários
R1	X		Muitos se preocupam com os pedintes... outro assunto óbvio e real são os moradores de rua, mas isso não necessariamente quer dizer drogas ou periculosidade. O problema deles está relacionado com alcoolismo, problemas mentais e eles estão nas ruas por um longo tempo... não são do tipo violento. Drogas é que trazem a violência.
R2	X		
R3	X		Muito, e por causa das pessoas... . Eu ando por toda parte do centro e não foi até recentemente que me dei conta da questão dos predadores sexuais com a qual temos que lidar e eles moram todos em East Village. Me sinto segura porque se algo acontecer e eu gritar, muitas pessoas virão ajudar. Segurança é definitivamente um estado de espírito.
R4	X		Para um ambiente urbano eu me sinto mais segura do que tempos atrás.
R5	X		Não ando tanto por aí, mas é.
R6	X		
R7	X		Provavelmente temos a menor taxa de criminalidade dos 50 Estados Unidos.
R8	X		Há certos ruas que eu não andaria à noite desacompanhada.
R9	X		
R10	X		
R11	X		Geralmente sim. Há muito mendigos, o que ameaça muita gente.
R12		X	Porque não conheço as pessoas, mas não só por isso, Não conheço meus vizinhos... Sinto-me insegura principalmente nas ruas.
R13			Durante o dia e mais perto do Gaslamp, onde há sempre muitas pessoas na maior parte das vezes
T1	X		
T2	X		
T3	X		Não temos problemas.
T4	X		Seguro como me sentiria em qualquer outro lugar.
T5	X		
T6	X		A única parte a evitar é a leste de East Village, onde ficam os albergues para os moradores de rua, não por causa deles, mas pelos traficantes que lhes vendem drogas.
T7	X		Muito, mas colocaria mais policiais na esquina da 12th com Market por que vejo muita atividade do tráfico e muita vagabundagem.
T8	X		
T9	X		Acho uma das cidades mais seguras do mundo!
V1	X		Muito seguro. Posso andar por aí a qualquer hora.
V2	X		Me sinto inseguro em alguns lugares, mas não em todos.
V3	X		Sempre me senti seguro, talvez ingenuamente, mesmo há 30 anos atrás.
V4	X		

SAN DIEGO - Pergunta 16 – Quais suas expectativas para os próximos 5 anos?		Positivas	Negativas
Que os parques e equipamentos públicos planejados saiam do papel; um parque envolvente; melhorias nos espaços públicos, ruas e calçadas			
Peços das unidades habitacionais mais acessíveis; mais opções e diversidade de tipos; estabilização dos preços			
Maior diversidade de residentes; mais pessoas			
Mais lojas especializadas e comércio de rua; mais comércio e serviços para os residentes			
Menos álcool			
Mais verde, mais plantas			
População mais engajada			
prefeitura não vai implementar os projetos previstos por falta de orçamento e não vai fazer nada memorável; os parques não sairão do papel			
Transporte público local; melhorar o sistema de transporte público			
Mais escolas públicas			
A implementação do projeto do Complexo Navy Broadway			
Venda e destruição de edifícios e casas antigas e construção de novos arranha-céus; mais arranha-céus; preenchimento dos terrenos vazios			
Tomar conta dos indigentes; fazer algo pelos mendigos			
Redução do ritmo das construções			
Centro cívico			
Iluminar as ruas			
Pantoja parque com mais equipamentos de brincar e sentar; mobiliário urbano para sentar, permanecer			
Menos tráfego; ruas de pedestres; um lugar voltado para os pedestres; melhorias no fluxo do tráfego			
Melhor conexão da cidade com o Porto			
Aluguéis mais altos			
Mais preservação dos edifícios históricos; readaptar edifícios históricos			
Vai continuar melhorando			
Mais turistas; mais hotéis; a transformação de novos empreendimentos residenciais em hotéis			
Aumento do custo de vida			

GASLAMP QUARTER ARCHITECTURAL GUIDE AND WALKING TOUR MAP (parte)



26. THE WATTS-ROBINSON BUILDING/1913

One of San Diego's earliest skyscrapers, this building is an excellent example of the Chicago School of Architecture. The marble wainscoting, tile floors, and brass ornamentation are complemented by the original, ornate lobby ceiling. Replacing the old Watts Building at the same location, the structure was first known as the New Watts Building and later the Robinson Building. The building was long a favorite of jewelers; at one time 70 occupied offices in the building.



29. INGERSOLL TUTTON MERCANTILE BUILDING/1894

Originally touted as the best two-story building in San Diego, this structure carried a price tag of \$20,000, making it the most expensive built in the city that year. Its Romanesque architecture features 16-foot ceilings, large plate-glass windows on the ground floor, arched windows on the second floor, and heavily corbelled brickwork with facial insert decoration at the roofline.

28. SAN DIEGO HARDWARE BUILDING/1910

Prior to 1923 this building served as a dance hall and a Woolworth store. Today the structure retains its original wood floors and rounded storefront windows. Its metal ceilings are also original and are the only ones remaining in the district, the others having been donated to the war effort as scrap metal. Established in 1892, San Diego Hardware began its second century of business in the first floor and basement of the building, but by 2005 will have moved on to another location in San Diego



33. NESMITH-GREELEY BUILDING/1888

Except for the fire escapes, the face of this building retains its original appearance. Its Romanesque Revival style is revealed in its brick coursing and circular lower elements capped by simulated stone towers. The building was named for Thomas Nesmith and Major General Adolphus Washington Greeley. Nesmith was president of the Bank of San Diego and the Citizen's Committee of 40, established in 1870.



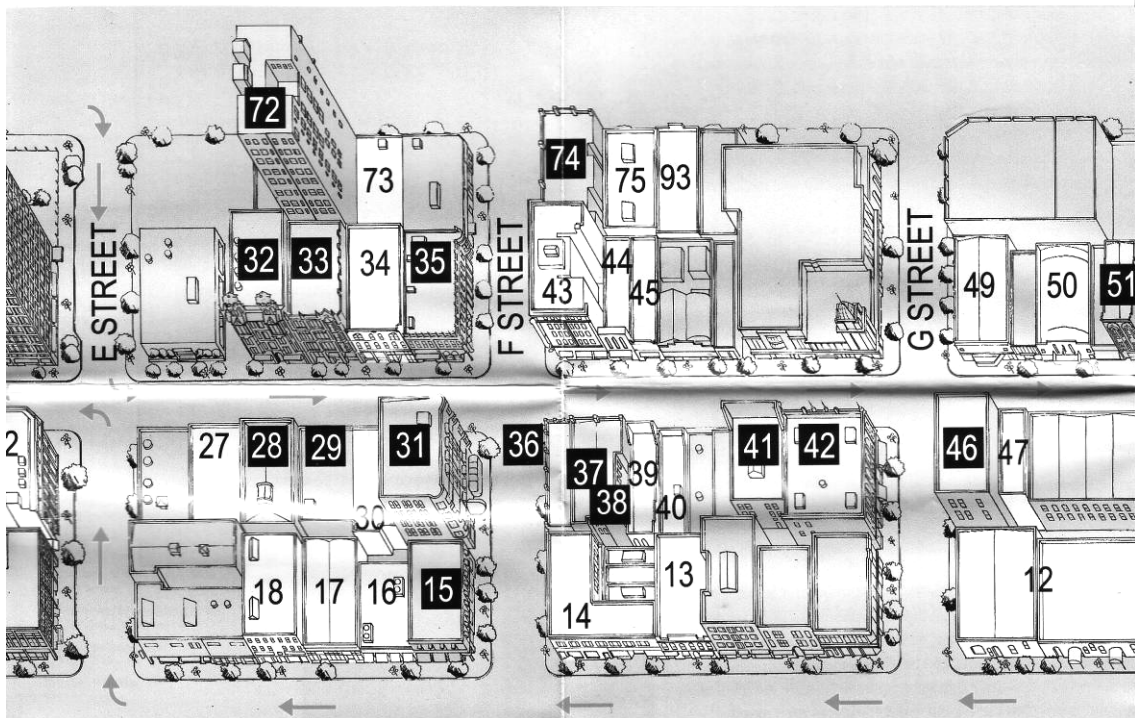
32. LOUIS BANK OF COMMERCE/1888

Punctuated by twin rising towers, San Diego's first granite building is an excellent example of Baroque Revival architecture. The four-story structure housed the Bank of Commerce until 1893, when entrepreneur Isidor Louis opened an oyster bar that became a favorite of Wyatt Earp. The upper floors later became the Golden Poppy Hotel, a notorious brothel run by fortune teller Madame Coara. Her ladies wore dresses colored to match the doors of their rooms.



31. KEATING BUILDING/1890

Mrs. Keating had this Romanesque-style building constructed as a tribute to her late husband, George. Today the top cornice still bears his name. With such conveniences as steam heat and a wire cage elevator, the structure was originally heralded as one of the most prestigious office buildings in the city. Legend has it that the gray granite used on the first two floors had been used as ballast on European sailing ships; however, an 1892 article in the San Diego Union refutes the claim.



Fonte: Gaslamp Quarter Historical Foundation (Disponível em < www.gaslampquarter.org >)